



Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Departamento de História

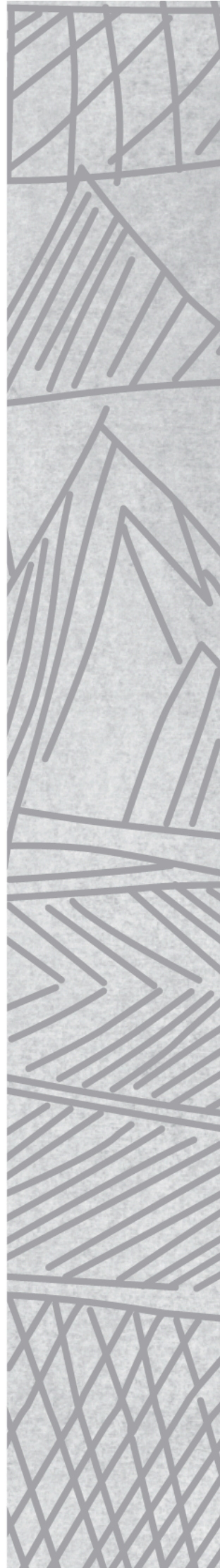
A cerâmica manual do Castelo de Castro Marim (séculos IX a III a.n.e.).

Vol. I

Carlos Filipe Pereira Pinto de Oliveira

Mestrado em Pré-História e Arqueologia

Lisboa, Setembro de 2006





Aos meus pais, Carlos e Esmeralda.

À minha irmã, Susana, e aos meus sobrinhos, Pedro e Inês.



"Damos comumente às nossas ideias do desconhecido a cor das nossas noções do conhecido..."

Fernando Pessoa, *Livro do desassossego*.

**Palavras-chave:**

Cerâmica manual, Castro Marim, Idade do Ferro, "Indígenas" e fenícios

Resumo:

A modelação manual é a mais antiga das técnicas de fabrico cerâmico. Em Castro Marim, um proeminente povoado situado na foz do rio Guadiana, verificou-se a persistência desta tradição oleira em todas as fases de ocupação proto-históricas, abrangendo uma cronologia balizada entre os sécs. IX/VIII e o séc. III a.n.e. Durante este amplo lapso temporal assiste-se a um progressivo decréscimo das produções manufacturadas, motivado pela difusão da tecnologia do torno rápido. Assim, se nos finais da Idade do Bronze o repertório cerâmico era constituído exclusivamente por cerâmica manual, nos derradeiros momentos da Idade do Ferro esta categoria representa apenas 11 % do total dos recipientes em uso, na sua maioria relacionados com práticas culinárias.

O conjunto de cerâmica manual recolhida em Castro Marim foi analisado sob diversas perspectivas, começando por uma abordagem genérica que procurou definir as principais categorias, tipos e formas. Os dados obtidos foram contextualizados de acordo com o faseamento proposto para o sítio, tendo-se, igualmente, ensaiado a sua distribuição espacial nos vários espaços identificados.

O repertório formal e decorativo da cerâmica manual de Castro Marim da primeira metade do I milénio a.n.e é consistente com o de outros sítios indígenas "orientalizados", nomeadamente com aqueles conectados com mundo tartéssico da Andaluzia Ocidental. Na segunda metade do mesmo milénio são mais evidentes as relações com o Alentejo interior e a Extremadura espanhola, denotando-se algumas alterações na baixela, principalmente ao nível da decoração.

Keywords:

Manual Ceramics, Castro Marim, Iron Age, Indigenous, Phoenicians

Abstract:

Hand modelling is the oldest of pottery techniques. In Castro Marim, an important settlement placed on the mouth of the Guadiana river, it has been observed the presence of this kind of technique in all the phases of proto-historical occupation, from the IX/VII to III century b.C.. During this wide period, a progressive downfall on handmade production can be seen, due to the widespread of the "wheel" technology. So, on the late Bronze Age, all the pottery was handmade, but on the late Iron Age, this kind of production only represented about 11% of total pottery production, mainly related with cooking procedures.

The handmade pottery set collected in Castro Marim was studied under many perspectives, starting by a generic approach that tried to define its main categories, types and forms. The data gathered was contextualized with the proposed phasing of the site, with also being tested its spacial distribution on the many identified places.

The decorative and formal repertoire of Castro Marim's handmade pottery on the first half of the first millennium b.C. matches other ones hailing from other "easterned" local settlements, mostly those connected with the tartessic area of western Andaluzia. On the second half of the same millennium, the relations with Alentejo's hinterland and the Spanish Extremadura are more evident, being noticed some changes on cooking related objects, mostly on a decorative level.



Índice

Agradecimentos	p.6
1. Apresentação	p.7
2. Introdução ao estudo da cerâmica manual proto-histórica.	p.9
2.1. Conceito de cerâmica manual e aspectos técnicos da sua produção.	p.9
2.2. Breve apontamento sobre o estado da questão no estudo das cerâmicas manuais proto-históricas.	p.13
3. O Castelo de Castro Marim durante a proto-história	p.23
3.1. Localização e breve enquadramento geográfico.	p.23
3.2. Identificação e trabalhos arqueológicos desenvolvidos.	p.25
3.3. Síntese dos resultados das intervenções arqueológicas.	p.28
4. A cerâmica de fabrico manual do Castelo de Castro Marim.	p.33
4.1. Questões gerais de metodologia e terminologia.	p.33
4.2. Manufactura, acabamentos e cozeduras.	p.36
4.2.1. Os fabricos identificados	p.37
4.3. As formas.	p.39
4.3.1. Potes / Panelas	p.39
4.3.2. Bacias/Alguidares	p.44
4.3.3. Taças	p.45
4.3.4. Tigelas	p.47
4.3.5. Copos	p.48
4.3.6. Sertã	p.48
4.3.7. Lucernas	p.50
4.4. Os Fundos e elementos de suspensão.	p.51



4.5. Técnicas e motivos ornamentais.	p.56
5 – A cerâmica manual ao longo da ocupação antiga do Castelo de Castro Marim.	p.60
5.1. Bronze final: fase I	p.62
5.1.1. Caracterização da amostra	p.62
5.1.2. Discussão	p.64
5.2. Idade do Ferro: fase II	p.68
5.2.1. Caracterização da amostra	p.69
5.2.2. Discussão	p.71
5.3. Idade do Ferro: fase III	p.75
5.3.1. Caracterização da amostra	p.76
5.3.2. Distribuição espacial	p.82
5.3.3. Discussão	p.87
5.4. Idade do Ferro: fase IV	p.93
5.4.1. Caracterização da amostra	p.94
5.4.2. Distribuição espacial	p.99
5.4.3. Discussão	p.105
5.5. Idade do Ferro: fase V	p.108
5.5.1. Caracterização da amostra	p.108
5.5.2. Distribuição espacial	p.114
5.5.3. Discussão	p.118
6. Considerações Finais.	p.122
7. Bibliografia.	



Agradecimentos

O trabalho que agora se apresenta não teria sido possível sem o contributo de um conjunto de pessoas e entidades, às quais devo um profundo agradecimento.

Em primeiro lugar, cabe-me agradecer à Prof. Dr.^a Ana Margarida Arruda por todas as oportunidades que me tem proporcionado e por ter superado em muito as suas obrigações como orientadora, revelando-se de uma compreensão acima do que lhe seria exigível.

À equipa das escavações do Castelo de Castro Marim – Vera, Rimbo, Raul, Elisa, Patrícia e Lemos – devo o empenho na concretização de um objectivo comum, na esperança de não ter defraudado vosso suor e dedicação. Ao Xico, ao Tony e aos alunos que participaram nas várias campanhas de escavação do sítio agradeço o esforço demonstrado sob o sol quente do Algarve.

À minha colega e amiga Carolina Grilo agradeço a bibliografia disponibilizada e a inestimável ajuda e incentivo.

Aos meus companheiros de sempre do Vale do Paraíso devo as preciosas horas em que a tese não passou de uma mera recordação, prometendo pagar com a minha amizade incondicional. Devo destacar o Sábonis que, na última hora, se revelou um crucial gestor logístico e cuidadoso chofer.

À Fundação para a Ciência e Tecnologia devo a bolsa concedida sem a qual, muito dificilmente, este trabalho teria sido concretizado.

À minha “**pequena família**” devo o incentivo e o apoio de todos os momentos, na certeza de não existirem palavras que expressem a profunda gratidão que sinto.



1. Apresentação

As sociedades que ocuparam o Sudoeste Peninsular durante o primeiro milénio a.n.e foram, desde os primeiros tempos da licenciatura, uma das matérias que maior interesse me suscitou. A cadeira sugestivamente intitulada “Indígenas, Fenícios e Gregos na Península Ibérica” (entre os alunos abreviada para “indígenas”) ditou uma primeira aproximação ao tema da cerâmica manual proto-histórica, ficando-me de então na memória, a insistência da docente na necessidade de valorizar este tipo de produções, verdadeiros testemunhos das vivências quotidianas. Mais tarde, primeiro enquanto estudante e depois como profissional, tive a felicidade de colaborar nas escavações em Castro Marim, podendo, então, contactar directamente com esta realidade material que, desde logo, me chamou a atenção. Desde aí até à elaboração deste trabalho foi tudo uma questão de vontade e de oportunidade.

Em primeiro lugar, importa precisar que o objecto de estudo se distingue das demais categorias cerâmicas pela técnica empregue na sua produção: modelagem exclusivamente manual, ou seja, sem recurso ao movimento circular autónomo. Convém referir que foram tratados exclusivamente os recipientes, deixando de lado outros artefactos, como por exemplo cossoiros, pesos de rede e de tear, que, em abono da verdade, preenchem todos os requisitos para serem considerados cerâmica manual, pois, efectivamente, são constituídos por argila cozida e fabricados manualmente.

A opção de estudar um conjunto que abarcasse diferentes cronologias, prende-se com convicção de que, uma leitura longa no tempo é mais profícua no momento de aferir tendências, persistências ou inovações na produção e consumo deste tipo cerâmico. Com efeito, cada vez mais se reconhece que o conhecimento e caracterização das sociedades do Bronze final são fundamentais para uma correcta avaliação do fenómeno “orientalizante”, seu impacto e desenvolvimento. No entanto, os objectivos que este trabalho pretende alvejar, são diferentes em relação aos vários períodos cronológicos tratados, muito por culpa dos contextos arqueológicos, que se encontram, também, diferentemente conservados. Para a Idade do Bronze pretendeu-se, sobretudo, identificar, tipificar e datar as formas presentes, tentando ainda comparar este espólio com outros sítios de cronologia e geografia análoga. No que diz respeito à Idade do Ferro, os dados que a escavação proporcionou são bem mais interessantes. A longa diacronia de ocupação do sítio durante este período traduz-se por uma rica e complexa sequência estratigráfica, que permite colocar mais alta a fasquia dos objectivos. Para este período pretendeu-se, não só identificar e tipificar as formas presentes, como também estabelecer conjuntos funcionais de utilização síncrona e analisar a sua distribuição espacial.

O estudo agora apresentado estrutura-se em dois volumes, um de texto, ilustrado com algumas imagens, e outro de anexos onde se reuniu a massa de dados empíricos que permitiu a elaboração do primeiro: estampas e inventário geral dos materiais. A investigação assentou sob diversos critérios de análise que, embora tratados de forma independente ao longo do volume I, concorrem de forma igual para a concretização dos objectivos acima enunciados. O primeiro plano de análise é tratado no ponto **2** e reveste-se de características eminentemente historiográficas, consistindo num breve resumo das principais posturas e perspectivas no estudo da



cerâmica manual. No ponto **3** fez-se o enquadramento histórico-geográfico do Castelo de Castro Marim, que se justifica para uma adequada contextualização dos dados arqueológicos apresentados. A localização das áreas escavadas e a síntese dos principais resultados obtidos foram também relatados neste apartado.

No ponto **4** a amostra é abordada de uma perspectiva global pretendendo-se, sobretudo, definir as principais categorias formais e tecnológicas identificadas, assim como, as opções metodológicas e os conceitos utilizados. O capítulo **5** constitui a corpo central da estrutura desta dissertação, analisando-se os dados à luz da estratigrafia observada no sítio. Para cada uma das fases de ocupação foi realizada uma caracterização da amostra, onde a informação é tratada estatisticamente para que possa ser alvo de uma abordagem comparada, não apenas dentro da diacronia do sítio, mas também com outros sítios de cronologia e geografia análoga. Nas fases III, IV e V foi possível ensaiar a distribuição espacial de alguns dos recipientes, contribuindo para o esclarecimento da funcionalidade dos vários espaços identificados. O capítulo **6** está reservado para o balanço das principais tendências e ritmos observadas na cerâmica manual ao longo da diacronia de ocupação do sítio, tentando indagar o seu possível significado cultural ou social.



2 – Introdução ao estudo da cerâmica manual proto-histórica.

2.1 - Conceito de cerâmica manual e aspectos técnicos da sua produção.

Este apartado inicial serve para definir e caracterizar tecnologicamente o objecto de estudo, recorrendo para tal à bibliografia ceramológica aplicada à arqueologia. Felizmente, a lista de obras que versam sobre esta temática é já vasta o que obrigou a uma selecção que inclui alguns estudos já clássicos (Rye, 1981; Balfet *et alli*, 1983; Echallier, 1984; Rice, 1987 e Orton *et alli*, 1997) a par de outros mais recentes (D'anna, *et alli*, 2003 e Calvo Trias *et alli*, 2004). Desde logo, deve referir-se que os dados aqui expostos constituem uma sinopse de algumas das conclusões comungadas por diversos autores, pelo que nos dispensamos de citá-los repetidamente, uma vez que existe uma certa unanimidade relativamente às principais questões abordadas. Todos os estudos considerados incluem, em maior ou menor grau, alguns aspectos baseados em descrições históricas e etnográficas do fabrico de cerâmica, bem como em repetições experimentais desse mesmo processo.

A olaria manual distinguiu-se das demais categorias cerâmicas pela técnica empregue na sua produção. Como a própria designação deixa antever, trata-se de recipientes modelados exclusivamente à mão, ou seja, sem recurso ao movimento circular autónomo que gera a força centrífuga utilizada nas produções realizadas com o torno de oleiro.

Tal como a maioria das actividades produtivas, a manufactura de cerâmica implica uma sucessão de acções que transformam a matéria-prima original no produto final. A reconstituição da sequência produtiva permite uma aproximação à conduta do próprio oleiro, cujas opções ficaram, para sempre, plasmadas nos fragmentos cerâmicos. Os primeiros passos no fabrico de cerâmica, quer manual quer torneada, são, obviamente, a obtenção e preparação da matéria-prima, que pode variar em função do comportamento físico pretendido para o vaso. Entre os materiais utilizados, podem distinguir-se a argila e as inclusões. Por inclusão deve entender-se qualquer material que não faz parte da matriz cerâmica, podendo ser de origem natural, presente na argila como impureza, ou adicionados pelo Homem para conferir plasticidade, resistência ou retractilidade. À semelhança de outros autores, prefiro o termo inclusão ao de desengordurante ou "elemento não plástico", amplamente difundidos na bibliografia arqueológica, uma vez que estes se referem apenas a materiais de origem antrópica, muitas vezes, virtualmente impossíveis de distinguir dos naturais. As inclusões podem ser de natureza mineral, orgânica (truncos, folhas, conchas etc...) ou antrópica (pequenos fragmentos de cerâmica). A preparação da pasta implica um tratamento prévio da argila e das inclusões, a mistura destes elementos com água e uma fase em que o produto é "amassado" para eliminar o ar que existe no seu interior, de forma a conseguir uma massa homogénea e plástica. As diferentes estratégias adoptadas na preparação da pasta estão intimamente relacionadas com as condições a que pasta ira ser submetida, como por exemplo o choque térmico ou a força mecânica, bem como com a própria funcionalidade que se pretende que o recipiente venha a desempenhar.



Quando a “amalgama” se encontra em “estado plástico”, pode então proceder-se à elaboração do recipiente. Nesta fase dos trabalhos, o oleiro dispõe de várias opções técnicas, que adopta de acordo com as características da pasta e conforme a conveniência na produção de determinados tipos de recipiente. Assim, no que diz respeito ao fabrico manual, podem distinguir-se diferentes processos de modelação que procurei sintetizar na figura 1. Não obstante, as diferentes técnicas não se auto-excluem, podendo mesmo combinar-se na elaboração do mesmo contentor. De facto, um estudo recente dedicado à olaria de âmbito argárico (Colomer e Solsona, 2005) identifica diversos processos de manufactura conjugados entre si, confirmando algumas observações de natureza etnográfica que apontavam também nesse mesmo sentido.

A bibliografia consultada informa acerca da prática de vários métodos de modelação, alguns dificilmente reconhecíveis, para mais quando se lida com conjuntos muito fragmentados, como o caso em análise. Assim, optei por descrever apenas os mais comuns e de fácil identificação, que reúnem a unanimidade de todos os autores, deixando de fora outros que, à primeira vista, não integram o conjunto em estudo.

A mais simples e intuitiva das formas de elaborar um recipiente é, porventura, a modelação a partir de um bloco de argila. Este pode ser progressivamente pressionado entre as mãos, de modo a configurar uma concavidade a partir da qual sobem as paredes, cuja grossura vai sendo reduzida pela acção dos dedos. Esta técnica é utilizada na produção de recipientes de pequenas dimensões, geralmente abertos e de morfologia simples (Fig. 1, A). Partindo de um bloco de argila colocado sobre uma base, podem também levantar-se as paredes, pressionando a argila entre as mãos, ao mesmo tempo que se raspam para cima, produzindo um efeito de arrastamento (Fig. 1, B). Este método é, igualmente, empregue na conformação de vasos de pequeno e médio tamanho, permitindo, no entanto, a composição de morfologias um pouco mais elaboradas, em particular formas fechadas com ligeiro estrangulamento no colo.

Um outro processo de modelação consiste na união de vários círculos, elaborados mediante o enrolamento horizontal de argila e é conhecido como “técnica dos rolos” ou montagem. Este método pressupõe a sobreposição dos vários “anéis”, segmentados ou em espiral, que, à medida que são colocados, vão sendo pressionados, sofrendo posteriormente um tratamento que regulariza as superfícies das paredes. Os vasos produzidos deste modo podem reconhecer-se por algumas fracturas características, frequentemente paralelas à direcção em que os rolos foram colocados ou com facetas de tendência cúbica. O recurso à “técnica dos rolos” é particularmente visível na elaboração de recipientes de grandes dimensões, apresentando, neste aspecto, evidentes vantagens quando comparada com a utilização do torno de oleiro, no qual é virtualmente impossível a confecção de exemplares de ampla escala. A este respeito, deve recordar-se que a iconografia de alguns vasos gregos representa a produção de contentores desta natureza, revelando o uso da técnica do “torno assistido” (Fabião, 1998, vol. 2, p. 32).

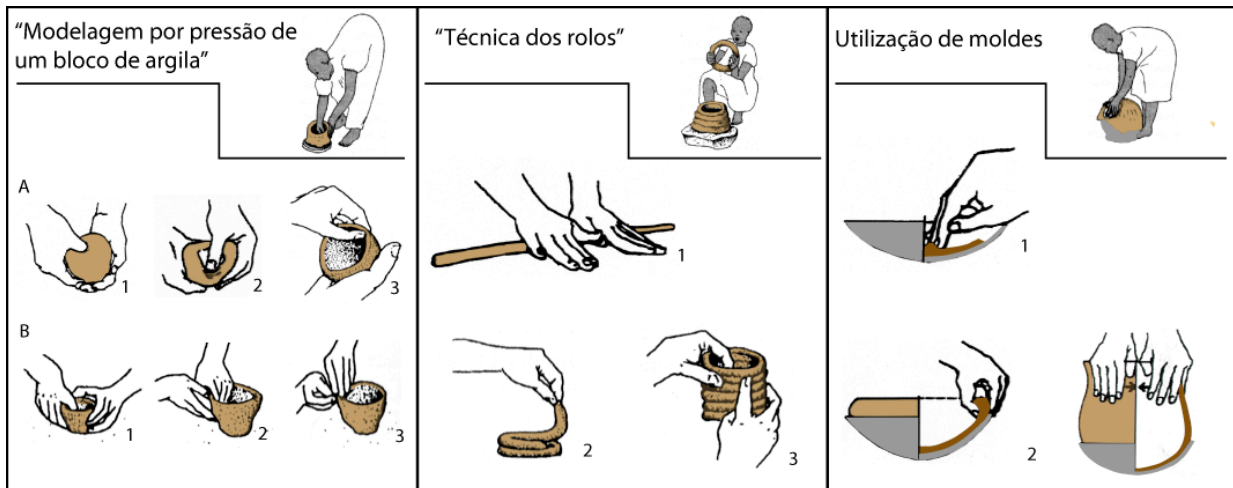


Figura 1 – Diferentes processos de modelagem manual de argila. Elaboração própria a partir de imagens recolhidas em (Calvo Trias *et alii*, 2004; González Ruibal, 2003; Colomer i Solsona, 2005).

O uso de moldes no fabrico de cerâmica é uma técnica bem documentada pela etnografia em diversas tradições oleiras, destacando-se, desde logo, as inúmeras possibilidades que o método oferece consoante o suporte utilizado. Com efeito, esta disciplina observou a utilização de moldes com diversas morfologias e construídos em diferentes materiais, entre os quais se contam a cerâmica, a pedra, ou a madeira. A combinação deste método com outras técnicas de manufactura constitui outra possibilidade, recentemente sustentada no estudo tecnológico das cerâmicas argáricas do sítio de Gatas, onde se defende que a parte inferior destes vasos é sempre moldada, enquanto que a superior é adicionada de forma gradual em várias fiadas até atingir a altura e a forma pretendidas (Colomer i Solsona, 2005:192-193). Não obstante, em muitos outros sítios, entre os quais se inclui Castro Marim, esta associação de técnicas não foi reconhecida, devendo dizer-se que, a própria utilização de moldes deve ser entendida apenas uma hipótese de trabalho. Relativamente a este aspecto, devem ainda destacar-se os dados emanados do estudo da olaria do Bronze Final na Beira Interior do território português (Vilaça, 1995). Para esta região, admitiu-se ser provável o recurso a moldes na produção de taças carenadas, cuja forma fechada e compósita poderá sugerir que estes eram compostos por duas partes distintas. A favor desta hipótese argumentou-se ainda que a parte inferior e superior dos recipientes não mostravam contrastes assinaláveis, e que estes se encontravam muitas vezes fracturados pela linha de carena, justamente a área mais frágil por corresponder à sutura de ambas as partes (*Idem, Ibidem*: 47). Embora não seja possível afirmar, sem reservas, que a utilização de moldes foi uma prática corrente na olaria proto-histórica peninsular, existindo inclusive quem o negue (Pellicer Catalán, 1987-1988: 464) uma vez que não se conhecem artefactos interpretáveis como moldes para cerâmica, pode, no entanto, aventar-se essa hipótese, se atendermos às características de alguns recipientes. De facto, a excepcional execução de alguns exemplares, com paredes de reduzida espessura e superfícies, bem como perfis, notavelmente regulares, levantam fortes suspeitas a favor da utilização de moldes durante o seu processo de fabrico. Por outro lado, alguns destes recipientes são também umbilicados, sugerindo que a perfeição e centralização do ônfalo pode ter sido



conseguida pelo uso de um molde ou aplicação de uma matriz (Vilaça, *Ibidem*). A adopção de cestos, cabaças ou mesmo outros recipientes fragmentados para servir de molde, têm sido apontados como principais possibilidades. Todavia, é quase impossível comprovar arqueologicamente a sua utilização para esse fim.

Quando a argila tem já uma forma definida deve ser posta a secar para ir perdendo parte da água que ainda contem, de modo a evitar rupturas no acto de cozedura. É durante a fase de secagem, antes de argila perder as suas qualidades plásticas, que se procede ao tratamento das superfícies e, eventualmente, à decoração, podendo ainda realizar-se alguns retoques na morfologia do recipiente. O tratamento das superfícies destina-se a suprimir as irregularidades decorrentes da modelação, alterando assim o seu aspecto geral, e pode ser executado com diversos instrumentos e em diferentes fases de secagem do recipiente, conforme o efeito, estético ou funcional, que se pretende obter. Entre as técnicas mais comuns, destacamos, por terem sido identificadas no conjunto em estudo, o alisamento, o cepilhado, o polimento, e o revestimento com engobe ou suspensão argilosa, cuja caracterização mais pormenorizada se fará no ponto 4.

3. A distinção entre os conceitos de tratamento de superfície e técnica decorativa nem sempre é pacífica, sendo que, por exemplo, em relação aos recipientes brunidos ou cepilhados, ambas as possibilidades podem ser consideradas.

Ao período de secagem segue-se a cozedura, cujo o propósito é transformar a argila modelada em cerâmica, o que, dependendo dos seus atributos específicos, pode acontecer quando se atingem temperaturas em redor dos 550/600°. Ao perder por completo a água que ainda continha, a argila solidifica, ganhando ao mesmo tempo resistência e fragilidade, precisamente as características que fazem da cerâmica o tipo de material mais frequente em diversos contextos arqueológicos. O resultado da cozedura é ditado por algumas variáveis, como a temperatura e a atmosfera de cozimento, que, por sua vez, são determinadas pelo tipo de estrutura e combustível utilizado. Como procurei ilustrar com a figura 2, as estruturas utilizadas para este fim podem ser de vários tipos, desde simples fossas escavados no solo, onde se colocam os recipientes misturados com o combustível, até fornos mais complexos, com câmara de combustão separada e mecanismos de evacuação do fumo.

A cerâmica com que lidei apresenta geralmente cozeduras imperfeitas, que sugerem ter sido realizadas a céu aberto, em fossas escavadas no chão ou em fornos de câmara única, dos quais se escavaram alguns exemplares numa das fases de ocupação de Castro Marim, embora não seja possível relacioná-los com o fabrico de cerâmica. Com efeito, pode dizer-se que as cozeduras onde o combustível se encontra em contacto directo com as peças, são esmagadoramente predominantes entre as cerâmicas manuais do sítio, sendo, por outro lado, também quase exclusivas deste tipo tecnológico. Não obstante, em particular nos contextos sidéricos mais recentes, recolheram-se alguns recipientes de cozedura oxidante, denunciando a utilização de estruturas mais complexas, provavelmente os mesmos fornos onde se cozia a olaria feita ao torno.

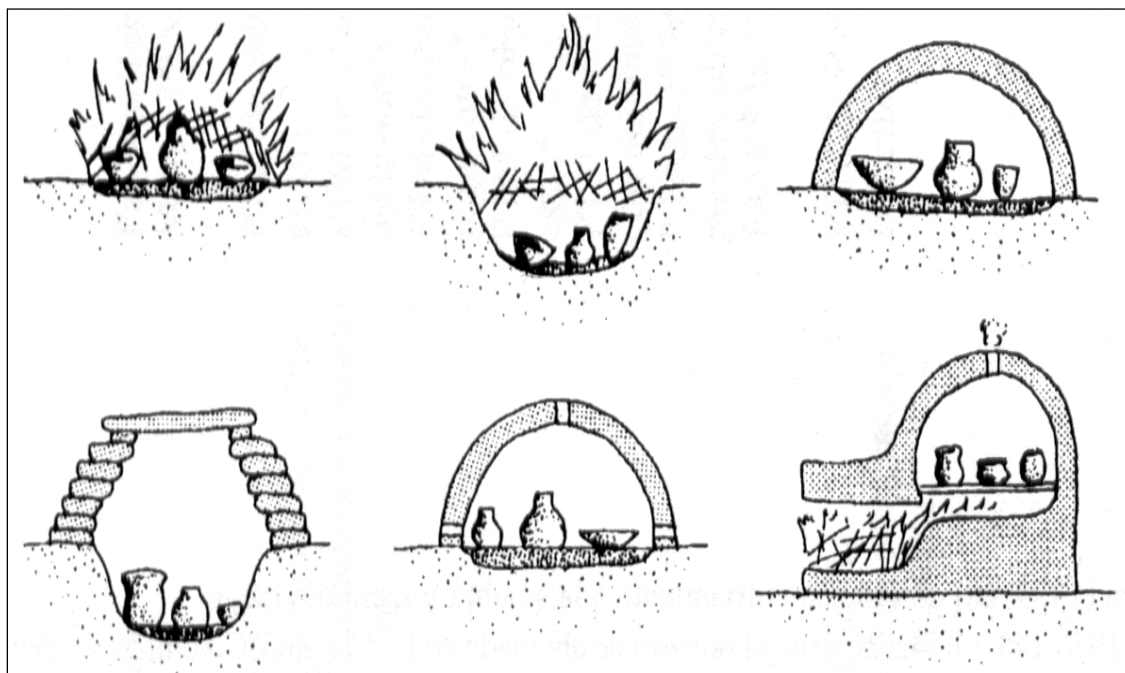


Figura 2 – Vários tipos de estruturas utilizadas para na cozedura de cerâmica (segundo Calvo Trias, *et alli*, 2004).

Por último, parece importante referir que apesar de recorrer a técnicas simples e ancestrais, o fabrico manual de cerâmica não exclui a possibilidade de uma produção em série, que pode ir bem mais além do que a auto-suficiência (D'Anna *et all.*, 2003, p.12). Como já se disse, no caso dos recipientes de maiores dimensões a modelagem manual é mais rápida do que ao torno, facto que, conjugado com outros argumentos que se exporão longo do texto, deixa, desde logo, antever uma longevidade diferenciada das técnicas de produção em função da natureza, dimensões e funcionalidade dos recipientes (Fabião, *ibidem*).

2.2 – Breve apontamento sobre o estado da questão no estudo das cerâmicas manuais proto-históricas.

Em primeiro lugar deve dizer-se que a cerâmica manual tem recebido uma atenção desigual relativamente às produções realizadas a torno. Com efeito, estas últimas têm sido privilegiadas no estudo das sociedades sidéricas, mesmo em contextos em que estão claramente em minoria. Não resulta muito difícil compreender porquê. Desde logo, porque as produções montadas a torno apresentam variações tipológicas facilmente sistematizáveis em tipos bem definidos, ao invés da olaria manual, que apresenta uma variabilidade e heterogeneidade de fabricos. Por outro lado, a cerâmica a torno, especialmente as importações, constituem a principal “âncora” de que os investigadores se socorrem na hora de aferir cronologias e determinar fenómenos de intercâmbio ou expressões materiais de uma suposta “aculturação indígena”. Assim, denota-se uma certa tendência para menosprezar a cerâmica manual, como se tivesse uma importância menor, em contextos onde também está presente a olaria a torno, mesmo que, muitas vezes esta seja claramente minoritária. A cerâmica manual, enquanto fenómeno de interacção cultural, no qual



parece agir como expressão indígena e marcador de identidade, tem um potencial ainda pouco explorado.

As primeiras referências à cerâmica manual em contextos sidéricos peninsulares foram publicadas por Bonsor (1899), na sequência dos trabalhos que levou a cabo em algumas necrópoles, nos Alcores de Carmona. Este pioneiro da investigação espanhola destaca a presença de decorações brunidas, descrevendo e comentando também algumas urnas com decoração digitada, que faz corresponder à chegada dos primeiros “incineradores” e à existência de uma “cultura agrícola” na região. A esta interpretação está, evidentemente, implícita a ideia de disseminação da cultura indo-europeia, em particular a expansão na Península Ibérica do denominado mundo dos “campos de urnas” (Guevara Sánchez, 1994, p. 20). Mais de meio século depois, a cerâmica manual volta a ser referida a propósito da publicação de um corte estratigráfico efectuado em Carmona (Carriazo e Raddatz, 1960), onde, pela primeira vez, se propõe que este tipo tecnológico traduz a previvência de tradições indígenas muito antigas, um fenómeno que, segundo os autores, podia ser generalizado para todo o espaço peninsular.

A partir do início da década de 60, o estudo sobre a Idade do Ferro em Espanha experimenta um grande incremento, motivado, em parte, pelo programa de escavações do Instituto Arqueológico Alemão na costa de Málaga, que, nas palavras de alguns autores, gerou uma autêntica “moda dos fenícios” (López Castro, 1992, p. 27), algo que, em Portugal, só sucederia a partir dos anos 80 (Arruda, 2002). De facto, esta fase da arqueologia sidérica peninsular é marcada pela multiplicação de escavações em povoados e necrópoles, que resultaram na obtenção de inúmeras sequências estratigráficas, engrossando simultaneamente o volume de dados acerca da cultura material. O objectivo que norteou esta etapa da investigação parece ter sido a demanda de uma sequência cultural para Idade do Ferro e a sua definição arqueológica a partir de elementos materiais característicos, privilegiando as produções a torno.

A publicação dos resultados dessas escavações, deu a conhecer vastos conjuntos de materiais, permitindo o estudo regional de alguns tipos cerâmicos concretos. No que respeita à olaria manual, não podemos deixar de destacar os trabalhos de M. Pellicer Catalán (1987-88) e D. Ruiz Mata (1979 e 1995) que procuraram definir, datar e traçar a evolução do repertório formal deste tipo cerâmico na Andaluzia Ocidental durante o Bronze Final e inícios da Idade do Ferro, constituindo, ainda hoje, importantes referências para quem se entrega a esta temática. O primeiro propõe-se analisar a evolução das produções manuais num período de tempo compreendido entre o séc. XII e o séc. VIII/VII, que o próprio divide em quatro fases, às quais faz corresponder distintas características: Bronze recente I (1200-1000 a.n.e.), Bronze recente II (1000-750 a.n.e.), Bronze recente III A (Idade do Ferro – 750-650 a.n.e.) e Bronze recente III B (Idade do Ferro – 650-550 a.n.e.) (Pellicer Catalán 1987-88, p. 462-463). Todavia, o próprio autor reconhece que esta periodização não é extensível a toda Andaluzia Ocidental, uma vez que se denotam alguns fenómenos arcaizantes que afectam zonas mais interiores e, conseqüentemente menos



expostas ao impacto colonial. Em relação às formas identificadas, o autor define vários tipos, explicando a sua evolução dentro de cada uma das fases equacionadas e, por vezes, procurando a sua origem em recipientes do Bronze Pleno. O conjunto foi dividido em: recipientes de tendência semiesférica, vasos fechados com o colo estrangulado, taças carenadas (Fig. 3), suportes e grandes contentores de perfil em S e fundo plano; advertindo-se, no entanto, que as formas não coincidem matematicamente na diacronia das várias estratigrafias conhecidas, já que em alguns sítios se denotam fenómenos de utilização precoce ou, pelo contrário, longas previvências (*Idem, Ibidem*, p. 465).

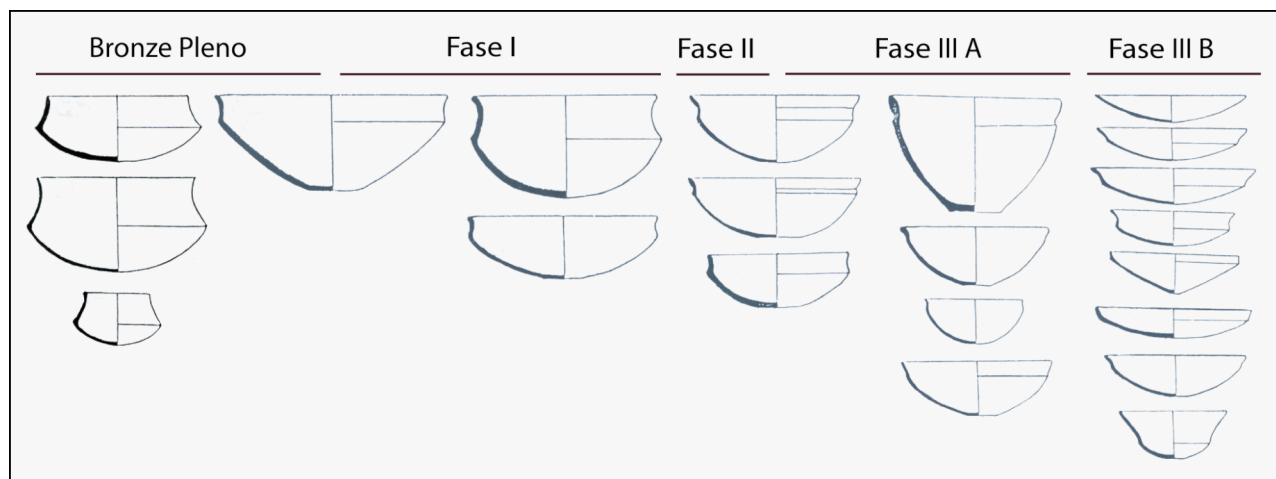


Figura 3 – Proposta de M. Pellicer Catalán para evolução das taças carenadas. Elaboração própria a partir dos dados expostos em (Pellicer Catalán , 1987-88).

Por outro lado, Ruiz Mata (1995) analisou as cerâmicas manuais do séc. IX ao séc. VII a.n.e. da denominada área tartéssica (Baixo Guadalquivir e zona de Huelva), com o intuito de, segundo palavras do próprio, “poner un cierto orden en la tipología de las cerámicas indígenas del Bronce final, agrupandolas en formas e cronologias” (*Ibidem*, p. 266), pois considera que anterior proposta de Pellicer é incompleta, muito generalista e sem grandes precisões relativamente aos aspecto formais. O investigador gaditano distingue duas fases no período de tempo que trata: a primeira corresponde ao Bronze Final pré-fenício e a segunda ao orientalizante, sendo que, entre ambas, existiria ainda um período de transição, situado entre 775 a.n.e. e finais do séc. VIII, que marcaria o início dos contactos entre as comunidade indígenas desta área peninsular e as populações fenícias. A cada fase, o autor faz equivaler um determinado repertório, que, apesar de ser composto genericamente pelas mesmas formas, denuncia a evolução de cada tipo ao longo do período em análise (Fig. 4 e 5). A tipologia proposta estabelece 10 tipos para a Fase I e sete para a fase II, sendo que, dentro de cada tipo, foram ainda distinguidas algumas variantes. O principal contributo desta síntese reside no rigor com que são definidos os tipos, bem como, na distinção de variantes próprias dos diferentes âmbitos regionais (Baixo Guadalquivir e Huelva), estabelecidas com base em algumas peculiaridades morfológicas e decorativas.

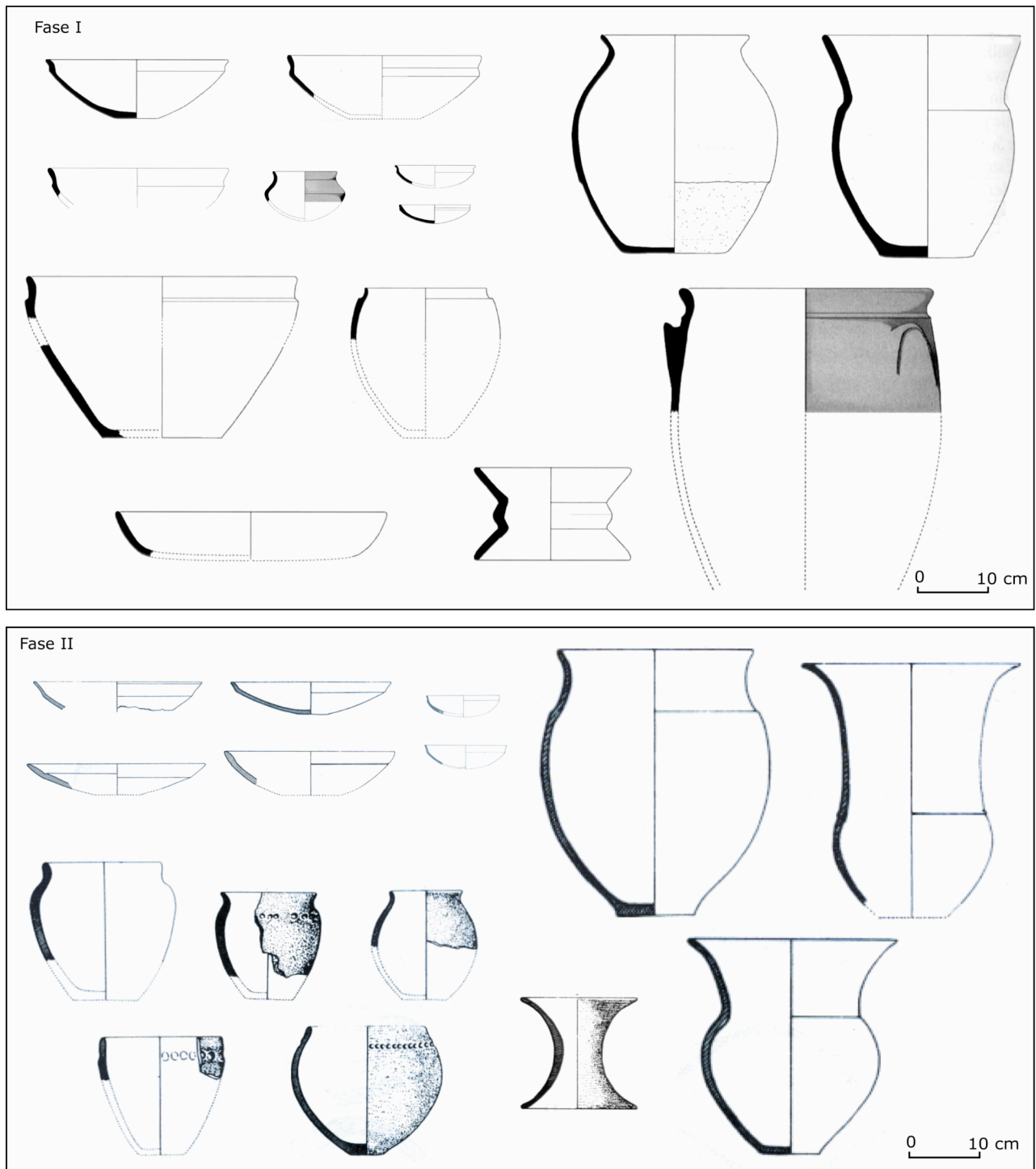


Figura 4 e 5 – Síntese da tipologia proposta por D. Ruiz Mata para o “Bronze Final pré-fenício” (fase I) e “orientalizante” (fase II). Elaboração própria a partir de (Ruiz Mata, 1995).

No que se refere ao Sul do território português merecem destaque os trabalhos de Ana Margarida Arruda (2002) e Carlos Fabião (1998) que contribuíram para um maior conhecimento da cultura material da Idade do Ferro neste território, e onde, entre muitas outros temas, se tratou também a questão da olaria manual. O primeiro, dedicado à ocupação “orientalizante” do litoral na primeira metade do milénio, compila e reinterpreta vastos conjuntos cerâmicos já conhecidos, dando a conhecer, pela primeira, vez a olaria manual de Santarém e fazendo já alguns comentários relativamente à presença deste tipo tecnológico em Castro Marim. O segundo, centrado numa



realidade mais recente e interior habitualmente denominada como área "céltica", dedica largas páginas à discussão do significado, cronologia e evolução da cerâmica manual naquele âmbito geográfico, demonstrando claramente a sua perduração no sítio de Mesas do Castelinho até ao séc. I a.n.e., (Fabião, 1998, vol. 2, p. 66 e vol. 3 fig. 48). Também o trabalho de Raquel Vilaça (1995) acerca da ocupação da Beira interior (centro e Sul) durante o Bronze do Final constitui uma referência incontornável para estudo da cerâmica manual, sendo possível antever aqui algumas das formas e decorações presentes na Idade do Ferro e "pesar" o que permanece e o que muda em ambos os períodos.

Também em outras áreas geográficas, a multiplicação dos trabalhos de campo e a consequente publicação dos resultados originou a produção de algumas sínteses regionais dedicadas exclusivamente ao estudo da olaria manual. Merecem particular destaque os trabalhos sobre parte do litoral catalão (Martinez Roselló, 1993) e o Languedoc (Py, 1993), que, por tratarem materiais de regiões afastadas daquela que é aqui analisada, constituem interessantes quadros de comparação, permitindo conferir formas e técnicas de alcance mais universal e assinalar particularidades macro regionais.

Apesar dos inquestionáveis avanços no estudo da cerâmica manual que os últimos 30 anos testemunharam, o panorama actual não é excepcionalmente rico. Com efeito, presentemente conhecem-se vastos repertórios, mas continuam a faltar estudos monográficos detalhados que analisem materiais bem estratificados e possam informar acerca dos seus contextos de utilização. Por outro lado, as novas tecnologias, há muito ao serviço da arqueologia, como por exemplo as análises químicas ou de lâmina delgada, tardam, com honráveis excepções, em ser aplicadas no estudo da olaria manual, onde poderiam ser bastante úteis, particularmente na determinação de proveniências.

A atenção dispensada pela bibliografia arqueológica às cerâmicas manuais proto-históricas tem oscilado segundo áreas e interesses particulares, divergindo também, em função das características particulares de cada tipo de recipiente. Assim, aqueles recipientes mais comuns, sem assinaláveis atributos específicos ou conotações cronológico-culturais precisas e que revelam um grande conservadíssimo técnico e morfológico, constituem uma espécie de "parente pobre" da olaria manual, sendo invariavelmente relegados para segundo plano na análise dos conjuntos, não traduzindo a sua importância no registo arqueológico. Pelo contrário, outros vasos, que se distinguem dos demais pelo fabrico, forma ou decoração, e evidenciam um expressivo valor cultural e/ou cronológico, foram tratados de forma tão exaustiva que a problemática inerente ao estudo de cada um poderia ser tema de um capítulo específico. Por integrarem o conjunto em estudo, merecem uma análise particular, os recipientes com decoração brunida, a cerâmica pintada e as panelas decoradas por digitações ou incisões.



O estudo das cerâmicas decoradas com motivos brunidos tem-se pautado pelo contraste de dois núcleos regionais e já clássicos: o do baixo Tejo, associável à decoração tipo "Lapa do Fumo" e o andaluz, relacionável com a técnica de rectícula brunida, onde por sua vez se podem distinguir uma área ocidental e outra oriental (Serrão, 1959 e 1970; Maluquer de Motes, 1963; Schubart, 1975, p. 138-142; López Roa, 1977 e 1978; Alarcón Rubio, 1983; Ruiz Mata, 1979, p. 12; Torres Ortiz, 1999). Um dos critérios utilizados para os diferenciar é a localização da decoração que, na região portuguesa é efectuada normalmente no exterior dos recipientes, enquanto que na Andaluzia é mais comum no interior. Todavia, o conhecimento de um número crescente de peças que ostentam esta decoração tem contribuído para que se possa defender o esbatimento destas fronteiras, uma vez que em ambas regiões, bem como na área que as separa fisicamente, se documentam cerâmicas decoradas, quer no interior, quer no exterior e, em raros casos, em ambas as superfícies (Vilaça, 1995, p. 297). A origem desta técnica decorativa é também um dos pontos fortes do debate acerca deste tipo cerâmico e que pode resumir-se na defesa de duas posições fundamentais: uma difusionista e outra evolucionista. Os defensores da primeira hipótese têm colocado o centro de difusão desta técnica decorativa nas mais diversas geografias, destacando-se as propostas que lhe atribuem uma origem centro-europeia, relacionada com o "mundo hallstático" (Carriazo e Raddatz, 1960, p. 263; Garrido Roiz e Orta Garcia, 1978, p. 195) ou mediterrânea, onde se procuraram protótipos na cerâmica de Biblos (Maluquer de Motes, 1963, p. 306), na olaria fenícia (Schubart, 1971) e, particularmente, nos repertórios da cultura nurágica Sarda (Maluquer de Motes, 1970, p. 144; López Roa, 1977, p.346 e 1979, p. 148, entre muitos outros). Não obstante, todos os autores concordam que as várias influências equacionadas se fizeram sentir unicamente na técnica de decoração, uma vez que a morfologia dos recipientes onde esta era aplicada é indígena. Por outro lado, levantaram-se algumas vezes a favor de uma posição evolucionista que, baseadas nas semelhanças observadas nos padrões da olaria campaniforme e do calcolítico evolucionado, advogavam o desenvolvimento regional, quer das formas quer da técnica decorativa (Almagro Gorbea, 1977; Pellicer Catalán, 1987-88, p. 497; Pellicer *et alli*, 1983, p. 72; Blázquez *et alli*, 1989, p. 19).

As opiniões multiplicam-se igualmente no que diz respeito à cronologia proposta para o início e para o final das produções decoradas com motivos brunidos, sendo no entanto pacífica a ideia de que a fase inaugural se situa no Bronze Final. É também consensual que ambos grupos regionais definidos são parcialmente contemporâneos. Não obstante, tal como intuiu H. Schubart com base em critérios tipológicos, parece lícito defender uma relativa anterioridade dos materiais do baixo Tejo (1971, p. 176). Com efeito, esta hipótese, sustentada posteriormente por muitos investigadores (entre outros: Almagro Gorbea, 1977, 128 e Blázquez *et alli*, 1989, p. 14), encontra bons argumentos nos trabalhos que Raquel Vilaça (1995) levou a efeito na Beira Interior, onde, de acordo com datações radiocarbónicas realizadas para alguns sítios, os exemplares deste tipo decorativo marcam presença no registo arqueológico entre o séc. XI e séc.VIII a.n.e. (*Ibidem*, p.300). Relativamente ao momento de abandono desta tradição decorativa, a análise da bibliografia disponível oferece uma interessante variedade de propostas, que oscilam entre o Bronze Final e



Idade do Ferro, sendo que, cada uma a seu tempo, ambas foram defendidas por Eduardo Serrão (Serrão, 1959, p. 199 e 1970, p. 293). Actualmente, os dados estratigráficos que podem ser considerados no tratamento desta temática, parecem dar crédito às mais recentes propostas que apontam no sentido do desaparecimento da decoração tipo “Lapa do Fumo” nos inícios da Idade do Ferro (Arruda, Fabião e Guerra, 1995: 251), momento em que são substituídas pela cerâmica brunida do tipo andaluz (Arruda, 2002). Neste aspecto particular, os materiais recuperados em Castro Marim parecem ter uma especial importância, como teremos oportunidade de verificar.

Relativamente à fase inaugural das produções brunidas proto-históricas do tipo andaluz, deve dizer-se que as cronologias propostas oscilam entre o séc. X e o séc. IX a.n.e., consoante a convicção de cada autor, atingindo a fase de maior apogeu no decorrer das duas centúrias seguintes (López Roa, 1977, p.366; H. Schubart 1971, p. 171; Ruiz Mata, 1979, p. 13; Pellicer Catalán, 1987-88, p. 470-471), quando, principalmente nas áreas meridionais, são progressivamente substituídas por olaria a torno, em particular cerâmica cinzenta, que reproduz quer a formas, quer a própria decoração (Vallejo Sánchez, 2005, p. 1153). O abandono desta técnica decorativa também não está isento de problemática, particularmente se tivermos em consideração os dados de Setefilla que sugerem uma perduração até ao séc. V a.n.e. (Aubert *et alli*, 1983, p. 107 e 116). Estes dados aconselham a uma maior valorização da qualidade das estratigrafias e dos contextos de recolha, pois em muitos casos pode tratar-se de recipientes em deposição secundária e, portanto, mais antigos do que os níveis que integram, inquinando o registo e forçando algumas conclusões precipitadas (Torres Ortiz, 1999, p. 33).

As cerâmicas pintadas do Bronze Final e da Idade do Ferro constituíram, desde cedo, motivo de aceso debate na bibliografia arqueológica peninsular, facto que, em parte, pode ser explicado pela sua ampla distribuição e pela diversidade de fabricos e motivos observados em diversas geografias e cronologias. À data da publicação dos exemplares recolhidos no Baixo Aragão, em Sanchoreja e Cortes de Navarra (Maluquer Motes, 1957 e 1958, respectivamente), foram enquadradas numa suposta “tradição Hallstática”, servindo de argumento à teoria que sustentava a deslocação, para ocidente, de populações de origem céltica. O crescente volume de cerâmica pintada, que entretanto fora divulgado, resultou em várias tentativas de sistematização que reconheciam nos materiais, diferentes filiações culturais e áreas de distribuição preferenciais e que, ainda hoje, constituem um indispensável instrumento de trabalho para quem se entrega a este tema (Almagro Gorbea, 1977; Blasco Bosqued, 1980-81; Ellering, 1990). A proposta pioneira foi desenvolvida por M. Almagro Gorbea (1977) e definia 5 grupos, em função da cronologia e localização dos exemplares: “tipo Carambolo” (Séc. IX-VIII a.n.e.), distribuído pela Andaluzia Ocidental, Alentejo e Extremadura; “tipo Medellín” (séc. VII), presente no ocidente andaluz e baixa Extremadura; “tipo Tossal Redó” (séc. VII a.n.e.), exclusivo da província de Castellón e Meseta oriental; “tipo Meseta” (séc. VII-V a.n.e.), próprio da região epónima e vale do Ebro, e “tipo Andaluz” (séc VIII-VII), característico da Andaluzia oriental (*Ibidem*, p. 451-460). Por outro lado, Sigrid Ellering (1990), apoiado na variação cromática das decorações, estabelece três grupos distintos:



pintura monocroma em vermelho, bícroma (com potenciais combinações entre o amarelo, o vermelho e o branco) e polícroma. Dentro destes grupos, foram definidas algumas variantes que, segundo sustenta o autor, respondem a diferentes estímulos e influências culturais e que podem ser procuradas nas mais diversas geografias, desde a área centro europeia (variante 1b da pintura policroma), passando pelo mundo grego (pintura monocroma em vermelho) e fenício (pintura policroma) (*Ibidem*, p. 110-115). Relativamente a este trabalho, não podemos deixar de expressar a nossa total discordância com o autor quando este pretende ver, segundo palavras do próprio, “feitorias do mundo hallstático” (*sic*), em sítios como Cortes de Navarra, Soto de Medinilla, Peña Negra ou Cástulo, com base alguns motivos decorativos para os quais sugere paralelos no Sudoeste alemão e Suíça (*Ibidem*, p. 121).

Dentro do universo da olaria pintada proto-histórica, é, sendo dúvida, a cerâmica “tipo Carambolo” que tem granjeado maiores atenções, tendo-lhe já sido dedicados em exclusivo dois importantes artigos (Ruiz Mata, 1984-85 e Pellicer, *et all.* 1995). O primeiro, entre outros aspectos, propôs como alternativa à denominação “tipo Carambolo” a designação “estilo Guadalquivir I”, dada a sua concentração no estuário do rio com o mesmo nome (Ruiz Mata, 1984-85, p. 225). Por outro lado, o segundo defendeu uma datação centrada no séc. VIII a.n.e. para este estilo, contrariando, neste aspecto, muitos outros autores que têm situado o início desta produções no séc. IX a.n.e. (Pellicer, *et all.* 1995, p. 167). Com efeito, ambas as observações parecem fazer sentido, particularmente se atendermos aos novos dados proporcionados pela escavação do próprio Carambolo, que datam a primeira ocupação do sítio do séc. VIII a.n.e. (Fernández Flores e Rodrigues Azogue, 2005a e 2005b). Por último, deve dizer-se que, apesar de ser produzido localmente, é hoje consensual que este tipo cerâmico se inspirou no “Mundo geométrico grego do Mediterrâneo”, reproduzindo ou adaptando os motivos decorativos aí reconhecidos (Almagro Gorbea, 1977, p. 120-125; Ruiz Mata, 1984-85, p. 242; Cabrera Bonnet, 1981, p. 329, Pellicer, *et all.*, 1995, p. 166-167).

Os potes/panelas que ostentam decoração digitada e/ou incisa constituem um tipo característico da Idade do Ferro em diferentes áreas peninsulares, pelo que, as questões relativas à sua origem e cronologia, têm gerado um interessante, mas não intenso, debate na bibliografia arqueológica. Desde logo, deve citar-se o trabalho de Guevara Sánchez (1994), dedicado exclusivamente ao estudo deste tipo produções na Andaluzia e onde se compila um vasto conjunto de materiais que constituem um indispensável quadro de referência. No capítulo inicial desta obra, é realizada uma análise exaustiva à história da investigação deste tipo decorativo, motivo pelo qual me dispense aqui de o fazer, evitando redundâncias indesejáveis. Um dos maiores méritos daquele trabalho é, sem dúvida, a sistematização dos motivos decorativos (Fig. 6) e das formas onde estes são aplicados, que formam um precioso instrumento de trabalho para estabelecer comparações entre diferentes sítios ou mesmo áreas regionais.



A simplicidade deste tipo decorativo dificulta a definição da sua origem que, à semelhança do que sucede com decoração brunida ou pintada, tem sido procurada em diversas paragens. As várias hipóteses equacionadas incluem uma suposta filiação centro-europeia, com a forte carga étnica que lhe está inerente, bem como uma tradição autóctone, sendo que a sua presença em meios coloniais poderia ser explicada como um testemunho do contacto com as populações indígenas. Por outro lado, advogou-se igualmente a possibilidade de uma filiação mediterrânea, entendida como uma variação de "coarse ware", valorizando-se, para o efeito, a sua escassa representatividade em momentos anteriores à colonização. A simplicidade das decorações e da morfologia dos recipientes onde estas são aplicadas parece retirar a operacionalidade a uma identificação directa e inequívoca da sua origem.

O confronto da realidade material andaluza com outras regiões bem estudadas, como é o caso particular da Beira Baixa, deixa antever algumas pistas interessantes. A decoração digitada, ainda que não seja frequente, marca presença nos contextos beirões de finais da Idade do Bronze, sendo, no entanto, praticamente inexistente mais a Sul, contrastando com a realidade observada em inícios da época sidérica, quando constitui um dos tipos mais característicos. Relativamente à prática de incisões sobre o bordo, cumpre dizer que estas são bastante frequentes durante o Bronze Final no Norte e Centro de Portugal, sendo, nesta cronologia, também raras a Sul do Tejo, diferindo novamente do panorama documentado no início da Idade do Ferro, quando se assiste à sua profusão em vários âmbitos regionais.

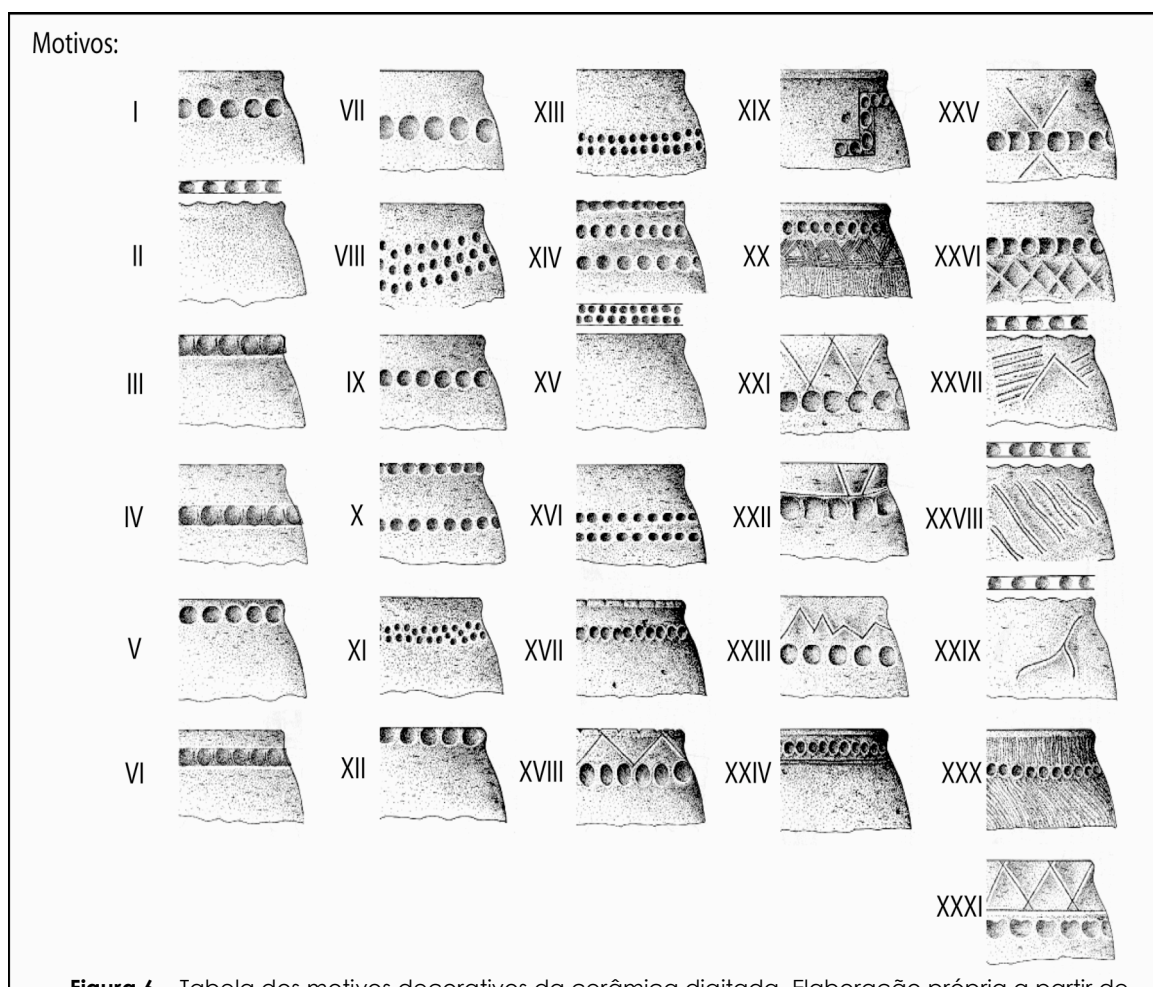


Figura 6 – Tabela dos motivos decorativos da cerâmica digitada. Elaboração própria a partir de (Guevara Sánchez 1994).



Actualmente, reúne algum consenso a hipótese de que este tipo decorativo tende a desaparecer em contextos posteriores ao séc. VI, principalmente nas áreas meridionais do Sul peninsular. Não obstante, perduram em áreas mais interiores, onde continuam a documentar-se em recipientes similares, por vezes produzidos a torno, tornando-se, no entanto, mais comum a decoração sobre cordões plásticos.

Genericamente, pode-se dizer que investigação tem revelado uma certa tendência difusionista, no sentido, em que o desenvolvimento económico, social, e político no Sudoeste peninsular é, muitas vezes, explicado com base em elementos exógenos, ignorando, ou relegando para segundo plano, os atributos específicos das comunidades indígenas. Considero que poderá ser da máxima relevância recolocar algumas das questões prementes também à luz da perspectiva evolucionista, ainda que procurando um equilíbrio. Estas duas "correntes", tão antigas como a própria arqueologia, não são de todo incompatíveis. Afinal as vivências humanas são feitas, não apenas da dinâmica própria de cada comunidade, mas também, da resposta dessa mesma comunidade aos estímulos ou influências exteriores.

3 – O Castelo de Castro Marim durante a proto-história

3.1 - Localização e breve enquadramento geográfico.

Administrativamente, o Castelo de Castro Marim localiza-se na freguesia e concelho que lhe dá o nome, distrito de Faro, a uma longitude de $7^{\circ}26'30''$ e latitude de $37^{\circ}12'50''$, de acordo com a folha 600 da Carta Militar Portuguesa (1:25 000). Implanta-se numa colina irregularmente triangular, com cerca de 42 m de altura, situada na margem direita do rio Guadiana, muito próximo da sua foz. A geografia e topografia do sítio oferecem excelentes condições naturais de defesa e o domínio visual de um amplo território que abarca a entrada do Guadiana e uma parte de mar.

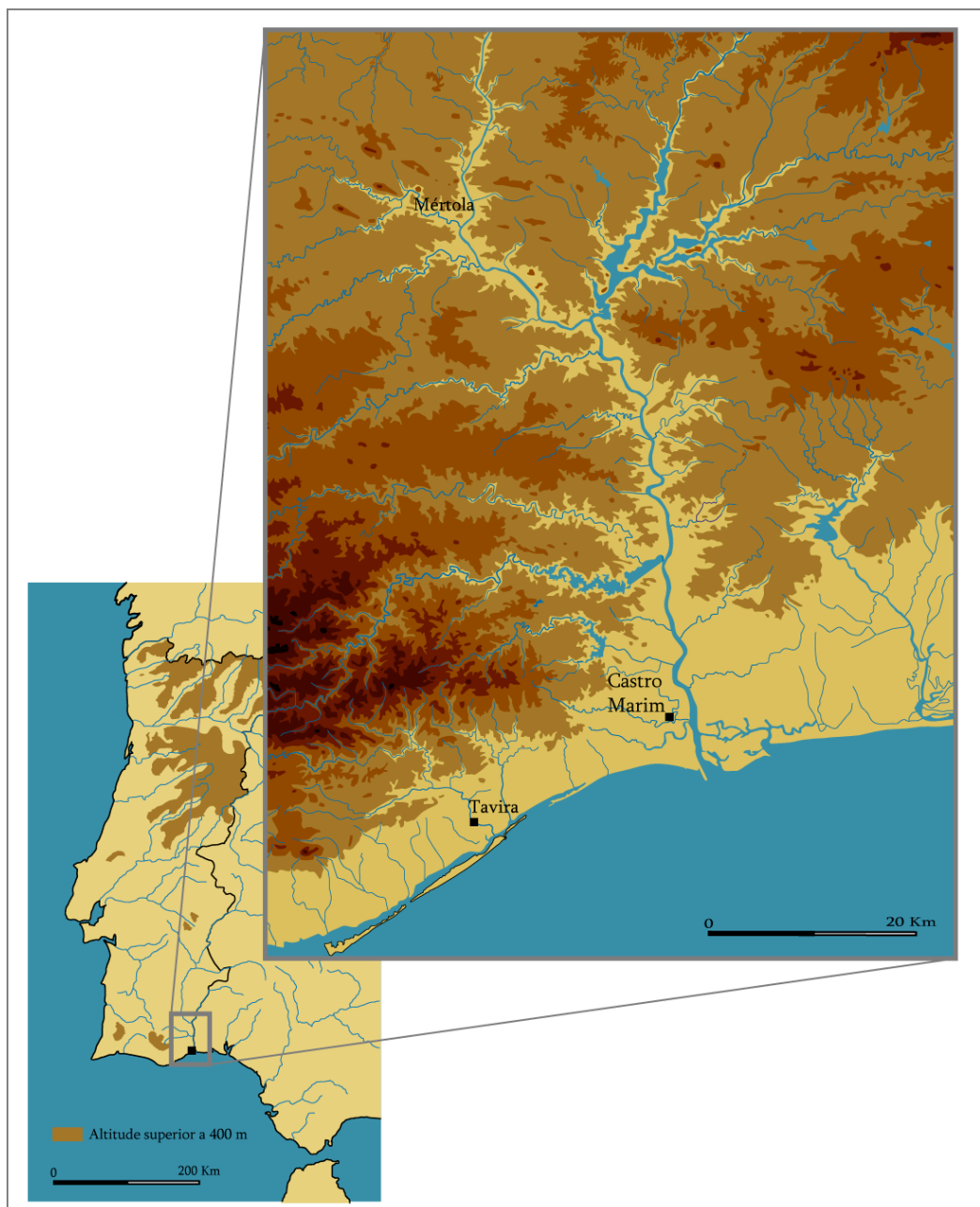


Figura 7 – Localização geográfica de Castro Marim.

Se hoje em dia Castro Marim se encontra rodeado de terra firme e de alguns sapais, a responsabilidade é do progressivo assoreamento do rio que, ao longo dos tempos, tem vindo a



transformar consideravelmente a paisagem do lugar. A este respeito, são particularmente reveladoras as gravuras do séc. XVI da autoria de Duarte d'Armas, onde pode ver-se que os barcos chegavam perto das muralhas do Castelo. Neste mesmo século, Frei João de S. José (1577) descreve Castro Marim como uma península rodeada por água, excepcionando o lado poente. Havendo falta de estudos paleo-geográficos, como outros realizados na costa Andaluza (Borja Barrera, 1995), as fontes clássicas constituem assim um precioso auxílio para tentar uma aproximação ao Guadiana proto-histórico. Em Avieno (210), pode ler-se: "*O rio acabado de citar cinde-se, de repente, em dois braços e, por entre a água espessa do referido golfo - pois é rico em lodo todo esse mar- lança os lentos caudais.*" (Ferreira, 1992, p. 23). Esta passagem demonstra, não só que o rio tinha uma geografia bastante diferente da actual, mas também que o fenómeno de assoreamento do rio era já então uma realidade à época da descrição. Por seu turno, Estrabão (III. 1. 9, 140) observa também que o rio *Anas* possuía duas embocaduras, ambas navegáveis. Com efeito, tudo leva a crer que os sapais de Vila Real de Santo António e Castro Marim estavam, na época que aqui nos interessa, ocupados por um misto de águas do rio e do mar, configurando uma zona estuarina mais ampla e bem diferente daquela que conhecemos actualmente. Assim, no contexto do antigo estuário do Guadiana, a colina onde se viria a construir o castelo de Castro Marim constituía um ponto proeminente na paisagem, de alto valor estratégico e certamente merecedor de um porto de acostagem.

Como se viu, a ocupação do sítio que aqui se trata parece obedecer a razões estratégicas relacionadas com o "controle" da navegação no Guadiana e com o acesso às terras do interior. Todavia, esta via de penetração tem um alcance limitado, uma vez que o rio é navegável somente até à garganta "pulo do lobo", poucos quilómetros acima de Mértola, onde o desnível do leito ronda os 14 metros, impedindo a prossecução de qualquer tipo de embarcação. A Sul deste ponto, o curso do Baixo Guadiana apresenta um perfil sinuoso, particularmente na zona da serra, onde o rio corre em vales profundos e de vertentes íngremes, contornando cerros bem destacados. A paisagem vai-se aligeirando à medida que nos aproximamos do litoral, dando lugar, principalmente a partir da ribeira do Beliche, a uma sucessão de cerros e vales menos abruptos. Na margem espanhola, a serra de Aracena dá lugar à "Terra Llana de Huelva", uma larga faixa aplanada que se prolonga até ao rio Guadalquivir. Em ambas as margens, o litoral é bastante regular, sendo constituído sobretudo por sapais, barras arenosas e marismas, cuja posição morfo-estratigráfica revela uma formação recente (Campos Carrasco e Gómez Toscano, 2001).

Na zona da serra, os solos são pobres e muito vulneráveis aos agentes erosivos, revelando uma capacidade agrícola muito limitada, sendo que, apenas algumas pequenas várzeas junto ao Guadiana, principalmente a Sul da Foz de Odeleite, são aptas para agricultura de regadio. Como não poderia deixar de ser, o contraste entre o litoral e a serra é também evidente no que diz respeito aos recursos naturais disponíveis, resultando, hoje em dia como antigamente, no desenvolvimento de distintas actividades económicas. Assim, enquanto que junto à costa a economia assenta, sobretudo, na pesca e na agricultura de regadio (e actualmente com

particular incidência no turismo), no interior serrano as principais actividades são a pastorícia, alguma agricultura de sequeiro e exploração de recursos florestais e mineiros. Não obstante, ambas zonas beneficiam da biodiversidade registada ao longo do curso do Baixo Guadiana, que, certamente desde sempre, constituiu um atractivo para a fixação humana.

3.2 – Identificação e trabalhos arqueológicos desenvolvidos



Figura 8 – Planta topográfica da colina do Castelo de Castro Marim, com indicação da área escavada.

Tal como acontece com grande parte dos sítios arqueológicos algarvios, as primeiras referências sobre a ocupação humana antiga na colina do Castelo de Castro Marim são da autoria do incansável investigador Estácio da Veiga (1887). Posteriormente, José Leite de Vasconcellos (1917), baseando-se em algumas moedas recolhidas no local, propõe a identificação de Castro Marim como a *Baesuris* referida no *Itinerário de Antonino*. As intervenções arqueológicas entretanto realizadas no sítio documentaram uma importante ocupação de época romana em que, num nível tardo-republicano, se recolheu uma moeda de chumbo com a inscrição BAE, permitindo à directora dos trabalhos apoiar a proposta de Vasconcellos (Arruda, 1997a, p. 111).

As escavações levadas a efeito na colina do Castelo de Castro Marim podem dividir-se em duas etapas distintas, interrompidas por uma dúzia

de anos e totalizam dez campanhas, sempre sob a direcção científica da Prof. Dra. Ana Margarida Arruda. As primeiras intervenções decorreram entre 1983 e 1988, enquadradas no programa de investigação «O povoamento do Baixo Guadiana das origens à Idade Média», orientado pelo Professor Doutor Victor Gonçalves e da responsabilidade da UNIARCH, à data Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa, e cujos resultados se encontram já parcialmente publicados (Arruda, 1984a, 1984b, 1984c, 1986a, 1986b, 1988, 1996, 1997a, 1997b, 1999a, 1999b, 2000a, 2000b, 2001, 2002, 2003). Durante estas campanhas foram abertas 4 áreas distintas (Corte 1,



2, 3 e 4), dispersas pela metade oriental da colina do castelo (Fig. 8) e intervencionadas segundo a metodologia preconizada por Wheeler (1958), com as actualizações propostas por Ferdière (1980, p. 23-60), que na prática se traduziu pela marcação de quadrados anexos com 4 x 4 m., dos quais eram escavados primeiro 3 x 3 m, sendo a restante área deixada como testemunho, que poderia, ou não, ser posteriormente removido (Arruda, 1997, p. 37). O Corte 1 foi implantado entre o troço Este da muralha joanina e a fortaleza afonsina e era composto por 14 quadrados, aos quais, nos primeiros anos de presente século, se anexou uma ampla área aberta, para a qual se optou pela designação de sector. 1. Os quadrados escavados na década 80 encontravam-se diferentemente conservados em função do impacto que as construções de época Moderna tiveram em cada um deles. Assim, apenas os quadrados D2, D3, E1, E2, E3 e em parte de F2 e F3 se registaram estratos sidéricos preservados, reconhecendo-se também uma ocupação romana que já se encontrava bastante truncada. A quantidade e o excelente estado de conservação das estruturas então postas a descoberto no Corte 1 reduziu, substancialmente, a área escavada em profundidade, dificultando a intervenção nos níveis arqueológicos mais antigos do sítio, que foram atingidos apenas dos quadrados D3, E3, F3, ainda que sempre em áreas muito limitadas. O grosso dos materiais arqueológico exumados no Corte I evidenciava uma intensa ocupação do sítio entre os séc. V e III a.n.e., que se sabia suceder a uma outra, enquadrável na designada I primeira Idade do Ferro, mas cuja cronologia precisa era difícil de aferir devido aos poucos testemunhos registados. O Corte 2 resumiu-se a uma pequena sondagem de 3 x 3 m realizada no interior da fortaleza afonsina, que corresponde ao ponto de maior altimetria em toda a colina do castelo. Também aqui, a sobreposição de construções de diversas épocas impediu o progresso dos trabalhos em profundidade, tendo-se, no entanto, documentado quatro níveis de cronologia sidérica. Relativamente ao Corte 3, cumpre dizer que foi implantado em frente à porta Sul da referida fortificação medieval e era composto por 12 quadrados. A escavação desta área foi particularmente relevadora no que diz respeito à ocupação romana do sítio, em concreto a de época republicana, uma vez que daí provem grande parte do espólio integrável nesta cronologia (Arruda, 2002). Todavia, sob os vestígios desta ocupação foram igualmente registados alguns níveis sidéricos, a grande maioria datáveis da segunda metade do 1º milénio a.n.e., que, no entanto, não esclarecem acerca da organização urbanística deste período. Por último, deve referir-se que o Corte 4 consistia em 4 quadrados implantados na zona Sudeste do Castelo, entre a muralha e o paiol, sendo que destes apenas se concluiu a escavação em E10, onde, sob quase 3 m. de entulhos modernos, se registou igualmente uma ocupação de época romana e outra da Idade do Ferro.

A segunda etapa das investigações neste arqueosítio decorreu entre 2000 e 2003 e foi desenvolvida ao abrigo de dois projectos: MARCAS – “Castro Marim e o seu território imediato durante a Antiguidade”, apoiado pela FCT, e MARCAS-ERVA – “Castelo de Castro Marim: Estudo, recuperação e valorização do património arqueológico”, promovido pela CCR Algarve e pela Câmara Municipal de Castro Marim. Esta nova fase dos trabalhos permitiu o reinício das

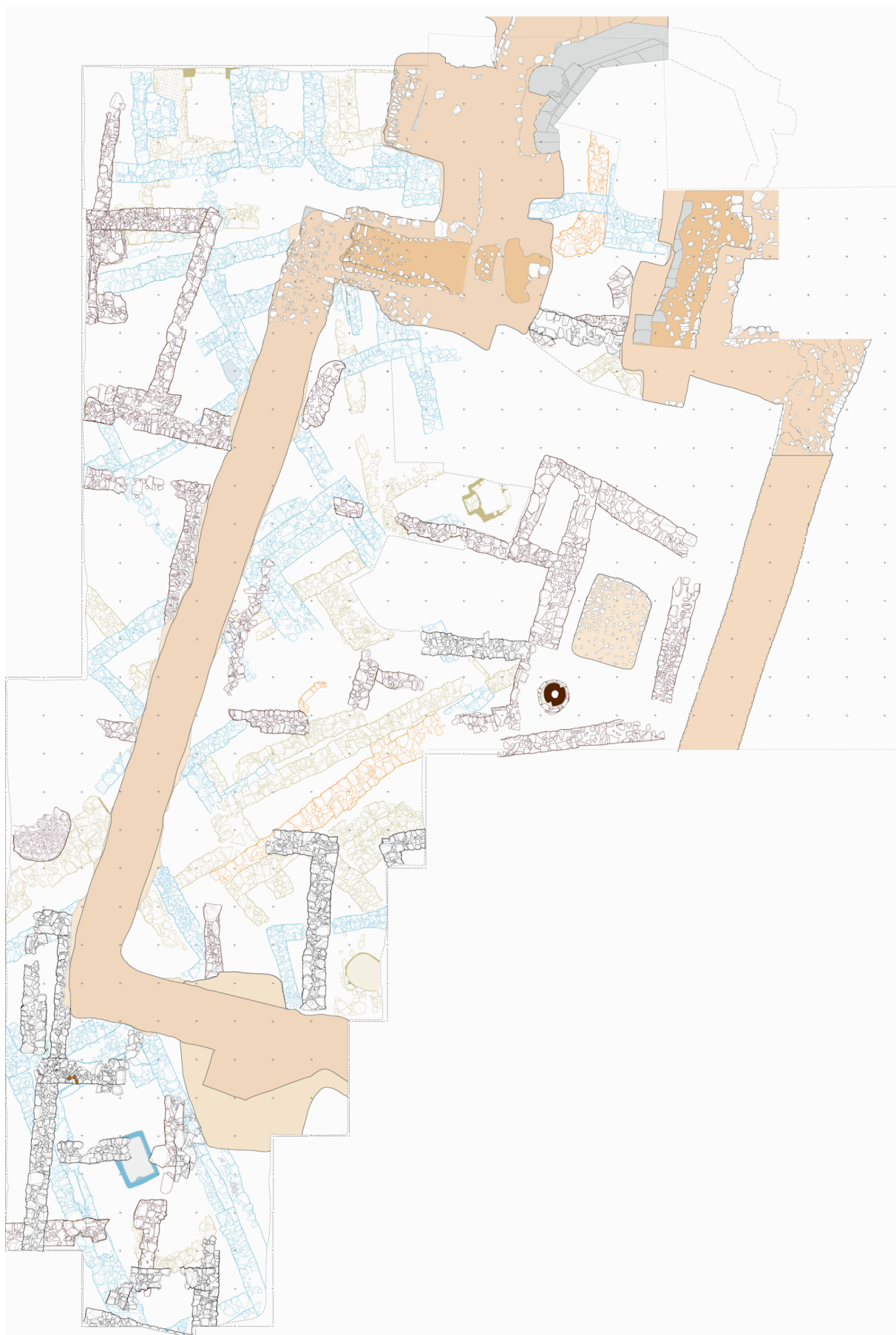


Figura 9 – Planta do Sector 1 com todas as estruturas romanas e proto-históricas.



Escavações agora realizadas em *open area* e seguindo os preceitos preconizados por Barker e Harris, que se prolongaram para Este e Sudeste do já referido Corte 1, passando-se então a designar-se de sector 1, perfazendo um total de 293 m² de área aberta (fig. 8 e 9). As novas escavações revelaram uma inusitada complexidade estratigráfica, consequência da longa diacronia de ocupação do sítio e acrescida por uma outra dificuldade: as fundações de um grande edifício religioso de época moderna amputaram parte das evidências arqueológicas pré-existentes, separando fisicamente o Sector 1 em duas áreas distintas, uma correspondente ao seu interior e outra ao exterior e que, por sua vez, também se encontravam diferentemente conservadas. Não obstante, foi possível escavar um numeroso conjunto de Unidades Estratigráficas relativas a vários momentos da ocupação antiga do Castelo, registando-se uma sequência estratigráfica que, em certos locais, atingiu os 3,5 m de profundidade. A considerável dimensão da área intervencionada, permitiu a leitura horizontal dos vários momentos construtivos e respectivos planos arquitectónicos, abrindo caminho para uma proposta de faseamento da ocupação proto-histórica do sítio (Arruda, Freitas e Oliveira, no prelo). Deve ainda referir-se que a escavação do Sector I entregou a esmagadora maioria dos exemplares de cerâmica manual com que lidei, motivo pelo qual, não posso deixar de apresentar, ainda que apenas em jeito de introdução, uma breve síntese do faseamento proposto para esta área, até porque o trabalho se estrutura em trono das fases de ocupação aí definidas.

3.3 - Síntese dos resultados das intervenções arqueológicas

O faseamento que aqui se apresenta fundamenta-se na estratigrafia observada durante a escavação do sector 1, onde as estruturas sidéricas postas a descoberto se conjugavam em diferentes planos arquitectónicos sobrepostos, aos quais se atribui uma fase de ocupação (fig.9). Não obstante, parte dos edifícios identificados apresentava claras evidências de acções de remodelação ou manutenção, reflectindo uma utilização prolongada dos espaços, cujo valor cronológico deve ser analisado dentro de cada fase. O esquema proposto organiza, por ordem crescente, a ocupação do sítio em sete fases, das quais aqui apenas interessam as cinco primeiras, por equivalerem a cronologias proto-históricas. Assim, a fase I corresponde à ocupação de Castro Marim em finais da Idade do Bronze, ao passo que as fases II, III, IV e V se integram já na Idade do Ferro, podendo ser datadas entre o século VII e III a.n.e. A fases VI e VII, dizem respeito à ocupação do sítio em época romana e moderna, respectivamente.

Da primeira ocupação do sítio restam poucos testemunhos, não se conservando quaisquer vestígios arquitectónicos. No sector 1 escavou-se um único nível enquadrável no Bronze Final, onde se recolheu exclusivamente cerâmica de fabrico manual. O repertório formal é dominado por taças e tigelas com carena bem marcada e acabamentos polidos com excepcional cuidado. A sua posição estratigráfica (imediatamente sobre substrato rochoso e sob uma fina camada estéril), bem como, a presença de algumas formas desconhecidas nos estratos da Idade do Ferro, apontam igualmente para uma cronologia do Bronze Final. Também na intervenção do Corte 3, havia sido identificado um outro testemunho passível de integrar neste período, concretamente,



uma fossa escavada no substrato rochoso de cujo enchimento provêm, também unicamente, fragmentos de grandes recipientes de cerâmica manual (Arruda, 1997, p. 113). Não podemos deixar de sublinhar que ambas evidências enquadráveis na fase I foram documentadas em áreas onde o afloramento rochoso se encontrava a uma cota mais elevada, sugerindo que a ocupação do sítio durante o Bronze Final tenha privilegiado as áreas mais altas.

O segundo momento de ocupação definido para o sítio está também mal preservado na estratigrafia, confinando-se basicamente a alguns estratos de natureza diversa, situados sob os edifícios da fase III, não se tendo documentado quaisquer contextos primários de utilização. A dificuldade de caracterizar a fase II reside igualmente na escassez e mau estado de conservação dos vestígios arquitectónicos, que surgem dispersos pela área de escavação e bastante truncados pelas ocupações posteriores (Fig. 23). Na zona central da área de escavação pôs-se a descoberto o que restava de uma área edificada, com estruturas consideravelmente mais largas do que das fases subsequentes e cujas fundações foram abertas no substrato rochoso. Apesar do deficiente estado de conservação, as ruínas deste espaço demonstram claramente a adopção de plantas rectangulares, que, não obstante, parecem conviver, neste momento, com construções de tendência ovalada. De facto, na zona Nordeste da escavação documentaram-se vestígios uma outra edificação onde se pode observar a utilização de técnicas construtivas mais arcaicas, nomeadamente o uso de esquinas arredondadas. O conjunto de material exumado nos estratos atribuídos à fase II, embora seja escasso e pouco representativo, denota importantes alterações relativamente ao Bronze Final, fruto da introdução da olaria produzida ao torno, que, neste momento, representa já mais de metade da amostra. A posição estratigráfica relativa dos níveis correspondentes a esta ocupação, sugerem uma cronologia balizada entre finais do séc. VIII e a primeira metade do século seguinte, uma vez que a fase subsequente pode ser datada da segunda metade do séc. VII.

O desenvolvimento interno desta sociedade, aliado à persistência de contactos com as comunidades fenício-ocidentais, resulta na reestruturação do povoado, que durante a fase III apresenta já características de tipo urbano, denunciando um plano arquitectónico prévio, onde se encontram espaços diferenciados, certamente relacionados com actividades também distintas. Não obstante, a crescente complexidade social e económica que a arquitectura denuncia é ainda acompanhada por elementos onde é bem visível a persistência de tradições do Bronze Final. As evidências arquitectónicas da fase III distribuem-se por duas áreas edificadas, orientadas em sentidos diferentes e separadas por um amplo espaço descoberto (Fig. 25). Os compartimentos 1, 2, 3 e 4 parecem fazer parte de um único edifício, cuja orientação segue o contorno da colina, correspondendo, provavelmente ao limite Nordeste do povoado. Na área central da escavação, pôs-se a descoberto uma outra zona edificada, composta por diversos espaços, orientados no sentido Este/Oeste. Os compartimentos 6, 7, 10 e 11 pertencem, aparentemente, a um mesmo edifício, do qual não foi possível reconhecer a planta total. A área 9 parece corresponder a uma zona de passagem entre o compartimento 10 e uma outra área compartimentada a Sul, por onde



também se acede ao compartimento 6, que se encontrava cuidadosamente pavimentado com conchas. A escavação deste complexo forneceu fortes evidências de algumas remodelações na organização do espaço, que, no momento do seu abandono, incluía dois novos compartimentos a Sul, 5 e 8 (Fig.24). Deve ainda mencionar-se a identificação de dois fornos com paredes construídas com argila e aos quais estavam associados consideráveis quantidades de restos faunísticos queimados e bastante fragmentados, sugerindo uma utilidade doméstica (Arruda, Freitas e Oliveira, no prelo). Relativamente à cronologia, alguns dos materiais já estudados, concretamente a cerâmica de engobe vermelho (Freitas, 2005), autorizam uma proposta centrada na segunda metade do séc. VII a.n.e.

A fase IV corresponde ao momento de ocupação sidérico onde se identificou um maior número de compartimentos, que se encontravam conservados em praticamente toda a extensão da área escavada. Os diferentes edifícios organizam-se em função de espaços exteriores, como por exemplo ruas ou “praças”, que funcionam como elementos estruturantes da “malha urbana”. À semelhança da fase anterior, observou-se que as construções localizadas no limite da colina do castelo (compartimentos 12, 13, 14) tinham uma orientação ligeiramente distinta das demais áreas edificadas e pertenciam, muito provavelmente, ao mesmo edifício. Com efeito, em ambas as fases o espaço foi aproveitado de forma muito similar, respeitando a topografia da colina, coincidindo até no número de divisões identificadas, pelo que, uma vez mais, se propõe que esta área corresponde ao limite do povoado. A área 16 parece ter funcionado como uma rua, dividindo a edificação a que se aludiu anteriormente de outra situada imediatamente a Sul. Este complexo construtivo, tem oito compartimentos (nº 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23 e 24) aparentemente todos relacionados entre si, embora construídos e abandonados em diferentes momentos. Desta fase, registou-se ainda um outro edifício, do qual se escavaram dois compartimentos de planta rectangular (nº 26 e 27), perpendiculares entre si e cujo acesso se fazia pelo mesmo espaço exterior. O compartimento 27 estava “equipado” com bancos corridos em duas das paredes e, no centro, com uma ampla lareira que sobressaía do piso cerca de 10 cm. O colapso deste espaço ficou registado na estratigrafia por um potente derrube de pedra, sugerindo que as suas paredes poderiam ser construídas exclusivamente neste material. O espaço entre os compartimentos 21, 22, 25 e 26, tinha um pavimento parcialmente estruturado por blocos de pedra, funcionando como uma pequena praça entre as áreas edificadas (Arruda, Freitas e Oliveira, no prelo).

A escassez de materiais datantes nos estratos da fase IV dificulta a sua determinação cronológica, que só pode ser atribuída considerando a estratigrafia relativa observada. Todavia, alguns elementos, nomeadamente a cerâmica de engobe vermelho e a própria olaria manual, como se verá adiante, parecerem conjugar-se no sentido de poder situar em finais do séc. VI o abandono da maioria dos edifícios da Fase IV. Não obstante, em relação ao compartimento 27 pode defender-se uma desactivação um pouco mais tardia, provavelmente já datada da primeira metade do séc. V. Sobre os derrubes deste espaço, registou-se um nível de entulhamento onde se



recuperaram vários fragmentos de cerâmica grega, nomeadamente fragmentos de taças Cástulo, que permitem datá-lo de meados do século V a.n.e. Assim, parece fazer sentido afirmar que este edifício foi destruído na 1ª metade do séc. V, uma vez que se torna difícil entender o seu abandono durante os dois primeiros quartéis desse mesmo século V (Arruda e Freitas no prelo). A esta cronologia deveriam também corresponder três grandes fossas localizadas na área Norte da escavação (Fig. 26), que documentam o lapso de tempo entre a desactivação de parte dos edifícios que compunham o plano arquitectónico da fase IV e a reestruturação urbanística inaugurada na fase V. A sua posição estratigráfica esclarece que foram escavadas sobre compartimentos abandonados em finais do séc. VI a.n.e., sendo posteriormente ocultadas por edifícios construídos na segunda metade do séc. V a.n.e., corroborando a proposta de uma cronologia da primeira metade da mesma centúria. A existência destas estruturas negativas testemunha um momento durante o qual, pelo menos parte da área escavada, parece ter sido utilizada como local de despejo (Oliveira, no prelo).

A fase V tem início na segunda metade do séc. V, momento durante o qual se erguem novos edifícios sobre as ruínas dos da fase precedente, que agora são orientados no sentido Nordeste/Sudoeste, documentando uma ruptura urbanística na forma de ocupar o espaço (Fig. 28). Parte dos espaços construídos neste momento permaneceram em funcionamento durante o século IV e III, tendo sido alvo de acções de manutenção, que ficaram plasmadas no registo arqueológico. Na zona central da escavação, pôs-se a descoberto uma ampla área edificada, composta por vários espaços relacionados entre si. O compartimento 29 aparenta uma planta rectangular, onde se sobrepõem vários de pisos de argila compactada, associados, por vezes, a lareiras quadrangulares delimitadas por blocos de pedra. No momento de construção deste espaço, foram aqui sepultados três neonatos, em fossas simples e sem qualquer tipo de espólio, dando conta da realização de rituais de fundação, que encontram os melhores paralelos na denominada cultura Ibérica. A área 30 correspondia, muito possivelmente, a uma área de passagem entre os compartimentos 29 e 31. Deste último, reconheceu-se apenas uma planta muito parcial, onde, no entanto, se são visíveis várias estruturas adossadas às paredes, bem como evidências relativas a um momento de destruição, especialmente bem preservado que, conforme sugere a presença de importações áticas, pode ser datado da segunda metade/finais do séc. V. A acção do fogo teve especial relevância na formação e preservação deste contexto, chegando a danificar algumas estruturas. As construções posteriores dividem o compartimento com uma estrutura erigida aproximadamente ao centro, talvez com o intuito de reforçar o edifício. O compartimento 32 apresenta uma planta trapezoidal, a que está anexo um espaço com uma área útil bastante reduzida. Na zona adjacente, para Este, definiu-se um outro compartimento (nº 33) onde se conservava, *in situ*, uma mó, ainda assente na sua base (Arruda, Freitas e Oliveira, no prelo).



Como se viu nos parágrafos anteriores, a ocupação proto-histórica do Castelo de Castro Marim pode ser faseada de acordo com as várias edificações reconhecidas na escavação do sector 1, sendo que apenas para o Bronze Final (Fase I) não se documentaram vestígios arquitectónicos. Os modelos construtivos, bem com as plantas e a própria organização urbanística dos vários edifícios, revelam uma marcada influência de tradições orientais, à data amplamente difundidas por populações fenício-ocidentais, instaladas na região do Estreito de Gibraltar, e que são também visíveis ao nível do espólio. As fases II, III e IV (séc. VII – primeira metade do séc. V) podem ser integradas na denominada I Idade do Ferro, sendo culturalmente afins do designado “mundo tartéssico” ou “orientalizante” reconhecido na Andaluzia ocidental. Por outro lado, os materiais recolhidos nos níveis da fase V (segunda metade do séc. V – séc. III a.n.e.) aconselham ao seu enquadramento na II Idade do ferro, mais propriamente na designada cultura Turdetana, embora também se reconheçam, neste momento, alguns fenómenos relacionáveis com influências Ibéricas.

O avançado estado de destruição em que se encontravam vários dos compartimentos escavados e a escassez de indicadores claros de um uso preferencial, dificultam a atribuição de uma funcionalidade concreta aos diferentes espaços. Todavia, o reconhecimento de lareiras e estruturas interiores adossadas às paredes, em quase todas as divisões, parecem sugerir um uso multifuncional. Não obstante, alguns elementos de excepção documentados nos compartimentos 11 e 6 da fase III, 27 da fase IV e 29 e 31 da fase V, levaram os autores da escavação a propor a sua utilização como prováveis espaços cultuais em ambiente urbano, onde inclusivamente se reconhecem possíveis altares (Arruda, Freitas e Oliveira, no prelo; Arruda *et alli*, no prelo).

Por último, importa reafirmar que as estratigrafias reconhecidas nas escavações dos Cortes 2, 3 e 4 se mostraram particularmente pobres em relação a níveis antigos da Idade do Ferro, sendo evidente a inexistência de estruturas construídas que possamos integrar nas fases II, III e IV definidas no sector I. Este panorama parece modificar-se no que diz respeito à ocupação iniciada a partir de meados do I milénio (fase V), cujos vestígios são evidentes em praticamente todos os quadrados escavados nos diversos cortes. Tal situação, parece corroborar a hipótese da ocupação mais intensiva, do ponto de vista do aproveitamento do espaço disponível, a partir da segunda metade do séc. V a.n.e., estendendo-se para área central da colina, uma zona que, provavelmente durante a primeira Idade do Ferro, estava livre de edificações.



4 – A cerâmica de fabrico manual do Castelo de Castro Marim

4.1 – Questões gerais de metodologia e terminologia.

O propósito deste apartado é definir os conceitos e critérios utilizados na divisão da cerâmica manual em diferentes categorias tecnológicas e morfológicas, de forma a evitar expressões ambíguas e descrições revestidas de subjectividade que, não poucas vezes, impregnam o “discurso arqueológico” dificultando a leitura comparada entre as várias tradições oleiras. A caracterização técnica do conjunto da cerâmica manual de Castro Marim ponderou propostas anteriores de vários autores (Balfet *et alli*, 1983; Orton *et alli*, 1997, Gonçalves, 1989, Vilaça, 1995), que se adoptaram conforme a sua pertinência para os materiais em estudo.

No que diz respeito ao tratamento de superfícies, distinguiram-se várias situações que se descrevem em seguida. As paredes polidas derivam da regularização, por abrasão, das superfícies, friccionadas com um objecto duro, numa fase em que o recipiente se encontra no denominado “estado de couro”, resultando na obtenção de um efeito brilhante. Se esta acção for executada com maior intensidade e numa fase mais avançada de secagem do recipiente, origina um brilho mais intenso e homogéneo, a que habitualmente se dá o nome de superfícies brunidas. Por outro lado, se existir algum desleixo, as paredes tendem a apresentar as marcas do instrumento utilizado, resultando um brilho facetado, denominando-se então de superfícies espatuladas. As paredes alisadas obtêm-se pela ligeira regularização das superfícies, normalmente feita aquando da modelação do recipiente, não conferindo qualquer tipo de brilho à pasta. Documentaram-se ainda paredes cepilhadas que decorrem da utilização de uma escova no tratamento superficial do recipiente quando a pasta se encontra ainda em estado fresco, conferindo-lhe um aspecto rugoso, com traços superficiais bem marcados que se entrecruzam. Em raros exemplares reconheceu-se a aplicação de engobes de natureza argilosa, nomeadamente em superfícies ligeiramente alisadas. Deve salientar-se que esta última técnica, bem como, o polimento e o brunimento, resultam no acréscimo de partículas finas na superfície, parecendo estar intimamente relacionada com a intenção de impermeabilizar os recipientes.

O processo de cozedura foi considerado homogéneo, no caso de os recipientes apresentarem uma cor regular em toda a superfície externa, e imperfeito ou irregular quando a falta ou excesso de calor ditaram que determinadas partes da mesma peça apresentassem uma coloração diferente. A atmosfera foi considerada oxidante ou redutora em função da presença ou ausência de gases no ambiente de cozedura, que determinam a cor pasta cerâmica. Sempre que o “núcleo” da pasta cerâmica apresentava uma cor mais escura do que a superfície optou-se pela designação de cozedura redutora/oxidante, pois, neste caso, parece que os recipientes experimentaram ambos tipos de atmosfera em diferentes fases do processo. No entanto, deve alertar-se que a coloração final das peças pode resultar não apenas do tipo de atmosfera onde estas são cozidas, mas também de outras variáveis, como por exemplo a natureza da argila e das inclusões, a temperatura atingida e o tipo de combustível utilizado, o que aconselha uma cautela redobrada quando se manejam estes conceitos. Na atribuição de cor não se seguiu qualquer



tabela cromática produzida para o efeito (por exemplo código de Munsell) uma vez esta leitura estaria sujeita à subjectividade do observador bem como do fragmento observado. Assim sendo, optei por designações cromáticas muito genéricas (acastanhado, acinzentado, alaranjado ou negro), que dizem respeito à coloração predominante de determinado fragmento ou recipiente.

A análise das pastas foi efectuada macroscopicamente, recorrendo por vezes a uma lupa de 20 aumentos para a identificação e caracterização das inclusões, segundo as seguintes variáveis: natureza, calibre e frequência. Entre as inclusões reconheceram-se óxidos de ferro, quartzto e micas, a par de outros elementos que não consegui identificar (minerais negros). Quanto às dimensões, distingi três grupos: pequenos (0,1 - 0,25 mm), médios (0,25 - 0,50 mm) e grandes (> 0,50 mm). Em relação à sua frequência, consideraram-se raros, moderados e abundantes. Foi também possível identificar nas pastas vestígios de matéria orgânica, de que constitui o exemplo mais flagrante um exemplar onde se conservou uma pequena folha carbonizada. Em muitos outros fragmentos documentou-se a adição de pequenos ramos e palhas, que se conservaram, em negativo, na pasta cerâmica. Esta situação é generalizada no fabrico de cerâmica manual, particularmente nos recipientes de factura tosca, pelo que, também será devidamente assinalado nos critérios de definição dos fabricos.

A conjugação destas propriedades permitiu dividir as pastas, quanto à homogeneidade, em: compactas (com raras inclusões de pequena e média dimensão que se encontram bem distribuídas), semcompactas (com frequentes inclusões de calibre médio) e pouco compactas (abundantes inclusões com especial relevo para as de grande dimensão). Em função destes critérios defini diversos grupos de fabrico (veja-se 4.2.1), que, obviamente, só podem ser confirmados por análises químicas ou microscópicas (lâminas delgadas).

A tabela formal que apresento neste capítulo diz respeito à totalidade das peças de cerâmica manual recolhidas nas escavações do Castelo de Castro Marim, não se revestindo, portanto, de um carácter cronológico. Ainda assim, deve esclarecer-se que alguns dos subtipos/formas representados, bem como algumas decorações, são exclusivos de determinadas fases de ocupação do sítio, como, a seu tempo, se explicitará.

O modo como “arrumei” o conjunto agora apresentado transpira a influência de diversos contributos (Balfet *et alli*, 1983; Orton *et alli*, 1997, Ruiz-Mata, 1995; Fabião, 1998), tentando ter sempre presente a artificialidade a que processo está sujeito, que resulta, sobretudo da necessidade do investigador organizar em grupos menores uma realidade mais vasta, procurando assim leituras comparadas. A proposta que aqui apresento baseia-se na conjugação dos atributos técnicos, morfométricos e suposta funcionalidade dos vários recipientes, procurando, no entanto, reunir agrupamentos latos, ainda que estes possam envolver notáveis variações ao nível da forma. Com efeito, a escassez de exemplares com o perfil completo e a irregularidade própria do fabrico manual de cerâmica, aconselhavam moderação na divisão do conjunto, sob pena de multiplicar,



infinita e imperceptivelmente, as “variantes possíveis” de numa mesma forma genérica. Os recipientes foram distribuídos por diferentes tipos, em função da sua morfologia genérica e capacidade volumétrica, podendo corresponder ou integrar uma determinada categoria. Na larga maioria dos tipos foi possível distinguir diversas formas, com uma codificação própria, definidas segundos critérios relacionados com a orientação do bordo e das paredes, ainda que estes tenham que ser suficientemente latos de modo a permitir a integração de fragmentos de reduzida dimensão, classificados por afinidade. Uma das distinções gerais também efectuada foi entre as formas abertas e formas fechadas, ainda que tal, não tenha impedido de, em alguns casos, reunir num mesmo tipo, recipientes com ambas as tendências. Na verdade, tentei não atribuir excessiva importância a este conceito, até porque, a sua determinação diverge segundo a interpretação de diversos autores (veja-se por exemplo Fabião, 1998, p. 14 e ss. e Mataloto, 2004, p.63).

Relativamente à descrição das formas, procurou-se utilizar, de modo sistemático, vocabulário simples e corrente, sempre que possível evocando a morfologia de sólidos geométricos. A nomenclatura das várias categorias isoladas inspirou-se na proposta de J. Alarcão (1974), que, por afinidade, atribui uma terminologia actual às formas antigas. Nas formas abertas, distinguiram-se as baias/alguidares das taças, e estas, por sua vez, das tigelas, em função das dimensões, claramente inferiores na última categoria, ainda que, em ambas, seja possível reconhecer recipientes de morfologia análoga. As categorias denominadas de copos, lucernas e sertã, foram definidas com base em exemplares raros ou mesmo únicos, que configuravam uma morfologia muito específica, facilmente distinguível dos demais recipientes. As formas fechadas resumem-se a alguns tipos e formas da categoria dos potes/panelas, que integram igualmente recipiente abertos. Nesta categoria, operou-se igualmente uma divisão em vários tipos, consoante as dimensões dos recipientes, na presunção que estes pudessem ter sido utilizados com diferentes finalidades. Reservou-se ainda um tipo próprio (tipo 6) para os vasos que apresentavam um bordo reentrante, que, neste aspecto, diferem de todos os outros, onde o bordo apresenta sempre uma tendência divergente, ainda que por vezes esteja muito perto da verticalidade.

À semelhança do que foi feito no estudo de outros materiais sidéricos recuperados no Castelo de Castro Marim, nomeadamente em relação à cerâmica de engobe vermelho (Freitas, 2005a e 2005b) e cerâmica Kuass (Sousa, 2005), a análise estatística do conjunto aqui apresentado baseou-se na definição de um número mínimo de indivíduos (NMI), de acordo com o protocolo estabelecido na mesa redonda realizada em Mont Beauvray (Arcelin e Tuffreau-Libre, 1998). Assim, segundo as normas aí preconizadas, realizou-se previamente uma separação dos fragmentos em grupos de fabricos, seleccionando-se, posteriormente os exemplares que permitiam uma classificação formal. Dentro desse grupo, o NMI foi estabelecido em função do elemento caracterizador (bordo, fundo, asa) mais abundante que, dentro de cada unidade estratigráfica e de cada grupo de fabrico, possibilitava o reconhecimento da forma.



4.2 - **Manufatura, acabamentos e cozeduras.**

Do ponto de vista tecnológico, pode dividir-se o conjunto em três tipos principais: cerâmica cuidada, semi-cuidada e tosca. O primeiro tipo apresenta pastas relativamente bem depuradas, com inclusões de pequeno calibre e acabamentos polidos ou brunidos, resultando em peças de grande homogeneidade e regularidade, geralmente de reduzidas dimensões. As características de alguns recipientes de excepcional execução sugerem a possibilidade de terem sido utilizados moldes na sua elaboração, bem como do “torno lento” nos acabamentos, que frequentemente apresentam um aspecto compacto e brilhante. Esta inusitada qualidade, evidente sobretudo se comparada com outros recipientes de factura tosca, acaba por justificar a utilização de expressões como *cerâmica fina*, de *paredes finas* ou *cerâmica brunida*, amplamente difundidos na bibliografia, quer espanhola quer portuguesa. A olaria semi-cuidada caracteriza-se pela pasta grosseira e pouco decantada, cuja modelação é feita por pressão ou pela sobreposição de rolos, mas que apresenta acabamentos regulares conseguidos pelo alisamento ou polimento das paredes. Esta última técnica está sobretudo representada em recipientes de maiores dimensões e que não apresentam marcas de exposição ao fogo, devendo relacionar-se com a intenção de os impermeabilizar, tornando-os vantajosos em actividades de armazenagem. A designação de cerâmica tosca abrange aqueles recipientes que ostentam uma superfície rugosa, fruto de um alisamento muito irregular ou da passagem de um “cepilho”, sendo esta “técnica” consideravelmente mais rara.

De um modo geral, pode dizer-se que a grande maioria dos recipientes de cerâmica manual encontrados em Castro Marim, resultam de cozeduras imperfeitas, sugerindo que estas fossem realizadas em estruturas precárias, como simples fossas abertas no solo, onde o combustível está em contacto directo com as peças. Neste tipo de condições, a atmosfera é simultaneamente oxidante e redutora, variando consoante as fases de cozedura, que, por sua vez, estão condicionadas por determinadas variáveis, como por exemplo o vento ou o combustível utilizado. No entanto, a fase de arrefecimento é sempre oxidante, conferindo uma coloração irregular às paredes, que, numa mesma peça pode variar entre cinzento-escuro e o laranja-claro, denunciando uma “arrumação empilhada” na estrutura de combustão. Não obstante, a regularidade e coloração clara e homogénea de alguns exemplares sugerem a utilização de outras tecnologias na sua produção. Com efeito, certas peças apresentam características que permitem integrá-las nas cozeduras de modo A definidas M. Picon (2002), coincidindo, neste aspecto, com as demais cerâmicas a torno reconhecidas no sítio. Neste tipo de cozedura, a atmosfera é redutora durante a fase inicial, enquanto que, a partir do momento em que se suspende a alimentação de combustível e se abre o forno, esta passa rapidamente a oxidante (*Idem, Ibidem*, 143). Dependendo da argila utilizada, este processo permite a obtenção de recipientes com superfícies de tons claros, sob as quais se pode observar, por vezes, um núcleo de cor mais escura que testemunha a fase inicial da cozedura em ambiente redutor. Todavia, outros fragmentos podem ser integrados no modo B do citado investigador, uma vez que a sua pasta apresenta uma tonalidade escura regular, denunciando uma cozedura e arrefecimento em



ambiente redutor, realizada provavelmente em fornos de câmara única, dos quais temos alguns exemplos em Castro Marim, embora não possam ser relacionados directamente com esta actividade.

4.2.1 – Os fabricos identificados.

O exame macroscópico realizado com a ajuda de uma lupa permitiu dividir as pastas em grupos de fabrico distintos, que, no entanto, podem corresponder a um único contexto geológico. Dentro de cada grupo distinguiram-se ainda duas variantes, relativas ao tipo de cozedura observado: A (cozedura oxidante e redutora/oxidante) e B (cozedura redutora). A análise efectuada permitiu distinguir quatro grupos, cuja descrição está sintetizada na tabela apresentada.

Fabrico		Inclusões				Pasta			Tipo cozedura
		natureza	forma	frequência	tamanho	natureza	homogeneidade	cor	
1	A	quartzo	arredondados	rara	peq.	não calcária	compacta	castanho médio/ cinzento	A
	B	quartzo	arredondados	rara	peq.	não calcária	compacta	castanho escuro/ cinzento escuro	B
2.	A	óxidos ferro quartzo min. negros	arredondados/ sub-angulosos	moderados	médios	não calcária	semicompacta	castanho médio/ cinzento	A
	B	óxidos ferro quartzo min. negros	arredondados/ sub-angulosos	moderados	médios	não calcária	semicompacta	castanho escuro/ cinzento escuro	B
3	A	óxidos ferro elemt. vegetais quartzo min. negros	arredondados/ sub-angulosos	abundantes	grandes	não calcária	pouco compacta	castanho médio/ cinzento	A
	B	óxidos ferro elemt. vegetais quartzo min. negros	arredondados/ sub-angulosos	abundantes	grandes	não calcária	pouco compacta	castanho escuro/ cinzento escuro	B
4	A	moscovite quartzo frag. rocha	arredondados/ sub-angulosos	abundantes	médios/ grandes	não calcária	semicompacta	castanho médio	A

Figura 10 – Tabela com a descrição dos grupos de fabrico da cerâmica manual do Castelo de Castro Marim.

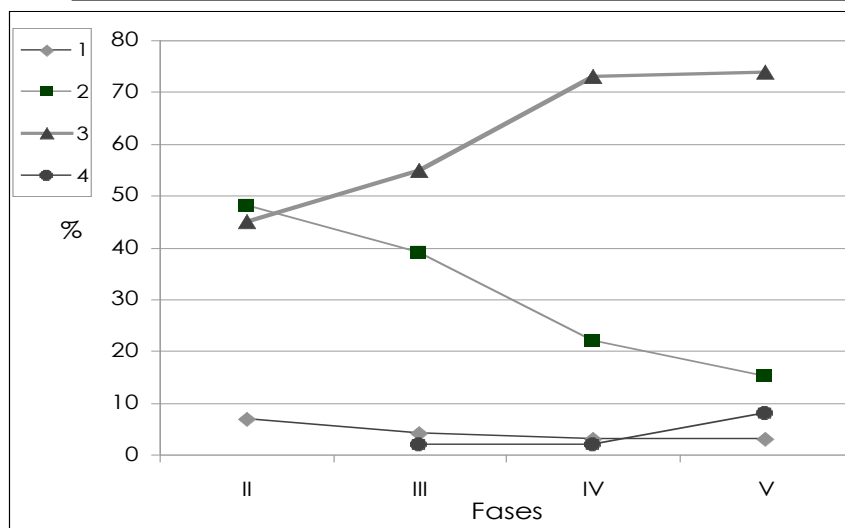


Gráfico 1 – Frequência dos grupos de fabrico nas fases sidéricas de Castro Marim

O grupo 1 corresponde exclusivamente às produções cuidadas com paredes muito delgadas, tendo sido documentado uma quantidade semelhante de ambas as variantes de cozedura. A sua expressão no conjunto isolado para cada uma das fases de ocupação é, comparativamente, diminuta, nunca ultrapassando os 10 %. Ainda assim, é visível uma tendência decrescente deste tipo de fabrico a partir da fase II (7 %)

até fase V (3%) (Gráfico 1). O Grupo 2 inclui cerâmica cuidada e semi-cuidada, diferenciando do anterior por apresentar uma maior diversidade de inclusões. À excepção da fase II, na qual é maioritário, nas restantes fases, este grupo é sempre o segundo mais representado, embora no derradeiro momento da ocupação sidérica corresponda apenas a 15% das cerâmicas identificadas. As cozeduras do tipo B são ligeiramente maioritárias em todas as fases analisadas. O progressivo decréscimo do grupo 2 é compensado pelo incremento das produções incluídas no grupo 3. Este fabrico reúne alguns recipientes de factura semi-cuidada, ainda que a grande maioria corresponda a cerâmica tosca. Na fase V, assiste-se a um absoluto predomínio dos fabricos do grupo 3 que representam 74 % do conjunto total das cerâmicas manuais. Este facto está intimamente relacionado com o decréscimo verificado nos recipientes do tipo taça e tigela, ao invés do que se verifica nos contentores do tipo pote/panela, tendo sido, principalmente, nestes que se identificaram pastas do grupo 3. Ao nível das cozeduras verifica-se um equilíbrio considerável entre ambas as variantes definidas. O grupo 4 foi reconhecido apenas a partir da fase III, encontrando-se sempre escassamente representado. Este fabrico distinguiu-se dos demais pela identificação de micas (moscovite) entre as inclusões da pasta. Tal circunstância pode estar relacionada com uma produção fora do âmbito estritamente local do sítio, podendo ser vista com um elemento importado, ainda que, não necessariamente de paragens muito longínquas. Não obstante, esta hipótese só poderá ser confirmada ou refutada através da realização de análises arqueométricas. Todavia, a confirma-se esta possibilidade não seria já de estranhar, tendo em conta os resultados das análises de lâmina delgada efectuadas nas cerâmicas manuais de Abul, que evidenciam uma proveniência de um local situado a dezenas de quilómetros, abrindo portas para a percepção de esquemas produtivos mais complexos, que podem superar o âmbito estritamente doméstico ou comunitário (Schmitt, 2000, p. 279).



4.3 – As formas

A tabela de formas que se apresentam neste capítulo pretendem compilar a generalidade das formas produzidas em cerâmica manual e exumadas nas camadas do Bronze Final e da Idade do Ferro no Castelo de Castro Marim. Como já se disse, optou-se por uma divisão muito genérica de diferentes categorias de recipientes, privilegiando, como critérios de análise, não só, nem principalmente, a morfologia, mas também o seu aspecto geral e potencial funcionalidade.

4.3.1 – Potes / Panelas

Esta categoria incorpora vasos com diferentes dimensões e perfis, motivo pelo qual a subdividi em vários tipos, dentro dos quais é também possível identificar algumas variantes. As formas incluídas nesta categoria correspondem, *grosso modo*, aos tipos E e G definidos por D. Ruiz-Mata (1995), ou seja, recipientes de grande capacidade e panelas, respectivamente. A opção de reunir, sob a mesma designação, formas diferentes, prende-se com a convicção de que estas poderiam cumprir uma mesma função ou funções, nomeadamente a armazenagem, no caso dos recipientes de maior dimensão, ou a confecção de refeições e pequena reserva, em exemplares mais pequenos. Com efeito, os recipientes incluídos nesta categoria apresentam uma considerável variabilidade morfológica, cuja funcionalidade parece reportar-se a actividades correntes, como sugere a sua incidência no registo arqueológico. À excepção do tipo 6, os bordos são sempre exvertidos ou de tendência vertical, possuindo um estrangulamento ao nível do colo, que pode ser mais ou menos acentuado.

Ao tipo **1** fizemos equivaler os contentores de grande capacidade, fechados, com uma abertura de boca superior a 25 cm, podendo, no entanto, atingir quase o dobro destas medidas. Por norma, apresentam um tratamento das paredes semicuidado, caracterizado por superfícies polidas, provavelmente com o intuito de as impermeabilizar. A principal dificuldade em distinguir formas dentro deste tipo reside na escassez de exemplares que conservem integralmente o seu perfil. Ainda assim, o desenho dos inúmeros bordos com as dimensões acima referidas, bem como a recuperação de um recipiente completo, permitem uma distinção genérica entre recipientes com bordo amplamente esvasado, colo alto e "acampanado" (forma **1.A**), e outros, com bordo menos esvasado e colo curto, ligeiramente estrangulado (forma **1.B**). O exemplar completo que recolhemos da primeira forma, a par das características já enunciadas, apresentava um fundo plano e corpo troncocónico separado do colo por uma carena suave, remetendo para os habitualmente denominados "vasos à chardon". Não obstante, convém referir, que nem todos os exemplares integrados na variante 1.A deverão corresponder a este tipo concreto de contentores, uma vez que, na maioria dos casos, a sua inclusão neste grupo foi motivada unicamente pelo reconhecimento de um bordo esvasado, não sendo possível determinar a morfologia desenhada pelo respectivo corpo.



Categoria	Tipo	Sub-tipos / Formas
	1	
Potes / Panelas	2	
	3	
	4	
	5	
	6	

10 cm

Figura 11 – Tabela com as várias formas de Potes/ Panelas de cerâmica manual.

O tipo **2** corresponde a vasos com diâmetros de bordo compreendidos entre 15 e 25 cm e uma altura estimada entre 28 e 17 cm, conforme demonstram alguns exemplares completos. Normalmente, apresentam superfícies alisadas e aspecto tosco, não se reconhecendo claros sinais da sua exposição ao fogo, pelo que, também neste caso, poderia aplicar-se a denominação de potes, remetendo para uma utilização enquanto recipientes de armazenagem. Dentro deste tipo genérico, distinguiram-se três formas básicas, em função da orientação do bordo e da morfologia do corpo. A forma **2.A** possui um corpo de tendência ovóide, com fundo plano, bordo ligeiramente exvertido e colo estrangulado. Na forma **2.B** foram incluídos os fragmentos que apresentavam um bordo e colo vertical. O corpo dos vasos com este tipo de colo seria, muito provavelmente, também ovóide, conforme sugere a inclinação das paredes de inúmeros fragmentos. Esta possibilidade, que não pode ser absolutamente confirmada dada a ausência de exemplares completos, não parece ser desmentida pela identificação de um vaso que conservava integralmente o perfil e que apresentava uma configuração de feição "globular achatada" As formas acima descritas correspondem a recipientes fechados, algo que não sucede com o tipo **2.C** que reservámos para um exemplar único de um vaso com corpo troncocónico, bordo exvertido e colo ligeiramente estrangulado, cuja morfologia remete para o universo das formas abertas.



Figura 12 – Painela com vestígios de fuligem.

No tipo **3**, reuni os recipientes fechados, de perfil sinuoso, cujas formas são basicamente as mesmas do tipo 2, mas reproduzidas numa escala menor, com diâmetros de abertura inferiores a 15 cm. Os vasos incluídos neste tipo apresentam, igualmente, as superfícies apenas alisadas com um aspecto tosco, mostrando muitos dos exemplares evidentes sinais de terem sido expostos ao fogo, concretamente fuligem, sugerindo a sua utilização como painelas de cozinha. Não obstante, outros exemplares não evidenciam quaisquer marcas que remetam para esse tipo de utilização, pelo que é provável que tenham

servido igualmente como contentor de pequena armazenagem, possivelmente restringido ao âmbito doméstico, dada a sua reduzida capacidade. Entre os recipientes incluídos no tipo 3, definiram-se três formas em função da orientação do bordo e da sua morfologia geral.

A forma **3.A** é de longe a melhor representada, caracterizando-se por possuir um bordo esvasado, colo curto e estrangulado e um corpo de tendência ovóide, desenhando o que habitualmente se designa por "perfil em S". Os fundos são geralmente planos, embora num dos exemplares se tenha reconhecido a adopção de uma morfologia convexa. Em alguns dos exemplares integrados nesta forma, foi ainda possível reconhecer a existência de asas de secção circular, que ligavam o bordo ao corpo.



À semelhança do que se fez em relação ao tipo 2, também no tipo 3 se distinguiram os recipientes que apresentavam um bordo de tendência vertical, para os quais reservámos a designação de forma **3.B**. Um exemplar com perfil completo, apresentava uma morfologia “globular achatada”, em tudo semelhante ao recipiente representado na forma 2.B, à excepção das dimensões e do aspecto visual, sendo que, neste último, a superfície exterior apresentava uma coloração alaranjada relativamente homogénea, ao passo que na peça incluía no subtipo 3.B as paredes mostravam evidentes sinais de exposição reiterada ao fogo (Fig. 12), denunciando uma utilização diferenciada de ambos. Contudo, outros exemplares com bordo de tendência vertical, apresentam um corpo mais desenvolvido, configurando uma morfologia ovóide.

Na forma **3.C** reunimos os vasos com paredes de tendência vertical ou muito pouco bojudas, fundo plano e um colo ligeiramente estrangulado, provocando um suave envasamento do bordo, que pode ser de quase recto ou suavemente extrovertido e oscilar entre os 8 e 12 cm de diâmetro. Trata-se de recipientes que devem ser incluídos na categoria das formas abertas, na medida em que apresentam uma morfologia de pendor cilíndrico, onde o diâmetro de abertura é igual, ou pouco maior, do que o da base. O único exemplar completo recolhido em Castro Marim tem 10 cm de altura e sensivelmente as mesmas dimensões de abertura, sendo dotado de duas pegas, que constituem um elemento muito característico da fase em que foi documentado (fase V). O seu perfil apresenta óbvias semelhanças com o recipiente integrado na forma 2.C., embora seja reproduzido a uma escala bem menor, almejando, provavelmente, uma funcionalidade diferenciada. Com efeito, as dimensões e morfologia dos vasos designados 3.C parecem adaptar-se a funções relacionadas com o consumo individual de bebidas, como tem sido aliás repetidamente proposto para formas análogas, pelo que também os poderíamos ter chamado de copos. Embora não se afaste essa possibilidade, bem pelo contrário, preferi inclui-los nesta grande categoria dos potes/panelas, uma vez que grande parte dos fragmentos assim classificados apresentavam marcas inequívocas de acção do fogo e uma pasta irregularmente alisada e de cor negra, característica daqueles recipientes pensados para ir ao lume. De facto, parece óbvio que estas hipotéticas funcionalidades não se excluem mutuamente, sendo mesmo credível que pudessem combinar-se, nomeadamente se admitirmos que diferentes alimentos poderiam aquecer-se e ser consumidos no mesmo recipiente. Neste contexto, haveria que referir, embora de modo meramente hipotético, a sua utilidade no consumo de sopas ou caldos quentes, ou no aquecimento bebidas (leite?), que podiam ser ingeridos levando o recipiente à boca.

A forma **3.D**. foi individualizada a partir de dois exemplares que, num dos casos, apresentava o bordo esvasado, ao passo que em outro, este era de tendência vertical, possuindo ambos um corpo bi-troncocónico, assente sobre uma base plana. Recipientes com as mesmas características são conhecidos em muitos outros sítios, como por exemplo La Mata (Rodríguez Díaz e Ortíz Romero, 2004, p. 226) e Castrejón de Capote (Berrocal Rangel, 1994), onde foram interpretados como “vasos de beber” e integrados nas formas B.9.f e VII A, respectivamente, ou ainda no depósito votivo de Garvão, (Beirão *et alli*, 1985, p. 101-103, fig. 39, nº 139), onde se registaram no designado



conjunto IX, em associação, entre outros materiais, com um *oinochoe* e um queimador (*idem, ibidem*). Considerando os paralelos supra mencionados, parece fazer sentido atribuir a esta forma um significado cronológico e, porventura, cultural, cujo enquadramento se poderia balizar entre finais do séc. V. a.n.e. e o séc. III a.n.e. Resta dizer que os exemplares de Castro Marim se podem datar com relativa precisão de finais do séc. IV a.n.e., uma vez que se encontravam associados a cerâmica do tipo Kuass, típica desta cronologia (Sousa, 2005).

Ao tipo **4** fizemos corresponder pequenos recipientes de formas fechadas, cujo diâmetro máximo do bordo não ultrapassa os sete cm, tendo uma altura estimada entre cinco a sete cm. As reduzidas dimensões destes recipientes, assim como o tratamento semi-cuidado das paredes, adequam-se bem à designação de “potinhos”, sendo, por outro lado, características que parecem afastar a possibilidade da sua utilização como panelas de ir ao lume. De facto, não resulta difícil imaginar que estes recipientes poderiam servir para guardar ingredientes ou condimentos utilizados em reduzida quantidade de cada vez. Não obstante, é também possível que pudessem servir para o consumo individual de substâncias líquidas. Este tipo tem uma fraca expressão no registo arqueológico do sítio, estando representado por um reduzido número de exemplares que, no entanto, denotam uma apreciável variabilidade morfológica. Assim, a subdivisão deste tipo compreende recipientes de bordo esvasado, colo estrangulado e corpo de tendência ovóide (forma **4.A**); um vaso com bordo vertical e bojo ovóide, munido de asa na ligação entre estes dois elementos (forma **4.B**); a par de outros com o corpo troncocónico separado do colo por uma carena e cujo bordo é ligeiramente exvertido (forma **4.C**). Estas formas estão intimamente relacionadas com aquelas que integrámos no tipo 3, na medida em que correspondem, *grosso modo*, à sua reprodução a uma escala inferior.

O tipo **5** define um tipo de recipiente de forma aberta, com o bordo amplamente esvasado, colo vertical muito desenvolvido e um corpo semiesférico, assente sobre uma base plana. O exemplar a partir do qual foi possível reconstituir integralmente esta forma apresenta uma largura de boca de 22,5 cm e uma altura estimada em cerca de 15 cm. As suas paredes ostentavam um tratamento tosco, encontrando-se totalmente enegrecidas pela acção do fogo, motivo pelo qual pareceu fazer sentido inclui-lo na categoria dos potes/panelas. Apesar de não serem muito comuns, formas análogas são também conhecidas na olaria a torno quer em Castro Marim, onde se documentam em cerâmica cinzenta, quer em outros sítios, como por exemplo Santa Olaia, onde um exemplar está coberto com engobe vermelho (Pereira, 1997, p. 246, fig. 115, nº 2 e p. 248. fig. 117 b).

No tipo **6** reuniram-se os recipientes com bordos reentrantes, normalmente sem colo marcado, ou então apenas ligeiramente indicado. A ausência de exemplares com o perfil completo não permite afirmar taxativamente com se desenvolveria o corpo destes recipientes, desconhecendo-se também a morfologia dos seus fundos. Contudo, o facto de se conhecerem recipientes com características semelhantes em muitos outros sítios permite supor que estes configurassem uma forma globular ou ovóide, assente sobre um fundo plano. Dentro deste tipo genérico, distinguimos



duas formas: **6.A**, na qual se assinala uma inflexão da parede na zona que deveria corresponder à parte central da peça, que altera a inclinação divergente em relação ao bordo que até então apresentava, passando a ser tendencialmente vertical e **6.B**, com um bordo muito curto, separado do corpo por um ressalto acusado.

4.3.2 – Bacias/Alguidares

Sob a designação de bacias/alguidares agrupei os recipientes de formas abertas que apresentam grandes dimensões, acima dos 35 cm de diâmetro de abertura, chegando em alguns exemplares a ultrapassar o meio metro. As diferentes formas que incluí nesta categoria, que corresponde ao tipo **7** da tabela apresentada, parecem adaptar-se especialmente bem a funções relacionadas com actividades culinárias ou higiénicas. Entre as primeiras podem considerar-se algumas possibilidades que ainda nos nossos dias são usuais, como por exemplo amassar a massa para fazer pão ou lavar vegetais (Alarcão, 1974, p. 33), mas também poderiam ter serventia para armazenagem ou conservação de determinados produtos, nomeadamente sólidos, uma vez que se trata de formas abertas. Por outro lado, no âmbito da higiene pessoal deve referir-se a sua possível utilização para abluções (Fabião, 1998, vol. II, p. 48; Mataloto, 2004, p. 70), sendo, neste contexto, também interessantes as sugestões feitas por Jorge de Alarcão (*Ibidem*, p.33), considerando a hipótese da utilidade deste tipo de recipientes na lavagem de roupa ou para dar banho às crianças.

Categoria	Tipo	Sub-tipos / Formas
Alguidares / bacias	7	

Figura 13 - Tabela com as várias formas de Alguidares/ Bacias de cerâmica manual.

Como foi já dito, definiram-se várias formas dentro do tipo **7**, em função das suas características morfológicas. Assim, foi possível distinguir entre recipientes de bordo esvasado com corpo hemisférico (forma **7.A**) e outros de bordo reentrante com corpo de tendência globular (forma **7.B**). Embora mais raros, documentaram-se também recipientes de perfil carenado, com bordo ligeiramente côncavo e vertical, separado do corpo por uma carena angulosa a partir da qual se



desenvolvem as paredes, supostamente arqueadas, para os quais se reservou a designação de forma **7.C**. As formas **7.D** e **7.E** foram definidas a partir de exemplares únicos, encontrados em estratos das fases III e IV da ocupação do sítio, respectivamente. A primeira possui um bordo extrovertido e corpo hemisférico, sobre o qual foi realizada uma decoração impressa, conseguida pela "beliscagem" da pasta de modo a perfazer uma fileira, situada imediatamente abaixo do colo. A segunda apresenta um bordo ligeiramente extrovertido e um corpo que se desenvolve na vertical, configurando, possivelmente, uma morfologia cilíndrica. Por último, deve dizer-se que, as paredes dos recipientes integrados nesta categoria se encontravam polidas, configurando uma situação a que se fez corresponder a denominação de olaria semi-cuidada.

4.3.3 – Taças

Os recipientes que designei por taças correspondem ao tipo **8** da tabela apresentada e podem caracterizar-se, genericamente, por serem formas abertas e profundas, que, na maioria dos casos, receberam um tratamento polido ou brunido na parte interior e exterior das paredes. O nome "taça" para designa os recipientes que, apesar de reproduzirem muitas das morfologias reconhecíveis nas categorias das bacias/alguidares (tipo 7) e das tigelas (tipo 9), se podem distinguir destas pelas suas dimensões, ficando, neste aspecto, entre os dois tipos atrás mencionados. Assim, as vasilhas integráveis neste tipo são aquelas que apresentam um diâmetro de abertura compreendido entre os 35 e os 20 cm e uma altura estimada entre os 9 e os 15 cm, conforme demonstram alguns exemplares com o perfil completo. Alguns dos vasos integrados nesta categoria têm correspondência com as formas A e C da tipologia apresentada por D. Ruiz-Mata (1995), que as denomina como *platos/cazuelas* e *cuencos*, respectivamente

As características morfométricas deste tipo de recipientes parecem adequar-se a um vasto leque de possíveis utilizações, entre as quais caberia destacar as relacionáveis com a culinária. Neste âmbito, não é difícil imaginar que constituíssem uma vasilha absolutamente multifuncional, podendo ser utilizada na preparação e serviço de "refeições", servir como recipiente de consumo individual ou colectivo (por exemplo "saladeiras" e "fruteiras") ou usado para recolher os desperdícios decorrentes das actividades culinárias. Em última análise, a utilização deste tipo de recipientes parece configurar uma situação muito semelhante à que lhe é dada actualmente nas "nossas" cozinhas, por mais modernas e sofisticadas que possam ser.

Categoria	Tipo	Sub-tipos / Formas
Taças	8	

Figura 14 - Tabela com as várias formas de Taças de cerâmica manual.



As distintas características morfológicas, nomeadamente ao nível da orientação das paredes e da conformação dos perfis, foram determinantes para a definição das várias formas que compõem a categoria das taças. Assim, mais uma vez foi possível distinguir recipientes de bordo esvasado com corpo de hemisférica (forma **8.A.1**) ou troncocónico (**8.A.2**) de outros que apresentavam bordo ligeiramente convergente e para os quais se pode presumir um corpo de tendência globular (forma **8.B**). Sob a designação **8.C** reuni as peças de perfil carenado, sendo estas as que melhores paralelos apresentam com os recipientes da tipologia de Ruiz-Mata (1995). A forma **8.C.1** é caracterizada por um bordo esvasado e ligeiramente côncavo, separado do corpo por uma carena saliente e aguçada, situada na zona central do recipiente. Apenas dois exemplares, ambos encontrados no nível relativo à ocupação do Bronze Final (fase I), podem ser integrados nesta forma, cuja equivalência ao tipo A.l.b de Ruiz-Mata (*Ibidem*, p. 268 e 290, fig.7) parece inquestionável, ainda que nas peças de Castro Marim o bordo seja mais esvasado. Na forma **8.C.2**, o bordo é mais curto, podendo ser ligeiramente extrovertido ou de tendência vertical, enquanto que a carena é igualmente bem marcada, mas mais alta e menos saliente em comparação com o tipo anterior. Na tipologia organizada pelo autor supracitado, estes recipientes integram-se nas formas A.l.a e A.l.d, sendo consideradas como tipos característicos da área Onubense (*Idem*, *Ibidem*, p. 268, 286-fig.7 e 292 -fig. 8 nº 5 e 6). A forma **8.C.3** possui um bordo curto, levemente esvasado ou de tendência vertical, e uma carena na zona central do corpo que separa a parte superior, de morfologia troncocónica, da inferior, supostamente hemisférica, equivalendo ao tipo A.l.f de Ruiz-Mata (*Ibidem*, p. 269 e 293, fig.9), a partir do qual é possível supor que os fundos fossem convexos. A presença destes recipientes nos níveis sidéricos de Castro Marim (fases II e III) é particularmente interessante, uma vez que estes têm sido considerados uma forma exclusiva da área do Baixo Guadalquivir, onde constituem elementos característicos do Bronze Final. Apesar dos nossos exemplares procederem de contextos secundários e, portanto, poderem efectivamente datar dos finais da Idade do Bronze, não é, contudo, descabido pensar que a utilização deste tipo de recipientes tenha perdurado nos momentos iniciais da Idade do Ferro, sobretudo se tivermos em consideração que a defesa de uma datação mais antiga se fundamenta, entre outros sítios e materiais, nos do “fundo de cabana” do Carambolo, que, à luz dos novos dados de escavação, terá sido um importante santuário fundado durante o séc. VIII a.n.e. (Fernández Flores e Rodrigues Azogue, 2005a e 2005b), avançando a cronologia para o início da ocupação no sítio, que sempre se supôs ser anterior. A forma **8.C.4** caracteriza-se por ter um bordo curto e recto, que confina com um corpo troncocónico muito aberto, formando ângulo muito próximo dos 90 graus, marcado por uma acentuada carena. As características morfológicas deste tipo de recipientes, nomeadamente o facto de as paredes serem amplamente esvasadas, sugerem a possibilidade de terem sido usadas como tampas. Apesar desta hipótese, optei por incluí-las na categoria das taças, seguindo, neste aspecto, a proposta de Ruiz-Mata que as integra na forma A.ii.b, assinalando a sua ampla difusão durante o séc. VII a.n.e. (*Ibidem*, p.273-274, p. 300, fig.16, nº 2; p. 301, fig. 17, nº 12 a 16; p. 302, fig. 17, nº 7 a 9), confirmada igualmente pelos exemplares de Castro Marim, recolhidos nos níveis das fases II e III da ocupação do sítio. Na forma **8.D** agruparam-se as taças de corpo hemisférico, com maior ou menor profundidade, e bordo indicado por uma ligeira inflexão das



paredes, que não chega a formar uma carena. Os bordos podem ter uma tendência vertical ou exvertida e ter uma forma recta ou ligeiramente côncava, enquanto que os fundos são convexos, segundo nos informam alguns exemplares mais completos.

4.3.4 – Tigelas

A designação “tigelas” (tipo **9**) equivale a recipientes abertos, morfologicamente análogos às taças, mas que apresentam dimensões mais reduzidas, sendo o diâmetro de abertura sempre inferior a 20 cm. Apesar do conjunto em estudo não oferecer qualquer exemplar de perfil completo, alguns paralelos conhecidos permitem afirmar que são estas formas que, maioritariamente, recebem fundos com um pequeno ônfalo central. As superfícies são sempre polidas ou brunidas, em muitos casos com excepcional cuidado, conferindo às peças um brilho homogêneo e compacto, característico do que definimos como olaria cuidada. A espessura das paredes varia nos diferentes recipientes, entre 0,2 e 0,8 cm, alterando-se também em função da “topografia” de uma mesma peça, sendo sempre menor na sua parte superior. A reduzida grossura destes vasos, aliada à regularidade dos perfis, sugere a utilização de moldes na sua conformação, que podem ser outros recipientes de morfologia análoga, o que explicaria também a similitude reconhecida em muitos dos exemplares. Por outro lado, a singular qualidade dos acabamentos pode, também, ter sido conseguida pelo uso do “torno lento”.

Categoria	Tipo	Sub-tipos / Formas
Tigelas	9	

Figura 15 - Tabela com as várias formas de Tigelas de cerâmica manual.

As tigelas de cerâmica manual encontradas em Castro Marim enquadram-se genericamente nas formas B.I e B.II da tipologia organizada por Ruiz-Mata (*Ibidem*, p. 269 e 275-276). As características morfométricas deste tipo de vasilha, bem como o cuidado tratamento que superfícies ostentam, remetem para a sua utilização como recipiente de consumo individual, nomeadamente de líquidos.

À semelhança do que sucedeu com os tipos anteriores, também nos recipientes denominados de tigelas (tipo **9**), foi possível reconhecer diferentes formas, que distingui em função da morfologia geral e composição dos respectivos perfis. A forma **9.A** corresponde a recipientes esvasados, de corpo hemisférico e bordo de tendência vertical, semelhantes às taças da variante 8.A, mas reproduzidos em dimensões inferiores. As formas denominadas 9.B correspondem a recipientes de perfil carenado, entre os quais foi possível distinguir diversas variantes, algumas delas com grande significado cronológico, como comentaremos adiante. As formas **9.B.1** e **9.B.2** documentaram-se quase exclusivamente no estrato relativo à ocupação do Bronze Final, reforçando a singularidade



do conjunto desta fase. A primeira apresenta uma carena alta e bem vincada, definindo um colo ligeiramente côncavo e um bordo inclinado, enquanto que a segunda apresenta um bordo recto e vertical, separado do corpo hemisférico por um ângulo pronunciado. A forma **9.B.3** corresponde a tigelas de carena central, marcada no interior e exterior, que separa o corpo inferior, de tendência troncocónica, da parte superior constituída por um colo recto que confina com um bordo ligeiramente esvasado. A forma **9.B.4** apresenta, igualmente, uma carena central e um corpo inferior troncocónico, mas o bordo é vertical e inclinado. Por último, definiu-se a variante **9.C** que diz respeito a vasos de morfologia tendencialmente esférica, mas com uma ligeira inflexão que não chega a constituir uma carena, motivando a sua designação como recipientes de “perfil suave”.

Um bom exemplo da universalidade e intemporalidade de algumas destas formas é o improvável paralelo entre as características morfométricas das nossas tigelas **9.B.2**, exclusivas da ocupação do Bronze Final, e o das produções áticas de verniz negro conhecidas por *one handler bowl* (veja-se por exemplo os exemplares de Cancho Roano (Garcia Alonso, 2003, p. 37 e lamina 16, nº 3 e 5). Com efeito, se exceptuarmos as evidentes diferenças tecnológicas e ao nível da “construção” dos fundos de cada uma destas produções, são facilmente reconhecíveis as similitudes na orientação bordo e na morfologia do corpo: em ambos os tipos, o bordo é vertical, assinalado por uma inflexão acentuada na parede exterior e o é corpo hemisférico. Estas características parecem ajustar-se a funções relacionadas com o consumo individual de bebidas, tal com indica a própria denominação desta forma de cerâmica ática.

4.3.5 – Copos

Denominei “copos” (tipo **10**) três pequenos recipientes com uma abertura em torno dos 5cm e, supostamente, as mesmas dimensões em altura, ainda que, este último dado seja apenas intuído pela orientação das paredes, o que informa também da probabilidade de possuírem fundos convexos. Os bordos podem ser rectos (1 exemplar) ou ligeiramente esvasados (2 exemplares), configurando, neste caso, recipientes mais acampanados, ao passo que as paredes são de tendência vertical, com uma suave inflexão na sua parte inferior. Deve ainda dizer-se que esta forma é exclusiva da fase V de ocupação de Castro Marim, tendo sido documentada em contextos muitos específicos, que podemos datar entre o último quartel do séc. V a final do séc. IV.


Categoria	Tipo	Sub-tipos / Formas
Copos	10	

Figura 16 - Tabela com as várias formas de Copos de cerâmica manual.

4.3.6 – Sertã

O tipo **11** foi criado para individualizar uma forma muito particular e bem conhecida nos inventários cerâmicos da proto-história peninsular, mas da qual reconhecemos apenas um único exemplar em



Castro Marim. Trata-se de vasos com uma ampla base plana, a partir da qual se desenvolvem paredes curtas, verticais ou ligeiramente inclinadas, sendo que o diâmetro do bordo é sempre igual ou pouco maior do que o do fundo. A peça de Castro Marim tem um diâmetro de abertura estimado em 24 cm, um fundo de largura equivalente e uma altura de 4,5 cm. Este exemplar foi recolhido nos níveis de abandono do compartimento 26 da fase IV, que corresponde à ocupação da colina do Castelo durante o séc. VI a.n.e.

Categoria	Tipo	Sub-tipos / Formas
Sertã	11	

Figura 17 - Tabela com a forma de sertã em cerâmica manual.

Seguindo a sugestão de K. Mansel (2005, p. 260-261) em artigo dedicado à cerâmica manual de Cartago, adoptei o nome *sertã* para designar esta forma. A citada investigadora integra esta forma na cerâmica manual fenícia, destacando como principais características, a sua pasta homogénea de cor clara, com a parede interior alisada contrastando com a exterior que se apresenta tosca. Recipientes com esta morfologia estão presentes em muitos sítios do Mediterrâneo, desde o Magreb à costa Sul peninsular, pelo menos desde o séc. VIII, prolongando-se até ao séc. IV, particularmente em alguns contextos funerários da Tunísia (*Apud Mansel, Ibidem*, p. 261, nota de rodapé nº 5). Na Península Ibérica, integram os inventários das principais colónias do litoral Sul a partir de finais do séc. VIII/ inícios do VII, perdurando até ao séc. finais do VI/ inícios do V, como denunciam os recipientes recolhidos em Málaga.

Por outro lado, Ruiz-Mata integra na forma I.I. da sua tipologia recipientes de morfologia análoga, ainda que nos exemplares apresentados (procedentes de San Bartolomé de Almonte), as paredes sejam mais arqueadas no contacto com a base (*Ibidem*, p. 271 e fig. 12). O autor denomina estes vasos como *fuentes bajas*, assinalando a sua distribuição na área onubense e no Baixo Guadalquivir, onde constituem um elemento característico durante fase I, denominada, segundo o mesmo, como *Bronze Final pré-fenício* (*Ibidem*, p. 266-267).

As características morfológicas deste tipo e alguns exemplos etnológicos sugerem a sua serventia na secagem ou tostagem de cereais e frutos, bem como na cozedura de pão. De facto, a sua ampla base parece torná-los particularmente aptos para se sobreporem a brasas, permitindo a transferência indirecta de calor do fogo para a "massa" a cozer. A este respeito, importa esclarecer que alguns dos exemplares conhecidos em outros sítios têm perfurações na base, quiçá para potenciar o aquecimento da superfície interior e, conseqüentemente, melhorar o desempenho na cozedura. Outro argumento que poderá ser evocado para defender a utilização destes recipientes na confecção de pão reside na forma circular que configuram, sugerindo ligações a antigas tradições de panificação, com particular relevo para as de origem semita.



4.3.7 – Lucernas

A definição desta categoria (tipo **12**) baseia-se não apenas nas características morfométricas dos recipientes que a integram, mas também nas marcas de uso que ostentam. Trata-se de vasos muito baixos, com uma altura média estimada em cerca de 2 cm e fundo aplanado, segundo denuncia a orientação da parte inferior das paredes, uma vez que não se conhecem exemplares de perfil completo. Com efeito, esta categoria é restringida a, unicamente, dois exemplares de factura tosca e que mostravam evidentes sinais da acção reiterada de fogo, numa faixa horizontal da superfície interior, imediatamente abaixo do bordo. Não obstante, as assinaláveis diferenças morfológicas entre ambos recipientes incluídos neste tipo justificou a sua decomposição em duas formas básicas: **12.A**, com um receptáculo de tendência hemisférica e bordo recto, ligeiramente inclinado, e **12.B**, com uma morfologia troncocónica amplamente aberta e bordo muito esvasado, desenhando um perfil ao qual, também, não seria descabido atribuir designação de “pratinho”. Os dois exemplares apresentam um diâmetro similar: o primeiro 9 cm e o segundo 10,5 cm.


Categoria	Tipo	Sub-tipos / Formas
Lucernas	12	

Figura 18 - Tabela com as várias formas de Lucernas de cerâmica manual.

Este tipo de recipientes tem uma capacidade muito limitada, fruto, sobretudo, da reduzida altura que possuem, e que, por outro, lado dificulta a própria “mobilidade” das peças, uma vez que estas, só com muito cuidado poderiam ser manejadas quando cheias, nomeadamente se o seu conteúdo fosse líquido - como penso ser o caso - adaptando-se, com evidentes vantagens a uma situação estável, facto que exclui, desde logo, a sua utilização no consumo individual de bebidas. Com efeito, as características dos vasos reunidos no tipo **12** da tabela parecem conjugar-se no sentido de poder propor-se um uso relacionado com provimento de iluminação, motivo pelo o qual os designámos de lucernas. De facto, não é difícil imaginar que estes recipientes permanecessem fixos e contivessem um qualquer óleo combustível, onde seria embebida uma mecha, que, depois de ateadada, dava origem uma chama, responsável pelas marcas de fogo na superfície interior dos mesmos. A este propósito, deve mencionar-se que a mesma serventia foi também sugerida para vasos de morfologia análoga, por exemplo em La Mata, onde datam dos finais do séc. V a.n.e. (Rodríguez Díaz e Ortiz Romero, 2004, p. 219, formas B.11.a e B.1.b, e p. 228-229) e em La Bienvenida, onde se integram no espólio do período a que os autores designam de Ibérico Antigo (550-450 a.n.e.) (Fernández Ochoa, *et alli*, 1994, p.68-69 e p. 235, fig. 81, nº 91, 92, 93), só para citar alguns sítios que apresentam paralelos quase exactos para as duas formas reconhecidas em Castro Marim e que se localizam igualmente nas proximidades do rio Guadiana, ao longo do seu curso médio (Badajoz) e alto (Ciudad Real), respectivamente.

Não pode deixar de se referir que ambos os exemplares interpretados como lucernas provêm do mesmo nível, integrado na fase III, que correspondente à ocupação do sítio durante o séc. VII



a.n.e., momento para o qual, não se conhecem, em qualquer outra das categorias cerâmicas individualizadas (cerâmica cinzenta, com engobe vermelho e comum), recipientes que possam ter desempenhado semelhantes funções. Todavia, esta situação altera-se nos contextos datados do séc. IV (fase V), onde dispomos de exemplares de lucernas fabricadas em cerâmica ática (Arruda, 1997, p. 136) e algumas "taças" em olaria a torno, dita "comum", que podem ser, igualmente, interpretadas como tal (Sousa, 2005, p. 83-84 e estampa LIX).

4.4 – Os Fundos e elementos de suspensão.

As tabelas formais que anteriormente se mostraram não exprimem a variabilidade dos tipos de fundo e elementos de suspensão presentes na cerâmica manual de Castro Marim, revelando, desde logo, algumas limitações na abordagem realizada, que se ficam a dever, sobretudo, à escassez de exemplares completos. Assim, pareceu lógico apresentar, separadamente, tabelas que ilustrassem as diferentes variantes observadas nesses dois elementos e que serão acompanhadas de uma brevíssima descrição e comentário.

No que diz respeito aos fragmentos de fundo, cumpre dizer, em primeiro lugar, que a larguíssima maioria dos exemplares recolhidos apresentavam uma base plana e maciça, denunciando uma utilização vantajosa deste tipo, no manuseamento de muitos diferentes tipos de recipientes. De facto, os fundos planos foram fabricados nas mais diversas escalas e aplicados quer em formas abertas quer nas fechadas, abrangendo, provavelmente todas as categorias definidas. Como se pretende ilustrar na fig. 19, a partir deste tipo de fundos desenvolvem-se paredes com diversos graus de inclinação e que podem ter uma tendência mais vertical ou arqueada, produzindo recipientes de morfologia diferenciada: troncocónica ou cilíndrica no primeiro caso, e hemisférica, ovóide ou globular no segundo. Verificou-se também que em alguns exemplares a tendência expressa no perfil exterior das paredes não se alterava no contacto com o fundo, ao passo que em outros, a mesma situação se encontrava "sinalizada" por uma inflexão na vertical, que marcava o final das paredes e o início da base. A expressão *fundo plano de pé destacado* foi utilizada para distinguir os exemplos onde a mesma situação era mais pronunciada, denotando-se uma tendência oposta entre o perfil das paredes e o da base, que resulta na configuração de uma espécie de "pé". Ainda que constitua uma situação singular, não pode deixar-se de destacar um exemplar de consideráveis dimensões, onde se reconheceu a existência de uma pequena abertura afunilada, localizada sensivelmente na zona central do fundo. Este inédito fenómeno parece não resultar de um qualquer acaso, muito pelo contrário, já que o facto do referido furo ter sido executado antes da cozedura do recipiente denuncia uma intenção prévia, provavelmente em resposta a uma necessidade muito específica.



Tipo de fundos	Exemplos
Planos	
Côncavos	
com pé indicado	
Convexos	
Convexos com ônfalo central	

5 cm

Figura 19 – Tabela com os vários tipo de fundos presentes na cerâmica manual de Castro Marim.

Os fundos côncavos não constituem uma opção muito popular na olaria de fabrico manual encontrada Castro Marim, resumindo-se a apenas dois exemplares. Em um deles, foi possível reconstituir o perfil integral da peça, permitindo a sua integração na forma 3.A da categoria que se denominou potes/panelas. Deve acrescentar-se ainda que o seu aspecto tosco e a coloração negra da pasta cerâmica parecem sugerir um uso relacionado com o fogo. Um outro recipiente, apesar de estar reduzido à base, mostrou inquestionáveis evidências da serventia que lhe foi destinada. Com efeito, ainda que não seja possível reconhecer grande parte do perfil deste vaso, pode afirmar-se, sem margem para dúvidas, que foi utilizado como urna, uma vez que no seu interior jazia parte do esqueleto de um recém-nascido. A sua localização sob o piso do compartimento 25 (fase IV) permite integrar este fenómeno no âmbito de ritos fundacionais



documentados igualmente em outros contextos, como por exemplo enterramentos em fossa, quer de crianças quer de animais. Apesar de constituir uma situação inédita no Ocidente peninsular, os enterramentos infantis em espaços públicos ou domésticos estão bem documentados ao longo da costa oriental, em especial no Nordeste espanhol e Sul de França, onde se enquadram na denominada "cultura Ibérica", (AAVV, 1989), coincidindo cronologicamente com os exemplos escavados em Castro Marim, que podem situar-se nos séculos V e IV a.n.e.

Os fundos com pé podem dividir-se em dois tipos distintos, ambos muito raros, (apenas dois exemplares de cada), mas que evidenciam um importante significado cronológico. O primeiro caracteriza-se por configurar um pé alto e esbelto, suavemente inclinado para o interior, não se sabendo no entanto a que forma de vaso corresponde. Os exemplares em questão foram exumados num estrato da fase III que corresponde à ocupação do sítio na segunda metade do séc. VII a.n.e. O outro tipo mencionado é comumente denominado de *fundo de pé anelar* e consiste na aplicação sob uma base plana de um pé circular, que sustenta e eleva o recipiente, do qual também desconhecemos a morfologia, ainda que os paralelos da olaria a torno alertem para a incidência deste elemento em vasos de formas abertas, nomeadamente taças e tigelas. Com efeito, a aplicação de pés anelares em recipientes de fabrico manual parece estar intimamente relacionada com a chegada das importações áticas, ainda que se deva admitir que, em período anterior alguns exemplares de cerâmica de engobe vermelho ostentavam bases semelhantes, não constituindo, no entanto, uma situação comum. Em Castro Marim, os exemplares conhecidos foram recolhidos em níveis que se podem datar-se com relativa precisão de inícios do séc. III, pela associação à cerâmica de tipo Kuass (Sousa 2005).

De mais difícil identificação são os fundos convexos, onde a base não é assinalada por inflexão abrupta do perfil dos recipientes, pelo que, apenas são reconhecidos ou intuídos em exemplares inteiros ou muito completos. Numerosos paralelos de recipientes recolhidos em sítios com ocupação sidérica informam que os fundos deste género são especialmente comuns em formas abertas, relacionadas com o serviço ou consumo de alimentos, em particular taças ou tigelas de fabrico cuidado e superfícies brunidas. No conjunto das formas individualizadas em Castro Marim identificaram-se fundos convexos nas formas 8.D e 9.A.1, sendo no entanto provável que alguns exemplares dos restantes tipos de tigelas, bem como as taças 8.C.3, tivessem igualmente essa configuração. Iguais considerando poder-se-iam tecer também em relação aos fundos com ônfalo central, ainda que estes sejam facilmente reconhecíveis. Os poucos exemplares recolhidos em Castro Marim encontram-se distribuídos por todas as fases da ocupação sidérica, embora ocorram com maior incidência nas fases mais antigas, datadas da primeira metade do primeiro milénio, podendo ser encarados com um indicador de antiguidade nos diversos conjuntos. Com efeito, nos níveis da fase V (segunda metade do séc. V – séc. III) apenas um fragmento de fundo possuía ônfalo central. No caso em apreço ostentava uma singular composição de inspiração vegetalista. À excepção deste "exótico" fragmento, os restantes fundos ônfalados não apresentam qualquer tipo de decoração, ainda que as superfícies impecavelmente brunidas que



estes ostentam talvez pudessem ser consideradas como tal. Este tipo de fundos têm obvias raízes nas tradições oleiras do Bronze Final, quando constituíam um elemento frequente e comum a diversos âmbitos regionais, desde a Andaluzia (Pellicer Catalán, 1987-88 e Ruiz-Mata, 1995) até à Beira Interior portuguesa (Vilaça, 1995).

No que diz respeito aos elementos de suspensão, deve, desde logo, assinalar-se a diversidade de possibilidades documentadas (Fig. 20), que, apesar de terem uma importância estatística

<p>Asa de rolo, aplicada na vertical</p>	
<p>Asa de rolo, aplicada na horizontal</p>	
<p>Asa realçada do bordo</p>	
<p>Asa "em ferradura"</p>	
<p>Pegas e mamilos</p>	

Figura 20 – Tabela com os vários tipo de elementos de suspensão da cerâmica manual de Castro Marim.



insignificante (já que a maioria dos recipientes carece das referidas aplicações) são particularmente reveladores da evolução das soluções adoptadas ao longo da diacronia de ocupação de Castro Marim.

As asas de rolo constituem uma das opções com maior aderência na cerâmica manual de Castro Marim, estando documentadas desde a fase III (séc. VII a.n.e.), aplicadas na vertical, entre o bordo e a pança, em recipientes da forma 3.A, onde se reuniram muitas das panelas de ir ao lume. Durante a fase V (séc. V – III a.n.e.), verifica-se a aplicação deste tipo de asas num exemplar de “potinho” da forma 4.B, bem como numa taça 8.A.1, o que constitui uma situação inédita. Uma outra novidade no registo arqueológico desta fase está representada por um exemplar único com asa de rolo aplicada na horizontal sobre a zona central do recipiente, igualmente uma taça 8.A.1. Segundo deixa antever o incompleto perfil recuperado, a asa seria levantada, transpirando uma clara influência das produções áticas, particularmente as denominadas *taças Cástulo*, muito populares em Castro Marim a partir de meados/finais do séc. V a.n.e. (Arruda, 1997a) Também representado num exemplar único, é o tipo de asa que sobressai horizontalmente do bordo, neste caso de uma taça incluída na mesma forma das referidas anteriormente. Apesar de não ser muito frequente, este tipo de asas está bem documentado em diferentes tradições oleiras, surgindo quase sempre associadas a esta mesma forma. A título de exemplo, devem referir-se os exemplares reconhecidos em sítios do Bronze Final da zona central do país, como na Moreirinha ou Alegrios, onde integram o tipo cinco da tabela formal (Vilaça, 1995, p. 202 e 232), a par de outros, procedentes da escavação do Corte 3 do sítio indígena de La Mesa de Setefilla, onde integram o espólio de cronologia sidérica da denominada *fase orientalizante*, balizada entre os séculos VII e VI a.n.e. (Aubert et alii, 1983, p. 86-94).

Já no domínio do que poderíamos designar de aplicações de suspensão, importa, desde logo, isolar as várias opções representadas: “asas cegas” ou em “ferradura”, mamilos e pegas, que, quiçá, poderiam também ser consideradas técnicas decorativas. Relativamente às primeiras, observou-se a sua aplicação exclusiva em recipientes classificados de bacias/alguidades ou de taças, concretamente nas formas 7.A.1, 7.B e 8.A.1. Ainda que as asas cegas sejam conhecidas durante o Bronze Final em diversos sítios do Sudoeste peninsular, a sua utilização parece ter esmorecido nos primeiros séculos da Idade do Ferro, ressurgindo com renovada força a partir do séc. V a.n.e., passando então a constituir um dos elementos de cerâmica manual mais característicos desta cronologia, pelo menos em algumas áreas do Sudoeste Peninsular. Os exemplares recolhidos em Castro Marim confirmam a situação anteriormente exposta, uma vez que constituem uma completa novidade no registo arqueológico, introduzida na fase V de ocupação do sítio. Ao longo do curso do Guadiana, encontramos inúmeros paralelos de taças com asas cegas aplicadas, principalmente nos sítios de cronologia dita *pós-orientalizante* como Cancho Roano Celestino Pérez e Jiménez Ávila, 1993) La Mata (Rodríguez Díaz e Ortiz Romero, 2004, p. 219, formas B.6.a p. 219 e 224), ou o núcleo de Neves-Corvo (Maia e Correa, 1985)



No que diz respeito às pegas, e ainda que o conjunto seja muito reduzido, é possível distingui-las pela morfologia e pela localização no recipiente, constituindo variantes com um aparente valor cronológico. Assim, deve esclarecer-se que a aplicação de pegas triangulares sobre o bordo (dois exemplares) foi identificada exclusivamente em taças (forma 8.A.1) recolhidas apenas em níveis da fase III. Por outro lado, as pegas quadrangulares aplicadas sobre as paredes foram documentadas unicamente num contexto de fossa do séc. IV a.n.e., num exemplar da forma 3.C, sugerindo a sua utilização como copo. Relativamente aos mamilos, importa destacar a sua presença constante ao longo de toda a diacronia sidérica do Castelo de Castro Marim, ainda que constituam sempre elementos de extrema raridade. Podem ter uma morfologia mais alongada, sendo normalmente aplicados abaixo do bordo de taças, constituindo um tipo característico das fases mais antigas; ou mais arredondada, sendo, neste caso, mais comuns sobre os bojos, perdurando durante toda a Idade do Ferro. Um exemplar datado de finais do séc. IV – séc. III, que ostentava quatro mamilos dispostos espaçadamente abaixo do colo, é paradigmático da forte e longa pervivência de elementos tradicionais da olaria pré-histórica peninsular.

4.4 – Técnicas e motivos ornamentais

De um modo geral, pode dizer-se que a decoração dos recipientes de fabrico manual constitui uma exceção à regra, uma vez que a grande maioria dos exemplares recolhidos são lisos. Não obstante o baixo índice de vasos decorados, foi possível documentar uma grande variabilidade de técnicas e motivos utilizados, que procurámos sistematizar nas duas figuras que ilustram este apartado.

O panorama observado em Castro Marim é elucidativo no que diz respeito à adopção de determinadas técnicas e motivos em detrimento do abandono de outras, evidenciando um real valor cronológico e cultural. Como se verá mais detalhadamente ao longo deste trabalho, a evolução que a cerâmica manual de Castro Marim experimenta, ao nível das decorações segue de perto as tendências observadas em outros âmbitos geográfico próximos, quer em sítios de pendor marcadamente indígena, quer em outros com fortes influências orientalizantes, ou mesmo naqueles interpretados como colónias. Distingui cinco técnicas decorativas principais, que podem ou não surgir associadas num mesmo recipiente: decoração pintada, brunida impressa, incisa e aplicada.





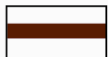










Técnica	Localização	designação/motivos			
		Monocroma (vermelho)		Policroma (branco e amarelo sobre vermelho)	
Pintada	cobertura total				
	cobertura parcial	Monocroma (vermelho) banda simples 	Monocroma (vermelho) bandas paralelas 	Monocroma (vermelho) bandas e motivos triangulares 	Monocroma (preto) triangulos preenchidos ? 
Brunida	Superfície interior	reticulado 	triangulos preenchidos ? 	triangulos vazios 	
	Superfície exterior	reticulado 	triangulos preenchidos? 	"espiga" 	Traços oblíquos 

Figura 21 – Tabela com os vários tipo de decoração pintada e brunida presentes na cerâmica manual de Castro Marim.

A decoração pintada constitui uma das mais antigas técnicas documentadas no conjunto, remontando à ocupação do Bronze final e prolongando-se até à fase III. Alguns exemplares de tigelas da forma 9.A.2 encontravam-se totalmente cobertos de pintura vermelha, sendo que, num caso singular, foram desenhados, sobre a mesma, diferentes motivos rectilíneos (reticulados, faixas e triângulos) com cor branca e amarela. No entanto, a técnica que reúne maior número de exemplares é a pintura monocroma de cor vermelha, aplicada em bandas (simples e paralelas) de dimensão variável sobre recipientes com superfícies previamente brunidas, particularmente tigelas. Num único exemplar, reconheceram-se igualmente motivos triangulares, ainda que não tenha sido possível reconstituir o seu desenho completo. Observou-se também pintura vermelha, aplicada em largas faixas, sobre parte da superfície interior e exterior do bordo de exemplares de vasos integrados nas formas 1.B (neste exemplo associado com decoração brunida) e 8.C.3, ambos da fase III. Num nível integrado na fase II, recolheu-se um singular fragmento de bojo que ostentava na superfície interior um motivo triangular, preenchido com traços oblíquos pintados a negro.

À semelhança da pintura, a decoração brunida é igualmente um importante indicador de antiguidade a considerar no estudo das cerâmicas manuais, uma vez que a sua utilização remonta ao Bronze Final, época em que atingiu o auge da popularidade em diferentes âmbitos geográficos do Sudoeste peninsular. Em Castro Marim, documentaram-se exemplares com decoração brunida na superfície interior, representados em todas as fases da primeira metade do primeiro milénio a.n.e., bem como, na superfície exterior, ainda que este tipo se resuma a um único indivíduo, recolhido num nível da Fase III. A primeira técnica foi testemunhada em recipientes integrados nas categorias das taças e tigelas, estando representados motivos reticulados e triangulares (simples ou preenchidos). Os ornatos brunidos desenhados na superfície exterior do referido recipiente, classificado como um pote da forma 1.B, configuram diferentes motivos que se organizam em bandas: reticulados, triângulos cheios com segmentos de recta, "espigas" e traços oblíquos. Não se



pode deixar de referir, que este exemplar denuncia uma clara influência das tradições oleiras do Bronze Final, quando este tipo de decoração era relativamente comum. A este respeito deve sublinhar-se a sua incidência ao longo da margem esquerda portuguesa do rio Guadiana (Soares, 2005), bem como na Beira Baixa (Vilaça, 1995, p. 283-285), representando motivos similares àqueles reconhecidos em Castro Marim.

Uma outra técnica decorativa comumente associada à cerâmica manual é realizada através da pressão da pasta quando esta se encontra em estado fresco, sendo mais conhecida por decoração impressa ou digitada. Em Castro Marim, foi reconhecida, maioritariamente, em recipientes integrados nos vários tipos de panelas/potes, surgindo muitas vezes associada à decoração incisa, em particular aos chamados “bordos denteados”. Não obstante, em dois exemplares de formas abertas integráveis na categoria das taças ou tigelas, ambos recolhidos em níveis da fase III (séc. VII a.n.e.), documentou-se, igualmente, a presença de digitações. Em ambos os exemplos, os motivos são desenhados no bojo, muitas vezes imediatamente abaixo do colo, no caso dos potes/panelas. Dos motivos ou organizações identificadas constam fileiras de digitações simples, espaçadas ou parcialmente sobrepostas, algumas das quais conseguidas pelo arrastamento horizontal de uma considerável quantidade de pasta, enquanto que, em outras, o motivo era impresso com o dedo na vertical, ficando, assim, igualmente marcado o contorno da unha do oleiro. Dois recipientes de formas únicas, ambos da fase III, ostentam uma decoração conseguida pela beliscagem da pasta em estado fresco, produzindo um levantamento da mesma no espaço entre os dedos. O primeiro corresponde a uma grande bacia/alguidar, com base no qual se individualizou a forma 7.D, decorada com uma fileira de “beliscaduras” na parte superior do corpo. No outro, que constitui também exemplar único, mas da forma 6.A, as ditas “beliscaduras” eram apenas ocasionais e espaçadas.

No que diz respeito à decoração incisa, pode, desde logo, distinguir-se diferentes organizações e motivos, em função da zona do recipiente que é afectada, devendo, no entanto, esclarecer-se que todos foram executados numa fase prévia à cozedura dos recipientes. Assim, nos bordos apreciam-se incisões mais ou menos profundas e definidas, que podem ser realizadas sobre a totalidade ou apenas em parte do lábio. Os motivos documentados sobre o colo ou bojo incluem: fileiras de pequenos traços oblíquos ou verticais; reticulados; “cruzes” e triângulos sequenciais ou “zigzagues”. À semelhança da decoração digitada, também os recipientes decorados com estes motivos incisos são característicos das fases II, III e IV, da ocupação de Castro Marim durante a primeira metade do primeiro milénio. Por outro lado, as decorações incisivas executadas sobre o fundo dos recipientes, ainda que estejam representadas por apenas dois exemplares, foram documentadas exclusivamente em níveis datados pela cerâmica ática de finais do séc. V a.n.e. Estes dois fragmentos parecem corresponder a fundos de formas abertas do tipo taças ou tigelas, apresentando, no entanto, motivos completamente distintos: num deles é possível reconhecer uma clara inspiração vegetalista, enquanto que outro ostenta aquilo que poderia designar-se como um “asterisco” ou motivo “cruiforme”.



Técnica	Localização	designação/motivos					
Impressão	Colo / bojo	digações				"beliscaduras"	
		separadas	sobrepostas	com arrastamento da pasta	unguladas	sequenciais	isoladas
Incisão	Bordo						
	Colo / Bojo	traços oblíquos	traços verticais	reticulado/lozangulos	"cruzes"	zigzague/triangulos	
		motivo vegetalista			"asterisco"		
Fundo							
Aplicada	Bojo	cordão	cordão inciso	cordão digitado	"lágrima"		

Figura 22 - Tabela com os vários tipo de decoração impressa, incisa e aplicada da cerâmica manual de Castro Marim.

A uma cronologia da segunda metade do primeiro milénio correspondem também uma boa parte das decorações plásticas aplicadas, onde se poderiam incluir igualmente as asas em ferradura, bem como os mamilos ou as pegas, ainda que estes últimos estejam presentes ao longo de toda a diacronia da ocupação sidérica do sítio. Com efeito, todos os elementos em forma de cordão, documentados na cerâmica manual de Castro Marim, foram recolhidos em níveis datados a partir do séc. V a.n.e., inclusive, sendo então maioritariamente aplicados em recipientes da forma 7.B, classificados como bacias ou alguidares. Em alguns, raros, exemplares os cordões encontravam-se decorados com pequenas incisões ou impressões, remetendo para influências de origem mesetenha, uma vez que tais motivos são bastante comuns em sítios conotados com presença e/ou influência "céltica" ou "celtizante", constituindo um motivo muito característico da designada II Idade do Ferro do interior peninsular. (Berrocal-Rangel. 1992, p.102). A uma cronologia bem mais antiga (séc. VII), corresponde o exemplar único de uma taça 8.B, sobre a qual se reconheceu uma pequena aplicação em forma de "lágrima", localizada imediatamente abaixo do bordo.



5 – A cerâmica manual ao longo da ocupação antiga do Castelo de Castro Marim.

O objectivo que presidiu à elaboração deste capítulo foi o de caracterizar e cartografar a baixela de cerâmica manual, em uso nas diferentes fases ocupacionais proto-históricas reconhecidas em Castro Marim. O faseamento que serve de base à organização deste apartado foi definido, de acordo com os diferentes planos arquitectónicos identificados na escavação do sector 1, planos que foram já alvo de algumas publicações preliminares (Arruda, 2005b; Arruda, Freitas e Oliveira, no prelo; Arruda *et alli*, no prelo e Arruda e Freitas, no prelo). A assinalável complexidade estratigráfica documentada testemunha uma ocupação longa e intensiva sobre o sítio, ritmada por sucessivos momentos de construção, remodelação, demolição e reconstrução, configurando um autêntico ambiente urbano, particularmente nas fases III, IV e V. Uma tão prolongada diacronia de ocupação apresenta vantagens e desvantagens, quando se pretende estudar um conjunto artefactual, transversal aos diferentes momentos definidos. Entre as primeiras, destaca-se, desde logo, a possibilidade de observar a evolução do objecto de estudo no próprio sítio, permitindo conferir o que muda e o que permanece com o passar do tempo. Por outro lado, a intensidade da acção antrópica foi truncando, sucessivamente, os vestígios relativos às ocupações anteriores, constituindo assim, uma situação desvantajosa para o estudo dos materiais, quase sempre reduzidos a fragmentos de pequena dimensão. Esta contínua sucessão de momentos ocupacionais é também responsável pela escassez de “contextos primários”, onde normalmente os recipientes se encontram fragmentados *in situ*, podendo fornecer preciosos indicadores acerca da funcionalidade dos espaços onde foram abandonados.

Durante o processo de escavação, identificaram-se unidades estratigráficas (u.e's) de natureza vária (pisos, derrubes, aterros, enchimentos, entre outras), formadas através de diferentes processos e em distintos momentos, integrando materiais de tafonomia e, obviamente, cronologia também diversa. Esta incontornável conjuntura aconselha uma prudência redobrada no estudo individual dos conjuntos atribuídos a cada uma das fases, uma vez que, devido à remobilização de terras, estes podem incluir materiais relativos a momentos anteriores. De modo a atenuar esta condicionante, e sempre que se considerou relevante, foi feita referência à natureza dos contextos de recolha, de que se distinguiram três tipos principais: construção, utilização e/ou abandono; destruição/derrocada. No primeiro, incluíram-se as estruturas, os aterros preparatórios e os pisos correspondentes ao momento de edificação dos diversos espaços que definem cada uma das fases de ocupação. Neste tipo de realidades, os materiais recolhidos são sempre anteriores à fase na qual se integram estratigraficamente, à excepção de raros casos de rituais de fundação, que incluem ofertas de recipientes. Os contextos de utilização e abandono constituem o grosso da amostra, sendo também os mais importantes para a definição do repertório cerâmico presente em cada fase. Esta designação aplica-se às u.e's escavadas sobre o pavimento original dos vários espaços e imediatamente abaixo dos níveis relativos à sua desactivação, correspondendo, portanto, ao período de tempo em que aqueles permaneceram ocupados. A utilização dos espaços manifesta-



se, do ponto de vista arqueológico, em diversos tipos de realidades, de que constituem bons exemplos os níveis de repavimentação ou de acumulação de detritos. Neste âmbito, os contextos relativos ao momento de abandono têm um particular interesse, pois são estes que permitem determinar, com maior rigor, a baixela característica de cada fase. Por último, os contextos de destruição/derrocada dizem respeito aos vestígios dos edifícios, quando estes se encontravam já reduzidos à condição de ruína, sendo também comumente denominados derrubes. Os materiais que integram estas camadas podem interpretar-se de diversos modos, em função do seu estado de conservação. Assim, para os fragmentos de reduzida dimensão e com fracturas roladas, é aceitável supor que estes fariam parte integrante das estruturas derrubadas, sendo, portanto, anteriores à utilização das mesmas. Por outro lado, alguns materiais relativamente completos foram também recuperados neste tipo de contextos, sugerindo que aqueles poderiam estar "arrumados" ao longo das paredes (em prateleiras ou suspensos, por exemplo), pelo que devem ser entendidos como parte da baixela do momento de abandono. Para facilitar a compreensão dos diferentes contextos de recolha, julguei oportuno, sempre que possível, apresentar os perfis estratigráficos dos vários espaços escavados, juntamente com o desenho de alguns dos materiais aí recolhidos.

Tendo em consideração as problemáticas inerentes à complexidade estratigráfica do sítio, optou-se por uma abordagem bipartida aos diferentes conjuntos isolados, para cada uma das fases de ocupação. Assim, num primeiro ponto faz-se uma caracterização geral da amostra, onde se incluem todos os materiais recuperados em determinada fase, procurando obter uma perspectiva global do conjunto. Não obstante, sempre que foi considerado relevante, assinalaram-se os casos em que a posição estratigráfica de determinada peça remete para a sua descontextualização em relação à fase na qual foi integrada, evitando assim distorcer, ainda mais, um quadro que já de si é falacioso. O segundo ponto da análise baseia-se no vasilhame recolhido sobre os pisos do momento de abandono, privilegiando aquele que se encontrava fragmentado *in situ*, pois este último permite um melhor entendimento dos conjuntos de utilização síncrona, podendo também insinuar uma funcionalidade preferencial para os vários espaços. Este tipo de análise só pode consumir-se em relação às fases III, IV e V, as únicas onde se documentaram contextos de abandono com as características acima referidas.

Os materiais desenhados são apresentados nas estampas em anexo, de acordo com a fase definida para as u.e's nas quais foram recolhidos, que, por sua vez, se encontram agrupadas segundo a localização na área escavada. Esta última indicação é feita tendo como pontos de referência os vários compartimentos identificados. A análise estatística foi feita sempre com base no número mínimo de indivíduos definidos e em contextos cuja amostra ultrapassa uma centena de elementos, de forma a validar convenientemente os resultados obtidos.



5.1 - Bronze final: fase I

Tal como já tivemos oportunidade de mencionar em **3.3**, o momento inaugural da ocupação humana no cerro do Castelo de Castro Marim encontra-se escassamente representado na estratigrafia das várias áreas intervencionadas, resumindo-se apenas a dois níveis, cujo o espólio remete para uma cronologia de finais da Idade do Bronze. Apesar de constituírem realidades fisicamente separadas e de natureza distinta, ambos os níveis se distinguem pela posição estratigráfica, imediatamente sobre o afloramento rochoso e sobrepostos a uma camada estéril, bem como pelo facto de serem os únicos onde não se recolheram quaisquer fragmentos de olaria produzida a torno. Um dos níveis a que me refiro trata-se do enchimento de uma fossa escavada na rocha, parcialmente posta a descoberto no quadrado E.5 do Corte 3 durante a campanha de 1988 e que permitiu à directora das escavações fazer remontar ao Bronze Final a ocupação mais antiga do sítio (Arruda, 1997a, p. 113). Materiais integráveis no mesmo período foram, igualmente, recolhidos durante a recente intervenção do sector 1, numa unidade estratigráfica localizada sob o compartimento 26 da fase IV, que, curiosamente, corresponde à zona de escavação com menor potência estratigráfica, uma vez que, em comparação com outras áreas, o substrato rochoso se encontrava aí a uma cota bem mais elevada. Infelizmente, também neste caso a área intervencionada foi bastante restrita, não esclarecendo devidamente acerca das características e modelo de ocupação do sítio durante o período em questão. No entanto, apesar de constituírem um conjunto reduzido e, seguramente, truncado, os materiais recolhidos em ambos os níveis são bastante relevantes no âmbito deste trabalho, na medida em que representam os únicos testemunhos seguros das formas e decorações cerâmicas em uso nesta fase inicial, permitindo uma análise comparada com a olaria manual documentada nas fases sidéricas posteriores.

5.1.1 - Caracterização da amostra

O conjunto cerâmico que foi integrado nesta fase é constituído exclusivamente por recipientes fabricados à mão, num total de 34 indivíduos, dos quais se representaram graficamente aqueles que conservavam o perfil mais completo, bem como um pequeno fragmento de bojo com decoração brunida (estampa 1). Convém uma vez mais salientar que, embora se tenha alcançado a rocha em praticamente toda a área de escavação, os materiais atribuíveis ao Bronze final provêm de uma zona muito restrita, são em número reduzido e encontram-se muitos fragmentados. A conjugação destes factores põe em evidência a “fragilidade” da amostra, aconselhando uma prudência redobrada na interpretação dos dados.

A maioria dos exemplares (27 indivíduos) foi recolhida na unidade estratigráfica [791] escavada no sector 1. Este contexto entregou um conjunto diversificado de recipientes, onde predominam claramente as formas abertas, em particular as taças e tigelas que, na sua maioria, apresentam um perfil carenado. As peças de menor dimensão foram sujeitas a um intenso processo de brunimento, cujo resultado é visível no brilho regular que as suas paredes ostentam. No entanto, as tigelas (tipo 9)

não se destacam só pela sua cuidada elaboração, mas também pela quantidade e diversidade com que surgem no registo arqueológico. Com efeito, estes recipientes apresentam uma assinalável variabilidade morfológica, não existindo, praticamente, duas peças iguais. Assim, registaram-se perfis de carena alta, com o bordo recto e vertical (forma 9.B.2 - nº12880 e 12871) ou ligeiramente engrossado e inclinado (forma 9.B.1 - nº10874), a par de outros, em que a carena se localiza na zona central do recipiente, a partir da qual se desenvolvem as paredes superiores, que podem apresentar uma tendência esvasada e bordo côncavo (forma 9.B.4 - nº 12882 e 12877) ou uma orientação mais vertical com bordo revirado (forma 9.B.3 - nº 12886), sendo que, neste caso, a inflexão é também marcada na superfície interior, algo que não sucede nas outras peças mencionadas. Identifiquei um único exemplar de perfil regular simples, com uma morfologia de tendência hemisférica ou troncocónica, passível de integrar a forma 9.A.1 (nº 12869). A tigela em questão apresentava restos de pintura vermelha ao longo de uma estreita faixa na superfície interior junto ao bordo, constituindo o único testemunho da utilização desta técnica no conjunto cerâmico correspondente à ocupação do sítio durante o Bronze Final. No que respeito aos recipientes classificados como taças (tipo 8), estão presentes neste contexto, as formas 8.B (nº 12890 e 12888), com paredes convergentes configurando uma morfologia esférica; e 8.C.1 (nº 12872 e 12873), com perfil carenado muito acentuado e saliente, localizado da parte central da peça. Esta última forma foi justamente criada para incluir os dois exemplares apresentados, uma vez que estes não encontram paralelo na tradição oleira posterior, onde, como se verá, a tendência observada é a de uma progressiva suavização dos perfis. Em ambos os tipos de taças documentados, as paredes encontravam-se apenas ligeiramente alisadas em ambas as superfícies. A categoria designada de potes/panelas está representada por exemplares de colo ligeiramente estrangulado e bordo extrovertido, enquadráveis na forma 2 e 3 A, em cujo tipo de tratamento aplicado às paredes difere de peça, para peça entre o polido e o alisado.

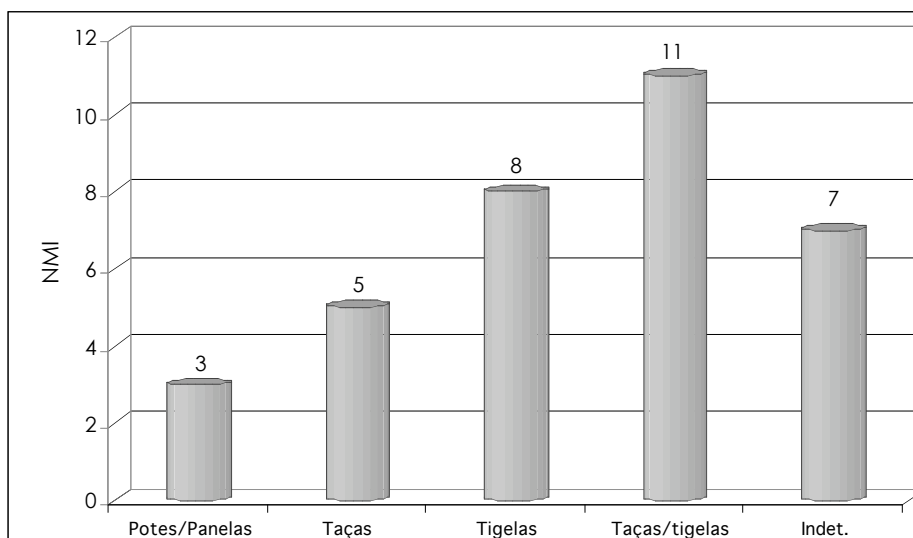


Gráfico 2 – Frequência das formas presentes na fase I.

Do contexto de enchimento da fossa identificada no corte 3, provêm sete indivíduos, entre os quais foi possível reconhecer exemplares de taças hemisféricas (nº 5355 - forma 8.A), tigelas carenadas (nº 5558 - forma 9.B) e potes/panelas de grandes dimensões (nº 664 - Tipo 1). Foi também recolhido um bojo decorado com motivos



brunidos desenhados na superfície interior (nº 5365). A reduzida dimensão do fragmento impossibilita uma identificação exacta do esquema decorativo, mas ainda assim, pode confirmar-se que este combinava linhas rectas com outras zigzagueantes, ou em forma de “aspas”.

Foi possível atribuir uma categoria geral a 27 dos 34 indivíduos que integram o conjunto estudado (gráfico 2). Os exemplares de formas abertas que se encontravam muito incompletos (11 NMI) foram reunidos sob a designação de taças/tigelas, pois a sua reduzida dimensão impossibilitou uma classificação mais rigorosa. O grupo das tigelas está representado por oito indivíduos, entre os quais é possível reconhecer exemplares de diferentes formas, com claro predomínio para as de perfil carenado, distribuídas do seguinte modo: 9.B.1 (1 NMI), 9.B.2 (2 NMI), 9.B.3 (2 NMI) e 9.B.4 (2 NMI). Documentou-se um único exemplar de corpo hemisférico (forma 9.A.1), que, como já se referiu, ostentava vestígios de pintura vermelha. Os cinco recipientes classificados como taças incluem formas carenadas (8.C.1, 2NMI), hemisféricas (8.A, 1 NMI) e de tendência esférica (8.B, 2 NMI). A categoria dos potes/ panelas está em clara minoria no conjunto, encontrando-se representada por apenas por três indivíduos.

5.1.2 - Discussão

Genericamente, pode afirmar-se que o conjunto cerâmico da fase I denota uma assinalável coerência cronológica e cultural, com amplos paralelos em contextos do Bronze Final Peninsular, particularmente na área Sudoeste, enquadrando-se na vasta gama de formas conhecidas para este período e região (Pellicer-Catalán, 1987-88, Ruiz-Mata, 1995). Com efeito, recipientes análogos aos recolhidos em Castro Marim são tão frequentes em diferentes âmbitos geográficos durante esta etapa que tornam impraticável e inconsequente a citação exaustiva dos paralelos possíveis. Contudo, não se pode deixar de assinalar algumas semelhanças mais flagrantes entre o conjunto analisado e o repertório cerâmico conhecido em outros sítios integrados no mesmo período cronológico. Os exemplos assinalados pretendem, sobretudo, evidenciar as afinidades da amostra tratada com outros conjuntos artefactuais procedentes de diferentes contextos regionais.

A ocupação da área ocidental andaluza durante o Bronze Final é uma realidade bem documentada arqueologicamente, tendo já sido tema de várias obras de síntese (entre as mais recentes destacamos: Gomez Toscano, 1997 e Delgado Hervás, 2001), pelo que constitui um dos pontos de referência obrigatórios no enquadramento do conjunto em análise. Como se verá adiante, os parâmetros cronológicos desta etapa não estão isentos de problemática, motivando uma acesa discussão entre diversos investigadores. Não obstante, importa desde já sublinhar as evidentes similitudes entre o espólio recuperado em Castro Marim e aquele recolhido em alguns dos sítios desta área. Neste sentido, não se pode deixar de referir que todas as formas que integram a amostra estudada encontram bons paralelos no espólio cerâmico da Fase I do Cabeço de S. Pedro (Huelva), à qual se atribuiu uma cronologia balizada entre os séculos IX e VIII a.n.e. , não se



descartando, no entanto, a possibilidade de uma datação mais antiga para o seu início, situada em torno do séc. X (Blázquez, *et alli*, 1979, p. 157 e 1989, p. 13). Segundo os autores da monografia, esta fase corresponderia a um momento prévio à chegada dos primeiros fenícios ao local, uma vez que o espólio cerâmico recuperado era constituído exclusivamente por recipientes modelados à mão, coincidindo, também neste aspecto, com o conjunto de Castro Marim. Também ao nível das técnicas decorativas se assinalam notáveis similitudes com a Andaluzia Ocidental, uma vez que se documentaram duas das opções mais recorrentes nessa área geográfica: decoração brunida na superfície interna dos recipientes e pintura monocroma em vermelho. Apesar de ambas as técnicas estarem documentadas em âmbitos regionais distantes, como por exemplo a Beira Interior portuguesa (Vilaça, 1995, p. 295-302), a sua especial incidência em sítios do ocidente andaluz, nomeadamente na área *onubense* e Baixo Guadalquivir, levou a que muitos autores as considerem um autêntico paradigma do designado *Bronze Final Tartéssico*.

Se focarmos as atenções no pouco que se conhece do Bronze Final no Alentejo e Extremadura espanhola encontramos, igualmente, importantes pontos de contacto com a realidade documentada em Castro Marim. Neste contexto, os sítios localizados ao longo do curso baixo do Guadiana assumem especial relevância, tendo sido possível reconhecer aí paralelos quase exactos para a totalidade do conjunto tratado, ainda que este não incluía recipientes decorados com ornatos brunidos na superfície exterior, um dos elementos mais característicos desta fase na região em apreço. Meramente a título de exemplo, podem mencionar-se as flagrantes similitudes entre a tigela pintada inventariada com o nº 12869 (Estampa 1) e um fragmento recolhido em prospecção no sítio de Santa Margarida (Soares, 2005, Fig. 5, nº60) ou entre a peça nº 12886 (estampa 1) e um recipiente recentemente recuperado no Castro dos Ratinhos (Silva e Berrocal-Rangel, 2005, Fig. 16, Bl. II.A. 79), embora este último seja decorado com finos traços brunidos na superfície exterior, ao contrário do exemplar de Castro Marim que é liso, apresentando no entanto as paredes esmeradamente brunidas. A referida peça do povoado alentejano foi recolhida num nível da fase II, com uma cronologia balizada entre o séc. X e VIII (*Idem, Ibidem*, p. 157), sendo, neste aspecto, consistente com os paralelos observados nos sítios da Andaluzia Ocidental.

Apesar de reconhecer a fragilidade da amostra com que lidei, nomeadamente ao nível da representatividade das formas identificadas, não pode deixar-se de se referir e discutir algumas das principais características que saltam à vista na análise global do conjunto. Em primeiro lugar, deve destacar-se a escassez de recipientes da categoria dos potes/ panelas, apenas três indivíduos, à razão de um por cada nove exemplares classificados como taças ou tigelas. Ainda que se possa admitir que as taças esféricas da forma 8.B (estampa 1, nº 12888 e 12890) tenham desempenhado uma funcionalidade similar à reservada para os potes/panelas, mesmo assim, o balanço entre os recipientes destinados à confecção e armazenagem de alimentos e aqueles presumivelmente utilizados no seu consumo é, claramente, desfavorável para os primeiros. A confirmar-se esta



tendência, o conjunto de Castro Marim representaria um “cenário” oposto ao documentado em muitos povoados do Bronze Final, nos mais diversos âmbitos geográficos. Com efeito, na Andaluzia Ocidental os recipientes fechados (*ollas* e *orzás*) constituem uma importante parcela dos conjuntos cerâmicos recuperados nos vários sítios intervencionados. A título de exemplo, deve referir-se que, nas cabanas mais antigas de San Bartolomé de Almonte (fundos XXXII-XXXVIII e V), este tipo de recipientes (formas E.I, G.I e J.I) representam mais de 30% da amostra. Um outro aspecto digno de registo nesta região é o aparente predomínio dos vasos de grandes dimensões, com diâmetros compreendidos entre 20 e 40 cm, que pode ser rastreado, por exemplo, nas estratigrafias de San Bartolomé de Almonte (Fernández Jurado e Ruiz-Mata, 1986, 175), Peñalosa (García Sanz e Fernández Jurado, 2000, p.73) ou Vegas de Santa Lucía (Morrillo, 1993-1994, p. 298). Esta situação é igualmente contraditória com a amostra de Castro Marim, uma vez que os potes/panelas aqui recuperados apresentam, no máximo, 15 cm de diâmetro, denunciando uma capacidade limitada. Segundo opinião de A. Delgado Hervás (2001), a forte presença de recipientes fechados e de razoáveis dimensões nos contextos mais recentes do Bronze final da Andaluzia ocidental pode ser um indício indirecto da reorientação económica que as comunidades desta região experimentam, relacionada com a adopção de estratégias agrícolas e pecuárias mais intensivas (*Idem, Ibidem*, p. 262).

Parece também importante referir que este tipo de contentores é igualmente abundante em outras áreas regionais portuguesas, apresentando índices de frequência consistentes com os documentados na Andaluzia Ocidental. Assim, por exemplo, na Beira Interior os potes representam mais de metade das formas básicas identificadas, em três dos quatro povoados estudados por Raquel Vilaça (1995, p. 271, quadro 37). A excepção é protagonizada pelo Monte do Frade, onde os potes e as taças carenadas se encontram em proporções semelhantes: 45% e 44%, respectivamente (*Idem, Ibidem*). Na península de Lisboa, o recém-publicado conjunto cerâmico da Tapada da Ajuda é também maioritariamente composto por potes, que perfazem 57% da amostra estudada (Cardoso e Silva, 2004, p. 234).

As limitações inerentes aos contextos de recolha dos materiais de Castro Marim impedem uma avaliação concreta e sustentada do significado efectivo de cada um dos tipos formais reconhecidos. Neste sentido, devemos ceder à tentação de relacionar a escassez de recipientes destinados à armazenagem e conservação de produtos alimentares, com uma eventual ocupação muito restrita no tempo e no espaço ou mesmo de carácter sazonal. Contudo, não se pode pôr de lado tal possibilidade que, no entanto, só poderá ser refutada ou confirmada em futuras intervenções.

No que respeita às formas abertas, é, desde, logo evidente uma clara preferência pelos recipientes de perfil carenado em detrimento dos de morfologia hemisférica simples, que estão representados



apenas por dois indivíduos: uma taça e uma tigela. Esta mesma tendência foi observada em muitos outros sítios enquadráveis no Bronze Final, entre os quais destacamos, pela proximidade geográfica, o Cabeço de S. Pedro onde, nos estratos relativos à primeira fase de ocupação (séc. X-VIII), se recolheram apenas dois exemplares de *cuencos* hemisféricos (Blázquez, *et alli*, 1979, p. 29 e Fig. 23) e S. Bartolomé de Almonte onde, em cronologia contemporânea, a mesma forma se encontra também desproporcionada comparativamente com as *cazuelas* carenadas (Ruiz-Mata e Fernández Jurado, 1987, estampa IX nº 138-147). A julgar pelo que se encontra publicado, os recipientes de perfil simples são igualmente raros no conjunto cerâmico do Passo Alto (sécs. IX e VIII, eventualmente com início ainda no séc. X), resumindo-se apenas dois exemplares (Soares, 2003, 303, Fig. 15 nº 14 e Fig. 16 nº 15 e 16). Na distante região da Beira Interior, é também clara a preferência pelas taças carenadas em prejuízo das malgas (formas hemisféricas), pelo menos em três dos quatro povoados publicados por Raquel Vilaça (1995): Moreirinha, Alegrios e Monte do Frade (*Ibidem*, quadro 37). Desta vez a excepção é sítio do Castelejo, onde, cada uma das formas acima referidas representa 11 % do total dos recipientes identificados (*Idem, Ibidem*).

As taças hemisféricas (forma 8. A) e esféricas (forma 8. B) são formas que mergulham fundo nas tradições da olaria pré-histórica peninsular, podendo remontar pelo menos ao neolítico. Este tipo de recipientes não apresenta grandes indícios de evolução, pelo que têm um valor cronológico quase nulo. Não servem também como referentes regionais, uma vez que se encontram amplamente distribuídas por toda a Península Ibérica. No que diz respeito às formas carenadas, cumpre assinalar, na esteira do que fizeram muitos autores, a sua profusão durante o Bronze Final, nomeadamente de exemplares de fabrico cuidado e com carenas médias e altas. A esmerada execução técnica, as reduzidas dimensões e a diversidade morfológica são algumas das características dos recipientes recuperados em Castro Marim que sugerem um uso eminentemente pessoal, relacionado, muito possivelmente, com o consumo de líquidos.

Apesar do conjunto cerâmico e da estratigrafia observada autorizarem o enquadramento da Fase I de Castro Marim no Bronze Final, no estado actual da investigação resulta difícil apontar uma datação exacta dentro deste período. Não obstante, tendo em consideração alguns dos paralelos reconhecidos na Andaluzia Ocidental e interior alentejano, parece credível propor uma cronologia situada em momento indeterminado entre os sécs. IX e VIII. Todavia, reconhecemos que esta hipótese carece de argumentos sólidos que a sustentem, uma situação que só se poderá alterar com realização de datações radiométricas.

5.2 - Idade do Ferro: fase II

A segunda fase de ocupação reconhecida no sector I corresponde ao momento mais antigo da Idade do Ferro documentado, até à data, no Castelo de Castro Marim. A sua cabal caracterização é dificultada pela escassez e pelo avançado estado de degradação dos vestígios arquitectónicos, que se reflectem também ao nível do espólio recuperado. Com efeito, embora se tenham escavado níveis desta fase um pouco por toda a área, os materiais aí recolhidos são em reduzido número, constituindo, por certo, um conjunto amplamente truncado. Do ponto de vista estratigráfico, as u.e.'s integradas na fase II situam-se entre os estratos de construção do momento seguinte e o afloramento rochoso, onde, na maioria dos casos registados, repousam directamente. À partida, esta situação poderia constituir prova de que a primeira ocupação do sítio se teria dado já em fase sidérica. Contudo, como referimos no ponto anterior, alguns ténues vestígios documentados em áreas onde, curiosamente, a rocha se encontrava a uma cota mais elevada podem ser atribuídos ao Bronze Final. O desfasamento cronológico revelado pelos diferentes níveis em contacto com substrato rochoso tem várias explicações possíveis. Desde logo, deve considerar-se a hipótese de uma primeira ocupação do sítio muito restrita do ponto de vista espacial, abrangendo principalmente as zonas mais elevadas do cerro, aliás como parece demonstrar a estratigrafia. Por outro lado, pode-se também equacionar a possibilidade das primeiras construções da Idade do Ferro terem destruído completamente os vestígios mais antigos. Neste contexto, convém, mais uma vez, recordar que, muitas das peças integradas no conjunto da fase II podem, efectivamente, ter incorporado a baixela em uso durante o Bronze Final.



Figura 23 – Planta dos vestígios arquitectónicos integrados da fase II.



Apesar de todas as condicionantes impostas pela escassez de dados relativos a esta ocupação, algumas considerações são já possíveis. Desde logo, importa referir que, na fase II, os recipientes produzidos com o auxílio do torno de oleiro perfazem metade da amostra total recuperada, estando já representadas, muitas das categorias cerâmicas reconhecidas na baixela de época sidérica: cerâmica cinzenta, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica comum e cerâmica pintada. Deve igualmente assinalar-se a presença de duas áreas edificadas distintas, cujas plantas são, também elas, de tipos diferentes. Com efeito, se as construções postas a descoberto na zona central da escavação, informam da adopção de plantas ortogonais, o mesmo já não se poderá dizer da estrutura registada na zona Nordeste, para a qual se pode supor morfologia ovalada (Fig. 23). Infelizmente, os contextos escavados não podem ser relacionados directamente com a utilização de qualquer destes espaços, pelo que também não esclarecem acerca da sua eventual natureza diferenciada.

5.2.1 - Caracterização da amostra

A amostra da cerâmica manual recolhida nas u.e's da fase II é composta por 114 fragmentos, a que correspondem a 94 indivíduos, 32 dos quais sem forma atribuída, dada a reduzida dimensão dos fragmentos. A relação quantitativa entre os recipientes do tipo pote/panela e dos tipos taças e tigelas é claramente desfavorável para os primeiros, de que se contabilizaram apenas 15 indivíduos, contra os 47 que compõem o conjunto das segundas (gráfico 3). De facto, à semelhança do que foi documentado na fase I, as formas abertas são largamente maioritárias, estando representadas por recipientes de morfologia muito variada: taças das formas 8.A.1, 8.A.2, 8.C.3, 8.C.4, 8.D e tigelas 9.A e 9.C (gráfico 4 e 5). Algumas peças foram classificadas com o binómio taça/tigela (16 NMI), por não ter sido possível integrá-las em qualquer uma das formas definidas. Neste caso, operou-se ainda uma outra distinção entre os recipientes de morfologia completamente indeterminada (11 NMI) e outros, cujo perfil conservado é suficiente para conferir a sua tendência hemisférica (forma 9/8.A, 5NMI), ainda que não tenha sido possível apurar seu diâmetro de modo a integrá-los em qualquer das categorias enunciadas.

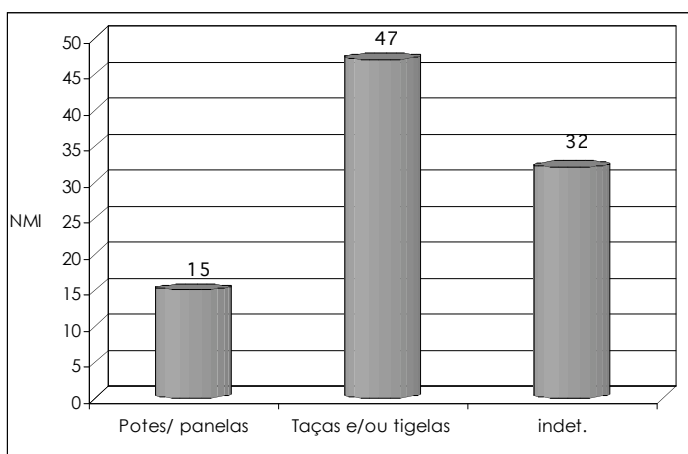


Gráfico 3 – Frequência das formas presentes na fase II.

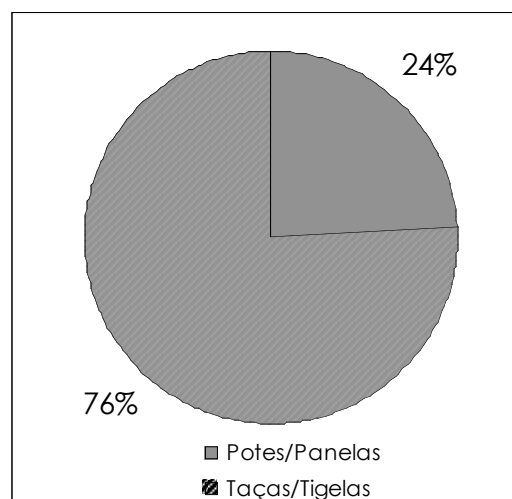


Gráfico 4 – Frequência das formas presentes na fase II.

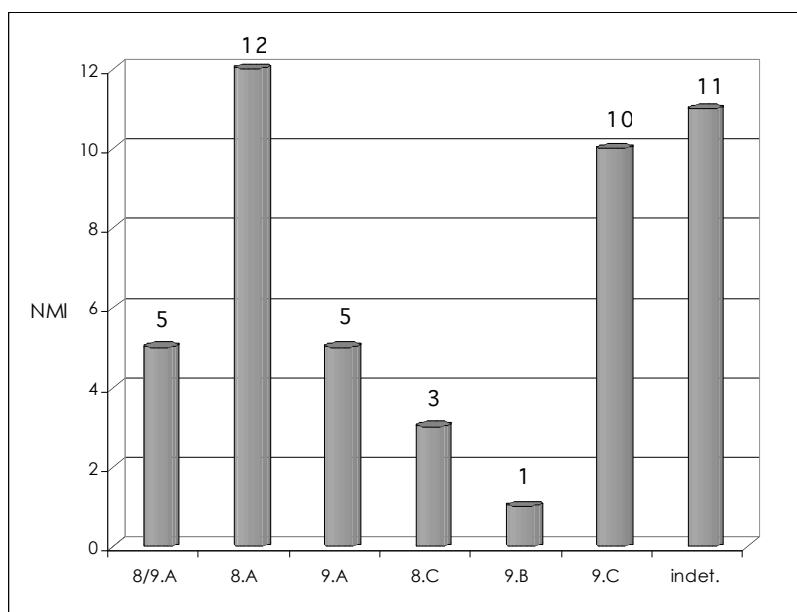


Gráfico 5 – Frequência das várias formas de taças/tigelas presentes na fase II.

No que diz respeito às taças, importa desde logo sublinhar o esmagador domínio das formas com bordo não diferenciado e perfil simples hemisférico (8NMI) ou troncocónico (4 NMI), contrastando com o cenário observado na fase anterior. Este tipo de recipientes marca presença em quase todas as u.e's escavadas, como facilmente se pode verificar nas estampas em anexo (nº 2 a 4). Os vasos carenados encontram-se escassamente representados, com apenas três indivíduos: dois da forma 8.C.4 (estampa 2, nº 3733 e 2739) e um da forma 8.C.3 (estampa 3, nº 15079). A ausência de exemplares de morfologia esférica e bordo reentrante (forma 8.B) deve ser entendida como uma consequência das limitações, ao nível da representatividade, das formas incluídas neste conjunto. Com efeito, deve sublinhar-se que a referida forma está presente em todas as outras fases proto-históricas, não havendo razão aparente para que não o estivesse no conjunto da fase II.

Também relativamente aos recipientes designados tigelas, são evidentes algumas alterações, em comparação com o conjunto da fase I. Desde logo, deve referir-se que os perfis com carena bem marcada quase desaparecem do registo arqueológico, tendo-se documentado um único indivíduo passível integrar a forma 9.B.3 (estampa 4, nº13249), muito semelhante a um outro recolhido nos níveis do Bronze Final (estampa 1, nº 12886). Neste contexto, parece importante relembrar que o conjunto das tigelas do momento anterior era dominado por recipientes carenados, uma posição que nesta fase é protagonizada pelas formas de perfil suave (9.C, por exemplo: estampa 2, nº 2922 e 3380; estampa 3, nº 13956; estampa 4, nº 13274 e15177). Com efeito, este último tipo está representado por 11 indivíduos, totalizando mais do dobro da quantidade de tigelas hemisféricas documentadas (forma 9.A: 5 NMI, veja-se por exemplo: estampa 2, nº 15131 e 15346).

Os recipientes da categoria pote/panela compõem um conjunto restrito e bastante fragmentado. Estas condicionantes reflectem-se também na escassez de exemplares passíveis de ser reconstituídos graficamente. Ainda assim, foi possível reconhecer recipientes de grandes dimensões, com diâmetros superiores a 50 cm (estampa 2, nº 13206 e estampa 4, nº15407), a par de outros



reproduzidos a uma escala menor (estampa 4, nº 15161). A extensão dos perfis conservados nos diversos fragmentos está quase sempre confinada à parte superior do bordo, impedindo uma classificação mais rigorosa, que tenha em conta o desenvolvimento do colo e do corpo.

Ao nível das decorações, verifica-se a previvência das técnicas de brunimento e pintura, a par do surgimento de exemplares com digitações impressas. A primeira foi identificada na superfície interior de dois bojos, que, certamente, pertencem a recipientes abertos, do tipo taças ou tigelas. Apesar da reduzida dimensão dos fragmentos em questão, foi possível reconhecer os motivos brunidos representados: reticulados e triângulos preenchidos com traços oblíquos (estampa 2 nº 3384 e 13623, respectivamente). Este último motivo parece corresponder ao mesmo esquema decorativo parcialmente documentado no exemplar com decoração pintada (estampa 2 nº 1694). Em relação a este fragmento, deve esclarecer-se que a pintura apresentava uma coloração negra, tendo sido realizada sobre a superfície interna de tonalidade castanha clara, que se encontrava finamente polida. No campo das decorações, a grande novidade é protagonizada pela identificação dos primeiros fragmentos decorados com digitações impressas sobre bojo (estampa 2, nº 2568 e 2551). Em ambos os exemplares, as digitações encontravam-se dispostas na horizontal, tendo sido impressas sobre superfícies toscamente alisadas, que deverão corresponder a recipientes do tipo pote/panela, aliás como é comum nos mais diversos âmbitos geográficos durante o Bronze Final e Idade do Ferro. A amostra total de cerâmica decorada é bastante reduzida, resumindo-se aos casos supracitados, que, por se tratar de fragmentos de bojos, não têm sequer representatividade estatística na contabilização do número mínimo de indivíduos.

5.2.2 – Discussão

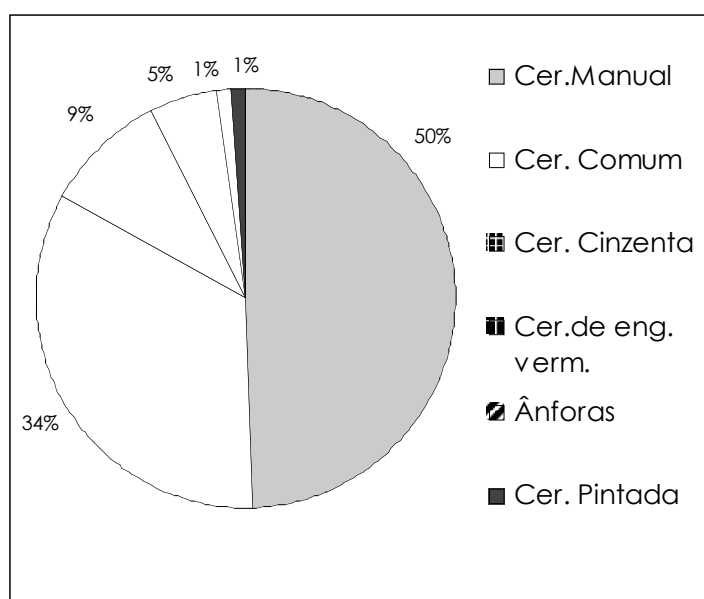


Gráfico 6 – Distribuição das várias categorias cerâmicas da fase II.

Constitui afirmação recorrente a que relaciona a difusão da tecnologia do torno de oleiro com a intensificação dos contactos entre as comunidades indígenas e grupos populacionais de origem fenícia que, pelo menos desde o séc. VIII, se fixaram em algumas áreas do litoral peninsular. De facto, esta parece ser uma realidade inquestionável, que, no entanto, se reveste de contornos específicos em distintas áreas regionais, e, dentro destas, manifesta-se também diferenciadamente de sítio para sítio. A fase II de Castro Marim configura uma situação em que a adopção do torno na produção oleira está já consolidada, uma vez que 50 % dos



fragmentos cerâmicos contabilizados como indivíduos são modelados segundo os preceitos desta técnica (gráfico 6). Com efeito, a comunidade que ocupou o sítio durante esta fase era detentora de uma cultura material fortemente marcada por influências orientalizantes, relacionáveis com as populações fenício-ocidentais, já então instaladas na área gaditana e onubenses. Neste contexto, parece importante mencionar a presença de ânforas, grandes contentores pintados em bandas (*piithoi*) e de pratos cobertos com engobe vermelho, que constituem uma completa novidade na baixela cerâmica. A cerâmica cinzenta e a cerâmica comum a torno estão representadas, sobretudo, por recipientes do tipo taças ou tigelas, predominando os exemplares de morfologia hemisférica, à semelhança do que sucede nas produções manuais.

No que diz respeito à cerâmica manual deve dizer-se que as formas presentes são basicamente as mesmas da fase anterior, embora evidenciem algumas particularidades dignas de registo. Relativamente às formas abertas, importa, desde logo, destacar a escassez de recipientes de perfil carenado, contrariando a tradição oleira do Bronze final. A tendência observada nas tigelas adverte para a substituição dos recipientes com carena acentuada por outros de perfil mais suave (forma 9.C), bem como para a redução da espessura das paredes, mantendo-se, no entanto, o tratamento brunido ou polido que caracteriza estas produções. A evolução registada em Castro Marim é consistente com os dados conhecidos para a Andaluzia Ocidental, onde, segundo D. Ruiz Mata (1995, p. 272 e ss.), a tendência para o aligeiramento dos perfis se faz sentir a partir do segundo quartel do séc. VIII (fase I/II ou de transição entre o *Bronze Final pré-fenício* e a Idade do Ferro), prolongando-se durante o séc. VII (fase II ou *Orientalizante*). Com efeito, nesta área regional e intervalo cronológico, os recipientes de perfil suave marcam presença em praticamente todos os sítios escavados, tornando redundante e inoperante a enumeração exaustiva dos exemplares comparáveis aos recolhidos em Castro Marim. Entre os múltiplos sítios onde se podem reconhecer paralelos para este tipo recipientes, pareceu interessante destacar os casos recentemente publicados da Calle Cánovas del Castillo (Cádiz) (Córdoba Alonso e Ruiz-Mata, 2005, p. 1304 e Fig. 17) e do Cerro do Malhanito (Alcoutim) (Cardoso, 2004, p. 198-201 e Fig. 8 e 9), por constituírem realidades bem diferenciadas cultural e geograficamente. O primeiro corresponde a um habitat com uma cronologia centrada no séc. VIII, onde a considerável quantidade de olaria a torno evidencia estreitas ligações ao mundo fenício, enquanto que o segundo representa um contexto de enterramento em *Tholos*, datado entre os sécs. VIII e VII que possuía exclusivamente cerâmica de fabrico manual. Os dois exemplos arrolados são paradigmáticos da multiplicidade de contextos onde estas formas marcam presença, que incluem sítios francamente "orientalizados" e outros ainda muito enraizados às tradições autóctones.

Relativamente às formas abertas, importa ainda destacar a predominância das taças hemisféricas e troncocónicas (forma 8.A.1 e 8.A.2), contrariando o panorama observado na amostra do Bronze Final. Os melhores paralelos para esta situação provêm, uma vez mais, da área Onubense e Baixo



Guadalquivir, onde a utilização destas formas (*cuencos*) se generaliza a partir de finais do séc. VIII/inícios do VII (Ruiz-Mata, 1995, p. 276). Todavia, apesar dos inúmeros sítios intervencionados nestas regiões, não se encontram publicados quaisquer dados estatísticos que possibilitem conferir a efectiva representatividade deste tipo de recipientes em relação ao total das formas que compõem os diversos conjuntos cerâmicos. As taças carenadas estão representadas em Castro Marim por exemplares de duas formas distintas (8.C. 3 e 8.C.4), cuja presença está também documentada nas áreas regionais acima referidas. A forma 8.C. 3 (estampa 3, nº 15079) equivale aos *platos* ou *cazuelas* A.I.F da tipologia definida por D. Ruiz Mata (*Ibidem*, p. 268-269), que assinala a sua presença exclusiva no âmbito do Bronze Final do Baixo Guadalquivir, estando ausente nos inventários dos sítios de Huelva. O exemplar de Castro Marim apresenta notáveis similitudes morfométricas com as peças procedentes dos níveis correspondentes à ocupação do Bronze Final de sítios, como por exemplo, Mesas de Asta, Valencina de la Concepcion, Carmona ou Colina de los Quemados (*Apud, Ibidem*, Fig. 9), devendo-se assim assumir a sua condição descontextualizada na amostra da fase II. Por outro lado, a forma 8.C.4 (estampa 2, nº 3733 e 2739) tem correspondência com o tipo A.II.B de Ruiz-Mata (*Ibidem*, p. 273 e 274), que se encontra bem documentado na Andaluzia Ocidental durante todo o séc. VII.

Em relação aos potes/panelas, cumpre dizer que estes perpassam a sequência ocupacional do sítio sem revelarem grandes indícios de evoluções morfológicas, facto que demonstra a sua perfeita adequação à funcionalidade a que estavam destinados.

Ao nível das decorações, a grande novidade em relação ao período anterior é protagonizada pelo surgimento de fragmentos com digitações impressas sobre o bojo. Na Andaluzia, este tipo decorativo é frequente em contextos sidéricos, tendo sido documentado por I. Guevara Sánchez (1994, p.333, quadro 1) em 24 sítios, aos quais haveria que somar outros entretanto publicados como, por exemplo, El Trobal ou Vaina (Ruiz-Mata e Gonzáles Rodriguez, 1994). A decoração de impressões digitadas surge na segunda fase de ocupação do Cabezo de S. Pedro, datada de inícios do séc. VII (Blasquez *et alli*, 1979, p. 145), perdurando até meados do século seguinte (fase III) (*Idem*, p.177 e Fig. 52). Em S. Bartolomé de Almonte, encontra-se, igualmente, bem documentada em contextos balizados entre a segunda metade do séc. VIII e finais do séc. VII (Fernandéz Jurado e Ruiz Mata, 1986, p. 230 e 236). No curso baixo do Guadalquivir, as estratigrafias reconhecidas no Cerro Macareno (Pellicer Catalán, *et alli*, 1983, p. 66) e no Cerro de la Cabeza (Dominguez de la Concha, *et alli*, 1983, p. 181) testemunham a adopção desta técnica decorativa desde finais do séc. VIII, mas principalmente durante o século seguinte. Em paragens mais distantes, está atestada em contextos do Bronze Final na Beira Interior portuguesa (Vilaça, 1995, p. 281), embora não seja muito frequente, tal como sucede no interior alentejano, onde foi identificada, por exemplo, no conjunto de materiais da mesma cronologia no Castelo do Giraldo (Mataloto, 1999, p. 344), bem como em muitos sítios já da idade do Ferro, entre os quais merece destaque o povoado de S. Gens datado do séc. VII



(Mataloto, 2004, p. 160). Na área catalana do Baixo Ebro, a decoração com motivos digitados é normalmente aplicada sobre cordões plásticos, sendo bastante comum durante o Bronze Final e Idade do Ferro (veja-se por exemplo o caso de Barranc de Gàfols: Sanmartí *et alli*, 2000).

Relativamente aos fragmentos que ostentam decoração brunida na superfície interior, importa esclarecer que os desenhos parcialmente identificados em Castro Marim se inscrevem na ampla gama de motivos geométricos conhecidos na Andaluzia, onde estão documentados desde o Bronze Final, perdurando na fase inicial da Idade do Ferro. O fragmento nº 3384 (estampa 2) ostenta um motivo reticulado que constitui um dos desenhos mais representados na região acima referida, em ambos os períodos cronológicos considerados. O outro fragmento (estampa 2 nº 13623) é de mais difícil interpretação, devido à sua reduzida dimensão. Ainda assim, é possível vislumbrar um motivo constituído por traços oblíquos organizados em torno de linhas paralelas. Este esquema está representado na fase I do Cabezo de S. Pedro (Blásquez *et alli*, 1979, Fig. 19, nº 66 e 67) e, em cronologia similar, no fundo de cabana XV de S. Bartolomé de Almonte (Fernandez Jurado e Ruiz-Mata, 1986, lâmina XXXVI, nº 493 e 502), previvendo em ambos os sítios até ao séc. VII (del Amo e Bélen, 1981, Fig. 5, nº13; Fernandez Jurado e Ruiz-Mata, 1986, lâmina XCVI, nº 1203).

A ornamentação de recipientes com motivos pintados está representada nesta fase por um único exemplar (estampa 2, nº 1694). Trata-se de um fragmento de parede onde, sobre a superfície interior, foi pintado, a negro, um motivo aparentemente triangular preenchido com traços oblíquos. O desenho representado é comum na cerâmica manual pintada, estando amplamente documentado, por exemplo na cerâmica "tipo Carambolo". O mesmo já não se pode afirmar relativamente à cor utilizada, cujos paralelos escasseiam. Com efeito a pintura a negro está escassamente representada nos contextos proto-históricos da Península Ibérica, confinando-se praticamente à área Catalana do Baixo e Médio Ebro, onde, no entanto, também não é muito frequente. No estudo de S. Werner Ellering (1990) consagrado à cerâmica pintada com motivos geométricos, é referido um único exemplar com pintura monocroma a negro, procedente do povoado II (650-550 a.n.e.) de Cortes de Navarra (Maluquer de Motes, 1954). No entanto, neste caso, a pintura foi executada na superfície exterior de um recipiente fechado, ao contrário do que sucede em Castro Marim.

De um modo geral, pode dizer-se que o repertório de cerâmica manual da fase II revela estreitas afinidades com os conjuntos datados do séc. VII da Andaluzia ocidental. A estratigrafia relativa documentada no sítio, bem como os materiais recuperados sugerem, uma cronologia de finais do século VIII - primeira metade do séc. VII para este momento de ocupação, uma vez que, para a fase seguinte (III), é bastante credível uma datação da segunda metade do mesmo século.

5.3 - Idade do Ferro: fase III

A fase III corresponde ao momento durante o qual o povoado adquire características de tipo urbano, que, no decorrer dos séculos seguintes, se vão apurar e intensificar. Comparando com a fase anterior, o registo estratigráfico relativo a este momento denuncia uma maior complexidade e intensidade de ocupação, visível, desde logo, ao nível dos espaços construídos. Os vestígios arquitectónicos postos a descoberto concentravam-se em duas áreas distintas, ambas de planta ortogonal, embora com orientações diversas, perfazendo um total de 11 compartimentos: sete na zona central e quatro na zona Norte (Fig. 24). Na área Sul, identificou-se um pequeno forno construído com argila, bem como uma outra estrutura circular de alvenaria que pode ser interpretada como um silo sobrelevado, tal como foi sugerido para construções análogas identificadas por exemplos em El Palomar (Extremadura) (Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2004, p. 231) e Herdade da Sapatoa (Alentejo Central) (Mataloto, 2004, 52-53) (Arruda, Freitas e Oliveira, no prelo). A escavação destas realidades permitiu verificar que alguns espaços foram sujeitos a várias acções de remodelação ou manutenção. A área edificada posta a descoberto na zona central do sector 1 constitui um bom exemplo destas acções, tendo sido possível verificar que os compartimentos 5 e 8 foram construídos em momento posterior aos restantes (Fig. 24). No compartimento 10, registou-se uma sequência estratigráfica composta por vários pisos, lareiras e outros equipamentos domésticos sobrepostos, que evidenciam a persistência na utilização deste espaço.

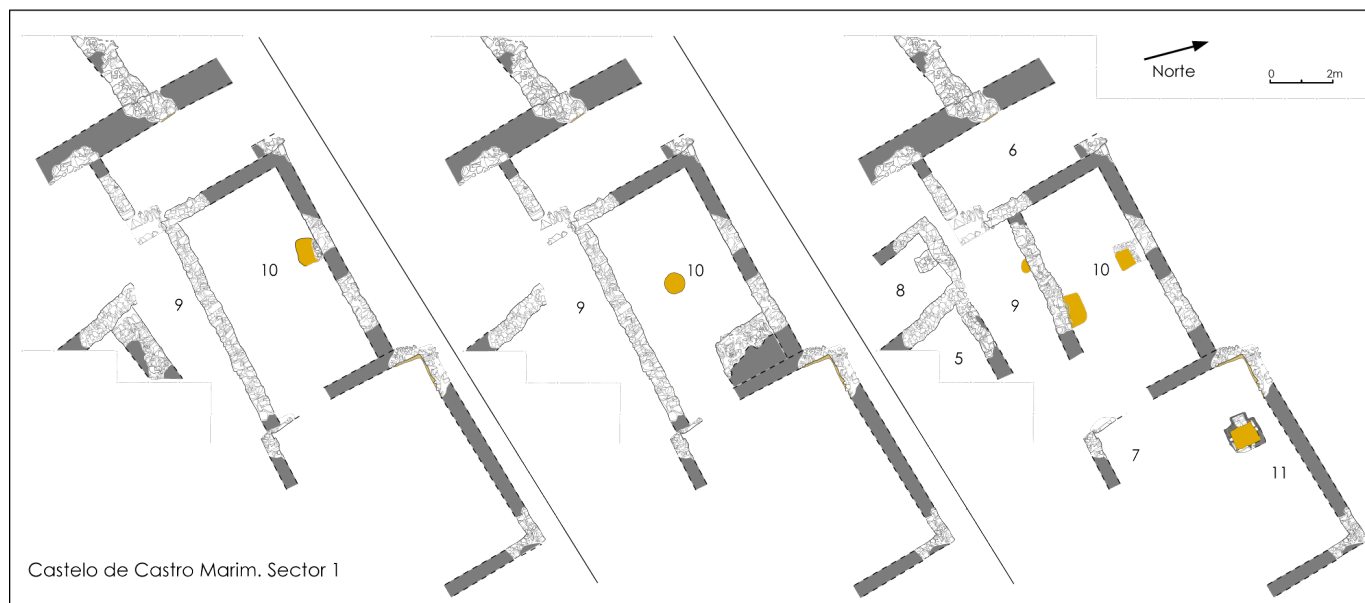


Figura 24 – Evolução arquitectónica dos compartimentos escavados na zona central do sector 1.

A intensidade desta fase de ocupação tem também reflexo ao nível da ocorrência de materiais arqueológicos, que aumentam exponencialmente. No caso concreto da cerâmica manual, o conjunto é cerca de seis vezes mais numeroso do aquele isolado para a fase II. Todavia, este incremento verifica-se apenas em termos absolutos, uma vez que, em termos relativos, a olaria manual apresenta um decréscimo, representando 37% do conjunto total das categorias cerâmicas,



em oposição aos 50% registados na fase anterior.

Os materiais arqueológicos recolhidos nos contextos da fase III, nomeadamente a cerâmica de engobe vermelho e as trípodes, sugerem uma cronologia de ocupação centrada na segunda metade do séc. VII a.n.e. (Arruda, Freitas e Oliveira, no prelo; Freitas, 2005a e 2005b). Todavia, por ora é impossível determinar, com maior rigor, a duração exacta deste momento ocupacional, devendo-se, no entanto, reconhecer que não pode ter sido muito breve, tendo em consideração as diversas remodelações plasmadas no registo estratigráfico.

5.3.1 - Caracterização da amostra

O inventário da cerâmica manual atribuível à fase III é composto por 656 registos, dos quais, 558 correspondem a recipientes contabilizados como número mínimo de indivíduos. A reduzida dimensão de alguns destes fragmentos (82 NMI) não permite sequer uma classificação genérica, pelo que foram agrupados no conjunto das formas

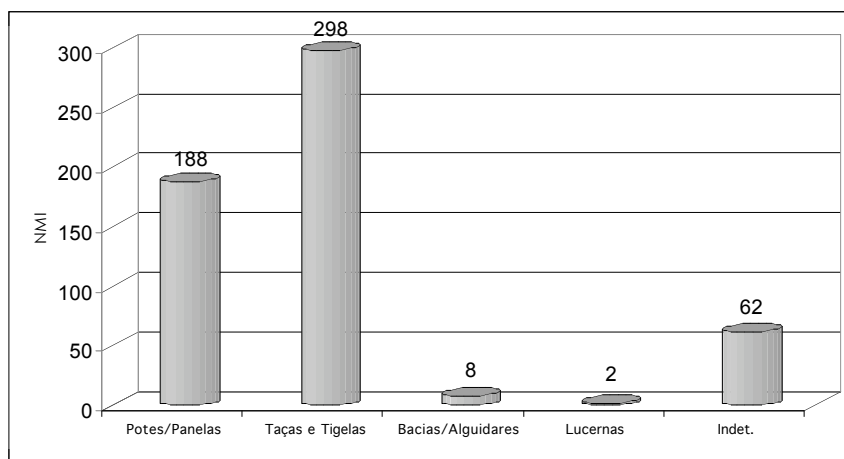


Gráfico 7 – Frequência das formas presentes na fase III.

indeterminadas. Os restantes exemplares distribuem-se maioritariamente pelas categorias das Taças e das Tigelas (299 NMI) que, em conjunto, representam 60 % da amostra classificável, sendo seguidos pelos Potes/Panelas (188 NMI), que totalizam 38 % do referido conjunto. Os recipientes integrados na categoria Bacias/Alguidares estão escassamente representados (7 NMI – 1 %), assim como os vasos interpretados como lucernas (2 NMI) (estampa 17, n.º 14340, 14341), que não têm sequer expressão estatística (gráficos 7 e 8).

Em relação às taças e às tigelas importa referir, desde logo, que em boa parte dos exemplares enquadráveis nestas categorias, não foi possível determinar os respectivos diâmetros de abertura, devido à reduzida dimensão dos fragmentos. Nestes casos, optou-se pela sua integração num grupo designado com o binómio taça/tigela, dentro do qual se distinguiram duas variantes: vasos de perfil

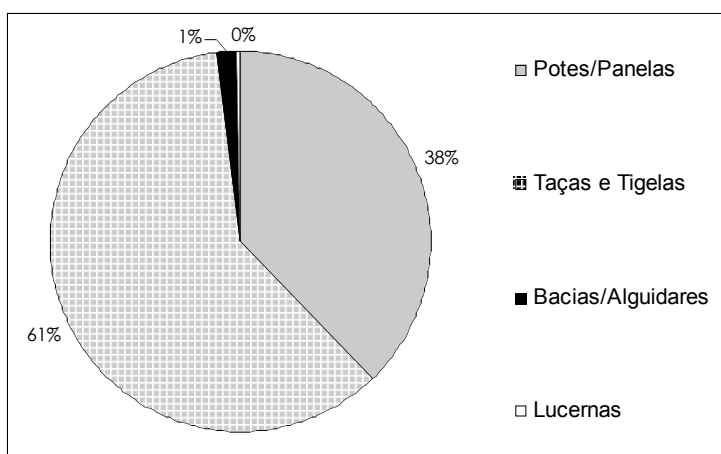


Gráfico 8 – Frequência das formas presentes na fase III.

hemisférico ou troncocónico (8/9.A) e de perfil suavemente inflectido (8.D/9.C). Ambos tipos constituem grupos maioritários no conjunto das formas abertas, o primeiro representado por 94 indivíduos e o segundo por 45 (gráfico 9), algo que, só por si, é elucidativo do avançado estado de fragmentação da amostra.

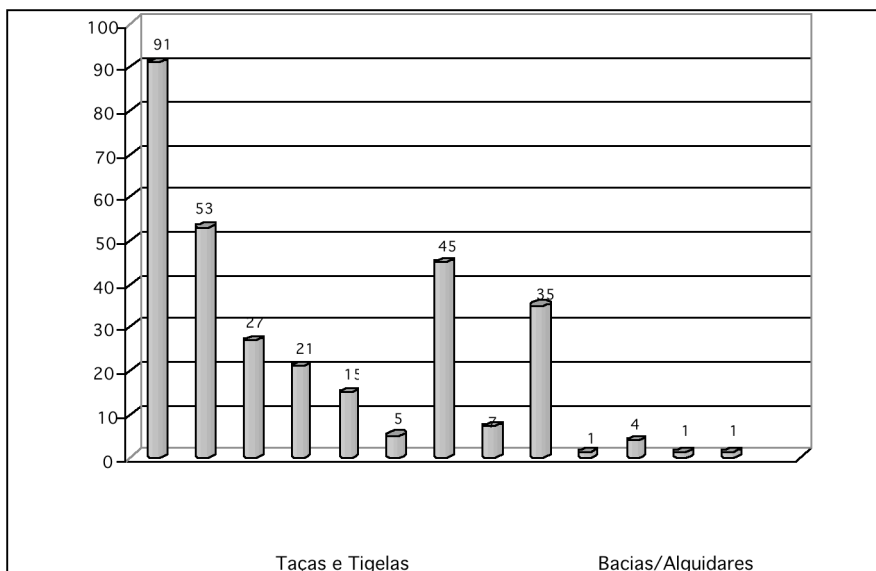


Gráfico 9 – Frequência das várias formas de taças/tigelas presentes na fase III.

Os recipientes classificados como taças encontram-se representados por todos os subtipos definidos, à excepção da forma 8.C.1 que, como já se referiu, foi documentada exclusivamente em níveis do Bronze Final. A maioria dos exemplares integra-se na forma 8.A (53 NMI), com especial relevo para a variante 1 (morfologia hemisférica), representada por 28 indivíduos, em detrimento da variante 2 (morfologia troncocónica), da

qual se reconheceram apenas seis indivíduos. A este respeito, convém referir que a distinção entre ambas variantes nem sempre é clara, particularmente quando o perfil conservado é bastante reduzido, embargando qualquer tentativa de verificar se as paredes são rectas ou curvas. Esta dificuldade aconselha prudência na valorização destas diferenças, uma vez que, em muitos casos (17 NMI), não foi possível determinar sequer uma variante. Deve ainda referir-se que foram identificados recipientes deste tipo providos de pegas triangulares (estampa 5 n.º 14876 e estampa 6, n.º 15350) ou mamilos oblongos aplicados sobre o bordo (estampa 7 n.º 13648). Ao contrário do que se verificou para a fase anterior,

os recipientes com uma morfologia de tendência esférica (forma 8.B) estão bem documentados neste momento, formando um conjunto de 21 exemplares que representam 7% da amostra total das taças e tigelas (p.e. estampa 10, n.º 10671, 11596, 15087). As taças de perfil carenado (forma 8.C)

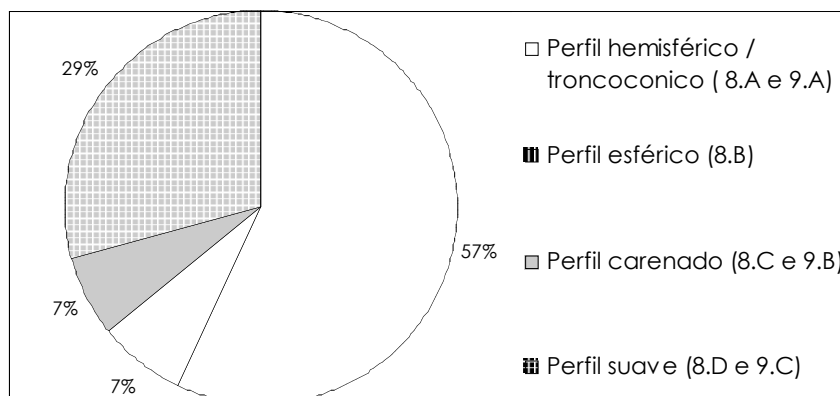


Gráfico 10 – Frequência das várias formas incluídas nas categorias de taças/tigelas da fase III.

constituem um conjunto reduzido mas muito diversificado, composto por 15 indivíduos que se distribuem do seguinte modo: 8.C.2 – 6 NMI (p.e. estampa 26 n.º 11537), 8.C.3 – 3 NMI (estampa 5, n.º 13957, 14875, 15091), 8.C.4 – 6 NMI (p.e. estampa 26, n.º 13397, 13427, 13428). O grupo das taças de perfil suave (forma 8.D) é ainda menos expressivo, totalizando apenas sete indivíduos (p.e. estampa 32 n.º 4014).

À semelhança da fase anterior, a análise conjunta dos recipientes do tipo taça e tigela revela uma clara preferência pelas formas hemisféricas e troncocónicas, que representam 57 % do total da amostra (gráfico 10). Não obstante, esta tendência deve ser devidamente enquadrada, uma vez que só é evidente em relação aos recipientes com diâmetros superiores a 20 cm, ou seja, nas taças. De facto, se atendermos exclusivamente aos exemplares de menor dimensão (tigelas – tipo 9), facilmente se contacta uma tendência dissonante daquela acima referida. Neste tipo de produções, os recipientes de perfil suave (9.C) encontram-se em maior proporção (35 NMI), sendo seguidos pelas formas hemisféricas (9.A – 27 NMI). O último lugar cabe às tigelas carenadas (9.B), que estão representadas por apenas cinco indivíduos, distribuídos por três subtipos: 9.B.2 (1 NMI) (estampa 32, n.º 15272), 9.B.3 (1 NMI) (estampa 28, n.º 14582) e 9.B.4 (3 NMI) (estampa 9, n.º 14904, est. 15, n.º 11741, est. 26, n.º 13418).

Analisando o gráfico 9 verifica-se ainda que os grandes recipientes da categoria Bacia/Alguidar (forma 7) constituem um conjunto restrito (8 NMI), mas muito diversificado. A forma mais representada é a de tendência esférica (forma 7.B, p.e estampa 24 n.º 13398), com quatro indivíduos. Os vasos de perfil hemisférico (7.A), perfil carenado (7.C) e de perfil suave (7.D) integram o conjunto, à razão de um indivíduo por forma (estampa 17 n.º 14347, estampa 26 n.º 13719 e estampa 12 n.º 14829, respectivamente).

Os últimos dois subtipos referidos foram definidos a partir de exemplares únicos.

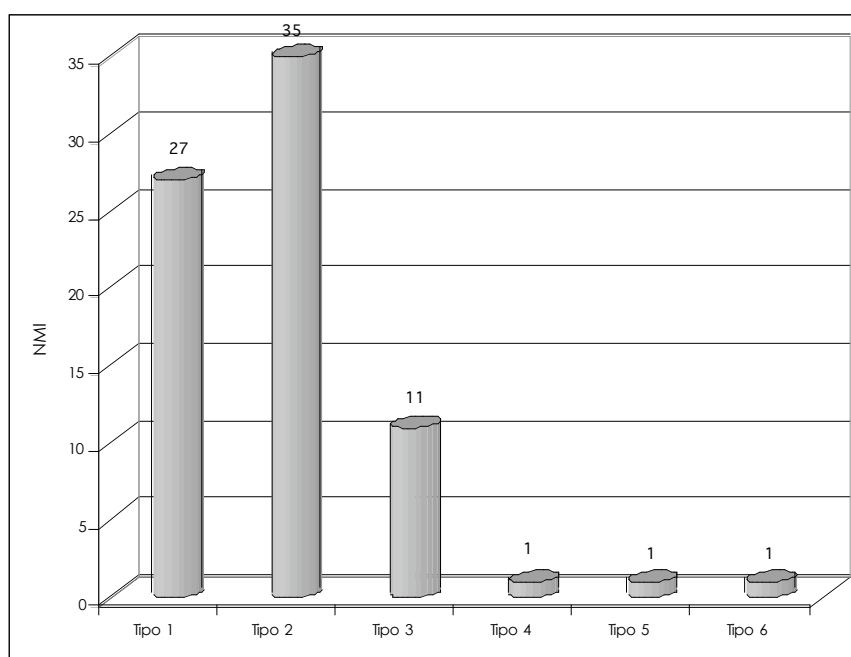


Gráfico 11 – Frequência das várias formas incluídas nas categorias de potes/ panelas da fase III.

No que diz respeito aos Potes/Panelas, convém, em primeiro lugar, referir as dificuldades sentidas durante o processo de classificação, resultantes sobretudo da reduzida dimensão de muitos dos fragmentos, o que impossibilitou, por um lado a determinação do valor dos diâmetros de abertura e, por



outro, uma verificação suficientemente esclarecedora do perfil dos recipientes. Deste modo, embora a amostra total seja de 188 indivíduos, apenas foi possível classificar uma pequena parte destes. Não obstante, pode-se afirmar, sem margem para dúvidas, que o conjunto é dominado por recipientes de bordo esvasado e colo ligeiramente estrangulado. Esta mesma tendência foi igualmente verificada nos recipientes que possibilitaram reconstituição gráfica. De facto, nos tipos 1, 2 e 3, a variante B, que corresponde a formas com bordo de tendência vertical, encontra-se escassamente representada, em comparação com a variante A, que possui o bordo esvasado. Nos contentores de maior dimensão (tipo 1), a variante A foi reconhecida em sete exemplares (p.e estampa 18, nº 13899 e estampa 30, nº 13487), enquanto que a variante B está representada por cinco indivíduos (p.e estampa 27, nº 11578 e estampa 8, nº 8525). Os restantes 15 exemplares que integram este grupo apresentavam um perfil bastante truncado, desaconselhando a sua inclusão em qualquer uma das variantes. Os recipientes de dimensões mediadas (tipo 2), com 15 a 30 cm de largura de bordo, constituem o grupo mais numeroso entre os Potes/Panelas, totalizando 35 indivíduos: 26 da variante A (p.e estampa 16 nº 13769 e 14337) e nove da variante B (p.e estampa 14, nº 14975). O tipo 3 desta categoria foi reconhecido em 11 exemplares, oito dos quais integrados na forma 3.A (p.e estampa 13 nº 11914 e estampa 15, nº 10249) e um na 3.B (estampa 25 nº 13388). Identificaram-se ainda dois recipientes de morfologia aberta e profunda que, devido ao seu aspecto tosco, foram incluídos na variante 3.C dos Potes/Panelas (estampa 28 nº 14589 e estampa 30 nº 15101). Este tipo de vasos constituem uma novidade no registo arqueográfico da cerâmica manual de Castro Marim, tendo-se verificado que perduram nas fases posteriores. O efeito de novidade é igualmente protagonizado pelos exemplares dos tipos 4.C, 5 e 6, todos representados por um único indivíduo (estampa 23 nº 1862, estampa 15 nº 15478 e estampa 29, nº 2682, respectivamente).

Do ponto de vista estilístico, pode-se afirmar, sem margem para dúvidas, que o conjunto da fase III apresenta um baixo índice decorativo. Com efeito, dos 558 indivíduos isolados, apenas 32 ostentavam decoração, representando 5.7 % da amostra total. Contudo, deve sublinhar-se que este índice varia em função dos tipos e subtipos analisados, podendo apresentar resultados consideravelmente diferentes daquele acima referido. Apesar de ser pouco expressivo do pouco de vista estatístico, o conjunto dos recipientes decorados compreende uma grande variabilidade de técnicas e motivos, sendo o mais diversificado de todas as fases de ocupação proto-históricas. De facto, neste momento está presente a totalidade das técnicas identificadas na análise global do conjunto: incisão, impressão, pintura, traços brunidos e aplicação de elementos plásticos.

O motivo mais frequente é o "denteado" executado sobre o bordo, tendo sido documentado em nove indivíduos integrados na categoria dos Potes/Panelas, que equivalem a 4.7 % da amostra total. Em seis destes exemplares, a decoração foi realizada por incisão, enquanto que nos restantes três a técnica utilizada foi a impressão. No primeiro caso, as incisões configuram traços bem marcados e paralelos entre si, dispostos oblíqua ou perpendicularmente ao bordo. Em três indivíduos foi possível



verificar a associação de “bordos denteados” com um outro motivo decorativo inciso, composto por linhas quebradas oblíquas e convergentes, configurando o que parecem ser vértices de um esquema de zig-zague ou de uma faixa de triângulos. Este motivo foi desenhado na superfície exterior em dois exemplares (estampa 15, nº 15117 e nº 15478), enquanto que no terceiro foi documentado na zona interior do lábio (estampa 22, nº 12317), constituindo caso único em todo o conjunto.

Entre o vasilhame da categoria pote/panela, contabilizaram-se ainda quatro exemplares decorados exclusivamente com incisões sobre o colo ou pança, desenhando três motivos distintos: zig-zague duplo (estampa 33, nº 14397), fiada de traços verticais (estampa 12, nº 13659) e “cruzes” (estampa 31, nº 13810 e estampa 30, nº 15101). Num outro recipiente, verificou-se a associação da técnica incisa e impressa. A primeira foi responsável pelo desenho de um esquema zig-zagueante no colo, abaixo do qual se desenvolvia uma fileira de digitações impressas (estampa 31, nº 13810). O conjunto destes cinco indivíduos representa 2.6 % da amostra total da categoria pote/panela. Importa também salientar que apenas um destes cinco exemplares não integra o tipo 2.A, pois trata-se de um recipiente de forma aberta, tendo por isso sido incluído na variante 3.C. Como facilmente se pode contactar pelos exemplos acima mencionados, a decoração incisa foi executada sobretudo em recipientes dos tipos 1, 2 e 3, ou seja potes/panelas. A exceção, que segundo o ditado poderá confirmar esta regra, é protagonizada por uma taça da variante 8.B, na qual foram desenhados, por incisão, alguns traços verticais e paralelos (estampa 24, nº 13403).

A decoração impressa encontra-se representada no conjunto por motivos digitados e “beliscados”, que na maioria dos casos se organizam em fileiras horizontais, podendo, no entanto, também surgir isolados. A ornamentação de recipientes executada pela “beliscadura” da pasta é uma técnica documentada exclusivamente na fase III, tendo sido reconhecida apenas em dois indivíduos, que correspondem a exemplares únicos de formas singulares: 6.A (estampa 29, nº 2682) e 7.D (estampa 12 nº 4829). No primeiro caso, os motivos foram impressos aleatoriamente sobre a parte superior do recipiente, enquanto que, no segundo, se encontravam dispostos em fileira sobre o colo.

Em relação aos motivos digitados, convém, em primeiro lugar, alertar para a sua sub representação no conjunto do número mínimo de indivíduos (NMI), onde foram documentados somente em quatro exemplares. Este valor é incompatível com a quantidade de fragmentos de bojo decorados com mesma técnica, que ascende a 19 exemplares. Com efeito, a grande maioria destes fragmentos parecem corresponder a recipientes do tipo Pote/Panela, apesar de, na amostra mínima de indivíduos, esta categoria estar associada a este tipo decorativo em apenas dois exemplares. Como já se referiu anteriormente, num dos casos documentou-se a combinação de motivos incisos e digitados (estampa 31, nº 13810), enquanto que, no outro, a decoração era composta por uma única fiada de digitações localizada abaixo do colo (estampa 12, nº 14866). Nos fragmentos de



bojo, é possível observar uma relativa diversidade de opções técnicas adoptadas na execução das digitações, que podem implicar o “arrastamento” da pasta (estampa 29, nº 12303) ou incluir marcas unguadas (estampa 13, nº 13284). Não obstante, na maioria dos casos, este gesto implicou apenas uma ligeira pressão realizada com a ponta dos dedos, conferindo ao motivo uma morfologia arredondada ou ovalada (p.e estampa 13, nº 12308 e estampa 20, nº 15150).

A impressão de digitações em recipientes abertos é um fenómeno exclusivo da fase III, onde foi documentado em apenas dois indivíduos, ambos enquadráveis na categoria das Taças ou Tigelas, concretamente na sua variante A (perfil hemisférico), representando 1.2% da amostra total destes tipos (8/9.A). Num dos exemplares, o motivo encontrava-se disposto numa fiada horizontal abaixo do bordo (estampa 23, nº 2039), enquanto que, no outro, apenas se documentou uma digitação isolada, localizada na parte central da peça (estampa 28, nº 15595).

Passando para a decoração pintada, verifica-se que esta técnica foi eleita, sobretudo, para embelezar recipientes de fabrico cuidado, particularmente tigelas da variante 9.C (perfil suave). Com efeito, os recipientes desta forma totalizam sete dos nove indivíduos que ofereciam vestígios de pintura. À excepção de um exemplar, todos os outros se encontravam decorados exclusivamente com pintura de cor vermelha, que pode cobrir toda a superfície externa do recipiente (estampa 5, nº 13960) ou configurar bandas de composição e largura diversa, pintadas em ambas as superfícies (estampa 5, nº 13963; estampa 23, nº 1692 e estampa 29, nº 1777). A par dos exemplares ornamentados com uma única banda, documentaram-se outros, que ostentavam faixas paralelas, podendo estas ser duplas (estampa 13, nº 13459) ou triplas (estampa 33, nº 14396). Um pequeno fragmento de parede informa ainda da existência de outros esquemas decorativos, neste caso composto por traços convergentes, parecendo formar o vértice de uma banda de triângulos (estampa 13, nº 923). Num outro exemplar, documentou-se a utilização de pintura amarela e branca sobre uma superfície coberta de engobe vermelho. Este singular recipiente encontra-se profusa e meticulosamente decorado em ambas as superfícies, combinando vários motivos (estampa 33, nº 10219). Na superfície interna foi pintada uma estreita faixa amarela junto ao lábio, abaixo da qual se desenvolveria um esquema reticulado com mesma cor. Na parte inferior, reconheceu-se parcialmente um triângulo amarelo, desenhado acima de uma faixa preenchida por minúsculas pintas de cor branca. Relativamente à superfície externa, pode supor-se que a sua decoração foi organizada em quadrantes, uma vez que os diferentes motivos identificados parecem intercalar. Numa destas parcelas, verificou-se a existência de uma área em reserva, que se encontrava preenchida por duas fiadas paralelas de pequenos quadrados vermelhos, acima dos quais foi pintado um reticulado branco. Ao lado destes motivos, identificaram-se duas faixas paralelas compostas por pintas brancas, bem como um outro desenho que não foi possível reconstituir, embora possa supor-se que se trate de uma composição figurativa. Esta hipótese é sustentada, sobretudo, pela irregularidade dos traços pintados que sugerem o uso de um pincel, contrastando



com a precisão exibida nas composições geométricas e rectilíneas que, muito provavelmente, terão sido executadas com um pente. Por último, parece importante referir, que os exemplares com decoração pintada representam 8% da amostra total das taças/tigelas de perfil suave (8.D/9.C).

A pintura vermelha foi igualmente documentada num exemplar de taça carenada da forma 8.C.3 (estampa 1. n.º 13957), assim como num singular recipiente do tipo 1.B (estampa 27). Neste último, a pintura incidiu sobre ambas as superfícies do bordo, formando uma faixa de 5.5 cm pelo exterior e outra um pouco mais estreita no interior. Abaixo da área pintada, desenvolve-se uma peculiar composição decorativa de ornatos brunidos, organizada em bandas horizontais, que, por sua vez, se encontram limitadas por faixas verticais. O esquema desenhado distribui-se por seis bandas consecutivas, que ocupam toda a área conservada do recipiente, conferindo-lhe uma aparência revestida de um certo "barroquismo". Descrevendo a composição a partir do topo, os motivos representados nas várias bandas são os seguintes: rectículas, triângulos cheios com traços oblíquos, triângulos escaliformes, "espiga", linhas dispostas obliquamente e, por último, outra faixa recticulada. Deve ainda acrescentar-se, que este exemplar foi o único onde se documentou decoração brunida na superfície externa. Todavia, esta técnica decorativa foi também adoptada na ornamentação de formas abertas, executando-se, neste caso, na superfície interna dos recipientes. Na fase III, o conjunto de vasos decorados desse modo resume-se a dois indivíduos: uma tigela de perfil suave (forma 9.C, estampa 30, n.º 2311) e uma taça hemisférica (forma 8.A, estampa 28, n.º 15037). Não foi possível reconhecer integralmente os motivos desenhados, ainda que a existência de vértices de ângulo reduzido em ambos os exemplares, sugira uma composição que integre elementos triangulares ou ziguezagueantes. Num fragmento de bojo, verificou-se a ocorrência da característica decoração de rectícula brunida (estampa 10, n.º 15083), também documentada na fase anterior.

A decoração aplicada encontra-se, igualmente, mal representada no conjunto cerâmico da fase III, limitando-se a dois indivíduos, ambos incluídos na categoria das taças, embora pertençam a variantes diferentes. No recipiente da forma 8.A (perfil hemisférico) verificou-se a existência de um mamilo alongado aplicado sobre o bordo em posição vertical (estampa 7, n.º 13648). O outro exemplar corresponde a uma taça do tipo 8.B (perfil esférico), onde foi aplicada, também abaixo do bordo e disposto na vertical, uma tira muito delgada, configurando um motivo que geralmente se designa por "lágrima" (estampa 24, n.º 13387). A aplicação de "mamilos duplos" é outra das variantes deste tipo decorativo, tendo sido identificada num fragmento de bojo (estampa 14, n.º 14435).

5.3.2 - Distribuição espacial

Como resulta claro do exposto no ponto anterior, a documentação arqueográfica da fase III é, em qualidade e quantidade, bastante mais rica do que a relativa ao período anterior, permitindo efectuar um outro tipo de análise. De facto e apesar de em alguns casos se encontrarem bastante



truncados, os vestígios arquitectónicos postos a descoberto convidam a uma análise da distribuição espacial dos recipientes estudados. Pretende-se, sobretudo, definir a baixela em uso no momento de abandono e conferir as associações dos vários tipos de recipientes nos diversos espaços identificados. Para este efeito, é imprescindível a valorização dos contextos de recolha, que, como se verá, permitiu excluir desta fase algumas peças que, por sua vez, são úteis para complementar os escassos conjuntos das ocupações precedentes.

Em primeiro lugar, deve referir-se que nenhum dos níveis desta fase pode ser considerado como um típico contexto primário de abandono, uma vez que, não foram identificados quaisquer recipientes fragmentados em conexão anatómica. De facto e infelizmente, em nenhum dos exemplares estudados foi possível apurar o seu perfil integral. Não obstante, em alguns contextos específicos, verificou-se que vários fragmentos de uma mesma peça se dispersavam pela área escavada, alguns dos quais apresentavam uma dimensão considerável e encontravam-se, eles próprios, fracturados *in situ*. As características enunciadas sugerem que os materiais recuperados neste tipo contextos possam estar próximos do local onde foram abandonados, devendo, por isso, ser valorizados na análise da distribuição espacial da baixela.

A escavação do edifício situado no limite norte do sector 1 não entregou materiais que possam ser, indiscutivelmente, imputados à sua utilização. Com efeito, os materiais recuperados sobre os pisos dos vários compartimentos (1, 2, 3 e 4) encontravam-se reduzidos a fragmentos muito exíguos, correspondentes, na maioria dos casos, a formas abertas (estampas 5 a 8). Todavia, a sequência estratigráfica registada nesta área edificada é particularmente significativo, no que diz respeito aos níveis de construção (pisos e aterros preparatórios), uma vez que estes incorporavam materiais que se podem associar à ocupação anterior ou mesmo ao Bronze Final, mas que, no entanto, estavam ausentes nos conjuntos isolados para as fases respectivas. Refiro-me concretamente à cerâmica decorada com pintura vermelha, às taças carenadas da forma 8.C.2 e aos recipientes dotados de mamilos, que não tinham sido identificados na fase II, mas que, de facto devem ter integrado a baixela desse momento. Estas mesmas considerações são igualmente válidas para os restantes fragmentos recolhidos nas u.e's: 1297, 1270 e 1269 do compartimento 1; 1254 do compartimento 2, 1188, 1182 e 1173 do compartimento 3 e 1240 do compartimento 4 (estampas 5 a 8, confirme-se com os respectivos perfis). Pelas mesmas razões acima expostas, mas em sentido contrário, é possível excluir do repertório da fase III as taças de carena média da forma 8.C.3 (estampa 5 nº 13957), que, com efeito, têm os melhores paralelos em conjuntos cerâmicos do Bronze Final do Baixo Guadalquivir (Ruiz-Mata, 1995, p. 269 e Fig. 9).

Como já se referiu, a área edificada na zona central do sector 1 foi alvo de uma intensiva ocupação, que ficou demonstrada pelas sucessivas evidências de remodelações do espaço construído, às quais se pode também atribuir a responsabilidade pela fraca preservação dos



contextos (Fig. 25). Os últimos compartimentos a serem construídos (5 e 8) entregaram um espólio escasso e muito fragmentado que, em rigor, não se pode associar às actividades aí desenvolvidas (estampas 9 e 15). Ainda assim, parece importante referir que o único exemplar da fase III enquadrado no tipo 5 da categoria Pote/Panela foi recolhido no interior do forno do compartimento 8 (estampa 15 n.º 15479). A associação destes dois elementos resulta bastante tentadora, embora não seja autorizada pelo registo arqueológico, uma vez que, tratando-se de um contexto selado pelo abatimento do forno e, a supor-se que o recipiente foi ali abandonado, este deveria ter permanecido completo, ao invés do que se verificou com peça em questão. No entanto, parece provável que a utilização combinada de panelas e fornos para fins culinários tenha sido, de facto, uma realidade. Deve ainda dizer-se que, em redor do referido forno, foi recolhida uma grande quantidade de restos faunísticos, que evidenciam a sua apetência culinária, sugerindo que o compartimento 8 possa ter funcionado como um espaço de cozinha. Os compartimentos 6 e 7 só foram escavados muito parcialmente, tendo-se recolhido escassos materiais, reduzidos a fragmentos diminutos, que não oferecem interesse para este tipo de análise (estampa 15). Em relação ao primeiro, importa realçar que no seu interior foi identificado um pavimento construído com conchas alinhadas, facto que motivou a sua interpretação como sendo parte integrante de um santuário (Arruda, Freitas e Oliveira, no prelo e Arruda, 2005b, p. 47).

A área 9 revelou uma intrincada sequência estratigráfica, ritmada pela construção de diversos pisos, um dos quais seria também composto por conchas, segundo informam as evidências relativas à sua destruição. Apesar de ser relativamente abundante, a cerâmica manual recuperada neste espaço encontra-se bastante truncada, estando representadas, sobretudo, formas abertas de morfologia hemisférica, das diversas categorias definidas (7.A, 8.A e 9.A), mas também por duas taças de tendência esférica (8.B, estampa 10). A recolha de um fragmento decorado com rectícula brunida no primeiro pavimento (estampa 10, u.e 1156), confirma a antiguidade deste motivo, que aliás, havia já sido documentado na fase anterior.

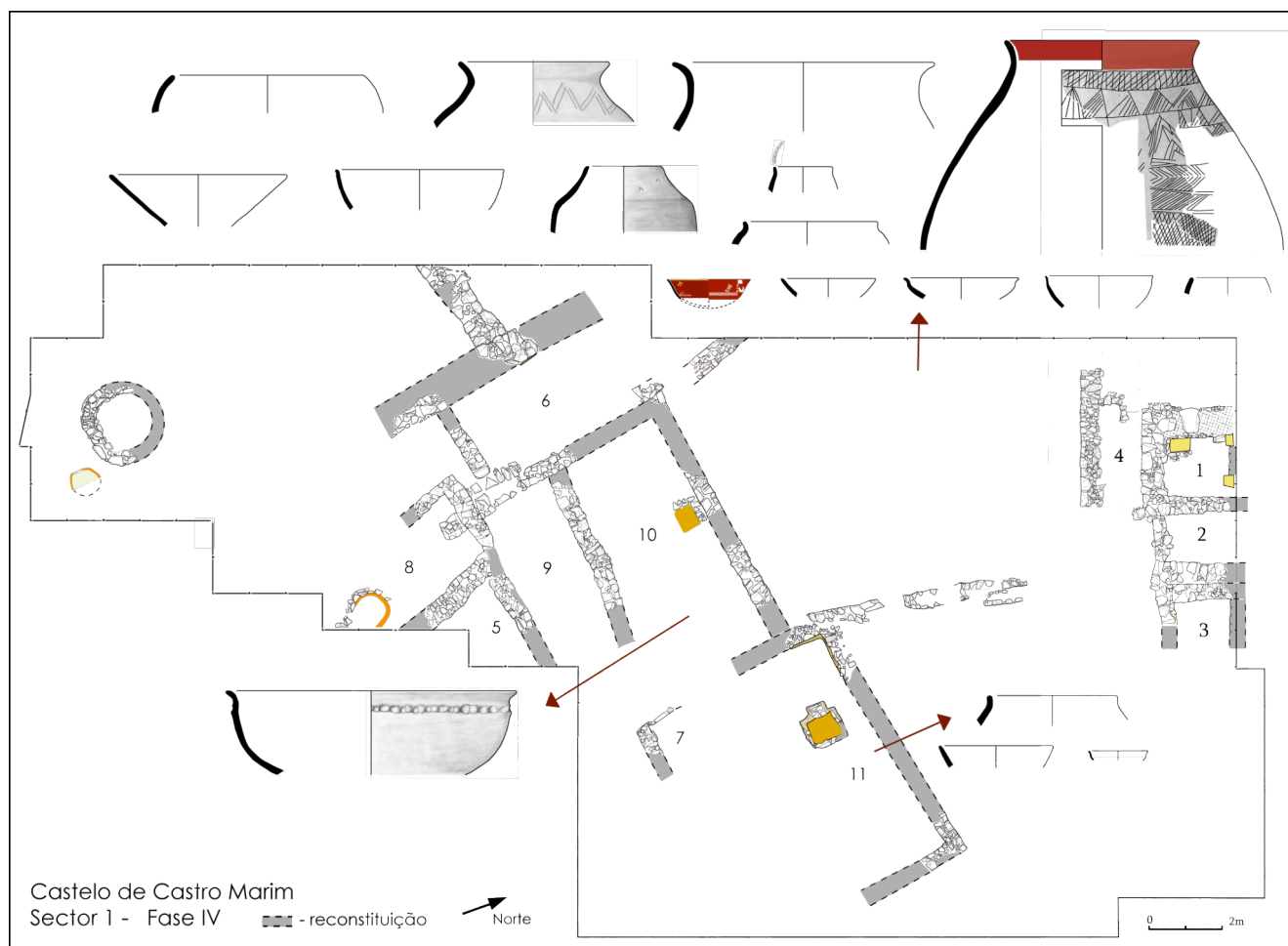


Figura 25 – Planta da fase III com a distribuição espacial da cerâmica manual.

O compartimento 10 sofreu também diversas remodelações, tendo-se identificado quatro pisos associados a diferentes estruturas interiores, nomeadamente, um poial e várias lareiras, algumas das quais em posição central. A cerâmica manual neste espaço encontrava-se dispersa pelos vários níveis ocupação, em particular os mais antigos, constituindo um conjunto heterogéneo, maioritariamente, composto por várias taças e tigelas hemisféricas (8.A e 9.A), mas também por uma taça de carena alta (8.C.2), algumas tigelas de perfil suave (9.C), uma Bacia/Alguidar de tendência esférica (7.B) e dois Potes/panelas que ostentavam decoração incisa e digitada (estampas 11 a 13). Um outro fragmento parece corresponder a uma tampa ou a um prato, conforme sugere a inclinação da parede e o ligeiro espessamento interior do bordo (estampa 12 n° 15279). No entanto, mais uma vez se constata que, por se tratar de fragmentos muito diminutos, a sua associação a este espaço deve ser seriamente questionada. A única excepção a este panorama é protagonizada por um recipiente do tipo Bacia/Alguidar, parcialmente fragmentado *in situ*, próximo da esquina Nordeste (Fig. 22 estampa 12 n° 14829). Convém referir que este exemplar é único quer no que diz respeito à sua morfologia (perfil suave), quer em relação ao motivo decorativo que ostenta (fileira beliscada), tendo sido responsável pela definição da forma 7.D. Determinar a funcionalidade deste



tipo de recipientes não resulta tarefa fácil, uma vez que a sua forma se adapta a um vasto leque de serventias, como por exemplo a preparação culinária ou actividades de higiene pessoal, particularmente abluções (Fabião, 1998, vol. II, p. 48). A identificação desta peça no compartimento 10, mas, principalmente as suas dimensões e estruturas documentadas no seu interior, sugerem que este se possa interpretar como um espaço habitacional onde, por certo, ocorreram as mais variadas actividades.

A área escavada no compartimento 11 é bastante restrita, comparativamente com as dimensões supostas para este espaço. Como não poderia deixar de ser, esta situação tem óbvios reflexos na amostra isolada, que se encontra, assim, bastante truncada. Não obstante, tendo em consideração o elevado número de fragmentos recuperados nos níveis relativos ao seu abandono e derrocada, parece possível admitir que, pelo menos alguns dos exemplares, poderiam integrar a baixela em uso neste compartimento, ainda que a maioria deva estar descontextualizada. Deve salientar-se a presença de Potes/Paneles de dimensão médias (tipos 2.A e 2.B), bem como algumas taças e tigelas, maioritariamente representadas por formas hemisféricas (8.A e 9.A), tendo-se documentado também uma pequena tigela de perfil suave (9.C) (estampa 14). Em relação aos primeiros, importa assinalar que não ostentavam qualquer decoração, contrastando com o verificado no compartimento anexo. Tem também especial interesse um outro recipiente classificado como taça, mas cuja orientação das paredes sugere um hipotético uso como tampa, que apresentava duas perfurações paralelas ao bordo, executadas pouco abaixo deste (estampa 14 n° 14431). Segundo a opinião de diversos autores, estes elementos podem relacionar-se com a arrumação das peças no interior das habitações, onde se encontrariam suspensas na parede (Beirão *et all.*, 1985, p. 477; Fabião, 1998, vol. II, p. 38; Mataloto, 2004, p. 68-69). No exemplar do compartimento 11, os orifícios encontravam-se consideravelmente desgastados denotando um uso intensivo, que, com efeito, pode ser relacionado com a sua disposição na parede, resultando também significativo o facto de ter sido recolhido, precisamente, nos derrubes desta. A respeito deste espaço, não posso terminar sem referir que foi identificada no seu interior uma lareira quadrangular, com cabeceira sobrelevada, associada a piso de cor vermelho intenso. Estes elementos foram determinantes para a sua interpretação como lugar de culto (Arruda *et alli*, no prelo).

Como já disse, o limite Sul da área escavada correspondia a uma zona, aparentemente descoberta, na qual se construíram duas estruturas circulares: um forno e um silo sobrelevado. A construção destes equipamentos domésticos ocorreu em momento indeterminado da fase III, estando provavelmente relacionada com as remodelações levadas a efeito na área edificada, situada a norte destes. No entanto, a relação entre ambas áreas é impossível de determinar, uma vez que a sua ligação física se encontrava interrompida pelos alicerces da Igreja de época Moderna. A estratigrafia observada informa que as referidas estruturas foram construídas sobre um aterro, do qual procede a grande maioria dos materiais recolhidos nesta zona, que, assim devem ser imputados a um momento



relativamente antigo dentro da fase III. No conjunto de cerâmica manual deste contexto, merecem destaque os dois recipientes interpretados como lucernas, bem como uma tigela pintada com finas linhas vermelhas. Os restantes exemplares distribuem-se pelas categorias maioritárias desta fase, principalmente pelas formas abertas, que se encontravam representadas por diversas variantes: 7.A, 8.A, 8.C.2, 9.A e 9.C (estampas 16 e 17 u.e. 919). Do momento de utilização e abandono deste espaço, restaram escassos materiais, podendo sugerir que este permaneceu ocupado apenas na derradeira etapa da fase III.

A área entre os dois complexos arquitectónicos identificados define-se como um amplo espaço descoberto, que, num dos momentos da sua ocupação, recebeu um piso elaborado com argila e conchas. A escavação desta área entregou mais de metade dos exemplares de cerâmica manual integrados na fase III, dizendo bem da intensidade ocupacional aí ocorrida (estampas 18 a 33). Alguns dos recipientes recuperados neste recinto encontravam-se, relativamente, bem conservados, tendo sido identificados alguns casos de fragmentos de grande dimensão fracturados *in situ*, que sugerem uma proximidade com o seu contexto de abandono. Entre estes, encontram-se alguns dos recipientes mais emblemáticos da fase III, que constituem situações, verdadeiramente, excepcionais na amostra analisada, devendo destacar-se: a tigela pintada de vermelho, branco e amarelo (estampa 33 nº 10219), o pote decorado com ornatos brunidos (estampa 27) e o único exemplar da forma 6.A (estampa 29 nº 2682). A estes pode juntar-se um amplo repertório que inclui recipientes de praticamente todas as categorias, tipos e formas definidas, tal como se pretendeu ilustrar na figura 22, mas que pode observar-se melhor nas estampas 18 a 33. A quantidade de recipientes e a variedade de formas representadas sublinham o carácter multifuncional deste amplo espaço, que pode relacionar-se com actividades de armazenamento, confecção e consumo de alimentos.

5.3.3 – Discussão

Como já se disse anteriormente, a fase III (segunda metade do séc. VII) corresponde ao momento da diacronia de ocupação do sítio em que a olaria produzida à mão é superada, em quantidade, pelos recipientes fabricados a torno, tendo sido possível estabelecer esta relação em 37%-63%, respectivamente (gráfico 12). Este valor aproxima-se do contabilizado no nível IIC (38.1%) de Puerto 6, em Huelva, integrado no Tartéssico Médio IIIB, com uma cronologia análoga à fase III de Castro Marim

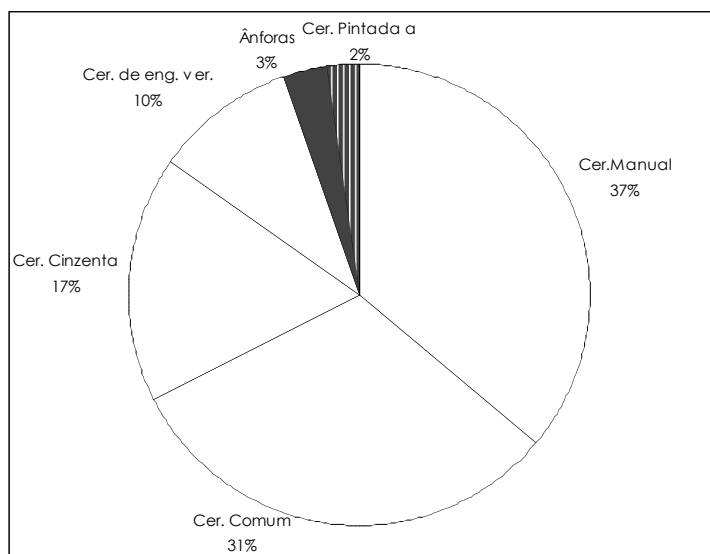


Gráfico 12 – Distribuição das várias categorias cerâmicas da fase III.



(Fernandez Jurado, 1988-1989, p. 108-141). Contudo, deve dizer-se que, na mesma cidade e em cronologia coeva, outras intervenções ofereceram resultados bem distintos, como por exemplo a Calle Méndez Núñez, onde a cerâmica manual oscila entre 18.3% no estrato II e 13.6 % no estrato III (*Idem, Ibidem*, p.171-1929). O índice contabilizado em Castro Marim é também similar ao registado no estrato 4 do Cerro de la Cabeza (30 %), que corresponde, igualmente, a um povoado indígena fortemente "orientalizado" (de la Bandera *et alli*, 1988). Comparando com áreas mais interiores, verifica-se que, no sítio estudado, a olaria manual é menos expressiva do que, por exemplo, em Medellín, onde durante o séc. VII esta representa 80% do conjunto, segundo os dados da sondagem Este do Teatro (Almagro-Gorbea, 1977). Logicamente, esta situação inverte-se se o termo de comparação forem os estabelecimentos coloniais fenícios, nos quais este tipo é quase sempre minoritário. A título de exemplo podem citar-se os casos de Castillo Doña Blanca (Ruiz-Mata, 1992, 297) e Abul (Mayet e Silva, 2000), onde, em momento contemporâneo, o índice de cerâmica manual é de 10 % e 18 %, respectivamente.

Ao nível do repertório, verifica-se uma assinalável continuidade em relação ao período precedente, enquadrando-se na tipologia da fase II, definida por D. Ruiz Mata (1995, p. 273 e ss) para a ocupação do "espaço Tartéssico" durante o séc. VII ou período Orientalizante. Todavia, algumas alterações são também evidentes, não só em relação às formas e decorações presentes, que configuram o conjunto mais "eclectico" de todas as fases, mas também relativamente à sua representatividade no conjunto total, assistindo-se a um decréscimo acentuado dos recipientes das categorias taça e tigela, ainda que estes continuem a ser majoritários (61 %). Este facto contrasta com o verificado nas colónias fenícias, onde a técnica manufacturada foi identificada, sobretudo, em contentores de formas fechadas, associáveis a actividades culinárias ou de armazenagem, como ficou bem demonstrado em ambas fases de Abul, onde a quantidade deste tipo de baixela (forma I, II, III e IV) é cerca de duas vezes maior do que o conjunto de *bassines*, *plates* e *coupes* (forma V, VI, VII e VIII), muitas das quais usadas também na preparação culinária, sendo raros os recipientes cuja forma se adapte ao consumo individual (Mayet e Silva, 2000, p. 64, tabela 16). Na cerâmica manual do Cerro de Villar, verifica-se, igualmente, uma preponderância das *ollas* (50%) em relação aos *Cuencos* (23 %), sendo, por outro lado, minoritárias as *copas* e *cuencos carenados*, geralmente associadas ao consumo de alimentos (Delgado Hervás, 2005, p.1254). Assim, parece ser possível supor uma distribuição diferenciada do repertório cerâmico de fabrico manual presente em povoados indígenas e em sítios coloniais, como, aliás, seria de esperar. Não obstante, convém referir que, apesar de na fase III de Castro Marim as Taças e Tigelas serem as formas predominantes no conjunto estudado, são, no entanto, minoritárias em comparação com as suas congéneres fabricadas a torno, sucedendo precisamente o inverso, no que diz respeito aos recipientes incluídos da categoria pote/panela, concretamente, aqueles que se destinariam a ser usados na confecção de alimentos.



No que diz respeito às formas identificadas, deve dizer-se, desde logo, que, excepcionando algumas novidades representadas quase sempre por exemplares únicos (forma 7.D, 6.A, 12), estas permanecem as mesmas já documentadas no período anterior, destacando-se, no entanto, uma menor presença de recipientes de perfil carenado. A título meramente hipotético, interpretei como lucernas (tipo 12) dois exemplares que ostentavam a superfície interna queimada, e cuja reduzida dimensão e perfil muito aberto não parecem adaptar-se ao serviço de mesa ou de cozinha (estampa 17 n° 14341 e 14340). Aos paralelos procedentes de La Bienvenida, já antes citados, podem juntar-se outros recipientes, geralmente denominados de *escudillas* ou *cuenquitos*, que por vezes são providos de um bico vertedor, remetendo para o seu uso na iluminação (Ruiz-Mata e Cabrera Bonet, 1992). Relativamente à Bacia/Alguidar incluída na forma 7.D (estampa 12 n°14829), o melhor paralelo encontrado procede do fundo de cabana n° 2 de S. Bartolomé de Almonte, datado do séc. VII (Fernandéz Jurado e Ruiz-Mata, 1986, lam. LXXX n° 1038), ainda que o bordo deste seja de tendência vertical ao contrário do exemplar Castro Marim, coincidindo, no entanto, em relação às dimensões e motivo decorativo desenhado. Os fundos de pé alto recolhidos no recinto central da área de escavação (estampa n° 13375 e 13373) são um elemento exclusivo da fase III, ao qual infelizmente não é possível associar uma forma concreta. No entanto, alguns recipientes completos dotados deste tipo de fundos, conhecidos em alguns sítios relativamente próximos, constituem bons paralelos na hora de tentar uma aproximação à forma dos exemplares de Castro Marim. Pela sua probabilidade, destacam-se as denominadas *copas de pé esbelto* recolhidas no Monte Horquera em associação com uma grande quantidade de painéis decoradas com incisões e digitações (Morena López, 2000, Fig. 42 e 45). Em S. Bartolomé de Almonte, alguns *coladores* apresentavam um fundo semelhante (Fernandéz Jurado e Ruiz-Mata, 1986, lam. XLVII n° 634), ainda que não me pareça que este tipo de artefacto possa coincidir com os exemplares de Castro Marim, até porque as suas características paredes multi-perfuradas não foram reconhecidas entre os milhares de fragmentos recuperados.

A decoração de taças e tigelas com pintura vermelha constitui um dos aspectos mais interessantes no conjunto, pois remete para um ambiente cultural e cronológico preciso. De facto, e embora conheça uma ampla dispersão, este tipo decorativo concentra-se especialmente nos sítios da Andaluzia Ocidental, denunciando uma estreita relação com a cultura dita Tartéssica. Na fase III de Castro Marim, documentaram-se três variantes de decoração pintada, duas das quais representadas em exemplares únicos. A mais frequente corresponde às tigelas de perfil suave (forma 9.C) pintadas com linhas e/ou bandas vermelhas verticais, que podem incidir em ambas superfícies da paredes ou exclusivamente numa delas (p.e. estampa 17 n° 13764 e estampa 29 n° 1777). Estas peças enquadram-se no tipo decorativo Guadalquivir II/S. Pedro II definido por D. Ruiz Mata (1984-1985, 242) e correspondem aos designados recipientes de "paredes finas" (Cabrera Bonet, 1981, 322), com uma cronologia centrada no séc. VII, podendo, no entanto alcançar a segunda metade do séc. VI. Como resulta óbvio, os paralelos mais próximos dos exemplares estudados encontram-se,



mais uma vez, na área Onubense e no Baixo Guadalquivir, como por exemplo no conjunto recuperado do Cabezo de S. Pedro, tanto nos fragmentos de superfície publicados por P. Cabrera Bonet (*op. cit.*), como em alguns na fase IIC (700 – 625 a.n.e.) (Blázquez *et alli*, 1979, Fig.40). No Cerro Macareno, exemplares semelhantes aos de Castro Marim foram recolhidos nos níveis 25 e 26, com uma cronologia da segunda metade do séc. VIII e princípios do séc. VII (Pellicer Catalán, *et alli*, 1983, p. 74). Este tipo decorativo documentou-se também em ambientes mais setentrionais, como por exemplo em la Muela de Cástulo, na Alta Andaluzia (Blázquez Martínez e Valiente Malla, 1986, p. 227-228), ou em La Bienvenida, na sub-Meseta Sul, onde ocorre entre finais do séc. VIII e inícios do séc. VI a.n.e. (Fernandez Ochoa *et alli*, 1994, p. 62-63).

Uma outra modalidade decorativa socorre-se das cores amarelo e branco para desenhar motivos sobre uma superfície previamente pintada a vermelho (estampa 33 nº 10219). Apesar das várias sistematizações publicadas a respeito da decoração pintada, o panorama da investigação desta modalidade é ainda muito confuso, devido à heterogeneidade técnicas e formas documentadas, bem como ao amplo espaço geográfico que compreende (Almagro Gorbea, 1977, p. 460-461 e Ellering, 1990, p. 77-80). Exemplares análogos ao de Castro Marim estão bem testemunhados na Baixa Andaluzia, por exemplo no nível 21 do Cerro Macareno (Pellicer Catalán, *et alli*, 1983, Fig. 60 nº 409), na Sepultura nº 2 da necrópole de Cruz del Negro (Jimenez Barrientos, 1987) e na Colina de los Quemados (Luzon e Ruiz-Mata, 1973, lám. XV), todos com uma cronologia do séc. VII (2ª metade). A combinação do branco e amarelo sobre superfície engobada de vermelho está também documentada na área da Meseta, em Sanchorreja, Las Madrigueras, La Alarilla e La Almohaja (*apud* Ellering, 1990, 70), tendo sido, no entanto, aplicada em recipientes morfologicamente distintos, que definem um ambiente cultural, obviamente, também diverso. Esta circunstância levou alguns autores a propor a precedência desta tradição na área mesetenha, de onde teria sido difundida, primeiro para o Sudeste, e, só depois, para o baixo Guadalquivir, explicando assim um aparente desfasamento regional entre a Andaluzia ocidental e oriental (Pellicer Catalán, 1987-1988, p. 473).

A identificação de uma taça bicónica (forma 8.C.3, estampa 5 nº 13957) decorada com pintura vermelha é, particularmente, interessante devido à escassez de recipientes com esta forma em contextos a Ocidente do Baixo Guadalquivir. De facto, e como já disse por várias vezes, este tipo de recipientes ocorre especialmente no Bronze Final da região supracitada, perdurando, no entanto, até ao séc. VII, mas reproduzida a uma escala menor (Cabrera Bonet, 1981, p. 323). Nesta área regional, os exemplares pintados são comuns, ostentando sempre motivos geométricos ou mesmo figurativos, com por exemplo em Mesas de Asta (González Rodríguez, *et alli*, 1995, lam. 1 nº 7 e 8), Colina de los Quemados (Luzon e Ruiz-Mata, 1973, lam. V b e VI B) e Valencina de la Concepción (Ruiz Mata, 1984-1985, Fig. 3). Em Huelva, foi também identificado um exemplar com motivos triangulares pintados, cuja ocorrência foi entendida como uma mera *circunstância accidental* (Cabrera Bonet, 1981, p. 323 e Fig. 84 nº 332). É precisamente no que diz respeito aos motivos, que se



registra a grande diferença em relação ao exemplar de Castro Marim, uma vez que a quase totalidade de ambas superfícies se encontra coberta por uma espessa e aderente pintura, constituindo, pelo que pude apurar, um exemplar único em todo o espaço peninsular. Como tive já oportunidade de referir, a posição estratigráfica deste fragmento exclui a sua utilização na fase III, devendo ser atribuído a um dos momentos precedente, condizendo melhor com as cronologias recuadas, geralmente admitidas para este tipo de formas. Seja como for, a ocorrência deste exemplar em Castro Marim permite matizar as características ditas "acidentais", com que se explicou a sua presença em Huelva.

Ainda no que diz respeito às tigelas, cumpre assinalar que uma outra característica exclusiva desta fase é a existência de exemplares decorados com digitações na parede externa (estampa 23 nº 2039). Não sendo esta uma associação muito frequente, está, no entanto, também documentada em outros sítios, como por exemplo Cabezo de S. Pedro, onde uma peça absolutamente semelhante à de Castro Marim foi recuperada no nível IIB da campanha de 1978, datável, segundo os autores, de inícios a meados do séc. VII a.n.e. (Ruiz Mata et alli, 1981, Fig. 52, nº 444).

Tal como se havia comentado em relação ao conjunto da fase anterior, a decoração digitada encontra-se normalmente associada a recipientes da categoria pote/panela, constituindo um dos elementos mais característicos da Idade do Ferro Peninsular. Este tipo decorativo foi documentado em sítios indígenas, como os referidos no ponto 5.2.2, sendo também frequente nas colónias fenícias, como por exemplo em Abul (Mayet e Silva, 2000, p. 58), Castillo Doña Blanca (Ruiz-Mata e Pérez, 1995, p.64), Cerro del Villar (Delgado Hervás, 2005, p.1258) ou Lixus (Aranégui Gascó, 2001, p.78). A decoração incisa foi também documentada em recipientes do tipo pote/panela podendo incidir sobre o bordo, produzindo um efeito "denteado", ou sobre o colo, normalmente desenhando linhas quebradas. Num dos recipientes, verificou-se a utilização de ambos os motivos (estampa 15, 15478), o que constitui uma associação frequente em contextos iniciais da Idade do Ferro do Sudoeste peninsular, encontrando-se também presente no repertório da Idade do Bronze da Beira interior portuguesa (Vilaça, 1995, p. 279). Um recipiente muito semelhante ao de Castro Marim, ainda que de dimensões menores, foi recolhido no sítio alentejano de S. Gens, num contexto do séc. VII (Mataloto, 2004, p. 160), demonstrando a ampla difusão deste tipo decorativo.

Algumas das coincidências técnicas e decorativas que assinala reforçam a existência de um estreito vínculo entre Castro Marim e o dito "mundo Tartéssico Orientalizante" da Andaluzia. Não obstante, outras relações são também perceptíveis, nomeadamente com a região situada a montante, cuja expressão material mais significativa se encontra no exemplar de pote profusamente decorado com ornatos brunidos na parede exterior (estampa 27). Com efeito, se até há pouco tempo o carácter isolado de grande parte dos achados deste tipo decorativo dificultava a determinação do momento em que este teria caído em desuso, levando alguns autores a situá-lo exclusivamente na



Idade do Bronze (Arruda, Fabião e Guerra, 1985, p. 251), os dados da escavação do Castro dos Ratinhos (Silva e Berrocal-Rangel, 2005) e do Alto do Castelinho da Serra (Gibson et alli, 1998, p. 213), bem como os agora apresentados, permitem verificar que a decoração com ornatos brunidos terá alcançado ainda os primeiros momentos da Idade do Ferro.



5.4 - Idade do Ferro: fase IV

Os vestígios arquitectónicos atribuídos à fase IV testemunham um assinalável incremento da área edificada, que, neste momento, se concentra em três complexos distintos, compostos por um número variável de compartimentos (figura 23). Estas diferentes edificações distribuem-se em torno de arruamentos, que parecem ter funcionado como elementos estruturantes do espaço construído, revelando características próprias de autêntico ambiente urbano, ainda mais vincadas do que no período anterior. A transição da fase III para a IV parece fazer-se de modo célere, não existindo evidências de um hiato na ocupação do sítio. De facto, este novo plano urbanístico é construído directamente sobre os vestígios dos edifícios desactivados em finais do séc. VII a.n.e., remetendo para os inícios da centúria seguinte a fundação de grande parte dos compartimentos identificados. O registo estratigráfico de alguns destes compartimentos informa que o espaço construído foi alvo de várias remodelações, sugerindo uma ocupação prolongada e intensiva. Na maioria dos casos, estas acções consistem em pequenas obras de manutenção realizadas a nível interno, como por exemplo repavimentações ou construção de novos equipamentos domésticos (lareiras, poiais, bancos corridos, etc...). Não obstante, documentaram-se também remodelações de maior monta, que visaram a construção de novos espaços, como foi possivelmente o caso do compartimento 22, ou a divisão dos já existentes, como se verificou nos compartimentos 18 e 19, que eram originalmente um único.

Relativamente ao momento de abandono, cumpre dizer que a sequência estratigráfica registada sugere uma desactivação extemporânea das diferentes áreas edificadas, com primazia para aquelas situadas a norte dos compartimentos 21 e 22. Com efeito, neste espaço documentou-se a presença de quatro fossas escavadas, imediatamente, sobre as ruínas dos compartimentos da fase IV, sendo posteriormente ocultadas pelos edifícios da fase V, cuja construção remonta aos meados do séc. V (Fig. 27). A existência destas estruturas negativas testemunha o lapso de tempo em que, aquela área em concreto, não se encontrava edificada, embora continuasse a ser utilizada para despejos diversos, segundo informam os respectivos enchimentos. Por outro lado, verificou-se que os derrubes dos compartimentos localizados mais a sul foram, directamente, soterrados por níveis da fase V datados, pela cerâmica ática, de meados do séc. V, parecendo, assim, fazer sentido afirmar que, estes edifícios em concreto, permaneceram ocupados ainda durante a primeira metade da mesma centúria. A esta cronologia devem, também, corresponder as fossas identificadas na área norte, remetendo, assim, para os finais do séc. VI, o momento de abandono dos compartimentos ali construídos no início do mesmo século.

O espólio recolhido nos níveis desta fase é muito abundante e diversificado, revelando, por um lado uma matriz de inspiração claramente oriental e, por outro, a manutenção de tradições que remontam ao já longínquo Bronze Final, nomeadamente a produção manual de cerâmica. As diversas categorias e tipologias da baixela demonstram que o sítio se encontrava plenamente

integrado no circuito comercial orientalizante do sul peninsular, à semelhança do que se verificou na fase anterior (Arruda e Freitas, no prelo). Terá sido, precisamente, através das relações comerciais que chegou a Castro Marim um *alabastron* de produção coríntia, cuja cronologia, balizada entre os finais do século VII e o início do século VI a.n.e. (Arruda, 2005b, p. 61), confirma e reforça a datação proposta para esta fase.

5.4.1 - Caracterização da amostra

A cerâmica manual recolhida nos níveis correspondentes à fase IV totaliza um conjunto de 664 fragmentos, dos quais, 538 são considerados número mínimo de indivíduos. Comparando com a fase anterior, verifica-se que a quantidade de exemplares é, em termos absolutos, muito similar, apresentando apenas uma ligeiríssima diminuição de 30 indivíduos. Não obstante, em termos relativos, a olaria manual desta fase representa uma parcela bem menor no conjunto total das diferentes categorias cerâmicas identificadas. O valor encontrado para a fase IV cifra-se nos 20 %, configurando um decréscimo acentuado relativamente ao período precedente (37 %).

A relação entre os recipientes das categorias Taça/Tigela e Pote/Panela regista, igualmente, uma importante alteração. De facto, contrariamente ao verificado em momentos anteriores, na fase IV, mais de metade (53 %) dos exemplares classificáveis correspondem a contentores dos vários tipos de

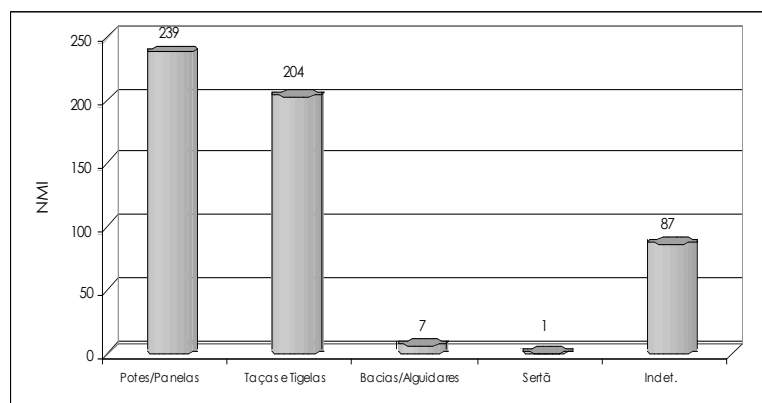


Gráfico 13 – Frequência das formas presentes na fase IV.

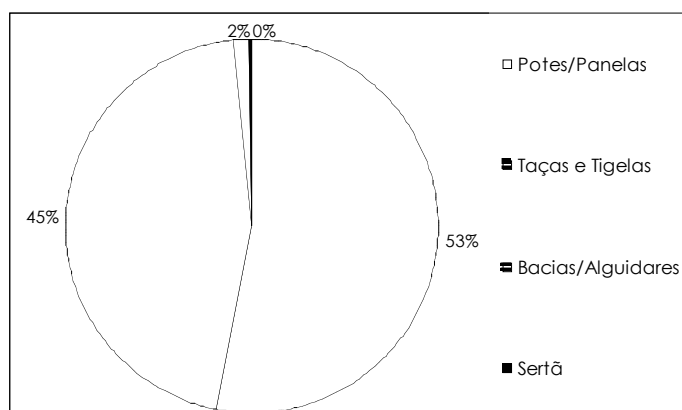


Gráfico 14 – Frequência das formas presentes na fase IV.

Potes/Panelas, totalizando 239 indivíduos (gráficos 13 e 14). Em conjunto, as categorias das taças e das tigelas contabilizam 204 indivíduos, representando 45 % da amostra isolada para esta fase. Os restantes 2 % dizem respeito aos sete indivíduos classificados como Bacia/Alguidar. Por constituir exemplar único, o recipiente designada sertã (forma 11, estampa 53, n.º 5013) não tem expressão estatística. Deve ainda referir-se que o grupo das formas indeterminadas inclui 87 indivíduos.

No que diz respeito aos exemplares classificados como Taças ou Tigelas, a leitura dos gráficos 15 e 16 é particularmente reveladora da preferência pelas formas de perfil hemisférico. Esta tendência acentua-se na fase IV, representando agora 69 % do total

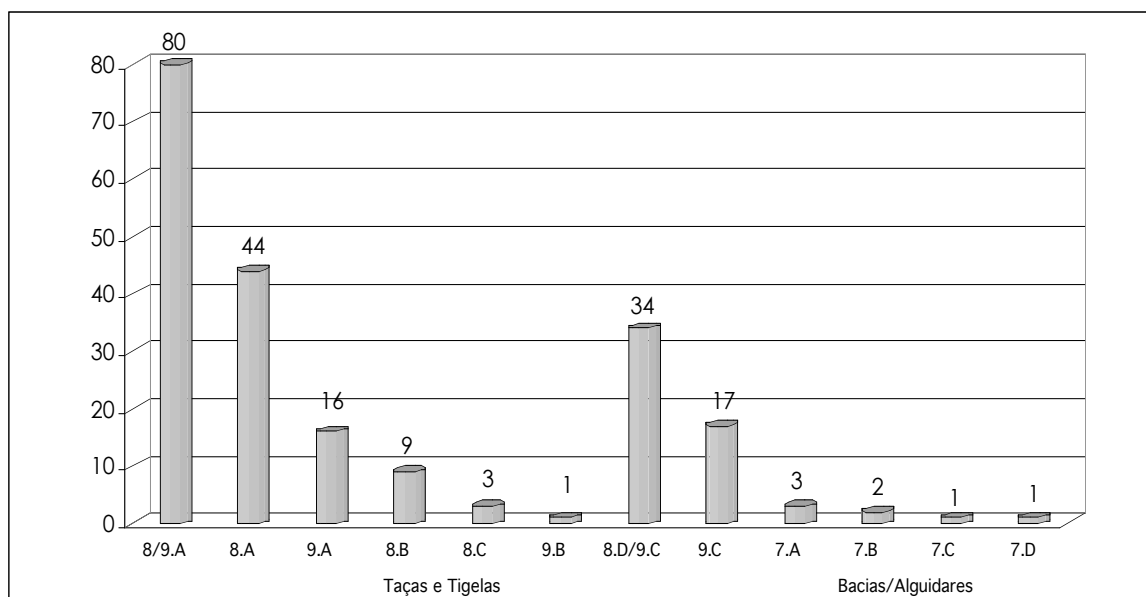


Gráfico 15 – Frequência das várias formas de taças/tigelas presentes na fase IV.

dos recipientes das categorias referidas, enquanto que, no momento anterior, esta cifra situava-se nos 57 %. Importa salientar que este índice foi aferido pela ponderação estatística da totalidade dos indivíduos classificados como taças (forma 8) ou tigelas (forma 9), incluindo os abundantes exemplares para os quais não foi possível determinar o diâmetro, tendo sido agrupados em dois conjuntos genéricos, de acordo com a morfologia que desenhavam: hemisférica/tronconónica (forma 8/9.A – 80 indivíduos) e perfil suave (forma 8.D/9.C – 34 indivíduos). Este facto é particularmente relevante, condicionando o rigor da análise individual do conjunto das taças e do conjunto das tigelas, uma vez que a distinção entre ambas formas foi efectuada em função do diâmetro de abertura. Todavia, não posso deixar de referir que, considerando unicamente os recipientes de menor dimensão (tigelas), se verifica um equilíbrio entre as formas hemisféricas e as de perfil suave, representadas por 16 e 17 indivíduos, respectivamente (p.e. estampa 46 nº 11200 e nº 11206). Foi também documentado um único exemplar de perfil carenado, integrado na variante 9.B.3 (estampa 50 nº 11086). Estes dados apontam no sentido de poder defender-se que, no conjunto das tigelas, a distribuição das várias formas é notoriamente distinta daquela verificada no tipo taça, registando-se uma maior proporção de recipientes de perfil suave que, no entanto, se dilui quando se analisam ambas as categorias em conjunto. A mesma tendência foi igualmente registada no período anterior, devendo no entanto sublinhar-se que, em termos absolutos, o conjunto desta fase é bem menos numeroso. Como atrás se referiu, nos recipientes do tipo taça a forma 8.A é, copiosamente, mais frequente, encontrando-se representada por 44 indivíduos, a que haveria que juntar muitos dos exemplares contabilizados no tipo 8/9.A. Esta forma foi documentada nas duas variantes definidas: 8.A.1 (hemisférica) e 8.A.2 (truncocónica), com evidente vantagem para a primeira, que foi identificada em 26 indivíduos, enquanto que o conjunto da segunda totaliza apenas sete indivíduos. Em outros 11 exemplares, a reduzida dimensão do perfil conservado não permitiu determinar a variante. As taças de morfologia esférica (forma 8.B) compõem um conjunto

de nove indivíduos, que representam 4% do total dos recipientes classificados como taça ou tigela, aproximando-se do valor registado na fase anterior (p.e. estampa 36, n.º 3770, est. 49, n.º 15155, est. 53, n.º 13309). O grupo das taças carenadas é ainda mais escasso, totalizando apenas três indivíduos, distribuídos pelas variantes 8.C.2 (2 NMI, estampa 55 n.º 15100) e 8.C.4 (1 NMI, estampa 47, n.º 14569). A expressão estatística deste tipo de recipientes fixa-se nos 2 %, uma cifra que acentua a tendência decrescente verificada desde o Bronze Final.

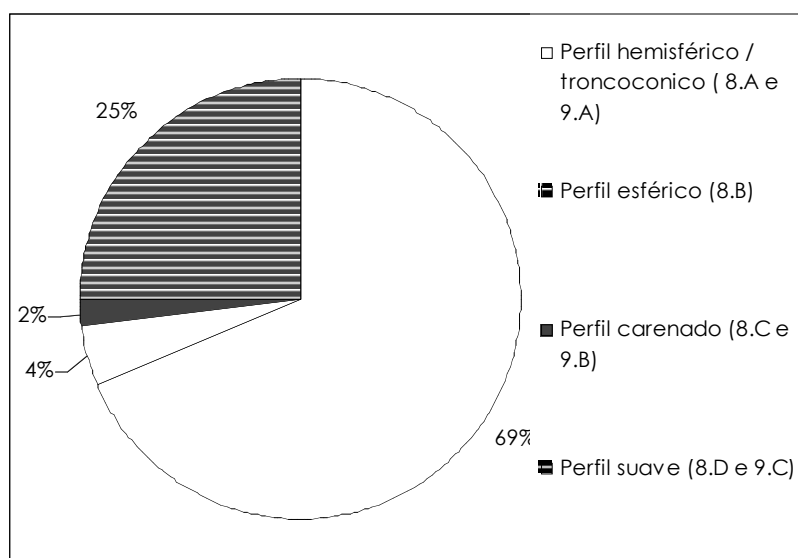


Gráfico 16 – Frequência das várias formas incluídas nas categorias de taças/ tigelas da fase IV.

À semelhança da fase anterior, os recipientes da categoria Bacia/Alguidar (tipo 7) constituem um conjunto diversificado, embora bastante restrito (7 NMI). As formas representadas integram as variantes 7.A (3 NMI, p.e. estampa 54 n.º 14777), 7.B (2NMI, estampa 55 n.º 15152 e estampa 58 n.º 10441), 7.C (1 NMI, estampa 52 n.º 13671) e 7.E (1 NMI, estampa 62 n.º 2283). Deve salientar-se que o exemplar da forma 7.C ostentava uma decoração composta por um reticulado inciso, abaixo do qual foram impressas várias digitações dispostas em fileira.

Relativamente aos vasos classificados como Pote/Panela deve salientar-se que, mais uma vez, só foi possível determinar o tipo e respectiva variante em parte dos exemplares. No conjunto dos fragmentos reconstituídos graficamente denota-se a preponderância dos exemplares de médias dimensões, que ocorrem nas três variantes definidas, das quais a melhor representada corresponde aos recipientes de bordo esvasado, colo ligeiramente estrangulado e corpo ovóide (forma 2.A, 47 NMI). Identificaram-se 12 indivíduos do tipo 2.B, que difere do anterior pela orientação do bordo, sendo neste caso vertical. Os recipientes integrados na forma 2.C constituem uma novidade no registo arqueográfico da cerâmica manual de Castro Marim que, no entanto, se encontra escassamente representada (3 NMI). Um exemplar de perfil completo apresenta uma configuração morfológica, entre o ovóide e o troncocónico, possuindo uma altura idêntica ao diâmetro de bordo (18 cm). Este valor equivale, sensivelmente, ao diâmetro máximo registado na pança, tratando-se, por conseguinte, de uma forma aberta (estampa 49, n.º 10214).

O segundo tipo (3) mais representado na categoria dos Potes/Panelas inclui, exactamente, as

mesmas formas documentadas no tipo acima descrito, mas reproduzidas a uma escala inferior. A distribuição das diferentes variantes é também consistente com a registada no tipo 2, verificando-se uma clara preferência pelas formas de bordo exvertido (3.A, 17 NMI), em detrimento das de bordo vertical (3.B, 5NMI). Relativamente à primeira, convém esclarecer que, os diferentes exemplares que conservaram o perfil completo podem configurar uma morfologia mais ovóide ou mais globular, encontrando-se, por vezes, munidos de uma asa de rolo, aplicada entre o bordo e o colo. Em comparação com a fase anterior, os vasos de morfologia aberta (3.C) são agora mais frequentes, totalizando um conjunto de sete indivíduos.

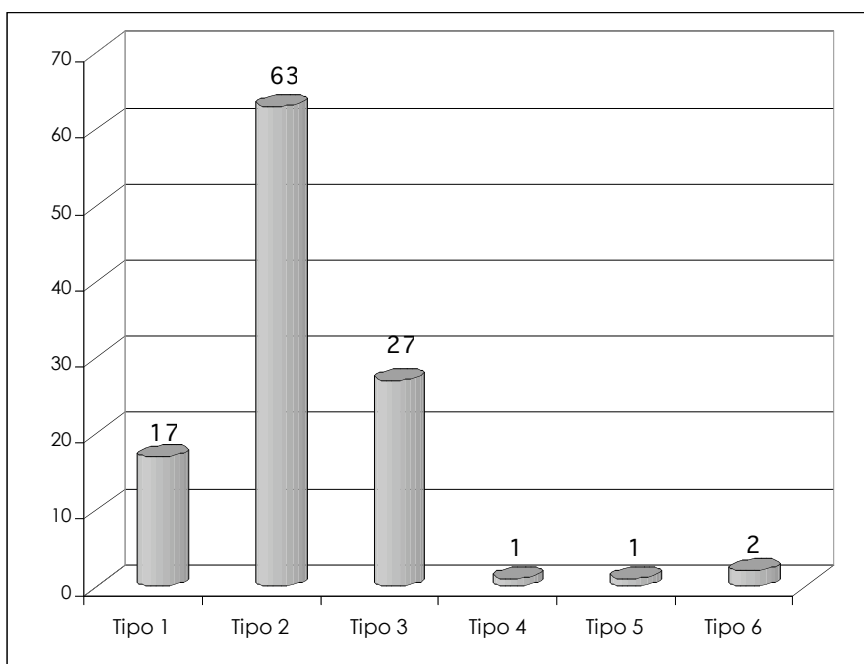


Gráfico 17 – Frequência das várias formas incluídas nas categorias de potes/panelas da fase IV.

apresentam tratamentos diferenciados, sendo que a primeira foi apenas ligeiramente alisada, enquanto que a segunda se encontrava polida em toda a parede externa e numa faixa da superfície interna. A inclusão deste exemplar na variante 1.A deve-se à orientação esvasada do bordo, não significando, no entanto, que os restantes oito indivíduos deste tipo partilhem, rigorosamente, a mesma morfologia. Com efeito, o perfil conservado em algumas peças deixa antever algumas diferenças significativas com o contentor atrás descrito, particularmente ao nível do colo, que na generalidade dos casos, é menos desenvolvido. A variante referente aos recipientes com bordo de tendência vertical (1.B) é mais escassa, totalizando um conjunto de apenas três indivíduos. Deve ainda referir-se que, em cinco exemplares não foi possível determinar qualquer variante.

Os recipientes dos tipos 4, 5 e 6 são grupos desmedidamente minoritários na categoria dos

No que diz respeito ao conjunto dos contentores de maior capacidade (tipo 1), deve destacar-se a presença de um exemplar completo, assimilável aos, comumente, denominados vasos “à chardon” (estampa 43). A peça em questão possui o fundo plano, a partir do qual se desenvolve o corpo troncocónico, separado do colo por uma suave carena central. O colo é muito desenvolvido e de morfologia acampanada, culminando num bordo amplamente exvertido. As partes inferior e superior



Potes/Panelas. O primeiro corresponde a um “potinho” com seis cm de diâmetro e bordo vertical, sobre o qual foi aplicada uma asa de rolo, integrando-se na variante 4.B (estampa 36 n° 1653). O segundo está, igualmente, representado por um único exemplar que é, aliás, o responsável pela criação do tipo 5 (estampa 40 n° 3290). Trata-se de um recipiente aberto, com o bordo amplamente esvasado, um colo largo de tendência vertical e corpo inferior hemisférico, que repousa numa base plana. A parte terminal do colo encontra-se decorada com uma fiada de pequenos traços oblíquos incisos. O tipo 6 foi reconhecido em dois indivíduos, ambos da variante B, ainda que desenho dos seus perfis não coincida rigorosamente. De facto, num dos exemplares pode observar-se um ombro bem marcado, situado pouco abaixo do bordo, enquanto que no outro este elemento está ausente (estampa 35, n° 11212 e 15119, respectivamente). Este último encontra-se profusamente decorado na parte superior, ostentando um motivo reticulado inciso, abaixo do qual foi realizada uma fileira de digitações unguladas.

Do ponto de vista estilístico, o conjunto de cerâmica manual da fase IV denota assinaláveis similitudes com o documentado no período anterior, evidenciadas, desde logo, pelo baixo índice de exemplares decorados (5 %, 27 NMI). Não obstante, verificam-se também algumas alterações que, como se verá adiante, prenunciam já as principais tendências registadas na fase subsequente.

À semelhança da fase III, os recipientes que mais frequentemente se encontram decorados são os da categoria Pote/Panela (21 NMI), na qual representam 8.7 % da amostra total. O motivo mais comum nesta categoria continua a ser o “denteado” sobre o bordo, executado por incisão (13 NMI) ou por impressão (2 NMI). Em quatro indivíduos, este motivo encontra-se combinado com uma fileira de digitações impressas no colo, ou pouco abaixo deste (estampa 37, n.º 1844). Documentaram-se também alguns exemplares com decoração incisa sobre o bojo, sendo vários os motivos desenhados: fileiras de traços oblíquos ou verticais, reticulados e linhas quebradas convergentes. Ainda no que diz respeito à categoria dos Potes/Panelas, a principal novidade desta fase é protagonizada pelo surgimento dos primeiros cordões plásticos aplicados. Este elemento foi identificado em dois indivíduos pertencentes a formas diferentes, apresentando características bem distintas em cada um dos recipientes. No exemplar do tipo 1.A, o cordão foi aplicado sobre o colo e apresentava a extremidade afilada e ondulante, conferindo-lhe uma secção de morfologia triangular (estampa 62, n° 12384). Por outro lado, o recipiente do tipo 2.C ostentava um cordão de secção arredondada e de dimensões mais modestas, onde foram impressas algumas digitações (estampa 61, n° 3631).

Nas formas abertas, o número de exemplares decorados é bem menor do que o documentado nos tipos da categoria Pote/Panela, resumindo-se a apenas seis indivíduos. Ao recipiente do tipo bacia/alguidar, já comentado anteriormente, deve acrescentar-se um outro, enquadrado na categoria Taça, que ostentava o bordo “denteado”, constituindo caso único em todo o conjunto

analisado (estampa 54, nº 15229). A decoração pintada a vermelho foi identificada em três indivíduos, cujo contexto de recolha remete para a sua descontextualização em relação à fase onde foram incluídos, como se verá mais detalhadamente no ponto dedicado à discussão dos dados.

A ornamentação de cerâmica manual com desenhos brunidos está documentada em quatro fragmentos, embora apenas um possa ser contabilizado como indivíduo. Trata-se de uma pequena tigela de perfil suave (forma 9.C) decorada com motivos triangulares justapostos aos pares, em que um dos vértices se encontra apontado para o centro do recipiente (estampa 60 nº 13530). A reconstituição deste esquema revela uma organização em quadrantes, fazendo lembrar um conjunto de "velas de um moinho de vento". Os motivos reticulados encontram-se documentados em dois fragmentos de parede, num dos quais é possível observar, igualmente, duas faixas brunidas que deveriam estruturar a composição decorativa (estampa 36 nº 1847 e estampa 55 nº 10476). Por último, importa ainda referir que um singular fragmento de fundo apresentava uma decoração que combinava a técnica impressa com a brunida (estampa 61 nº 4268). Os motivos impressos encontram-se dispostos em círculo na base do recipiente, enquanto que os traços brunidos ocupam a superfície interior, não sendo, no entanto possível identificar qual o esquema desenhado.

5.4.2 - Repertório da fase de abandono e sua distribuição espacial

Comparativamente ao momento anterior, os contextos da fase IV encontram-se em melhor estado de conservação, tendo sido documentados alguns recipientes fragmentados em conexão, que



Figura 26 – Planta da fase IV com a distribuição espacial da cerâmica manual.



possibilitam aferir, com maior base de rigor, qual o repertório em uso à data da desactivação dos vários compartimentos. A este respeito, importa lembrar que esta fase compreende dois momentos de abandono distintos, aos quais correspondem materiais de tafonomia e, obviamente, cronologia também diferente, sendo, por isso, tratados em separado. A análise efectuada baseia-se especialmente no vasilhame recolhido sobre os pisos dos diferentes espaços, privilegiando aquele que se encontrava fragmentado *in situ*.

O momento de abandono mais antigo corresponde à desactivação dos compartimentos localizados da zona Norte e central da escavação, que foram intensamente ocupados, como demonstram algumas remodelações documentadas. Na figura 23 encontram-se representados todos os recipientes que podem associar-se indiscutivelmente à derradeira ocupação dos espaços onde foram recolhidas, uma vez que se encontram fragmentadas *in situ*. Fica desde logo claro, que os únicos recipientes documentados nestas condições se integram nos vários tipos definidos da categoria pote/panela, reportando-se, portanto, a actividades correntes, nomeadamente a armazenagem móvel e a confecção de alimentos que denunciam o carácter, eminentemente, doméstico dos espaços abandonados. Assim, cumpre destacar a presença no compartimento 12 de um pequeno contentor do tipo 3.A, decorado com uma fileira digitada abaixo do colo e bordo "denteado" (estampa 37 nº 1844). O seu aspecto tosco e as paredes queimadas, aliado ao facto de ser dotado de uma asa vertical sugerem que se trate de panela de ir ao lume, resultando significativo a sua descoberta num espaço equipado com de lareira, ao qual se pode atribuir, assim, uma funcionalidade relacionada com actividades culinárias. O acesso ao compartimento 12 fazia-se por um pequeno "alpendre" construído no último momento de utilização da área 16, que funcionou como uma rua. Junto a esta estrutura, recolheu-se um pote (forma 1.A) de ampla capacidade equiparável aos, comumente, denominados "vasos à chardon" (estampa 43). As suas dimensões evocam uma utilidade conectada com a armazenagem móvel ou "quotidiana", nomeadamente de produtos sólidos, que, no entanto, não se coaduna com a sua localização num espaço descoberto. Na área em frente ao compartimento 15, que, provavelmente, corresponde ao prolongamento do espaço antes referido, foram recuperados dois recipientes da categoria Pote/Panela: um do tipo 3.A, com uma morfologia globular e outro do tipo 5 que representa uma forma aberta (estampa 40 nº2992 e 3290, respectivamente). Apesar das consideráveis diferenças morfológicas, ambos os recipientes parecem ter funcionado como painéis, tendo em conta o seu aspecto tosco e principalmente as marcas de exposição reiterada ao fogo. A preparação culinária em espaços descobertos é, assim, uma possibilidade que deve ser considerada e que, aliás, é também sugerida pela presença de lareiras nestas áreas. No complexo construtivo da área central da escavação, a ocorrência de recipientes fragmentados *in situ* é mais rara, resumindo-se a um único exemplar, recolhido junto à parede Norte do compartimento 19 (estampa 45 nº 10162). Trata-se de um contentor de média capacidade (tipo 2) que se encontrava, parcialmente, enterrado no piso, pelo que pode ser relacionado com a armazenagem fixa, possivelmente de líquidos, conforme



sugere a sua morfologia fechada. Parece importante referir ainda um outro contexto escavado no compartimento 20, que, embora não tenha entregado vasos completos, alguns exemplares encontravam-se representados por uma assinalável quantidade de fragmentos, que sugerem uma relativa proximidade ao seu local de abandono. Também aqui, se destaca a presença quase exclusiva de recipientes da categoria Pote/Panela, nomeadamente de dois exemplares de grande capacidade, incluídos em ambas as variantes definidas para o tipo 1, bem como um outro contentor do tipo 2.A, ornamentado com os mesmos motivos identificados na panela do compartimento 12, reforçando a tipicidade desse esquema decorativo nos contextos de abandono desta área em concreto, até porque, não tem paralelos nos que lhes sucedem (estampa 48).

A estratigrafia reconhecida na área edificada no limite Norte da escavação é também relevante no que diz respeito aos níveis de construção, uma vez que permitem excluir do repertório da fase IV algumas formas e decorações, que devem ser atribuídas às ocupações precedentes. Deste modo, convém destacar a presença nestes níveis de potes/panelas das formas 4.B e 6.B, que, embora estejam ausentes na amostra da fase III, na realidade, devem ter incorporado a baixela desse momento (estampa 35 nº 11212 e 15119; estampa 36 nº 1653, confira-se com os respectivos perfis). A estes exemplares podem ainda juntar-se um fragmento com motivos brunidos no interior e outro com decoração pintada, bem como todos os recolhidos nas u.e's: 346/1139, 273/339, 255 e 244 (estampa 35), 276, 266, 251, 241 (estampa 36).

Como se viu na introdução deste ponto, os dados estratigráficos parecem conjugar-se no sentido de poder defender-se, que os compartimentos localizados na zona mais a Sul foram abandonados em momento posterior aos que acima analisados. De facto, e apesar da escassez de elementos datantes parece possível supor que os primeiros alcançaram a primeira metade do séc. V, enquanto que os localizados a Norte terão sido desactivados ainda no séc. VI, possivelmente nos sua etapa final. Sobre as ruínas deste último complexo, foram escavadas algumas fossas, cuja posição estratigráfica relativa permite relacionar com a ocupação mais tardia (Fig. 27).

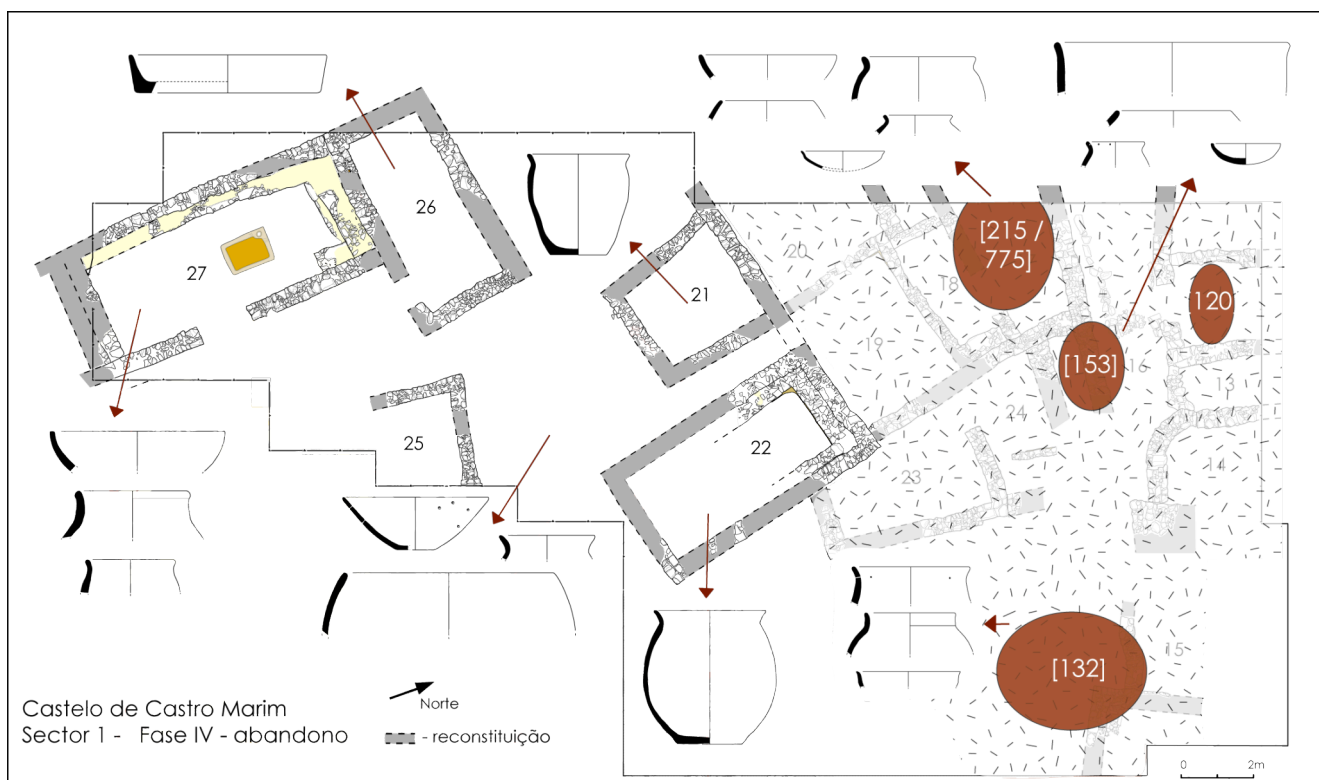


Figura 27 – Planta do momento tardio da fase IIV, com a distribuição espacial da cerâmica manual.

Nos compartimentos 21 e 22, foram recolhidas duas peças completas, ambas da categoria Pote/Panela e do tipo 2 (dimensões médias), mas correspondendo a formas diferentes: 2.C e 2.A, respectivamente (Fig. 24, estampa 49 n° 10214 e estampa 50 n° 10212). O facto de não ostentarem sinais evidentes de exposição ao fogo afasta a sua interpretação como panela de cozinha, remetendo-a para actividades relacionadas com pequena armazenagem móvel. A reduzida área escavada em ambos os compartimentos dificulta um esclarecimento cabal da funcionalidade destes. Contudo, pode dizer-se, que a presença destes recipientes no seu interior sugere um carácter eminentemente doméstico, ainda que as suas distintas dimensões e os equipamentos documentados no compartimento 21 deixem antever uma utilização diferenciada.

Os compartimentos 26 e 27 integram o mesmo complexo arquitectónico, embora os seus níveis de derrube denunciem uma construção diferenciada. No primeiro, recolheu-se um conjunto de cerâmica manual muito restrito, no qual se inclui o único exemplar de sertã documentado em Castro Marim, bem como um pequeno Pote/Panela da forma 3.A (estampa 53 n° 5013 e 8662). No segundo, a amostra é consideravelmente mais vasta, mas seu estado de preservação não autoriza uma associação directa às actividades desenvolvidas neste compartimento. Não obstante, parece importante mencionar que foram documentados quase todos os tipos de Potes/Panelas definidos (1.A, 2.A, 2.B, 2.C, 3.A, 3.B e 3.C), bem como diversas taças e tigelas de perfil hemisférico (8.A e 9.A) (estampas 55 a 57). A valorização dos materiais incorporados nos estratos de construção permite



excluir da fase IV uma taça carenada do tipo 8.B.2 e um fragmento decorado com rectícula brunida (estampa 55 nº 15100 e 10476, confira-se com o perfil da estampa 56). A interpretação do compartimento 27 como parte de um santuário urbano foi já defendida, tendo como base a peculiar lareira identificada no seu interior e a ocorrência de bancos corridos em três das suas quatro paredes (Arruda *et alli*, no prelo).

No compartimento 25, apenas os níveis relativos à sua construção se encontram conservados. Não obstante, e contrariamente ao que foi defendido para os níveis de construção de outros espaços, o exemplar que foi aqui recolhido pode associar-se, indubitavelmente, à fase onde se insere, uma vez que foi utilizado como parte de um ritual de fundação. Trata-se de amplo fundo côncavo, que se encontrava completo, mas com o perfil muito truncado, impossibilitando reconhecer a morfologia do recipiente que integrava (estampa 53 nº 10918). Paradoxalmente, é o único exemplar de todo o conjunto estudado que não oferece dúvidas quanto à sua funcionalidade, uma vez que, no seu interior, jazia parte do esqueleto de um neo-nato, demonstrando assim a sua serventia como urna. A identificação deste rito fundacional e a sua associação a este tipo de fundos alertam para a possibilidade do compartimento 25 ter sido construído num momento tardio da fase IV, provavelmente, já durante a primeira metade do séc. V a.n.e. Com efeito, à excepção deste caso concreto, quer os enterramentos rituais, quer os fundos côncavos estão documentados exclusivamente na fase V, onde se podem datar da segunda metade do séc. V a.n.e. Deve ainda referir-se, que este tipo de ritos fundacionais são, nesta cronologia, inéditos no Ocidente Peninsular, sendo, no entanto, frequentes em momento coevo na área Ibérica do NE, onde se documentaram em ambientes domésticos e cultuais (AAVV, 1989).

A área entre os compartimentos 21, 22, 25 e 26 define-se como um espaço descoberto, configurando uma pequena "praça" à volta da qual se distribuía os diversos edifícios. Neste espaço, recolheu-se um escasso conjunto de materiais, entre os quais se destaca uma taça hemisférica, fracturada *in situ*, junto ao compartimento 21, que mostrava sinais de um restauro antigo, como ficou comprovado pela identificação de vários orifícios que demonstram que esta se encontrava «gatada». Na mesma camada, recolheu-se ainda parte de uma bacia/alguidar de morfologia esférica (7.B), assim como um pote/panela da forma 2.A (estampa 58 u.e. 664). Um espaço com estas características presta-se a uma grande variabilidade de actividades, entre as quais o convívio quotidiano, que terá sido seguramente uma delas.

A este derradeiro momento da fase IV correspondem, também, quatro fossas localizadas na área norte da escavação, que documentam um lapso de tempo entre a desactivação de alguns compartimentos da fase IV e a reestruturação urbanística inaugurada na fase V. A presença destas estruturas negativas testemunha um momento durante o qual parte da área escavada parece ter sido utilizada como vazadouro.



Em relação a estas fossas, parece importante começar por referir que, embora todas partilhem a mesma posição estratigráfica relativa acima referida, não é possível estabelecer relações de anterioridade e posterioridade entre elas, uma vez que cortavam e eram sobrepostas por estratos diferentes e sem relação física entre si. A quantidade de espólio recolhido nos respectivos enchimentos é também muito variável, sendo relativamente abundante na u.e 215/775, enquanto que na u.e 120 é quase inexistente. Na primeira, o conjunto é dominado por taças de morfologia hemisférica ou troncocónica (8.A.1 e 8.A.2), encontrando-se representados também alguns exemplares de tendência esférica (8.B) e tigelas de perfil suave (9.C) (estampa 60). Pela sua raridade no conjunto, importa destacar a presença de uma tigela com decoração brunida (no) interior, e cujo motivo desenhado corresponde a um esquema evolucionado das gramáticas decorativas habituais neste tipo de produções, condizendo com a sua avançada cronologia (estampa 60, 13530). Os Potes/Panelas integram, igualmente, o conjunto, tendo sido documentados alguns exemplares com bordo denteado (estampa 59). Alguns dados parecem conjugar-se no sentido de se poder propor uma relativa antiguidade deste conjunto, comparativamente com os documentados nas outras estruturas negativas. Assim, deve salientar-se que os exemplares decorados ocorrem, exclusivamente, neste contexto e que a ponderação estatística da relação manual/torno é relativamente elevada (22 %), quer em comparação a cifra estabelecida para o conjunto total da fase IV (20 %), quer em relação à amostra da u.e 132 (10 %). Esta última compunha-se quase unicamente por fragmentos dos vários tipos de Potes/Panelas, que se encontravam misturados com um sedimento composto por uma grande quantidade de malacofauna (estampa 63). Para a u.e. 153 não foi possível estabelecer o índice da relação manual/torno, uma vez que a amostra total é bastante restrita. Não obstante, cumpre assinalar a presença, neste contexto, do único exemplar do tipo 7.E da categoria Bacia/Alguidar, juntamente com outros fragmentos de Potes/Panelas e uma pequena tigela hemisférica de fundo convexo (estampa 63).

Por último, parece importante fazer alusão a alguns contextos depositados no mesmo plano ou sobre as referidas fossas, nomeadamente no que diz respeito às decorações identificadas. De facto, a este nível denota-se uma importante alteração em relação ao grosso do conjunto da fase IV, parecendo prenunciar já as principais tendências observadas no momento posterior. Refiro-me concretamente à aplicação de cordões plásticos, que na fase IV está documentada unicamente nestes contextos tardios e que, na fase V, constitui uma das técnicas mais populares na ornamentação da olaria manual (estampa 61 n° 3631 e estampa 62 n°12384). Acrescente-se, ainda, que um exemplar de fundo com decoração impressa sobre a base tem, também, os melhores paralelos na fase V, (estampa 61 n° 4268).

5.4.3 – Discussão

A ocupação atribuída à fase IV de Castro Marim vem na sequência directa das anteriores, mantendo-se a mesma matriz oriental no espólio e na arquitectura. A cerâmica a torno denuncia a integração do sítio numa *koiné* orientalizante, sendo incontornáveis as suas relações com o "mundo fenício" da região Onubense e vale do Guadalquivir (Arruda e Freitas, no prelo). A olaria manual sofre um considerável decréscimo, acompanhando a tendência registada nos sítios conectados com a influência orientalizante. O índice de cerâmica manual estimado para esta fase (20 % -

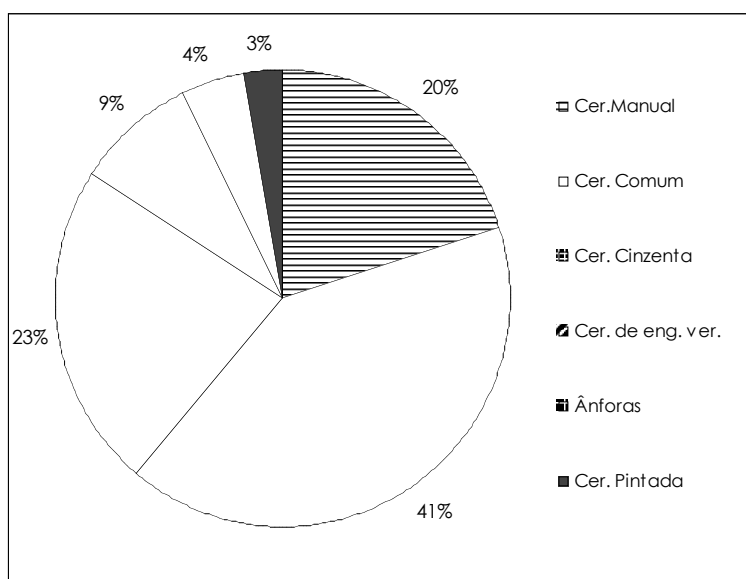


Gráfico 18 – Distribuição das várias categorias cerâmicas da fase IV.

gráfico 18) é consistente com o valor obtido no nível V da escavação de Puerto 6 (26.8 %), em Huelva, datado de meados do séc. VI e integrado no Tartéssico Final III (Fernández Jurado, 1988-1989 p. 108-141). Não obstante, outras intervenções na mesma cidade e que entregaram espólio de igual cronologia e período cultural apresentam cifras, relativamente, mais modestas, oscilando entre os 6.3% no nível III.C de Puerto 9 (*idem, ibidem*) e os 12.2% contabilizados no nível I.B de Botica 10-12 (Rufete Tomico, 2002, p. 32). Em comparação com o Baixo Guadalquivir, o índice de cerâmica manual de Castro Marim é superior aos resultados calculados para a ocupação do séc. VI registada no corte estratigráfico de San Isidoro (fase III - 3.9%) em Sevilha (Campos *et alli*, 1988 p.21), assistindo-se ao seu desaparecimento a partir desta cronologia. No Cerro de la Cabeza, o abandono da técnica manufacturada dá-se, ainda, em momento mais precoce, cujos escavadores situam a partir de finais do séc. VII (Domínguez de la Concha, *et alli*, 1988, p.181). Comparando com regiões mais interiores, verifica-se uma quase coincidência da cifra obtida em Castro Marim com as dos estratos 8 (24%) e 7 (18.5%) de Medellin, que dizem respeito à ocupação do sítio durante o séc. VI (Almagro-Gorbea e Martin Bravo, 1994). Todavia, este sítio parece constituir uma verdadeira excepção numa área ainda muito marcada pelas tradições oleiras ancestrais, como foi possível observar por exemplo na Herdade da Sapatoa (Alentejo Central) (Mataloto, 2004, p. 77) ou em Los Canõs (Extremadura) (Rodríguez Díaz, *et alli*, 2006), ambos datados entre finais do séc. VI e a primeira metade do séc. V, onde as produções manuais representam ainda 38% e 33% da respectiva baixela cerâmica.

O repertório formal identificado nesta fase é muito próximo daquele utilizado em momento anterior, excepcionando, obviamente, os recipientes que se encontravam representados por um único exemplar. Não obstante, a distribuição das principais categorias definidas inverte-se, sendo agora



maioritários os contentores do tipo pote/panela em detrimento das taças e tigelas. O decréscimo é particularmente visível nos exemplares de menor dimensão, geralmente associados ao consumo individual de alimentos, tornando-se, assim evidente que esta funcionalidade é agora cumprida quase exclusivamente pelo vasilhame produzido a torno. A única novidade no repertório desta fase é protagonizada pela identificação de um recipiente que designei de "sertã" (tipo 11, estampa 53 n° 10918), com amplos paralelos em sítios indígenas e coloniais peninsulares, bem como ao longo da costa do Mediterrâneo (vide 4.3.6). A descoberta de um vaso "à chardon" completo oferece também um especial interesse, pois permite confrontar o perfil deste com outros exemplares conhecidos, revelando algumas características próprias de uma fase avançada deste tipo formas, nomeadamente um corpo inferior troncónico ao invés de globular como sucede nos exemplares mais antigos (estampa 43). Não sendo uma forma muito frequente nos contextos sidéricos da Península Ibérica é, no entanto, bem conhecida, encontrando-se igualmente reproduzida a torno, quase sempre coberta de engobe vermelho ou pintada em bandas. Vários autores têm sublinhado a sua incidência, especialmente do tipo manufacturado, em sítios indígenas da Andaluzia e Extremadura, em particular nas necrópoles, onde são utilizadas como urnas. Com efeito, sítios como La Joya (Garrido Ruiz, 1970; Garrido Ruiz e Orta Garcia, 1978), Medellín (Almagro-Gorbea, 1977) ou Mesa de Setefilla (Aubet et alli, 1983), só para citar os mais conhecidos, confirmam a utilização de vasos "à chardon" durante todo o período orientalizante, constituindo uma forma comum em contextos funerários. Não obstante, formas afins foram também documentadas em alguns povoados, ainda que raramente se recolham exemplares que permitam a reconstituição de perfis completos. Não pode deixar de referir-se que a peça em questão aparenta grandes similitudes morfológicas com um exemplar exumado na sepultura 12 da necrópole Medellín, datada de finais do séc. VI (Almagro-Gorbea, 1977, p. 400, Fig.157, n°3), coincidindo com a cronologia proposta para o abandono de alguns edifícios da fase IV de Castro Marim.

Ao nível das decorações, verifica-se um cenário um pouco diferente da fase anterior, uma vez que os motivos "beliscados" e pintados, bem como os ornatos brunidos na superfície externa estão ausentes do conjunto. Os motivos digitados foram impressos exclusivamente em recipientes da categoria pote/panela, surgindo agora sempre associados a outras decorações incisas. Em dois exemplares, verificou-se a combinação do bordo "denteado" com uma fileira digitada sobre o colo (estampa 37 n° 1844 e estampa 40 n° 15238), correspondendo à forma I e motivo XVII da tipologia de Guevara Sánchez (1994), que assinala a sua particular incidência na zona de Huelva (C. de S. Pedro, C. de la Esperanza, S. Bartolomé de Almonte e C. Salomón). Os exemplares de Castro Marim permitem rebaixar, para finais do séc. VI a.n.e., a cronologia proposta para o desaparecimento deste esquema decorativo, que a autora coloca em inícios da mesma centúria (Guevara Sánchez, P. 335). Um outro recipiente acompanha estes dois ao apresentar os mesmos motivos, entre os quais se acrescentou ainda um reticulado inciso (estampa 35, 15119). Como já se disse anteriormente, a posição estratigráfica desta peça remete-a para a fase anterior, cuja cronologia do séc. VII condiz



melhor com o motivo reticular inciso, também identificado em contextos orientalizantes no Cerro Macareno, Cerro Salomón, Los Saladares e Quebrantahuesos (*apud* Pellicer Catalán e Amores Carredano, 1985, p. 138). Alguns potes/panelas são decorados exclusivamente com motivos incisos quer sobre o bordo, quer sobre o bojo. Um exemplar que ostentava uma única fileira de pequenas incisões oblíquas ao nível da pança (estampa 40 nº 3290), constitui um tipo frequente em vários sítios da Andaluzia quer indígenas, quer coloniais, destacando-se, a título exemplificativo, as suas semelhanças com um outro recipiente procedente de S. Bartolomé de Almonte (Fernández Jurado e Ruiz-Mata, 1986, lam. LVIII, nº778). Em suma, pode dizer-se que as incisões sobre o bordo constituem a mais popular das técnicas decorativas da cerâmica manual durante o séc. VI, fazendo perdurar uma tradição que pode ter raízes na Idade do Bronze, ainda que, no Sudoeste peninsular, esta só seja particularmente evidente já em contextos sidéricos.

Os contextos tardios da fase IV (primeira metade do séc. V) são, particularmente, interessantes no que diz respeito às decorações empregues na cerâmica manual, diferindo do que se conhece na ocupação do séc. VI e renunciando já as tendências observadas a partir da segunda metade do séc. V. Nos derradeiros níveis incluídos nesta fase, os motivos incisos e impressos escasseiam ou apresentam características distintas daquelas enunciadas anteriormente. Relativamente à técnica impressa foi documentada, pela primeira vez, a sua execução sobre um cordão plástico, assim como a sua aplicação sobre a base de um recipiente (estampa 61 nº3631 e 4268, respectivamente). Neste último exemplo, os motivos apresentam um forma oval e encontram-se dispostos circularmente, remetendo para a imagem estilizada de uma flor. O paralelo mais próximo para este motivo encontra-se no espólio do Castro da Azougada (Antunes 2005, nº 109), embora aqui não se tenha verificado a combinação com traços brunidos na superfície interior, como acontece com o exemplar de Castro Marim. A relação com a típica decoração dos habitualmente denominados *platos Margarita* pode ser também equacionada, principalmente tendo em conta que em Cancho Roano este tipo se documenta em momento anterior à segunda metade do séc. V, coincidindo cronologicamente com o exemplar apresentado (Celestino Pérez e Jiménez Ávila, 1996, p 93).

Por último, não posso deixar de aludir a uma tigela encontrada numa das fossas da fase IV que apresentava a superfície interior decorada com linhas brunidas, aparentemente organizadas em quadrantes (estampa 60 nº 13530). Não identifiquei qualquer paralelo exacto para este motivo, que parece representar já um tipo muito evolucionado das gramáticas decorativas normalmente desenhadas nestes recipientes, condizendo com avançada cronologia do seu contexto de recolha. Porém, não excluimos a hipótese de esta peça se encontrar descontextualizada em relação à fase que integra. No entanto, deve dizer-se que as decorações brunidas, apesar de serem raras em contextos do séc. V, são no entanto conhecidas em alguns sítios, como por exemplo em La Mesa de Setefilla, onde se documentam até à fase Ibérica (Aubert et alli, 1983, 108-109).



5.5 - Idade do Ferro: fase V

A fase V corresponde à ocupação do sítio entre a segunda metade do séc. V e o séc. III, inclusive. Os vestígios arquitectónicos postos a descoberto permitiram verificar que o espaço foi alvo de uma profunda renovação urbanística, materializada, entre outros aspectos, por uma orientação distinta dos edifícios, discrepante do modelo adoptado nas fases anteriores. Os compartimentos 29, 30 e 31 constituem a área edificada mais antiga, devendo ter sido construídos ainda no decurso da segunda metade do séc. V, como sugere a sua associação à cerâmica ática, particularmente as taças Cástulo. Não obstante, as várias remodelações documentadas nestes compartimentos demonstram que a sua ocupação se prolonga durante o século IV, tendo, portanto, assistido à construção dos restantes edifícios que compõem o plano arquitectónico desta fase. Com efeito, verificou-se que o compartimento 31 foi selado, dividido e dotado de novos equipamentos, enquanto que, no compartimento 29, foram realizadas sucessivas repavimentações e construídas, pelo menos, duas lareiras que se encontravam sobrepostas, ainda que não directamente. Algumas peculiares características do primeiro momento de ocupação deste complexo construtivo parecem sugerir a sua equiparação a um espaço de culto em ambiente urbano (Arruda, Freitas e Oliveira, no prelo). A este respeito, deve referir-se a descoberta de três enterramentos infantis (neo-natos) sob o primeiro piso do compartimento 29, configurando uma situação de ritual de fundação, inédita até à data no Sul Ocidente Peninsular, mas com amplos paralelos coevos no mundo Ibérico do Nordeste. Por outro lado, o extraordinariamente bem conservado recheio do compartimento 31 assemelha-se a um depósito votivo, sugerindo que aquele possa ter funcionado como um *bothros* anexo ao local de culto.

O espólio recolhido nas diferentes u.e's da fase V constitui um conjunto vasto e muito diversificado, onde pontuam algumas novidades relativamente ao período anterior. Desde logo, deve salientar-se um significativo acréscimo de importações que agora incluem, entre outras, cerâmica ática e ânforas produzidas em âmbito gaditano, contendo produtos alimentares. Assim, fica mais uma vez comprovada a participação de Castro Marim na dinâmica comercial sidérica, sendo evidentes as afinidades com o dito "mundo turdetano"

5.5.1 - Caracterização da amostra

A cerâmica manual recolhida nos níveis da fase V totaliza um conjunto de 454 fragmentos, que correspondem a 349 indivíduos. Comparando com o período anterior, este valor traduz um significativo decréscimo, não só em termos absolutos, mas também relativamente ao conjunto da olaria produzida a torno. De facto, a ponderação estatística dos vários tipos cerâmicos informa que, nesta fase, a modelação manual foi a técnica empregue no fabrico de 11% dos recipientes. Esta cifra acentua a tendência decrescente na representatividade das produções manuais, que pode ser rastreada a partir do Bronze Final.

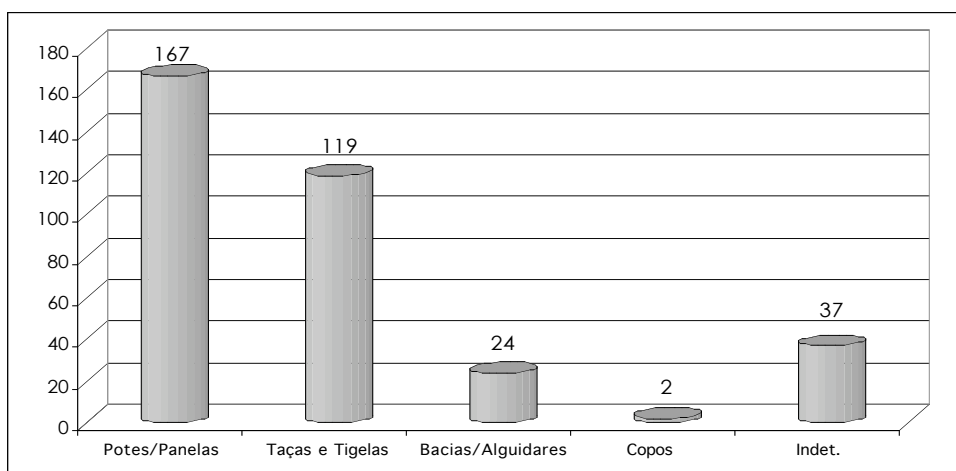


Gráfico 19 – Frequência das formas presentes na fase V.

permitiram uma classificação distribuem-se, maioritariamente, pelos vários tipos de Potes/Panelas (167 NMI) e pelo conjunto das Taças e Tigelas (119 NMI). Os recipientes integrados na categoria Bacia/Alguidar (tipo 7) encontram-se escassamente representados (24 NMI), ainda que, em comparação com as fases precedentes, se registre um importante acréscimo na expressão deste tipo, relativamente ao conjunto total das formas isoladas. Com efeito, o índice de exemplares desta categoria evolui, entre a fase IV e a fase V, dos 2 para os 8 %, respectivamente. Este aumento repercutiu-se, sobretudo, nos recipientes tipo taça e tigela, uma vez que, a categoria dos potes/panelas continua a totalizar 53% da amostra, exactamente o mesmo valor contabilizado no período anterior. A baixela de cerâmica manual da fase V é completada por dois pequenos recipientes classificados como copos (tipo 10), que constituem uma novidade no registo arqueográfico do sítio (estampa 73 n° 7422 e estampa 85 n° 13859).

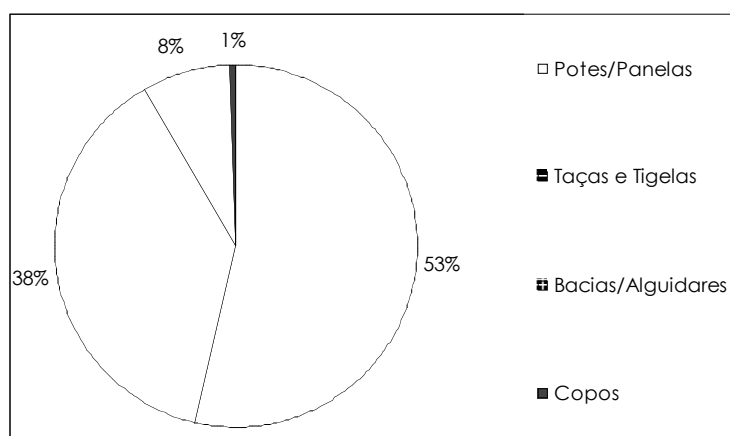


Gráfico 20 – Frequência das formas presentes na fase V.

Parece importante começar por referir que a reduzida extensão de perfil conservado em alguns indivíduos determinou a sua inclusão no grupo das formas indeterminadas (37 NMI). Como se pode observar nos gráficos 19 e 20, os exemplares que

Analisando conjuntamente as taças e tigelas, verifica-se, desde logo, que os vasos de morfologia esférica e/ou troncocónica (tipos 8.A e 9.A) se encontram, mais uma vez, em larguíssima maioria. Este facto está bem ilustrado nos gráficos 21 e 22, onde é possível conferir que, em conjunto, as variantes atrás mencionadas, representam 86 % da amostra dos recipientes da categoria Taça e Tigela. Convém sublinhar que este índice é o

mais elevado de todas as fases de ocupação analisadas, representando um incremento de 17

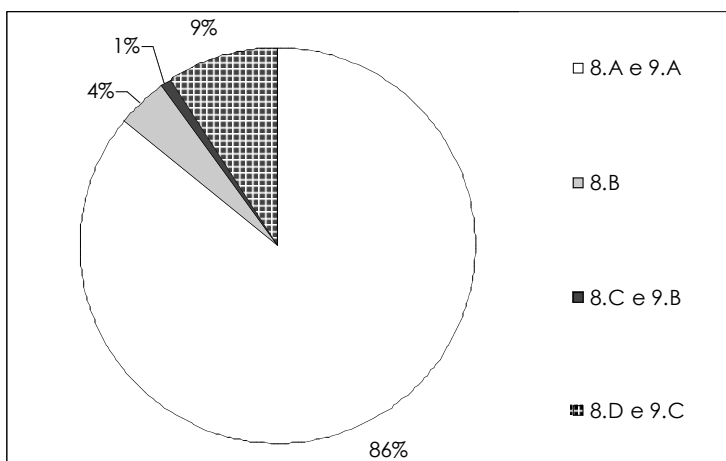


Gráfico 21 – Frequência das várias formas de taças/tigelas presentes na fase V.

totalizando 9 % da amostra. As taças esféricas (tipo 8.B) ocupam a terceira posição, mantendo-se na mesma proporção contabilizada na fase anterior (4%), apesar do número mínimo de indivíduos se encontrar reduzido a cerca de metade (8 NMI) 8ESTAMPA 74, N.º 2412, EST. 76, N.º 10434, EST. 79, N.º 723). Foi identificado um único exemplar de perfil carenado, integrado na variante 8.C.2 e cuja expressão estatística equivale a menos de 1% do conjunto das taças e tigelas (estampa 77 nº 12964).

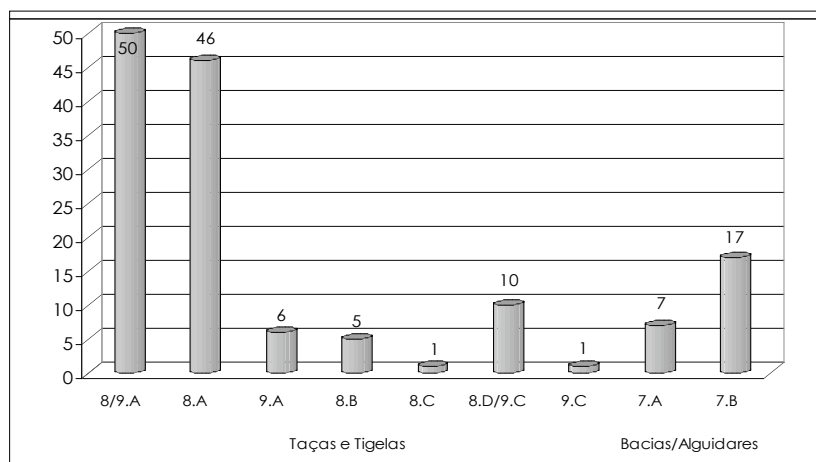


Gráfico 22 – Frequência das várias formas de taças/tigelas presentes na fase V.

isolada de cada uma das categorias supracitadas, na medida em que o “peso” real das respectivas amostras não pode ser determinado com rigor. Não obstante, algumas considerações parecem ser possíveis, mesmo tendo conta a fragilidade dos dados manejados. Refiro-me concretamente ao significativo decréscimo verificado nos recipientes do tipo tigela (9), que, nesta fase, perfazem um conjunto de apenas sete indivíduos, contrastando frontalmente com o valor documentado no período anterior (34 NMI). A distribuição destes raros exemplares pelas respectivas variantes denota, também, uma importante alteração, comparativamente com as fases precedentes. Com efeito, dos

pontos percentuais, em relação ao momento anterior. Logicamente, o acréscimo de exemplares com esta morfologia teve imediatas repercussões nos índices percentuais das restantes variantes, entre as quais, a mais afectada foi, sem dúvida, aquela que reúne os recipientes de perfil suave (tipos 8.D e 9.C). Com efeito, na fase V os exemplares desta variante sofrem uma quebra acentuada, embora continuem a ser o segundo grupo mais representado,

À semelhança do que se verificou nos conjuntos das fases anteriores, boa parte dos fragmentos classificados como taça ou tigela não permitiam o cálculo do respectivo diâmetro de abertura, embargando, assim, a sua inclusão numa ou noutra categoria em concreto, uma vez que, a distinção de ambas radica, precisamente, na variação desse índice. Esta circunstância retira alguma validade aos resultados obtidos na análise



sete indivíduos documentados, seis integram a variante 9.A (perfil hemisférico/ troncocónico) e o remanescente a variante 9.C (perfil suave). A este respeito, convém lembrar que, na fase IV, a relação entre ambas as formas é, consideravelmente, mais equilibrada.

Como atrás se referiu, o conjunto dos recipientes integrados na categoria das taças é, largamente, dominado pela forma 8.A, que ocorre nas duas variantes definidas: 8.A.1 (34 NMI) e 8.A. (7 NMI). A estes exemplares devem ainda juntar-se aqueles em que não foi possível determinar a variante (5 NMI), bem como muitos dos fragmentos classificados, genericamente, como forma 8/9.A. A categoria das taças inclui ainda exemplares de morfologia esférica (8.B, 5 NMI), assim como um único exemplar de perfil carenado (8.C.2), já mencionados anteriormente.

No que concerne aos vasos da categoria Bacia/Alguidar (tipo 7), importa notar que, comparativamente com fases III e IV, o conjunto comporta um considerável acréscimo, revelando, contudo, uma menor diversidade formal. Com efeito, identificaram-se apenas duas variantes, uma das quais melhor representada do que a outra: 7.A (morfologia hemisférica – 7 NMI) (p.e. estampa 82, n.º 13636, 13823, 13851, 13820) e 7.B (morfologia de tendência esférica – 17 NMI) (p.e. estampa 72, n.º 7421, 1712, 2039).

Passando para a categoria dos Potes/Panelas, parece importante começar por referir que, à semelhança do que sucede nos conjuntos das restantes fases, alguns dos exemplares reunidos sob este binómio são indeterminados quanto ao seu tipo ou forma, uma vez que os fragmentos recuperados não consentiam uma medição precisa do diâmetro, nem uma orientação conclusiva do bordo.

Entre os exemplares que permitem uma classificação mais precisa, o grupo maioritário é o dos contentores de dimensões medianas (tipo 2), que totaliza um grupo 55 indivíduos, dos quais 10 não foram incluídos em qualquer variante. A distribuição das formas que integram este conjunto é consistente com a registada nas fases anteriores, ou seja, verifica-se uma preferência pelos recipientes de bordo esvasado (2.B - 38 NMI) em detrimento dos de bordo vertical (2.B – 7 NMI). O segundo tipo (3) mais representado corresponde a contentores de dimensão e capacidade inferiores aos do tipo acima analisado, com os quais, no entanto, compartilham as principais variantes formais. De facto, também neste tipo se identificaram

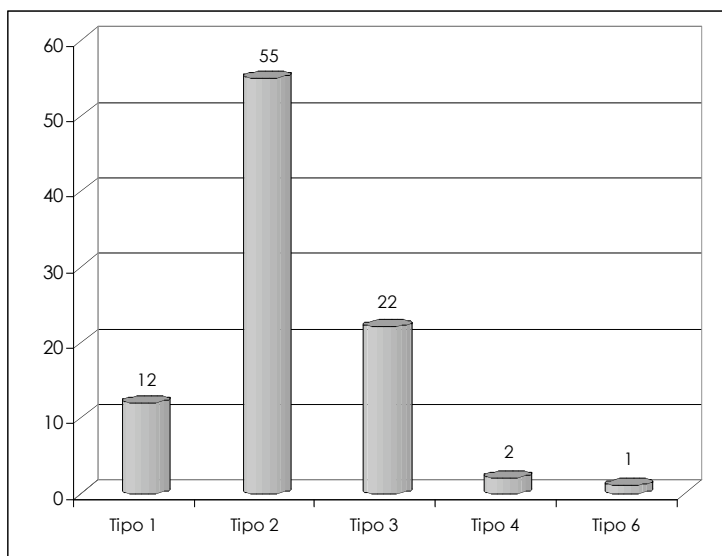


Gráfico 23 – Frequência das várias formas incluídas nas categorias de potes/ panelas da fase V.



exemplares da variante A e da variante B, cuja expressão no conjunto é, de igual modo, desproporcional, encontrando-se representadas por 13 e cinco indivíduos, respectivamente. Reconheceram-se ainda cinco indivíduos passíveis de integrar a variante 3.C, um dos quais dotado de duas pegas laterais de secção quadrangular 8estampa 85, n.º 10215(. Convém lembrar que este sub-tipo enquadra formas abertas, geralmente, com paredes rectas, que denunciam uma morfologia cilíndrica, mas também com paredes ligeiramente arqueadas, em que o diâmetro máximo atingido pelo bojo é, no entanto, sempre inferior ao do bordo. A identificação de dois recipientes de morfologia bi-troncocónica (3.D) é, particularmente, interessante de assinalar, uma vez que constituem uma completa novidade na baixela da categoria Pote/Panela (estampa 89, n.º 685, 700). Ambas as peças foram recuperadas num mesmo contexto, datado pela cerâmica Kuass de inícios do séc. III, evidenciando, assim, um importante significado cronológico e, muito possivelmente, também cultural.

Analisando o gráfico 23, verifica-se ainda que os grandes contentores do tipo I se encontram em número reduzido (12 NMI), tendo-se documentado, sobretudo, exemplares de bordos esvasado. Os tipos 4 e 6 são ainda mais raros, encontrando-se representados por três e por um indivíduo, respectivamente. No primeiro, estão presentes as variantes 4.B (1 NMI) e 4.C (2 NMI), cujos perfis têm correspondência com as formas 2/3.B e 3.D, embora estas tenham sido reproduzidas a uma escala consideravelmente superior.

Do ponto de vista estilístico, importa, desde logo, destacar a relativa sobriedade do conjunto, onde somente 4.5 % dos indivíduos se encontram decorados, coincidindo, quase exactamente, com o valor registado na fase anterior. Todavia, no que diz respeito às técnicas e motivos utilizados, assiste-se a uma profunda mutação das principais tendências rastreadas nos conjuntos anteriores. Com efeito, ao nível estilístico a amostra da fase V revela uma personalidade muito própria, vincada, sobretudo, pela preponderância de recipientes ornamentados com aplicações plásticas, particularmente cordões horizontais, que, à excepção de um exemplar tardio da fase IV, se documentam apenas neste momento de ocupação. Este elemento decorativo adorna, principalmente, recipientes da categoria Bacia/Alguidares da forma 7.B (perfil de tendência esférica), tendo sido aplicado sempre na parte superior da peça, um pouco abaixo do bordo ou imediatamente sobre este, como se verificou num dos exemplares (estampa 84, n.º 13324). Em casos excepcionais, o cordão encontra-se decorado com pequenos traços oblíquos incisos (estampas 65 n.º 7232), podendo também surgir em associação com as denominadas "asas cegas" ou em "ferradura" (estampa 72 n.º 1712). Para além da forma acima referida, documentou-se ainda um cordão plástico num exemplar do tipo 2 da categoria Pote/Panela, embora este fosse de dimensões mais modestas e interrompido por sucessivas digitações (estampa 80 n.º 3531). Em outros dois exemplares desta categoria, foi identificada a aplicação de mamilos sobre a pança (estampa 79 n.º 1148 e estampa 88 n.º 4011).



A decoração incisa está, igualmente, documentada na olaria manual da fase V, mostrando, no entanto, algumas peculiaridades, em relação aos momentos anteriores. Neste campo, a novidade é protagonizada pela identificação de dois exemplares que ostentavam motivos incisos sobre a base. Um dos casos corresponde a uma taça da variante 8.A.2, que conserva intacto o seu perfil, embora a base se encontre reduzida a pouco mais de um quarto da superfície original, dificultando a identificação do motivo desenhado (estampa 73 n° 3093 e 2026). Ainda assim, os traços conservados são suficientes para que possa supor-se a divisão da superfície em quadrantes marcados por traços longos, que, por sua vez, se encontravam subdivididos por linhas mais curtas, configurando um desenho próximo de um "asterisco". Ao contrário deste exemplar, cuja base é plana, o outro fragmento decorado corresponde a um fundo convexo com ônfalo central, em volta do qual se dispõem várias pétalas desenhadas por incisão, resultando na representação, incrivelmente realista, de uma flor (estampa 73 n° 2026).

A decoração incisa foi ainda identificada em quatro fragmentos de bordos integrados na categoria Pote/Panela, configurando o típico motivo "denteado". Todavia, a análise atenta dos seus contextos de recolha permite afastá-los da baixela em uso durante a fase V. Com efeito, este tipo decorativo foi documentado em estratos de construção ou de nivelamento prévio que, apesar de estratigraficamente pertencerem à fase V, incorporam realidades materiais dos períodos anteriores, uma vez que a sua formação resulta da remobilização das terras pré-existentes. A título de exemplo, veja-se o caso dos exemplares n° 4377 e n° 3050 (estampa 81), cuja posição estratigráfica da u.e (126) onde foram recuperados pode ser conferida no perfil apresentado na estampa 79. À parte dos argumentos de índole estratigráfico, a própria exiguidade dos fragmentos e o rolamento das fracturas sugerem que estes se encontrassem bem distanciados do seu contexto de utilização. Idênticos considerandos são, igualmente, válidos para o exemplar decorado com finas bandas pintadas a vermelho (estampa 79 n° 942). Esta circunstância permite concluir que a pintura não foi adoptada para decorar as produções manuais em uso na fase V, onde, curiosamente, a mesma técnica se documenta com frequência na olaria a torno.

A técnica decorativa pior documentada no conjunto desta fase é a impressão. Os escassos e reduzidos fragmentos de bojo onde é possível observar uma fileira de impressões são, pelas mesmas razões acima referidas, elementos intrusivos na amostra desta fase (p.e. estampa 66 n° 13819 estampa 71 n° 3438). À parte destes, o único fragmento contabilizado como indivíduo destaca-se pela técnica e motivo impresso, cuja singularidade não tem paralelos nas tradições decorativas do sítio. Trata-se de uma tigela da forma 9.A, decorada na superfície interior e exterior com motivos diferenciados, apenas parcialmente identificados, devido à reduzida dimensão do fragmento (estampa 83 n° 13329). Na superfície externa, reconheceu-se, unicamente, um vértice suave, que parece integrar uma composição zigzagueante. A reconstituição proposta para o motivo



impresso na superfície interna mostra uma composição formada por três lúnulas escaliformes, imediatamente abaixo do bordo, dispostas na horizontal, configurando uma espécie de "grinalda". A execução destes motivos implicou a adopção de uma técnica inovadora e singular em todo o conjunto estudado. Com efeito, a assinalável regularidade observada nos rebordos dos diferentes desenhos, sugere a utilização de uma de duas técnicas: impressão com matriz ou realização de sulcos com um instrumento de ponta arredondada e regular.

Uma outra característica do conjunto da fase V reside na diversidade dos elementos de prensão documentados, alguns dos quais inéditos até este momento. Entre as novidades, destaca-se a identificação das, comumente, designadas "asas cegas" ou "em ferradura", a que já me referi em 4.4. Estes elementos foram aplicados em vários tipos de recipientes, mas, principalmente, nos da categoria Bacia/Alguidar, onde foram identificados em sete indivíduos de ambas as formas representadas: 7.A (2 NMI) e 7.B (5 NMI). Nos recipientes do tipo Taça, a aplicação de asas cegas está documentada apenas em três indivíduos, todos da forma 8.A.1 (estampa 67 n° 5004 e estampa 83 n° 13831). Um curioso exemplar de perfil completo encontra-se munido de quatro asas deste tipo, dispostas, espaçadamente, um pouco abaixo do bordo (estampa 76 n° 10213). A forma 3.C da categoria Pote/Panela foi outra das eleitas para receber aplicações deste género, ainda que tal se verifique num único indivíduo (estampa 73 n°4561). No entanto, pela sua originalidade no conjunto, deve ainda referir-se que um outro exemplar desta mesma forma era dotado de duas pegas laterais, de secção quadrangular, aplicadas com uma ligeira inclinação para cima (Estampa 85 n° 10215).

As asas de rolo estão igualmente documentadas na amostra, podendo apreciar-se uma considerável diversidade de soluções adoptadas, muitas das quais ausentes do repertório mais antigo. Entre estas, destaca-se a dotação de taças da forma 8.A, onde se identificaram asas de rolo aplicadas, tanto na vertical como na horizontal (1 NMI cada). No primeiro caso, trata-se de uma pequena "aleta" colocada sobre o bordo, enquanto que no segundo, a zona mesial da parede foi a escolhida para a aplicação de uma espessa asa de rolo, da qual apenas se identificou a parte correspondente ao arranque, e cuja orientação sugere que esta se desenvolveria com uma ligeira inclinação para cima, (estampa 69 n° 11946 e estampa 77 n° 14542, respectivamente). Num outro exemplar do mesmo tipo de taça, identificou-se uma asa realçada a partir do bordo, configurando, igualmente, uma situação sem paralelos no sítio (estampa 74 n° 7723). Ainda no que diz respeito às asas de rolo, deve referir-se a sua aplicação em recipientes da categoria Pote/Panela, concretamente num exemplar da forma 3.A, tal como se havia já documentado no período anterior (estampa 77 n° 13093).

5.5.2 - Repertório da fase de abandono e sua distribuição espacial

A fase V é, como já se disse, um momento de ocupação relativamente longo, compreendido entre a segunda metade do séc. V e o séc. III. Esta circunstância reflecte-se também nos contextos



preservados, podendo definir-se vários conjuntos correspondentes a diferentes momentos de abandono e que convém analisar separadamente. Assim, importa esclarecer que, neste ponto, foram considerados três momentos distintos, cuja datação foi facilitada pela associação a cerâmicas de importação, nomeadamente cerâmica ática e cerâmica de tipo Kuass. Os vários contextos encontram-se diferentemente conservados, limitando o alcance da análise realizada para cada um. A distribuição espacial só pode ser efectuada em relação ao momento mais antigo (finais do séc. V), uma vez que a ocupação do séc. IV se encontrava bastante truncada, não tendo sido documentados contextos de abandono seguros nesta cronologia. Não obstante, a escavação do enchimento de uma fossa proporcionou um amplo conjunto artefactual, que pode ser atribuído ao séc. IV e que convém analisar em detalhe. Relativamente à ocupação do séc. III, a análise efectuada centra-se também num único contexto, uma vez os restantes vestígios desta cronologia se encontravam profundamente revolidos, muitas das vezes misturado com material já de época romana.

Os contextos de abandono mais antigos foram documentados nos compartimentos 30, 31 e 32, devendo corresponder a uma cronologia de finais do séc. V, de acordo com associação a cerâmica ática, nomeadamente taças Cástulo (Fig. 28). O compartimento 30 entregou o conjunto mais escasso, embora as formas representadas coincidam com o repertório recuperado nas restantes divisões. Assim, cabe mencionar a presença de taças hemisféricas, uma das quais com uma pequena "aleta", contentores da categoria Pote/Panela de capacidade mediana e ainda Bacias/Alguidares de tendência esférica (7.B) (estampas 69 e 70).

O compartimento 31 configura um autêntico contexto primário, ainda que, em relação à cerâmica manual, tenham sido poucos os recipientes recuperados intactos. Esta situação contrasta com o ocorridos nas outras categorias cerâmicas, especialmente nas ânforas, que compunham grande parte do conjunto. De facto, a maioria dos contentores anfóricos encontravam-se fragmentados *in situ* tendo sido possível apurar, mesmo sem recurso a análises de qualquer tipo, que alguns continham preparados piscícolas e cereais. Encostado a uma das estruturas interiores, concentravam-se abundantes pesos de rede, junto dos quais se identificaram várias vértebras de peixe ainda em conexão. Entre os materiais recolhidos, contam-se ainda vários recipientes de cerâmica ática, cerâmica cinzenta e cerâmica comum, principalmente formas abertas do tipo taça. Identificaram-se ainda abundantes contas de colar e alguns artefactos metálicos, como por exemplo anzóis, agulhas e uma fíbula anular hispânica. A olaria manual recuperada neste contexto é, estatisticamente, pouco expressiva representando apenas 5% da amostra total. Não obstante, constitui um conjunto bastante diversificado, maioritariamente, por recipiente do tipo 2.A da categoria pote/panela e taças do tipo 8.A. Entre estas, cabe destacar um exemplar com a base decorada por incisão, desenhando um "asterisco" e um outro exemplar que apresentava uma dupla perfuração paralela ao bordo, provavelmente, para possibilitar a sua "arrumação" contra a parede.

Um fragmento de fundo em ônfalo que ostenta um motivo vegetalista realizado por incisão deve, também, corresponder a uma taça. A categoria Bacias/Alguidares está representada por recipientes de tendência esférica (7.B), dotados de asas cegas e, num dos casos, de um cordão horizontal. Deve ainda referir-se a presença de um pequeno copo (tipo 10), bem como de um pote/panela de forma aberta (4.C), munido de asas cegas (estampas 72 e 73). Como já se disse, o espaço onde este contexto foi recuperado tem vindo a ser interpretado como um *bothros*, anexo a um local de culto, situado no compartimento 29 (Arruda *et alli*, no prelo). Este último entregou um conjunto de cerâmica manual muito reduzido e fragmentado que, dificilmente, pode ser atribuído às actividades aí desenroladas (estampa 68).



Figura 28 – Planta da fase V com a distribuição de alguns recipientes de fabrico manual recolhidos em contexto de finais do séc. V a.n.e.

Do compartimento 32 escavou-se apenas uma pequena parte junto ao canto Sul, que, não obstante, entregou um significativo conjunto de materiais fragmentados *in situ* (estampa 76). A olaria manual representa 19% deste contexto, um valor bem mais elevado do que o registado no compartimento 31, e que denuncia a sua funcionalidade diferenciada. O conjunto reparte-se principalmente pelas categorias Pote/Panela e Taças hemisférica (8.B), mas deveria incluir também,



uma Bacia/Alguidar da forma 7.B, da qual, no entanto, restam escassos fragmentos, num dos quais se identificou uma asa cega. Das três taças recuperadas, duas encontravam-se praticamente completas, tendo sido possível observar que uma destas era dotada de quatro aplicações análogas às acima referidas. Os potes/Panelas deste contexto são contentores de dimensão e morfologia variável, que devem ter cumprido uma funcionalidade distinta, conforme sugere, também, o aspecto das suas paredes. Assim, se para os recipientes integrados no tipo 3.A e 3.C parece provável uma utilização como panela de ir ao lume, uma vez que a superfície exterior mostrava sinais de exposição ao fogo, o mesmo já não se pode dizer em relação a um outro exemplar, que, para além de não apresentar este tipo de sinais, se encontrava perfurado na parte inferior (estampa 76 nº 10426, 13627 e 10048, respectivamente).

Como atrás se referiu, os espaços construídos no séc. V mantiveram-se em funcionamento durante o século seguinte, tendo sido alvo de remodelações. A área edificada ampliou-se, com novas construções, sendo então edificados os compartimentos 28 e 33. Todavia, os contextos relativos à ocupação do ao séc. IV encontram-se mal preservados, impossibilitando uma análise da distribuição espacial, uma vez que o elevado estado de fragmentação da amostra remete para a descontextualização das peças, relativamente, à área onde foram recolhidas. Não obstante, a escavação de um contexto de fossa datável de meados do séc. IV, pela associação a produções áticas de figuras vermelhas, entregou um amplo conjunto cerâmica manual, que importa analisar brevemente. Do total dos exemplares aí recuperados, 16 % foram produzidos manualmente, configurando uma situação muito semelhante ao que se havia documentado no compartimento 32 e ligeiramente superior à média estimada para a fase V. No que diz respeito às formas e às decorações, aprecia-se uma evidente linha de continuidade com as produções dos contextos da segunda metade do séc. V. Neste sentido, deve destacar-se a reincidência dos cordões plásticos na ornamentação de Bacias/Alguidares da forma 7.B, bem como da aplicação de "asas cegas" quer na forma atrás referida, quer em taças de grandes dimensões (estampa 82 a 83). A categoria Potes/Panelas está bem representado por recipientes de pequenas e médias dimensões, tendo-se verificado a ausência de decorações incisadas e digitadas (estampa 85). Identificaram-se ainda dois "Potinhos" das variantes 4.B e 4.C, bem como um único copo (tipo 10) (estampas 85).

Relativamente à ocupação do séc. III, o único contexto conservado *in situ*, corresponde ao momento de abandono do compartimento 33, que, a julgar pela associação de cerâmica tipo Kuass, se pode situar em inícios desse século (Sousa, 2005). O conjunto integra uma considerável quantidade de tigelas e de pratos produzidos em cerâmica de tipo kuass, cerâmica pintada em bandas, e cerâmica comum, bem como alguns contentores anfóricos e outros grandes recipientes pintados com motivos zigzagueantes e círculos concêntricos (Fig. 29) (Arruda, 1997a e Sousa, 2005). Juntamente com estes, recolheu-se um lote significativo de recipientes produzidos manualmente, que representam 14% do total do contexto (estampas 88 e 89). A esmagadora

maioria dos exemplares são Potes/Paneles de média e pequena dimensão, representando diversas das formas definidas para esta categoria. Entre estes, parece importante destacar a ocorrência de recipientes de morfologia bi-troncocónica, que constituem uma completa novidade no registo arqueográfico do sítio. (3.D). Deve ainda referir-se, que apenas os exemplares nº 696 (estampa 89) e 4011 (estampa 88) ostentavam estigmas de exposição ao fogo, podendo, por isso, ser interpretados como panelas. No segundo caso, o facto do recipiente ser munidos de quatro mamilos aplicados abaixo do colo parece ser também um indicativo dessa funcionalidade. O conjunto de cerâmica manual deste contexto era, ainda, completado por um copo (tipo 10), uma bacia/alguidar (tipo 7.A) e uma taça (tipo 8.A).

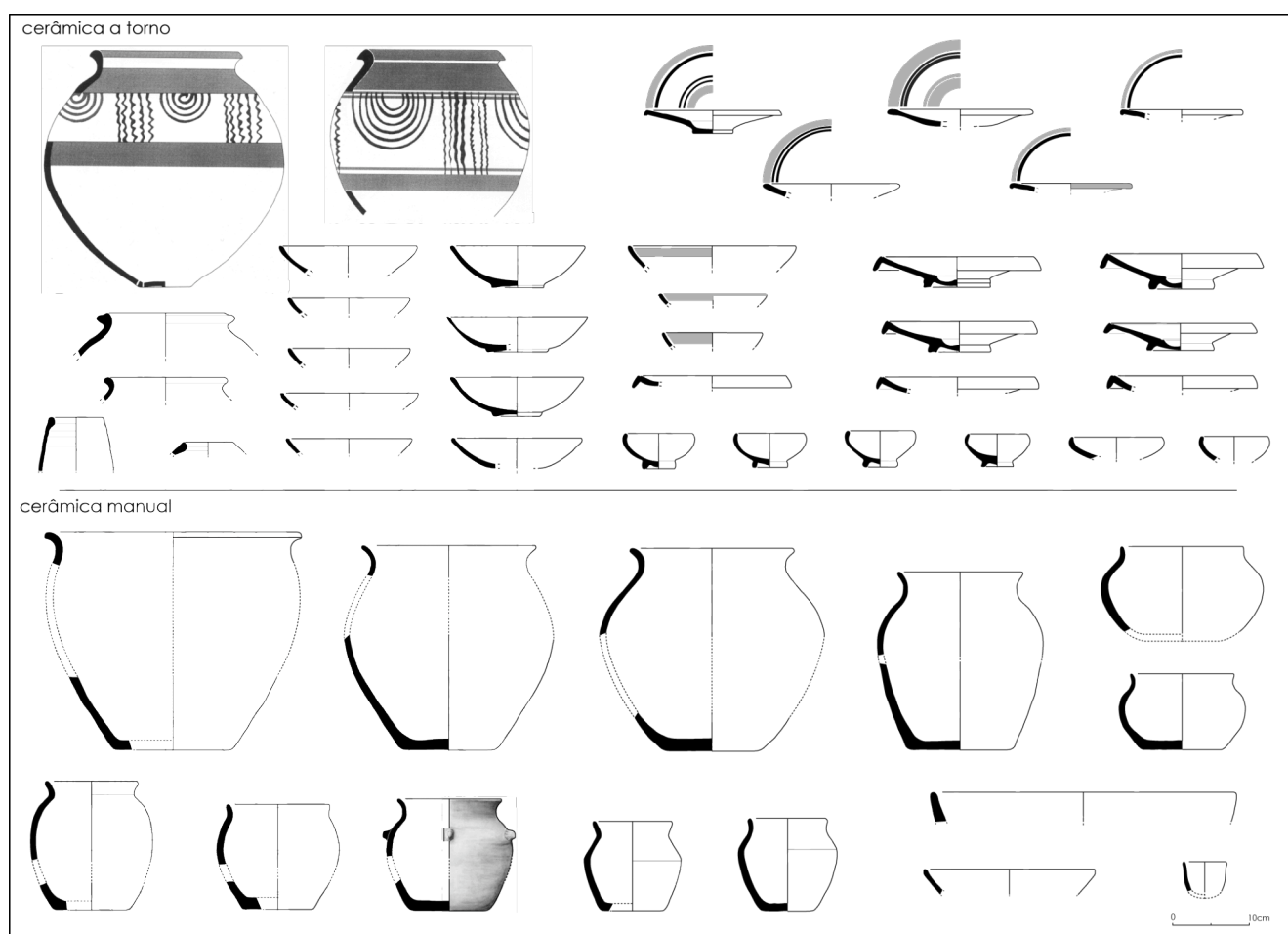


Figura 29 – Conjunto de recipientes associados num mesmo contexto datado de inícios do séc. III a.n.e.

5.5.3 – Discussão

A renovação da estrutura urbana levada a efeito na fase V foi acompanhada por uma alteração significativa na cultura material. Na cerâmica a torno, e ainda que se mantenha uma matriz cultural, eminentemente, mediterrânea, verifica-se que algumas das formas mudam, assim como as técnicas decorativas. Este fenómeno foi recentemente interpretado como uma «evolução na continuidade»

que traduz um re-centrar da economia dos centros fenícios ocidentais e tartéssicos (Arruda e Freitas, no prelo).

As produções manufacturadas deste momento reflectem, igualmente, elementos de continuidade com a olaria da fase anterior, mas também rasgos de inovação, particularmente visíveis ao nível das decorações. O repertório é composto principalmente por formas utilizadas desde longa data, embora algumas questões de pormenor permitam atribuir ao conjunto uma certa personalidade, que as distingue das produções anteriores. Não obstante, identificou-se também uma nova forma à qual se atribuiu a designação de copo (tipo 10, p.e. estampa 73 nº7422 e estampa 89 nº 704), e que apresenta paralelos, praticamente exactos, em Cancho Roano (Celestino Pérez e Jimenez Ávila, 1993, Fig. 35 nº 13) e em La Mata (Rodriguez Díaz e Ortiz Romero, 2004, p. 219 forma B.9.b)

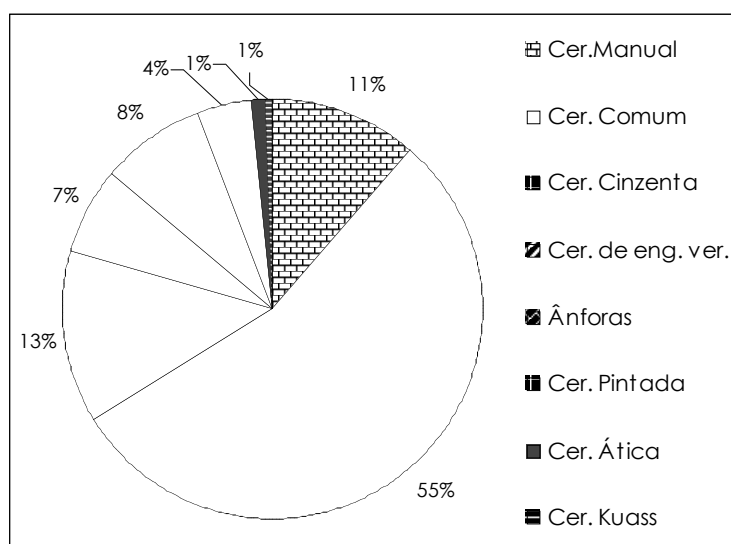


Gráfico 24 – Distribuição das várias categorias cerâmicas da fase V.

A olaria manual representa 11% do conjunto total das da fase V, podendo, no entanto, oscilar em função dos diversos contextos analisados, como se viu no ponto anterior. Este valor é consistente com as cifras obtidas em povoados do interior alentejano e na Extremadura Espanhola como por exemplo o Castelo de Medellín (ladeira norte), onde, nos estratos 6 e 7 da ocupação pós-orientalizante, a cerâmica manual representa 12.6 % e 9.5 % (Almagro-Gorbea e Martín Bravo, 1994). Na última fase de ocupação de Cancho

Roano, datada de finais do séc. V, a representatividade deste tipo de olaria oscila entre os 11 e os 15 %, sendo um pouco mais elevada entre as oferendas do sector Oeste (29.4%) (Celestino Pérez e Jiménez Ávila, 1993 e Celestino Pérez *et alli*, 1996). Também em La Mata se registaram valores semelhantes, oscilando entre os 15 e 20 % (Rodriguez Díaz e Ortiz Romero, 2004, p. 218), aproximando-se, igualmente, da cifra estimada para o Castro da Azougada: 12 % (Antunes, 2005).

No que diz respeito às Taças e Tigelas, deve salientar-se o domínio esmagador dos recipientes de morfologia hemisférica e/ou troncocónica, acentuando a tendência de suavização dos perfis, sentida a partir do Bronze Final. Os recipientes com estas morfologias apresentam dimensões generosas, com diâmetros frequentemente superiores a 20 cm, que os afastam da utilização individual. Outros exemplares de diâmetro ainda maior foram integrados na categoria Bacia/Alguidar, que, nesta fase, quadruplica a sua representação no conjunto. A aplicação de asas



nestes tipos de vasos constitui também uma característica exclusiva deste momento, com alguns paralelos coevos que parecem interessantes de referir. Para o exemplar munido de uma asa de rolo aplicada vertical (estampa 77 n° 14542) o paralelo mais próximo foi encontrado no sítio recentemente publicado de Los Caños (Rodríguez Díaz et alli, 2006, Fig. 12 n° 8). Como por várias vezes já se disse, a aplicação de asas cegas em algumas taças constitui uma completa novidade no registo arqueográfico de Castro Marim. Esta situação encontra bons paralelos nos sítios ditos pós-orientalizantes do Guadiana, concretamente em Cancho Roano (Celestino Pérez e Jiménez Ávila 1996), La Mata (Rodríguez Díaz e Ortiz Romero, 2004, p.219) e Castro da Azougada, parecendo configurar um tipo característico dos séculos V (segunda metade) e IV.

Um outro tipo de contentores chama a atenção, principalmente devido à inovadora técnica decorativa que normalmente lhe está associada. Trata-se de Bacias/Alguidares de tendência esférica (forma 7.B), geralmente adornados com cordões plásticos de secção triangular ou asas de ferradura, podendo ambos os elementos surgir também associados. É possível reconhecer recipientes de morfologia análoga desde os inícios da ocupação do sítio, ainda que na fase V os exemplares se mostrem excepcionalmente grandes e frequentes, tendo sido documentados em todos os contextos datados da segunda metade do séc. V e do séc. IV. Este tipo de contentores está bem documentado na região na área de Castro Verde (Neves I, Neves II e Corvo I), onde foram interpretados como recipientes para guardar água (Maia e Correa, 1985, 263). O exemplar publicado de Neves II (*Idem, Ibidem*, Fig. 9 n°1) é praticamente igual a outros de Castro Marim, deixando antever uma relação próxima entre ambos os sítios, também evidenciada pela ocorrência de cerâmica ática e ânforas tipo Maña Pascoal A.4. No Castro da Azougada (Antunes, 2005) e em El Castañuelo (Pérez Macias, 1991, p. 15), reconheceram-se, igualmente, recipientes da mesma morfologia e decorados com o mesmo tipo de aplicações plásticas. Aparentemente, esta "moda" tende a desaparecer a partir do séc. IV, sendo já vestigial em Capote (Berrocal-Rangel, 1994, p.338, n°405) e estando ausentes dos contextos do séc. III, em Castro Marim.

Os habitualmente denominados *platos margarita* procedentes de Cancho Roano e La Mata constituem os melhores paralelos para um fragmento de fundo em que, à volta do ônfalo central, foram desenhadas, por incisão, pétalas, resultando numa representação incrivelmente realista de uma flor, que, de facto, se aproxima mais da imagem de uma margarida do que qualquer um dos outros assim denominados (estampa 73 n° 2026). Com efeito, apesar de ostentar uma técnica bem distinta daquela utilizada nos *platos margarita*, a peça de Castro Marim reproduz um esquema decorativo muito semelhante, partilhando, também o mesmo âmbito cronológico (meados/finais do séc. V). Em relação a estes tipos de produções, julgo importante referir, que, em Cancho Roano, foi considerada a hipótese de conterem cosméticos ou narcóticos (Celestino Pérez e Jiménez Ávila, 1996, p. 222), hipótese recentemente confirmada em La Mata, onde a análise dos conteúdos acusou a presença de um opiáceo (*papaver somniferum*). Ainda assim, os autores da monografia deste



Último sítio alertam para a impossibilidade de relacionar directamente esta evidência com o consumo de substâncias alucinógenas ou psicodélicas ou com a existência de uma farmacopeia rural, sublinhando que este ingrediente pode estar também relacionado com o fabrico de pão (Rodríguez Díaz e Ortiz Romero, 2004, p. 220). Devido ao motivo vegetalista que ostentam, foi recentemente sugerida a sua vinculação ao culto de Astarté ou Tanit, (Celestino Pérez, 2001, p. 49). Esta hipótese é particularmente sugestiva para o exemplar de Castro Marim, uma vez que este foi recolhido num possível *Bothros*.



6. Considerações Finais

Ao longo das últimas décadas, a antropologia tem vindo a debater algumas noções de identidade étnica incorporadas pela arqueologia, no sentido de interpretar as evidências recolhidas no campo. O histórico-culturalismo foi uma das "vertentes" da arqueologia que, porventura, mais aproveitou este debate. De um modo geral, pode dizer-se que esta corrente se fundamenta no pressuposto de que as culturas podem ser definidas com base nas evidências materiais associadas a sítios concretos, numa determinada região e período, aceitando-se que a continuidade cultural implica também uma continuidade étnica. Este modelo foi difundido à escala mundial induzindo a investigação a procurar culturas homogéneas que possibilitassem a caracterização de diferentes grupos étnicos e a determinação dos respectivos limites do território ocupado. Todavia, alguns dos conceitos então largamente utilizados, como por exemplo "cultura arqueológica", esbarram nos mais recentes estudos antropológicos, que demonstram não existir, necessariamente, coincidência entre fronteiras culturais, linguísticas e sociais, podendo, uma mesma etnia, apresentar descontinuidades na língua, cultura e estrutura política ou territorial (Jones, 1997).

Actualmente, são várias as hipóteses que se discutem sobre a eventual possibilidade de identificar etnias. Sian Jones (*Ibidem*) defende uma noção de etnicidade multidimensional, propondo que a cultura material seja entendida como parte de um processo de construção de identidade que, não raras vezes, é heterogéneo e contraditório. Ao historicizar a própria noção de grupo étnico, esta autora põe em causa as tradicionais noções de etnias homogéneas e limitadas no espaço, com um povo, uma língua e uma cultura única, afirmando que não passam de uma transposição para o passado do mito fundacional do Estado Moderno. De igual forma, também a arqueologia pós-processual tem sublinhado a relevância da contextualização da própria disciplina, alertando para o facto da interpretação das realidades arqueológicas incluir, indubitavelmente, os "estigmas" do contexto científico em que é produzido o conhecimento. Para Sian Jones, a criação de uma base teórica que permita à arqueologia interpretar a etnicidade deve, obrigatoriamente, começar pelo abandono do modelo normativo de sociedade (*Idem, Ibidem:106*). Assim, os grupos étnicos não podem ser entendidos como entidades coerentes e monolíticas e, neste sentido, também os arqueólogos não devem supor, que os graus de semelhança e dissemelhança plasmados na cultura material fornecem um índice directo das relações inter-grupais (*Idem, Ibidem:115*).

Resulta assim evidente a necessidade de encarar a construção de identidades étnicas como um processo complexo, constante e multifacetado, devendo, por princípio, evitar-se explicações unidireccionais. A análise e interpretação das evidências arqueológicas devem ser feitas à luz de uma dinâmica social em constante desenvolvimento, heterogénea e, por vezes, contraditória, para que não redunde numa correlação simplista entre cultura material e etnia. A definição cultural de qualquer organização social (etnia, comunidade, grupo, etc...) está, em última análise, relacionada com a



compreensão da identidade e alteridade dos próprios indivíduos que nela se integram, por outras palavras, entre o que estes entendem como o “eu” e como o “outro”.

Vários autores sublinham que, apenas a compreensão de padrões de comportamento de longa duração observados à escala regional ampla, permitem avaliar o grau de autonomia de uma determinada cultura em relação à outra, o que, em última instância, possibilita pensar em implicações de carácter sócio-político. Assim, pareceu fazer sentido apresentar aqui uma breve sinopse dos principais ritmos e tendências observadas na evolução das produções manuais ao longo da diacronia de ocupação de Castro Marim, embora reconheça que a análise de um único item é manifestamente insuficiente para definir sintonias com outras áreas regionais. Não obstante, este tipo cerâmico assume especial relevância na contrastação das várias áreas regionais do Sudoeste Peninsular, uma vez que se trata de objectos de uso corrente, parte integrante do quotidiano destas comunidades, responsáveis também pelo seu fabrico.

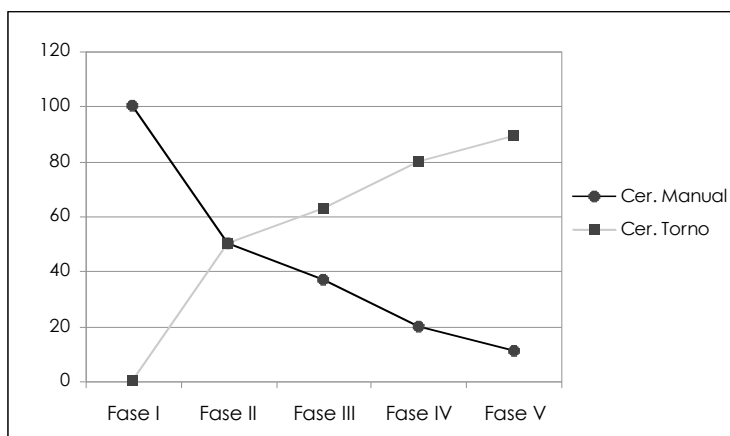


Gráfico 25 – Frequência da cerâmica manual ao longo das fases proto-históricas do Castelo de Castro Marim.

Os gráficos que se incluíram neste apartado final pretendem sintetizar as principais tendências aferidas ao longo da ocupação do sítio, corroborando muitas das observações genéricas que têm vindo a ser feitas acerca da evolução da cerâmica manual nas mais diversas paragens. Em primeiro lugar, destaca-se o decréscimo contínuo da cerâmica manual ao longo da

estratigrafia, que durante o Bronze Final representa 100% do conjunto (fase I - séc. IX/VIII), caindo para os 11% na derradeira

fase da Idade do Ferro (fase V – segunda metade do séc. V - inícios do séc. III) (gráfico 25). A variação deste índice tem sido recorrentemente entendida como indicador de transformação cultural e servido para avançar cronologias, constituindo um dos pontos centrais na discussão e análise das sociedades sidéricas. No que ao Sudoeste peninsular diz respeito, o fenómeno de perduração das cerâmicas manuais manifesta-se de modo diferente quase de sítio para sítio, tendo, no entanto, como denominador comum um decréscimo contínuo, pois, uma vez introduzida a olaria a torno esta desenvolve-se sempre em crescendo nas respectivas estratigrafias. Tal como lembrou C. Fabião (1998, vol. II, p. 64), os dados da escavação da Alcáçova de Badajoz foram os únicos argumentos invocados, até à data, para supor de um incremento da técnica manual durante a II Idade do Ferro (Berrocal-Rangel, 1994, p. 177), embora o próprio autor da publicação reconheça uma assinalável continuidade na ocupação do sítio (*ibidem*).



Sítio arqueológico	Estratigrafia/ Cronologia	Cerâmica Manual
Setúbal (Tr. Dos Apóstolos) (Soares / Silva, 1986)	Fase I – séc. VII	84.3%
	Fase II – Séc. VII-VI	23.9%
	Fase III – Séc. V-IV	18%
Abul A	Fase I - (Horizontes IA-IC) – 2º-3º quartel séc. VII	18%
	Fase II - (Horizontes IC-IIA/II-C- abandono) – últ. quartel séc.VII -1º quartel séc. VI	17.5%
Abul B (Mayet / Silva, 2000)	Finais do séc. VI - <u>séc.</u> V	10,1 %
Alcácer do Sal (Silva / Soares / Dias / Coelho- Soares 1980-81)	Camada 10 – 2ª metade do séc. VII	11.5%
	Camada 9 – 2ª metade do séc. VI	8.7%
	Camada 8 – Séc. IV-III	4.1%
Medellín (Almagro-Gorbea, 1977) (Almagro-Gorbea; Martín Bravo, 1994)	Sondagem Este do Teatro: séc. VII	80%
	séc. VI (meados)	25%
	Ladeira Norte do Castelo: Medellín III (600-500 a.C.) -Estrato 8	24%
	-Estrato 7	18.5%
	Pós-orientalizante (500-400 a.C.) -Estrato 6	12.6%
	-Estrato 5	9.5%
	Cultura Oppida (450-79 a.C.) -Estrato 4	8.6%
	-Estrato 3	2.5%
Aliseda (Rodríguez Díaz; Pavón Soldevilla, 1999)	Fase II – orientalizante pleno/recente (600-500 a.C.)	85%
	Fase III – Pós-orientalizante (500-400 a.C.)	67%
Herdade da Sapataoa (Mataloto, 2005)	Finais do séc. VI – meados do séc. V	38%
Cancho Roano (Celestino Pérez e Jiménez Ávila, 1993; Celestino, 1996)	Sector oeste (séc. V) – Última fase de ocupação - Oferendas	15%
	29,4%	
	Sector Norte (séc. V) – Última fase de ocupação - Oferendas	11%
	14%	
La Mata (Rodríguez Díaz, 2004)	Séc. V.	15 - 20%
Los Caños (Rodríguez Diaz, <i>et all.</i> , 2006)	Séc. VI - V	33%
Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993)	Período I – Séc. VI/V	40,2%
	Período II – Séc. IV/III	10%
Sevilha (St. Isidoro) (Campos, <i>et all.</i> , 1988)	Fase II (Orientalizante) – Níveis 20-24 (725-550a.C.)	27 %
	Fase III (Proto-ibérico) – Níveis 18-19 (550-450a.C.)	3,9%
La Bienvenida (Fernandez Ochoa, 1994)	69%	
	Orientalizante – 2ª metade séc. VIII / 1ª metade séc. VI	54%
	Ibérico Antigo – 1ª metade séc. VI/ 1ª metade séc. V	25,8%
Montemollin (Bandera, <i>et all.</i> 1993)	Ibérico Pleno – 2ª metade séc. V	
	Período II (Fase I e II) – 1º quartel séc. VII	90%
	Período II (Fase III) – meados séc. VII	85%
	Período II (Fase IV) – Fins séc. VII/ 1ª metade séc. VI	60%

A tabela apresentada na página anterior compila os índices de cerâmica manual publicados para alguns sítios sidéricos do Sudoeste Peninsular, tornando-se, desde logo, evidente a existência de duas realidades bem distintas: uma litoral e outra interior. Como seria de esperar, nos sítios litorais, onde as influências orientalizantes se fizeram sentir de modo mais intensivo, a olaria manual é menos expressiva comparativamente com sítios do interior onde esta técnica subsiste em quantidades apreciáveis, até época avançada da Idade do Ferro. O povoado de Medellín constitui uma verdadeira excepção a esta "regra", demonstrando, desde meados do séc. VI, um percurso muito semelhante ao verificado em Castro Marim, mesmo ao nível das principais formas representadas. Com efeito, em ambos os povoados denota-se que o decréscimo das cerâmicas manuais se ficou a dever, sobretudo, à quebra na produção de recipientes de formas abertas, associáveis ao consumo individual de alimentos, cuja substituição foi prontamente efectuada por vasos fabricados a torno.

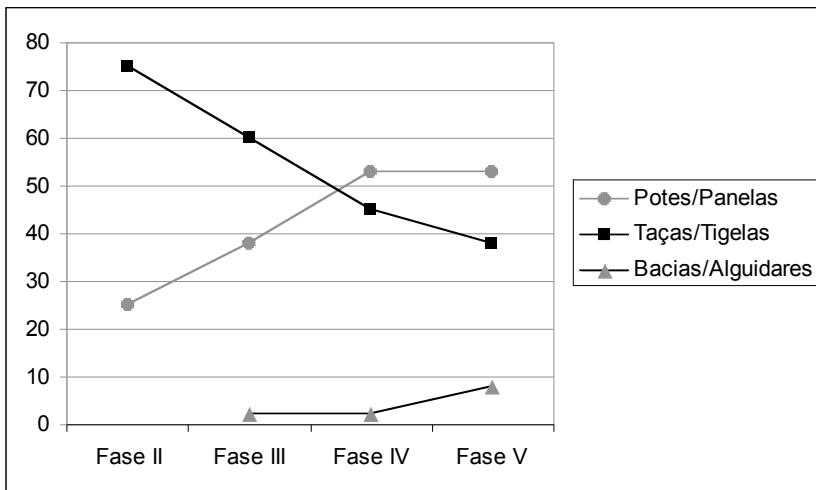


Gráfico 26 – Frequência das principais formas de cerâmica manual presentes ao longo das fases sidéricas de Castro Marim.

Por outro lado, verifica-se que a persistência da olaria manual é, particularmente, evidente nos recipientes do tipo pote/panela, não só em Castro Marim (gráfico 26), mas também na grande maioria dos sítios com ocupação sidérica orientalizante, como tem sido frequentemente afirmado por diversos autores (Almagro-Gorbea e Martín Bravo, 1994, p. 108; Fabião, 1998, vol. II, p. 27; Arruda 2002). Em Castro Marim, este fenómeno verifica-

se especialmente nos contentores de menor dimensão, associáveis à confecção de alimentos, podendo, assim, concluir-se que a manutenção das produções manufacturadas neste tipo de recipientes, não deve estar relacionada com quaisquer questões de índole cultural, mas antes com factores pragmáticos e funcionais. Os materiais exumados num contexto primário datado de inícios do séc. III são, particularmente, reveladores desta tendência, podendo mesmo servir de argumento para defender que esta se acentua ainda mais, nos derradeiros momentos da Idade do Ferro. Como já se referiu, trata-se de um numeroso conjunto de potes/panelas de produção manual (estampas 88 e 89), ao qual se encontram associados uma grande quantidade de pratos e tigelas de cerâmica tipo Kuass e comum, demonstrando claramente ser possível supor uma longevidade diferenciada das técnicas de olaria em função do destino final dos vários recipientes. A perduração da técnica manual nos recipientes do tipo pote/panela parece estar relacionada com as características intrínsecas da pasta cerâmica, cuja abundância de desengordurantes lhe confere uma maior resistência térmica, tornando-as especialmente aptas para aguentarem temperaturas elevadas.



Uma outra explicação para este fenómeno pode ser encontrada em alguns estudos antropológicos e etnográficos que demonstram existência de uma certa resistência às alterações que afectam directamente o âmbito doméstico, em particular os padrões de alimentação. Por outro lado, os aspectos relacionados com a vida pública mostram-se menos conservadores, uma vez que tendem a ser manipulados de forma consciente, jogando um importante papel nas estratégias de mobilidade social (Delgado Hervás, 2005, p. 1255). Esta capacidade de manipulação consciente confere um carácter ambíguo à cultura material quando, a partir desta, se tentam extrair identidades étnicas. Como tem sido referido por vários autores, a continuidade desta técnica não se pode imputar unicamente à manutenção de um nível de produção familiar, a par de outro estandardizado que fabricaria a cerâmica a torno (Gibson et alii, 1998, p. 203; Mataloto, 2004, p. 78), embora esta pudesse ser, também, uma realidade (Fabião, vol. II 1998, p.65). Com efeito, os poucos dados que se podem manejar neste sentido deixam antever um quadro mais complexo, abrindo portas para que possa pensar-se no comércio de cerâmica manual, ainda que este possa ter sido fundamentalmente local. A este respeito são particularmente interessantes as análises realizadas sobre alguns recipientes de produção manual de Abul, que demonstraram uma produção situada a dezenas de quilómetros do local (Scmitt, 2000, p. 279). Também em Castro Marim se identificou um grupo de fabrico (4) cujas características diferenciadas dos restantes sugerem, igualmente, uma procedência exterior ao âmbito local do povoado.

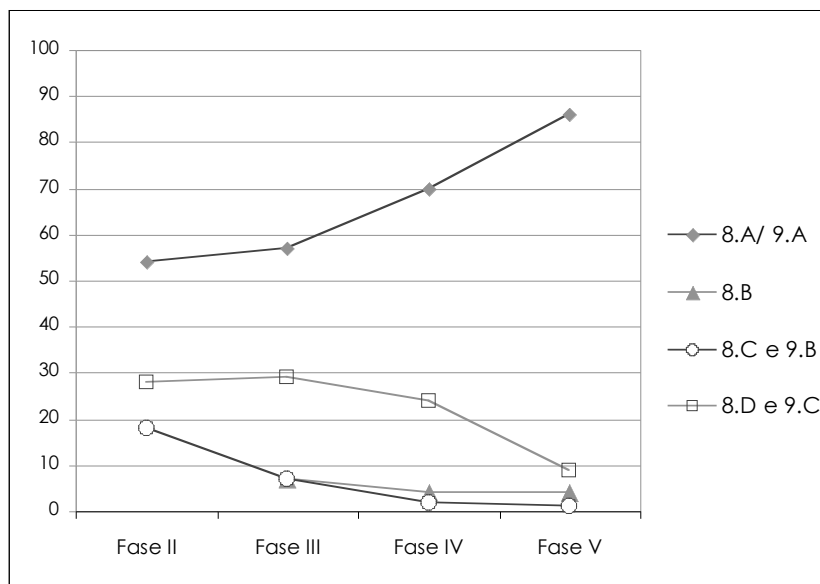


Gráfico 27 – Frequência dos vários tipos de perfil das categorias Taça e Tigela ao longo do faseamento sidérico.

Ao nível dos recipientes das categorias taça e tigela a evolução do repertório da cerâmica manual de castro Marim vai no sentido da simplificação dos perfis (gráfico 27). À excepção do conjunto do Bronze Final, em todos os outros é visível a predominância de recipientes hemisféricos ou troncocónicos, particularmente na fase sidérica mais recente onde alcançam quase 90 % do total das taças e tigelas. Esta fase é também sintomática do incremento dos

exemplares de maior dimensão, sendo já muito raras as tigelas que podem aproximar-se ao consumo individual de alimentos, que, como atrás se referiu, desde há muito era preferencialmente efectuado em recipientes modelados a torno.



A análise efectuada às amostras isoladas para cada uma das fases de ocupação proto-histórica de Castro Marim, revelou um conjunto de afinidades com diversas áreas geográficas que, a modo de conclusão, importa sublinhar novamente. Todavia, tal como se afirmou nos parágrafos que encetaram este apartado final, não creio ser possível estabelecer uma relação directa entre as semelhanças e dissemelhanças evidenciadas na cultura material de determinadas comunidades e a sua integração numa mesma etnia, pelo menos partindo do estudo de um único item artefactual. Não obstante, se estas afinidades não devem ser sobrevalorizadas, por outro lado, também não podem ser esquecidas, sob pena de passarmos ao lado de uma questão central na análise do relacionamento inter-regional das sociedades que ocuparam o Sudoeste Peninsular em época proto-histórica.

Relativamente à ocupação do Bronze Final (fase I) o conjunto tratado não permite grandes considerandos, uma vez que as formas identificadas podem ser rastreadas um pouco por todo o espaço peninsular. No entanto, os resultados das intervenções levadas a efeito sobre o sítio são já suficientes para propor uma interpretação bem mais modesta do que aquela "adivinhada" por M. Varela Gomes, ao considerar que Castro Marim durante o Bronze Final seria "povoado fortificado (...) parte da complexa estrutura do poder, verdadeiro lugar central, com função de hierarquizar o espaço, em termos psicológicos e geográficos, de onde partiriam as directrizes dos mecanismos da organização social, religiosa, económica e administrativa, assim como militar e política destes territórios" (Gomes 1995:142). Com efeito, esta situação não parece compatível com o registo arqueológico documentado em escavação para este período, aproximando-se, no entanto, do que deverá ter ocorrido durante os séculos posteriores.

A ocupação do sítio durante o séc. VII a.n.e (fase II, III) foi profundamente marcada por influências orientalizantes, visíveis tanto ao nível do espólio com na arquitectura. A relação com o dito mundo Tartéssico durante esta época parece inquestionável tendo em consideração, não só a abundante olaria a torno, mas também a cerâmica manual, onde se reconheceram muitos dos produtos, geralmente, conectados com este ambiente cultural. A este nível destacam-se, principalmente, as decorações brunidas e pintada cujo centro de difusão parece ter sido efectivamente a área Onubense e o Baixo Guadalquivir, uma vez que é precisamente nestas regiões onde se concentram o maior número de recipientes assim ornamentados. No entanto, deve reconhecer-se que em Castro Marim estes tipo decorativos surgem em quantidades, comparativamente, muito reduzidas, dizendo bem o seu carácter periférico em relação a essas regiões. As relações com as tradições oleiras do Alentejo Interior ficaram também comprovadas pela descoberta de um pote, profusamente, decorado com ornatos brunidos na superfície exterior.

A cerâmica manual recolhida nos níveis do séc. VI (fase IV) reproduz basicamente o mesmo tipo de recipientes já conhecidos em época anterior, ainda que este surjam agora representados em

proporções diferentes, com clara vantagem para os potes/panelas, ao invés do que sucedia no séc. VII, quando as taças e tigelas dominavam o conjunto. No entanto, denota-se a ausência de algumas formas que anteriormente se encontravam representadas por exemplares únicos, assim como a introdução de outras novas, também escassamente representadas (sertã). As maiores diferenças são visíveis ao nível das técnicas decorativas, salientando-se o desaparecimento da decoração pintada e “beliscada”. Os vários paralelos arrolados para o conjunto da fase IV evidenciam a manutenção dos contactos com a área Onubense e Baixo Guadalquivir.

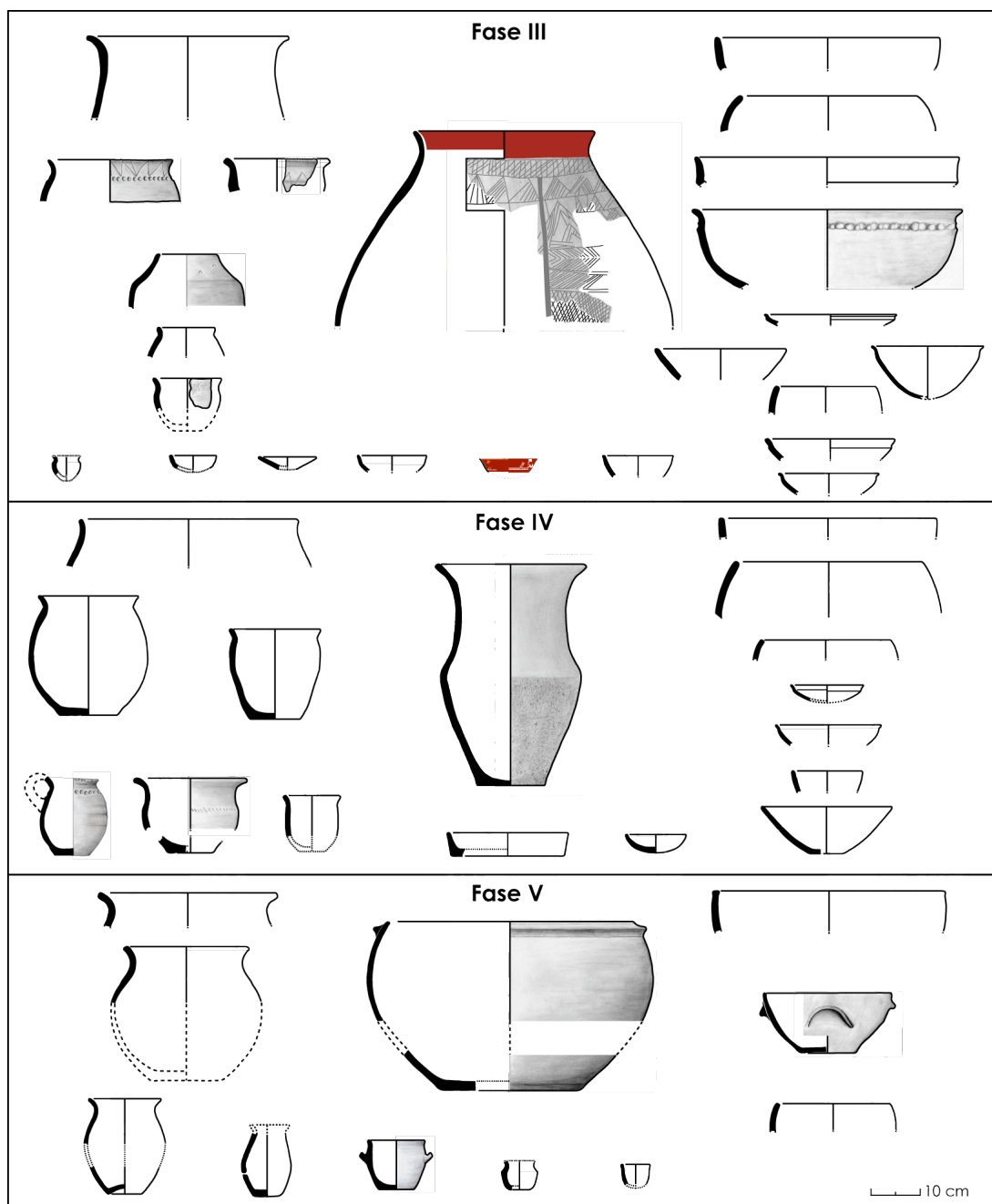


Figura 31 – Relatório formal da cerâmica manual das fases III, IV e V do Castelo de Castro Marim.



A tabela apresentada na página anterior é reveladora de uma assinalável continuidade ao nível das principais formas produzidas em cerâmica manual durante a fase V (primeira metade do séc. V - séc. III), excepcionando o caso, já devidamente assinalado, dos recipientes assimiláveis ao consumo individual de alimentos. Por outro lado, verifica-se uma profunda alteração nas técnicas decorativas, emergindo como opção favorita a aplicação de elemento plásticos. A identificação de um conjunto tão expressivo de cerâmica manual em cronologias avançadas da Idade do Ferro torna-se particularmente significativo no quadro "histórico" da região onde se insere Castro Marim. Com efeito, o estudo de determinados tipos cerâmicos de grande circulação (cerâmica Ática ou cerâmica tipo Kuass) sugere que a partir do séc. V as relações entre o Algarve litoral e a Andaluzia ocidental permitem antever um único esquema cultural e social em ambas regiões, sendo possível constatar a extensão da entidade política e económica dita Turdetana até ao Algarve Ocidental (Arruda, 2005, p.105). Todavia, nas publicações das várias intervenções arqueológicas levadas a efeito na cidade de Huelva, denota-se que, a partir de meados do primeiro milénio a.n.e a cerâmica manual quase que desaparece do registo arqueográfico (Rufete Tomico, 2002). O fenómeno de perduração em Castro Marim poderá ser explicado pelo intenso contacto mantido com as populações do interior, entre as quais a técnica manual subsiste até época avançadas, chegando a coincidir com o advento da romanidade (veja-se por exemplo o caso de Mesas do Castelinho, Fabião, 1998, vol. II, p. 65). Este facto, parece evidenciar uma clara vocação comercial do sítio que, conforme tem sido defendido desde as primeiras intervenções, poderia actuar como centro redistribuidor, mantendo, assim, um contacto privilegiado com as comunidades interiores.

Infelizmente, os contextos preservados não deixam perceber quando é que, efectivamente, a cerâmica manual desaparece do registo. Ainda assim, foi possível verificar que esta se encontrava ausente nos níveis Tardo-Republicanos.



7. Bibliografia

A.A.V.V. (1989) – *Inhumaciones infantiles en el ámbito mediterráneo español (siglos VII aE. Al II d.E)*. Diputación Provincial de Castellón de la Plana (Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonenses, 14).

(1995) – *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa.

AGYAYO, P., CARRILERO, M., MARTÍNEZ, G., AFONSO, J.A., GARRIDO, O., PADIAL, B., (1991) – “Excavaciones arqueológicas en el yacimiento de Ronda la Vieja (Acinipo), Campaña de 1998”. In *Anuario Arqueológico de Andalucía*, II, p.309-314.

ALARCÃO, J. de (1974) – “Cerâmica comum local e regional de Conimbriga”, In *Suplementos de Biblos*, 8, Coimbra.

ALARCÓN RUBIO, M^a. J. (1983) - “Panorama actual de la cerámica con técnica de decoración bruñida en Andalucía Occidental”. In *Boletín de la asociación española de amigos de la arqueología*, 17, Madrid, pp.70-80.

ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) – *El Bronce Final y el periodo Orientalizante en Extremadura*. Madrid: Bibliotheca Praehistorica Hispana. Vol. 14.

(1990) – *El periodo orientalizante en Extremadura. La cultura tartésica y Extremadura*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (Cuadernos Emeritenses; 2), p. 85-125.

(1991) – “La alimentación en palacio orientalizante de Cancho Roano”. In *anejos de Gerión*, 3, 95-113.

ALMAGRO-GORBEA, M.; MARTIN BRAVO, A.M. (1994) – “Medellín 1991. La ladera Norte del Cerro del Castillo”. In *Complutum Extra*, 4, Madrid, Universidad Complutense.

ALMEIDA, D. Fernando (1964) - *Ruínas da Miróbriga dos célticos (Santiago do Cacém)*, Lisboa, Junta Distrital de Lisboa.

ALVAR, J. (2000) – “Fuentes literarias sobre Tartessos”. In A.A.V.V. *Argantonio, Rei de Tartessos*, p. 37-68.

AMADOR, J.J., SERRANO, P. B., GIL, J.A., JUNQUERA, M.P. (1996)- *Tartesios y Fenicios en Campillo. El puerto de Santa María, Cádiz. Una aportación a la cronología del Bronce Final en el occidente de Europa*.

AMO, M. (1973) - “Cerámica de retícula bruñida en Medellín”, In *XII Congreso Nacional de Arqueología* (Jaén 1971), Zaragoza.



(1979) - El Castañuelo. Un poblado céltico en la provincia de Huelva. In *Huelva Arqueológica* IV, p. 299-340, Huelva.

AMORES, F. e RODRÍGUEZ, J.M. (1983) – “Cogotas en Carmona y panorama general del fenómeno en Andalucía Occidental”, In *Mainake*, V-VI, p. 73-86.

AMORES CARREDANO, F. (1994) – “La cerâmica pintada estilo Carambolo: una revisión necesaria de su cronología”. In *Tartessos. 25 años despues (1968-1993)*. Jerez de la Frontera, Ayuntamiento de Jerez, p. 159-177.

ANTUNES, A. (2005) - *Castro da Azougada – conjunto cerâmico. Em torno da Idade do Ferro Pós Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

ARANEGUI GASCÓ, C. (2000) – “Argantonio, rei de Tartessos”. In A.A.V.V. *Argantonio, rei de Tartessos*, p. 21-37.

(Ed.º) (2001) – “Lixus. Colonia fenicia y ciudad púnico-mauritana. Anotaciones sobre su ocupación medieval”. *Saguntum*. Valencia: Departament de Prehistoria i d'Arqueologia de la Universitat de Valencia, extra-4.

ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (1998) – *La quantification des céramiques. Conditions et protocole*. Glux-en-Glenne : Centre archéologique européen du Mont Beuvray.

ARNAUD, J. M. (1979) – Corôa do Frade. Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora - Escavações de 1971-1972. In *Madriider Mitteilungen*. Mainz. 20, p. 56-100.

ARRUDA, Ana Margarida (1983-84) - “Escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim. Relatório dos trabalhos de 1983-1984”. *Clio Arqueologia*. Lisboa: INIC, 1, p. 245-254.

(1984a) – “Escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim: sua integração no contexto do turismo regional”. In *Actas do 3º Congresso sobre o Algarve*. Montechoro: Racal Clube, vol. I, p. 45-49.

(1984b) – “Escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim. Relatório dos trabalhos de 1983”. *Clio/Arqueologia*. Lisboa: INIC, 1, p. 245-248.

(1984c)- “Escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim. Relatório dos trabalhos de 1984”. *Clio/Arqueologia*. Lisboa: INIC, 1, p. 249-254.

(1986a)- “Castro Marim na Idade do Ferro”. In *Actas do 4º Congresso do Algarve*. Silves: Racal Clube, p. 33- 38, vol.1.

(1986b) – “Castelo de Castro Marim”. *Informação Arqueológica*. Lisboa: IPPC, 8, p. 32-34.



- (1988) – “Nota sobre a ocupação romana- republicana do Castelo de Castro Marim”. In *Actas do 5º Congresso do Algarve*. Silves: Racal Clube, vol. 1, p. 13.17.
- (1993) – “ A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular.” In *Os fenícios no território português*. Lisboa: Instituto Oriental. (Estudos Orientais: IV), p. 193-214.
- (1996) – “O Castelo de Castro Marim”. In *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.*. Lisboa: Ministério da Cultura, Instituto Português de Museus, Museu Nacional de Arqueologia. p. 95-100.
- (1997a)- *As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim*. Lisboa: Colibri.
- (1997b)- “Os núcleos urbanos litorais da Idade do Ferro no Algarve”. In *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: Ministério da Cultura, IPPAR, p. 243-255
- (1999a)- “O Algarve no quadro geo-cultural do Mediterrâneo Antigo”. In *Algarve - Da antiguidade aos nossos dias*. Lisboa: Colibri, p. 21-22.
- (1999b)- “O Algarve nos séculos V e IV a.C.”. In *O Algarve - Da antiguidade aos nossos dias*. Lisboa: Colibri, p. 23-31.
- (2000a) - “As cerâmicas de importação do Castelo de Castro Marim no âmbito do comércio Ocidental dos séculos V a III a.C.”. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Servicio de Publicaciones Universidad de Cádiz, vol. II, p. 727-736.
- (2000b) – “Tavira: afirmação do poder e estratégias de ocupação do território durante a Idade do Ferro”. In *Tavira. Território e Poder*. Lisboa: MNA
- (2001) – “Importações púnicas no Algarve. Significado e cronologia”. In *Os púnicos no Ocidente*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 69-97.
- (2002)- *Fenícios en Portugal : fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. Barcelona: Laboratorio de Arqueologia de la Universidad Pompeu Fabra (Cuadernos de Arqueologia Mediterránea; 5-6).
- (2003) – “ Escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim: balanço e perspectivas”. In *Xelb – Actas do 1º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Silves: Câmara Municipal de Silves, p. 69-88.
- (2005a) – “Orientalizante e pós-orientalizante no Sudoeste Peninsular: geografias e cronologias”. In CELESTINO PEREZ; JIMENEZ ÀVILA – *El Período Orientalizante Actas del III Simpósio Internacional de Arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*, (Anejos de Archivo Español de Arqueologia, XXXV),, vol. I, p. 277-303.
- (2005b) – “O 1º Milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século”. *O Arqueólogo português*, Série IV, 23, p. 9-156.
- ARRUDA, A. M.; FABIÃO, C.; GUERRA, A. (1995) – “O que é a II Idade do Ferro em Portugal?”. In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35(2), p. 237-257.



ARRUDA, A.M.; FREITAS, V. Teixeira (2001) – *Intervenção Arqueológica no Castelo de Castro Marim-2000. Relatório dos trabalhos de campo.*

ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. Teixeira; OLIVEIRA, C. F. P. (2002) – *Intervenção Arqueológica no Castelo de Castro Marim- 2001. Relatório dos trabalhos de campo.*

ARRUDA, A.M.; FREITAS, V. Teixeira; OLIVEIRA, C. F. P.; SANTOS, P.; PEREIRA, R. (2003) – *Castelo de castro Marim: Estudo, recuperação e valorização do património arqueológico. MARCAS-ERVA. Intervenção Arqueológica no Castelo de Castro Marim- 2002. Relatório dos trabalhos de campo.*

ARRUDA, A.M.; FREITAS, V. Teixeira; OLIVEIRA, C. F. P.; SANTOS, P.; PEREIRA, R.; ROSA, E. (2004) – . MARCAS-ERVA. *Castelo de castro Marim: Estudo, recuperação e valorização do património arqueológico. Intervenção Arqueológica no Castelo de Castro Marim- 2003. Relatório dos trabalhos de campo.*

ARRUDA, A. M.; BARROS, P.; LOPES, V. (1998) – *Cerâmicas áticas de Mértola. Conimbriga, 37, Coimbra: Instituto de Arqueologia, p. 121-149.*

ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. Teixeira; OLIVEIRA, C. F. (no prelo) – “Os fenícios e a urbanização no Extremo Ocidente: o caso de Castro Marim”. In *Las ciudades fenicio-púnicas en el mediterráneo Occidental. III Coloquio Internacional Centro de Estudios Fenicios y Púnicos*. Adra, 12 –14 de Dezembro de 2003.

ARRUDA, A.M., Freitas, Vera Teixeira de, Oliveira, C.P., Carretero, P., Bargão, P., Sousa, E., Lourenço, P. (no prelo) – “Castro Marim: um santuário na foz do Guadiana”. *Actas do IV Simpósio Internacional de Arqueologia de Mérida – Santuários, oppida y ciudades: Arquitectura sacra en el origen y desarrollo urbano del Mediterráneo Occidental, 2 a 5 de Novembro de 2005.*

ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. Teixeira; OLIVEIRA, C. F. P. (no prelo) – *O Castelo de Castro Marim durante os séculos VI e V a.n.e. Actas da reunião científica: SIDEREUM ANA I , El río Guadiana en época post-orientalizante, realizada em Mérida entre 24 e 26 de Maio de 2006.*

AUBET SEMMLER, M.E., SERNA, M.R., ESCACENA, J.L. e DELGADO, M.M. (1983) - *La Mesa de Setefilla, Campaña de 1979, In Excavaciones Arqueológicas en España, 122, Madrid.*



AUBET, M. E. (1991) - "El impacto fenicio en Tartessos: las esferas de interacción", In *Cuadernos Emeritenses - La cultura Tartésica en Extremadura*, 2., Mérida, Museo Nacional de Arte Romano.

(1994) – Tiro y las colonias fenicias de Occidente. Barcelona: Crítica.

(1995) - "Las colonias fenicias de Málaga y su periferia indígena", In *Extremadura Arqueológica*, 5, 137-150.

AUBET, M.E., MAASS-LINDEMANN, G., SCHUBART, H. (1979) - "Chorreras: un establecimiento fenicio el Este de la desembocadura del Algarrobo", In *NAH*, 6, Madrid, p. 91-138.

AUBET, M.ª E.; CARMONA, P.; CURIÀ, E.; DELGADO, A.; FERNÁNDEZ CANTOS, A.; PÁRRAGA, M. (1999) – *Cerro del Villar -I. El asentamiento fenicio en la desembocadura del río Guadalhorce y su interacción con el hinterland*. [S.l.]: Junta de Andalucía.

BALFET, H.; FAUVET-BERTHELOT, M.-F. ; MONZON, S. (1983) – *Pour la Normalisation de la Description des Poteries*. Paris : CNRS.

BALFET, HÉLÈNE ; FAUVET MARIE-FRANCE ; MONZON SUZANA EDS. (1988) - "*Lexique plurilingue pour la description des poteries : en allemand, anglais, espagnol, italien, néerlandais et portugais.*" Paris; éditions du C.N.R.S.

BANDERA, M.ª L. de la; CAVES TRISTÁN, F.; FERRER ALBELDA, E.; BERNÁLDEZ SÁNCHEZ, E. (1995) – "El yacimiento Tartésico de Montemolín". In *Tartessos. 25 años despues (1968-1993)*. Jerez de la Frontera, Ayuntamiento de Jerez, p. 315-332.

BARCELÓ, J. A. (1991) – El Bronce del Sudoeste y la cronología de las estelas alentejanas. In *Arqueología*, 21, p. 15-24.

BARCELÓ, J. A., DELGADO, A., FERNÁNDEZ, A., PÁRRAGA, M. (1995) - "El área de producción alfarera del Cerro del Villar (Málaga)", In *R.S.F.*, XXIII, 2, Roma, pp. 147-182.

BATS, M. (1989) - « Vaisselle et alimentation à Olbia de Provence (v. 350 - v. 50 av. J.-C.). Modèles culturels, types et fonction », In *Revue archéologique de narbonnaise* Sup ao nº 18.

BELÉN, M.; FERNANDEZ-MIRANDA, M.ª; GARRIDO, J. P. (1977) – "Las orígenes de Huelva. Excavaciones en los cabezos de san pedro y La Esperanza". *Huelva Arqueológica*. Huelva: Diputación Provincial de Huelva, VI.



BELÉN, M.; DEL AMO, M.; FERNANDEZ-MIRANDA, M. (1982) – “Secuencia cultural del poblamiento en la actual ciudad de Huelva durante los siglos IX-VI a.C.”. In *Primeras Jornadas Arqueológicas sobre Colonizaciones Orientales*, (Huelva, 22, 23 y 24 de Mayo de 1980). Huelva: Diputación Provincial de Huelva. (Huelva Arqueológica, VI), p. 21-39.

BELÉN, M. e ESCACENA, J. L. (1992): - “Sobre la Cronología del horizonte de los asentamientos Tartésicos “. In *Cuadernos del Suroeste*, p. 9 – 42.

BELÉN, M., ANGLADA, R., ESCACENA, J. L., JIMÉNEZ, A., LINEROS, R., RODRÍGUEZ, I. (1997) - *Arqueología en Carmona (Sevilla). Excavaciones en la Casa-Palacio del Marqués de Saltillo*, Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía, Sevilla.

BENDALA GÁLAN , M. (1995) – “ Componentes de la Cultura Tartésica”. In *Tartessos. 25 años después (1968-1993)*. Jerez de la Frontera, Ayuntamiento de Jerez, p. 255-264.

BEIRÃO, C. M.; SILVA, C. T.; SOARES, J.; GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1985) – “Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações.” *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, série IV, vol.3, p. 45-135.

BERROCAL-RANGEL, L. (1992) - “El Altar preromano de Capote. Ensayo etnoarqueológico sobre un ritual céltico en el surueste peninsular”, In *Série arqueológica*, 2. Badajoz.

(1994) - “El oppidum de Badajoz. Ocupaciones prehistoricas en la Alcazaba” . In *Complutum*, extra 4, Madrid, p. 143-187.

(1998) - *La Baeturia. Un territorio preromano en la baja Extremadura*. Colección arte/arqueologia, 20, Departamento de publicaciones de la Disputación de Badajoz.

BLANCO, A. E ROTTENBERG, B. (1981) – “Exploración arqueometalurgica de Huelva”. In *Excavaciones arqueologicas en España*.

BLANCO, A., LUZÓN, J.M., y RUIZ MATA, D. (1970) – “Excavaciones arqueológicas en el Cerro Salomón”. In *Anales de Universidad Hispalense*, Sevilla.

BLASCO BOSQUED, M.ª C. (1980-81) - “Reflexiones sobre la cerámica pintada del Bronce Final e primera Edad del Hierro en la Península Ibérica”, In *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de Universidad Autónoma de Madrid*, 7-8, pp.75-92, Madrid.



BLÁZQUEZ MARTINEZ, J. M., RUIZ-MATA, D., REMEZAL RODRÍGUEZ, J., RAMIREZ SADABA, J. L. e CLAUSS, K. (1979) – Excavaciones en el Cabezo de ~S. Pedro (Huelva). Campaña de 1977". In *Excavaciones Arqueológicas en España*, nº 102.

BLÁZQUEZ, J. M.; LUZÓN, J. M.; GÓMEZ, F.; CLAUSS, K. (1989) – “Las cerámicas del Cabezo de San Pedro”. In *Huelva Arqueologica*, I. Huelva: Diputación Provincial de Huelva, p. 7-19.

BLÁZQUEZ MARTINEZ, J.M.; VALIENTE MALLA, J. (1986) – “Cástulo III”. In *E.A.E.*, 117, Madrid.

BONSOR, G. (1899) – “Les colonies agricoles preromaines de la vallée du Bétis “. *Revue Archeologique*, XXXV.

BRUMFIEL, E.M. e EARLE, T.K. (1987) -“Specialization, exchange and complex societies: an introduction“. In E. M. Brumfiel e T.K Earle eds., *Specialization, exchange and complex societies*, Cambridge University Press, p.1-9.

CABRERA BONET, P. (1981) - “La cerámica pintada de Huelva”, In *Huelva Arqueológica*, V, p. 317-335, Huelva.

CALADO, M. (2002) – “Povoamento pré- e proto-histórico da margem direita do Guadiana”, In *Almadam*, II série, nº11, p. 122-127.

CALVO TRIAS, M.; FORNÉS BISQUERRA, J.; GARCIA ROSSELLÓ, J.; GUERRERO AYUSO, V.M.; JUNCOSA VECCHIERINI, E.; QUINTANA ABRAHAM, C.; SALVÀ SIMONET, B. (2004) – *La cerâmica Prehistórica a mano: una propuesta para su estudio*. Mallarca, El Tall.

CAMPOS CARRASCO, J., GÓMEZ TOSCANO, F (1995) – “El Territorio Onubense durante el Bronce Final“. I In *Tartessos. 25 años despues (1968-1993)*. Jerez de la Frontera, Ayuntamiento de Jerez, p.137-158.

CAMPOS CARRASCO, J., GÓMEZ TOSCANO, F. (2001) - *La Tierra Llana de Huelva: Arqueologia y Evolucion del Paisaje*. Junta de Andalucía.

CAMPOS, J.M., VERA, M., MORENO, M.T. (1988) - *Protohistoria de la ciudad de Sevilla. El corte estratigráfico San Isidoro*. Sevilla: Consejería de Cultura de la Junta de Andalucía.

CANALES CERISOLA, F. G.; SERRANO PICHARDO, L.; LLOMPART GOMÉZ, J. (2004) – *El emporio fenicio precolonial de Huelva*. Madrid: Biblioteca Nueva.



CARDOSO, J.L. (2004) – “ Uma tumulação do final do Bronze Final inícios da iCADE do Ferro no Sul de Portugal: a *tholos* do Cerro do Malhanito (Alcoutim)”. In LOPES, M.C.; VILAÇA, R. – *O passado em cena: narrativas e fragmentos*. Coimbra-Porto, CEAUCP.

CARDOSO, J.L. e SILVA, I. M. (2004): O Povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): Estudo do espólio cerâmico. in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7, nº 1, p.227 - 271

CARRIAZO, J. (1973) - *Tartessos e El Carambolo*, Madrid.

CATARINO, H. (1984) – “Questões gerais sobre arqueología árabe medieval no Algarve Oriental”. In 3º *Congresso sobre o Algarve*, 1. Lisboa: Racal Clube, p. 15-25.

CATARINO, H. (1997-98) – *O Algarbe Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados*. AL-‘Ulyā, n.º6. Loulé: Câmara Municipal de Loulé.

CELESTINO PÉREZ, S. (1995) – “El Periodo Orientalizante en Extremadura”. In *Extremadura Arqueológica*. Mérida-Cáceres. IV, p. 67-89.

CELESTINO PÉREZ, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, F. J. (1993) – *El Palacio-Santuario de Cancho Roano IV. El Sector Norte*. Publicaciones del Museo Arqueológico de Badajoz, 3, Badajoz.

CELESTINO PÉREZ, S. ed. (1996) - *El Palacio-Santuario de Cancho Roano IV. Los Sectores Oeste, Sur e Este*. Publicaciones del Museo Arqueológico de Badajoz, 3, Badajoz.

CELESTINO PÉREZ, S. (2001) – “Los santuarios de Cancho Roano. Del indigenismo al orientalismo arquitectónico”. In RUIZ MATA, D.; CELESTINO PÉREZ, S. (Eds.), *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*, Madrid: Centro de Estudios del Próximo Oriete, p. 17-56.

CHAVES, F. e BANDERA, M.L. de la (1982) – “La cerámica de boquique aparecida en el yacimiento de Montemólin”. In *Habis*, 12, p. 201 – 222.

COLOMER i SALSONA, L. (2005) – “Cerámica prehistorica y trabajo femenino en el Argar: Una aproximación desde el estudio de la tecnología cerámica”. In SANCHEZ ROMERO, M., Ed. (2005) - *Arqueologia y Genero*. Universidad de Granada, p. 176-217.



CONTRERAS, F., CARRIÓN, E., JABALOY, E. (1983) - "Un horno de alfareros protohistórico en el Cerro de los Infantes (Pinos Puente, Granada)", In *XVI Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza, pp.533-537.

CORDOBÁ ALLONSO, I., RUIZ MATA, D. (2005) – "El asentamiento fenicio arcaico de la Calle Cánovas del Castillo (Cádiz). Un análisis Preliminar. In CELESTINO PEREZ; JIMENEZ ÀVILA – El Período Orientalizante Actas del III Simpósio Internacional de Arqueologia de Mérida: *Protohistoria del Mediterráneo Occidental*, (Anejos de Archivo Español de Arqueologia, XXXV., vol. I, p. 1269-1322.

D'ANNA, A.; DESBAT, A.; GARCIA, D.; SCHMITT, A.; VERHAEGHE, F. (2003) – *La céramique. La poterie du Néolithique aux Temps modernes*. Paris: Editions Errance.

DELGADO HERVÁS, A.; FERNÁNDEZ CANTOS, A.; RUIZ MARTÍNEZ, A. (2000) – "Las transformaciones del s. VI a.n.e. en Andalucía: una visión desde las relaciones entre fenicios e indígenas". In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Servicio de Publicaciones Universidad de Cádiz, vol. IV, p. 1781-1787.

DELGADO, A. (2000) – *De Guerreros a Comerciantes: Poder e intercambio en las comunidades del Bronce Final de Andalucía Occidental*. Tesis Doctoral. Universitat Pompeu Fabra, Barcelona.

(2005) – " Multiculturalidad y género en las colonias Fenicias de la Andalucía mediterránea: Un análisis contextual de las cerámicas a mano del Cerro del Villa (Málaga)". In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Servicio de Publicaciones Universidad de Cádiz, vol. II, p. 1249-1260.

DOMÍNGUEZ de la CONCHA, C., CABRERA, P., FERNÁNDEZ, J. (1983) - "Cerro de la Cabeza (Santiponce, Sevilla)". In *Noticiario Arqueológico Hispánico*, 30, Madrid, pp.119-186.

ECHALLIER, J.C. (1984) – *Éléments de technologie céramique et d'analyse des terres cuites archéologiques*, Lambesc, association pour la Difusión de l'Archéologie Méridionale, Documents d'Archéologie Méridionale, n°spéc.

ELLERING, S. Werner (1990) – *La Cerámica Pintada Geométrica del Bronce Final y de la primera Edad del Hierro*. Madrid,

ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J. J. (1990) – "Sobre algunos poblados del Bronce Final de la provincia de Badajoz". In *Norba*. Cáceres. 10, p. 41-57.



ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.; RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (1988) – “Campaña de urgencia en la Sierra de la Martela (Segura de León, Badajoz)”. In *Extremadura Arqueológica*. Mérida: Junta da Extremadura. I, p. 113-128.

ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.; RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; PAVÓN SOLDEVILA, I. (2001) - *El Risco. Excavación de urgencia en Sierra de Fuentes. (Cáceres) – 1991-1993*. Memorias de Arqueología Extremeña. Mérida: Junta de Extremadura. 4.

ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.; VALDÉS, F.; PAVÓN, I.; RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; LÓPEZ DEL ÁLAMO, P. (1998) – “La estratigrafía del “Sector de Puerta de Carros-2 (SPC-2) de Badajoz y el contexto poblacional del “Valle Médio del Guadiana” en la Edad del Hierro”. In RODRÍGUEZ DÍAZ, A., ed. - *Extremadura Protohistórica: Paleoambiente, economía y poblamiento*. Cáceres: Universidad de Extremadura, p. 157-199.

ESCACENA CARRASCO, J.L (1995) – “La etapa precolonial de tartessos. Reflexiones sobre el Bronce que nunca existió”, In *Tartessos. 25 años despues (1968-1993)*. Jerez de la Frontera, Ayuntamiento de Jerez, p.179- 214.

ESCACENA, J.L. (1992) - “Indicadores étnicos en la Andalucía prerromana”, In *Spal*, 1, pp. 321-343.

ESTÁCIO da VEIGA, S.P.M. (1981) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. 4. Lisboa: Imprensa Nacional.

FABIÃO, C. (1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área celtica do território hoje português*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, apresentado à Faculdade de Letras de Lisboa. Exemplar policopiado.

FERDIÈRE, Alain (1980) – “La fouille, pour quoi faire?”. In *L'Archéologie Aujourd'hui*. Paris: Ed Hachette, p. 23-60.

FERNÁNDEZ FLORES, A.; RODRIGUES AZOGUE, A. (2005a) – “ Nuevas excavaciones en el Carambolo Alto, Camas (Sevilla). Resultados preliminares”. In CELESTINO PEREZ; JIMENEZ ÀVILA – *El Período Orientalizante Actas del III Simpósio Internacional de Arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental, (Anejos de Archivo Español de Arqueologia, XXXV),, vol. I, p. 843- 862.*

(2005b) - “El santuario orientalizante del Cerro del Carambolo, Camas (Sevilla). Avance de los resultados de la segunda fase de la intervención”. In CELESTINO PEREZ; JIMENEZ ÀVILA – *El Período*



Orientalizante Actas del III Simpósio Internacional de Arqueologia de Mérida: *Protohistoria del Mediterráneo Occidental*, (Anejos de Archivo Español de Arqueología, XXXV),, vol. I, p. 863- 872.

FERNÁNDEZ OCHOA, C.; ZARZALEJOS PRIETO, M.; HEVIA GOMEZ, P.; BORRAJO, G. E. (1994) – *SISAPO I. Excavaciones Arqueológicas en “La Bienvenida”, Almodóvar del Campo (Ciudad Real)*. Toledo, Junta de Comunidades de Castilla –La Mancha.

FERNÁNDEZ JURADO, J (1987) – “Tejada la Vieja: una ciudad protohistorica”, In *Huelva Arqueológica*, IX, vol. I-II.

(1989) – “La Orientalización de Huelva”. In Aubet, M.E. (coord) - *Tartessos*. Barcelona, Editorial AUSA, p. 339-373.

(1988-89) – *Tartessos y Huelva*. Huelva: Diputación Provincial de Huelva. (*Huelva Arqueológica*, X-XI).

FERNÁNDEZ JURADO, J., GARCIA, C. e RUFETE, P. (1992) – “Prospección con sondeo en Peñalosa”. In *Anuario Arqueológico de Andalucía*, 1990, vol. II, 185.

FERNÁNDEZ JURADO, J.; RUIZ MATA, D. (1986) - *El yacimiento de época tartésica de San Bartolomé del Almonte*, Huelva: Diputación Provincial de Huelva. (*Huelva Arqueológica*, IX).

FERNANDEZ URIEL, P. (2000) – “El comercio de la púrpura”. In *Intercambio y comercio preclásico en el Mediterráneo* (Actas do I coloquio del CEFYP), Madrid, p.271 – 280.

FERNÁNDEZ-POSSE, M.D. (1986) - *La cultura de Cogotas I*. Homenaje a L. Siret, p. 185-199.

FERREIRA, J. R.(1992) – *Orla Marítima*. Avieno. Lisboa, INIC.

FREITAS, V. Teixeira de (2005a) – “ Observações preliminares sobre a cerâmica de engobe vermelho do Castelo de Castro Marim”. In CELESTINO PEREZ; JIMENEZ ÀVILA – *El Período Orientalizante Actas del III Simposio Internacional de Arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*, (Anejos de Archivo Español de Arqueología, XXXV), vol. II, p. 911-918.

(2005b) - *As cerâmicas de engobe vermelho do Castelo de Castro Marim. Produção, consumo e comércio na Idade do Ferro Orientalizante Peninsular*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

FREITAS, V. Teixeira de; OLIVEIRA, C. F. P. (no prelo) – “A Idade do ferro no Baixo Guadiana”. In *IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro, Setembro de 2004.



GALAN DOMINGO, E. (1993) – “Estelas, Paisaje y Territorio en el Bronce Final del suroeste de la Península Iberica”. In *Complutum*, extra 3, Madrid.

GAMITO, T. J. (1987) - “Social and economic complexity in SW Iberia (800-500 b.C)”, In *Actas del IV Coloquio sobre lenguas y cultura paleohispánicas*, Veleia 2-3, p.449-467.

(1988) - “Social complexity in SW Iberia (800-300 b.C). The case of Tartessos”, In *BAR Internacional Series*, 439, Oxford.

(1981) - “A propósito do Castro de Segóvia (Elvas). Resistência a Roma no Sudoeste peninsular”, In *História*, 9, p. 32-43

(1990-1992) - “A cerâmica de rectícula brunida do Castro dos Ratinhos” . In *O Arqueólogo Português*, 8/10, série IV, p. 277-297.

GARCIA HUERTA, R., RODRIGUEZ, M. (2000) - “La génesis del Mundo Ibérico en la submeseta Sur: El tránsito del Bronce final-I Edad del Hierro en Alarcos, In *CuPAUAM*, 26, pp.47-68.

GARCIA SANZ, C.; FERNÁNDEZ JURADO, J. (2000) – “Peñalosa (Escacena del campo, Huelva), Un poblado de cãbanas del Bronce Final”. In *Huelva Arqueológica*, 16, Huelva, p. 5-87.

GARRIDO ROIZ, J. P. (1968) - “Excavaciones en Huelva. El Cabezo de la Esperanza”, In *Excavaciones arqueológicas en España*, 63, Madrid.

(1970) - “Excavaciones en la necrópolis de La Joya (Huelva). 1ª y 2ª Campañas”, In *Excavaciones arqueológicas en España*, 71, Madrid.

(1978) - “Excavaciones en la necrópolis de La Joya (Huelva). 3ª y 4ª Campañas”, In *Excavaciones arqueológicas en España*, 96, Madrid.

GARRIDO ROIZ, J. P.; ORTA GARCIA, E.M.(1978) – “Excavaciones en la necrópolis de La Joya (Huelva), II (3ª, 4ª y 5ª Campañas)”. In *A.E.E.*, 96.

(1989) – *La necrópolis y el habitat orientalizante de Huelva*. Huelva, Junta de Andalucía.

GIBSON, C.; CORREIA, V. HIPÓLITO; BURGESS, C.B.; (1998) – “ Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal). A preliminary report on the excavations at the Late Bronze Age to Medieval site, 1990-1993”. In *Journal of Iberian Archaeology*. Porto: ADECAP, vol. 0, p. 189-244.

GOMES, M.V. (1995) – “A Idade do Bronze no Algarve”. In *A.A.V.V. - A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. P.140-144.

GÓMEZ TOSCANO, F. (1990) – “A propósito del fragmento de Geométrico médio II del Museo de Huelva”. In *Cuadernos del Suroeste*, 3, p.1 e ss.



(1997) - *El final de la Edad del Bronce entre el Guadiana y el Guadalquivir: el territorio y su ocupación*, Huelva .

GONÇALVES, V.S. (1979) - "A carta arqueológica do Algarve. Estratégia e perspectivas" In. *Clio*, 1, p.99-115.

(1981) – "Arqueologia do Algarve: sinopse retrospectiva e perspectiva de mudança". In *Clio*, 3, p.177-181.

GONÇALVESV. S. (1989) - *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. Lisboa, INIC.

GONÇALVES, V.S.; ARRUDA, A. M.; CALADO, M. (1996) – "Novos contributos para a Arqueologia do Algarve Oriental". In *Ophiussa*, n.º 0. Lisboa: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, p. 161-180.

GONZÁLEZ PRATS, A. (1979) – "Excavaciones en el yacimiento protohistorico de Peña Negra, Crevillente (Alicante). 1ª y 2ª campañas". *Excavaciones Arqueológicas en España*. Madrid: Ministério de Educación y Ciências, 99.

(1982a) – "La Peña Negra IV. Excavaciones en el sector VII de la ciudad orientalizante 1980-1981". *Noticiario Arqueologico Hispanico*. Madrid: Ministerio de Cultura, 13, p. 309-418.

(1982b) – "Ampollas de perfume fenicias en el horizonte orientalizante de la Sierra de Crevillente". In *Helike*, 1. Elche: Centro Regional de Elche p.139-143.

(1983)- "Estudio arqueológico del poblamiento antiguo de la Sierra de Crevillente.» *Lucentum*, Anejo I. Alicante: Universidad de Alicante.

(1999) – "Las cerámicas fenicias de la provincia de Alicante." In GONZÁLEZ PRATS, A. (eds.), *La cerámica fenicia en Occidente. Centros de producción y áreas de comercio*. Alicante: Generalitat Valenciana, p.111-128.

(1999-2000) – "La Fonteta. El emporio fenicio de la desembocadura del río Segura." *Sapanu. Publicaciones en Internet*, III-IV, [<http://www.labherm.filol.csic.es>]

GONZALEZ RODRIGUEZ, R.; BARRIONUEVO CONTRERAS, F.; AGUILAR MOYA (1995) – " Mesas de Asta, un centro indígena Tarésico en los Esteros del Guadalquivir". In *Tartessos. 25 años despues (1968-1993)*. Jerez de la Frontera, Ayuntamiento de Jerez, p. 215-238.



GONZÁLEZ RUIBAL, A. (2003) – *La experiencia del outro. Una introducción a la Etnoarqueología*. Madrid, Akal.

GUERÍN, P. (2003) - “*El Castellet de Bernabé y el horizonte ibérico pleno edetano*”.

GUERRA, A. (1995) – *Plínio – o – Velho e a Lusitânia*. Arqueologia & História Antiga, 1, Colibri, Lisboa.

GUERRERO, V. M. (1995) - “*La vajilla púnica de usos culinarios*”, In *R.S.F.*, XXIII, 1, pp. 61-99.

GUEVARA SANCHEZ, I. Ladrón (1994) – *Aportación al estudio de la cerâmica com impresiones digitales en Andalucía*. Cádiz, Universidad d Cádiz

HABIBI, M., ARANEGUI, C. eds. (2005) - *Lixus 2: Ladera sur. Excavaciones marrocoespañolas en la colonia fenicia. Campañas 2000-2003*”.

HURTADO, V. (1990) – “*Excavaciones en el yacimiento de El Trastejón. 1ª campaña, 1988. Informe preliminar*”. In *Anuario Arqueológico de Andalucía*, 1988, vol. II, 158 e ss.

HURTADO, V. e GARCIA, L. (1994) – “*Áreas funcionales en el poblado de la Edad del Bronce de Trastejón*”. In *Actas Encuentro internacional del Suroeste, Niebla-Huelva*. Febrero de 1993, Sevilla.

JIMÉNEZ ÁVILA, J., DOMÍNGUEZ de la CONCHA, C. (1995) - “*Materiales protohistóricos de El Turunuelo (Mérida, Badajoz)*” In *Pyrenae*, 26, Barcelona, pp. 131-151.

JIMENEZ ÁVILA, J.; ORTEGA BLANCO, J. (2001)- “*El poblado orientalizante de El Palomar (Oliva de Mérida, Badajoz)*”. In RUIZ MATA, D.; CELESTINO PÉREZ, S. (Eds.), *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*, Madrid: Centro de Estudios del Próximo Oriete, p. 227-248.

(2004) - *La cerámica griega en Extremadura*. Mérida, Museu nacional de Arte Romano (Cuadernos Emeritenses, 28).

JIMENÉZ BARRIENTOS, J. C. (1987) - “*Un vaso à mano con decoración pintada procedente de la Cruz del Negro (Carmona, Sevilla)*”, In *Habis*, 17, Sevilla.

JONES, S. (1997) - *Archaeology of Ethnicity. Constructing identities in the past and present*. London, Routledge.

LIMA, J.F. [1942] (1999) - *Monografia arqueológica do concelho de Moura*, Câmara Municipal de Moura.



LÓPEZ CASTRO, J. L. (1992) – “La colonización fenicia en el Sur de la Península Ibérica. 100 años de investigación”. In *La colonización fenicia en el Sur de la Península Ibérica. 100 años de investigación*. Almería: Institut de Estudios Almerienses, p. 11-79.

LÓPEZ DOMECH, R. (2000) – “Los fenicios en el interior”. In *Intercambio y comercio Preclásico en el Mediterráneo. I Coloquio del CEFYP*. Madrid: Centro de Estudios Fenicios y Púnicos, p. 189-196.

LÓPEZ PARDO, F. (1996) - “Informa preliminar sobre el estudio del material cerámico de la factoria fenicia de Essaouira (antigua Mogador)”, In *Complutum Extra* 6, I, pp. 359-367.

LÓPEZ ROA, C. (1977) - « La cerámica con decoración bruñida en el Suroeste Peninsular », In *Trabajos de Prehistoria*, 34, 341 – p. 370.

(1978) - “Las cerámicas alisadas con decoración bruñida”, In *Huelva Arqueológica*, IV, pp. 145-180.

MAIA, M. G. Pereira (1988) - “Neves II e a fácies cultural de Neves-Corvo”. In 1º Encontro de arqueologia da região de Beja, *Arquivo de Beja*, 2ª série, 3, p. 23-42.

(2000) – “Tavira fenicia. O território para Ocidente do Guadiana, nos inícios do I milénio a.C.”. In GONZÁLEZ PRATS, A., (ed.) (2000) -*Fenicios y territorio*. Alicante: Generalitat Valenciana. Actas del II seminario internacional sobre temas fenicios de 1999, Guardamar del Segura, 9-11 de abril.

(2003) – “Fenicios em Tavira”. In *Tavira. Território e Poder*. Lisboa: MNA, p. 57-72.

(2004) – “A pesca, a actividade conserveira e as ânforas de Tavira”. *Historia de la Pesca en el Ámbito del Estrecho*. Puerto de Santa Maria (Cádiz). <http://www.arqueotavira.com/Estudios/PescaTavira.pdf>

MAIA, M. G. Pereira; CORREA, J. (1985) – “Inscription en escritura tartesia (o del SO.) hallada en Neves (castro Verde, Baixo Alentejo) y su contexto arqueológico”. In *Habis*, 16, Sevilla, p. 243-274.

MALUQUER DE MOTES, J. (1954) – *El yacimiento hallstático de Cortes de Navarra. Estudio Crítico I*. Pamplona.

(1957) – “La cerámica pintada hallstática del nivel inferior del castro de Sanchorreja.”. In *Zephyrus*, VIII, 2, salamanca, p. 286-287.

(1958) - *El yacimiento hallstático de Cortes de Navarra. Estudio Crítico II*. Pamplona.

(1963) - “Sobre la cerámica tartésica con decoración de retícula bruñida”, In *Homenaje a P. Bosch Gimpera en el septuagenario aniversario de su nacimiento*, Méjico.

MANFREDI, L.I. (1992) – “Le saline e il saqle nel mondo púnico”. In *Rivista di Studi Fenici*, 20, p.3-4.



MANSEL, K. (2005) – “Una contribución a la formación social del Cartago Arcaico. La cerámica a mano de los s. VIII y VII a. C.”. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Servicio de Publicaciones Universidad de Cádiz, vol. II, p. 260-268.

MARTÍN de la CRUZ, J. C. (1986) - “Aproximación a la secuencia del hábitat en Papa Uvas”. In *Actas de Homenaje a Siret*, Sevilla.

(1987a) - “El Llanete de los Moros. Montoro. Córdoba”. In *Excavaciones Arqueológicas en España*, 151, Madrid.

(1987b) - “Cerámicas micénicas en Andalucía ? “. In *Revista de Arqueología*, 78, p.62-64.

MARTÍN RUIZ, J. A. (1995-1996) - “Indicadores arqueológicos de la presencia indígena en las comunidades de Andalucía”, In *Mainake*, 17-18, p.73-90.

(2000) -“Cerámicas a mano en los yacimientos fenicios de Andalucía”, In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*, vol. IV, p. 1625-1630, Cádiz.

MARTÍN RUIZ, J. A. (1995) – *Catálogo documental de los Fenicios en Andalucía*. Junta de Andalucía.

MAYET, F.; SILVA, C. TAVARES (1992) – “Abul, um estabelecimento orientalizante do VII século no baixo vale do Sado”. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, IX-X, p. 315-333.

(1993) – A presença fenícia no Baixo Sado.” In *Os fenícios no território português*. Lisboa: Instituto Oriental. (Estudos Orientais: IV), p. 127-142.

(1997) – “L'établissement phénicien d'Abul (Alcácer do Sal) “. In ÉTIENNE, R. ; MAYET, F. (Eds.) *Itinéraires lusitaniens. Trente années de collaboration archéologique luso-française.*, Paris : Bocard. p. 255-273.

(2000a) – “Abul et la présence phénicienne sur l'Atlantique”. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Servicio de Publicaciones Universidad de Cádiz, vol. II, p. 849-857.

(2000b) – *Le site phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et sanctuaire*. Paris: Bocard.

MATALOTO, R. (1999) – “As ocupações Proto-históricas do Castelo do Giraldo”. In *Revista de Guimarães*, vol especial, p. 333-362.

(2004) – Meio Mundo: I início da Idade do Ferro no cume da Serra d'Ossa. (Redondo – Alentejo Central. in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7, nº 2, p. 139 – 173.

(2004)b - *Um "monte" da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a. C. do Alentejo Central*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de arqueologia , 37)



MONTEIRO, J.P. (1980) – “O acampamento do Bronze Final das Pontes de Marchil”. In *Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa – Museu de Arqueologia e Etnologia de Setúbal, p. 43-45.

MORENO ARRASTIO, F. (2000) – “Tartessos, estelas modelos pesimistas”. In *Intercambio y comercio preclásico en el Mediterráneo* (Actas do I coloquio del CEFYP), Madrid, p.153-174.

MORENA LOPEZ, J.A. (2000) – *Las cerámicas tartésicas con decoración incisa y digitada del Monte Horquera (Nueca Carteya, Córdoba. Córdoba, Ayuntamiento de Nueva Carteya.*

MORGENROTH, U (2004) - “Southern Iberia in the Early Iron Age”, In *BAR International Series 1330*, Archaeopress, Oxford.

MURRILLO, J.F. (1993-94) – La cultura tartésica en el Guadalquivir Médio. In *Ariadna*, n.º 13-14.

OLIVEIRA, Carlos (no prelo) – “A cerâmica manual do Castelo de Castro Marim durante os séculos VI e V a.n.e”, Actas da reunião científica : SIDEREUM ANA I , El rio Guadiana en época post-orientalizante, realizada em Mérida entre 24 e 26 de Maio de 2006.

ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. (1997) – *La cerâmica en arqueologia*. Barcelona: Crítica.

PARREIRA, R. (1971-74) – “O povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo (Beringel, Beja)”. In *Arquivo de Beja*. Beja. 28-32, p. 1-16.

(1975) – “O povoado da Idade do Bronze do Outeiro dos Ratinhos”, In *Arquivo de Beja*, XXVIII-XXXII, p.31-45.

PELLICER CATALÁN, M (1982 a) – “Ensayo de periodización y cronología tartésica e turdetana”. In *Habis*, 10-11, p. 61 e ss.

(1982b) – “Las cerámicas del mundo fenicio en el Bajo Guadalquivir: evolución y cronología según el Cerro Macareno (Sevilla) ”. *Phönizier im Westen, Madrider Beiträge*. Mainz am Rhein, VIII, p. 371-406.

(1987-88) - “La cerámica a mano del Bronce Reciente e del Orientalizante en Andalucía Occidental”, In *Habis*, 18-19, p.461 e ss., Sevilla.

(1995) – “ Balance de 25 años de investigaciones sobre Tartessos (1968-1993)”. In *Tartessos. 25 años despues (1968-1993)*. Jerez de la Frontera, Ayuntamiento de Jerez, p. 41-71.



PELLICER CATALÁN, M.; AMORES CARREJANO, A. (1985) – Protohistoria de Carmona. Los cortes estratigráficos CA-80/A y CA-80/B. *Noticiario Arqueológico Hispanico*. Madrid: Ministerio de Cultura, 22.

PELLICER CATALÁN, M.; ESCACENA CARRASCO, J. L.; BENDALA GALÁN, M. (1983) – *El Cerro Macareno*. Madrid: Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España, 124).

PEREIRA, I. (1997) - "Santa Olaia et le commerce atlantique". In R. Étienne e F. Mayet (eds.), *Itinéraires lusitaniens. -trente années de la collaboration archéologique luso-française*, Paris, pp. 209-253.

PÉREZ, J. A. *et alli* (1990) – "Informe de las excavaciones de urgencia en la zona de Filón Sur de las minas de Tharsis", In *Anuario Arqueológico de Andalucía*, vol. III.

PICON, M. (2002) – "Les modes de cuisson, les pâtes et les vernis de la Graufesenque: une mise au point". In GENIN, M.; VERNHET, A. (Eds.) – *Céramique de la Graufesenque et autres productions d'époque romaine: Nouvelles recherches*. Montagne.

PROTOCOLE BEUVRAY (1998) – "Protocole de quantification des céramiques. In ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (Dir.), *La quantification des céramiques. Conditions et protocole*. Glux-en-Glenne: Centre archéologique européen du Mont Beuvray (Bibracte, 2).

PY, M. (1979) - "Un four de potier du VIe s. av.J.-C. à Bezouze, Gard" . In *Documents d'Archéologie Méridionale*, 2, p.53-60.

(1993) - "Céramique non tournée protohistorique du Languedoc oriental". In *Lattara 6 - Dictionnaire des céramiques antiques (VIIe s. av. n. è.-VIIe s. de n. è.)*, 1993, p.292-306.

REGO, M; GUERRERO, O.; GÓMEZ, F. (1996) – "Mértola: una ciudad mediterránea en el contexto de la edad del hierro del BajoGuadiana". In *I Jornadas Transfronterizas sobre las Contiendas*. Huelva, p. 119-132.o

RICE, P. M. (1987) – *Pottery analysis: a sourcebook*. Chicago, University of Chicago Press.

RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (1994a) – "Algunas reflexiones sobre el fin de Tartessos en la cuenca media del Guadiana: la Crisis del Cuatrocientos y el Desarrollo de la Beturia". In *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid. 21, p. 9-34.

(1994b) – "El valle medio del Guadiana, Espacio de Frontera" en la Protohistoria del Suroeste (I)". In *Saguntum*. Valencia. 27, p. 107-124.



(1995a) – “El valle medio del Guadiana, “Espacio de Frontera” en la Protohistoria del Suroeste (II)”. In *Saguntum*. Valencia. 28, p. 111-130.

(1995b) – “Extremadura prerromana”. In *Extremadura Arqueológica*. Mérida-Cáceres. 4, p. 91-121.

RODRÍGUEZ DÍAZ, A. ed. (2004) – “La Mata, un edificio organizado”. In RODRÍGUEZ DÍAZ, (Ed.) – *El Edificio protohistórico de “La Mata” (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*. Cáceres: Universidad de Extremadura, p. 75-314.

RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; ENRIQUEZ NAVASCUÉS, J. J. (2001) - *Extremadura tartésica: arqueología de un proceso periférico*. Barcelona: Bellaterra.

RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; ORTIZ ROMERO, P. (1998) - La Mata de Campanario Badajoz): un nuevo ejemplo de “Arquitectura de Prestigio” en la Cuenca Media del Guadiana.

RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; PAVÓN, I. (1999) - *El poblado protohistórico de Aliseda. Campaña de 1995*. Cáceres: Ayuntamiento de Aliseda.

RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (Ed.) (2004) – *El Edificio protohistórico de “La Mata” (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*. Cáceres: Universidad de Extremadura.

RODRIGUEZ, R. S., CONTRERAS, F.B. e MOYA, L.A. (1995) – “Mesas de Asta, un centro indígena tartésico en los esteros del Guadalquivir” In *Tartessos, 25 años después*, p.215-238, Jerez de la Frontera

RUFETE TOMICO, P. (1999) – “Las primeras cerámicas fenicias en los poblados tartésicos de Huelva”. In GONZÁLEZ PRATS, A. (eds.), *La cerámica fenicia en Occidente. Centros de producción y áreas de comercio*. Alicante: Generalitat Valenciana, p. 215-240.

(2002) – *El final de Tartessos y el periodo Turdetano en Huelva*. Huelva: Diputación Provincial de Huelva. (*Huelva Arqueológica*: 17).

RUIZ MATA, D. (1979) – “El Bronce Final – Fase Inicial- em Andalucía Occidental. Ensayo de definición de sus cerâmicas”. In *A.Esp.Arq.*, 52, Madrid.

(1984-85) - “Puntualizaciones sobre la ceramica pintada tartésica del Bronce Final – Estilo carambolo o Guadalquivir I”, In *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de Universidad Autónoma de Madrid*, 11-12, p. 225-243, Madrid.

(1985) - “Las cerámicas fenicias del castillo de Doña Blanca (Puerto de Santa María, Cádiz)”, In *Aula orientalis*, 3, p. 241-261.



(1986a) – “Las cerámicas fenicias del castillo de Doña Blanca (Puerto de Santa María, Cádiz). In OLMO, G.; AUBET, M.ª E. - *Los fenicios en la Península Ibérica*, 1. Barcelona, p. 241-262.

(1986b) – “Aportación al análisis de los inicios de la presencia fenicia en Andalucía Sudoccidental, según las excavaciones del Cabezo de San Pedro (Huelva), S. Bartolomé (Almonte, Huelva), Castillo de Doña Blanca (Puerto de Santa María, Cádiz) y El Carambolo (Camas, Sevilla). In *Homenaje a L. Siret (1934-1984)*. [s.l.]: Hijos de E. Minuesa p. 537-556.

(1986c) – “Castillo de Doña Blanca (Puerto de Santa María, Prov. Cádiz). Stratigraphische untersuchungb einer orientalisierenden ansiedlung”. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg: Kerle, 27, p. 87-115.

(1987) – “La formación de la cultura turdetana en la bahía de Cádiz a través del Castillo de Doña Blanca”. In *Iberos. Actas de las Jornadas sobre el mundo ibérico*. Jaén, p. 299-314.

(1989) – “Huelva: Un foco temprano de actividad metalúrgico durante el Bronce Final”. In Aubet, M.E. (coord) - *Tartessos*. Barcelona, Editorial AUSA, p. 209-239.

(1993) – “Los Fenicios de época arcaica – siglos VIII/VII a. C. – en la bahía de Cádiz. Estado de la cuestión”. In *Os fenícios no território português*. Lisboa: Instituto Oriental, p. 23-69. (Estudos Orientais: IV).

(1994) – “La secuencia prehistórica reciente de la zona occidental gaditana, según las recientes investigaciones”. In *Arqueología en el entorno del Bajo Guadalquivir*. Huelva: Grupo de Investigación Arqueológica del Patrimonio del Suroeste, p. 279-328.

(1995) – “ Las cerâmicas del Bronce Final. Un soporte tipológico para delimitar el tiempo y el espacio tartésico”. In *Tartessos. 25 años despues (1968-1993)*. Jerez de la Frontera, Ayuntamiento de Jerez, p. 265-314.

RUIZ MATA, D.; BLAZQUEZ MARTIEZ, J. M.; MARTIN DE LA CRUZ, J.C. (1981) – “Excavaciones en el cabezo de San Pedro (Huelva) Campaña de 1978”. *Huelva Arqueologica*, V. Huelva: Diputación Provincial de Huelva, p. 149-316.

RUIZ MATA, D.; FERNANDEZ JURADO, J. (1986) - *El yacimiento metalurgico de epoca tartesica de San Bartolomé de Almonte*. Huelva: Diputación Provincial de Huelva. (Huelva Arqueológica, VIII).

RUIZ MATA, D.; GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, R. (1994) “Consideraciones sobre asentamientos rurales y cerámicas orientalizantes en la Campiña Gaditana”. *Spal*, 3. Sevilla : Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, p. 209-256.



RUIZ MATA, D.; PÉREZ, C. J. (1995) – *El poblado fenicio del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz)*. El Puerto de Santa María.

RUIZ-MATA, D., VALLEJO SÁNCHEZ, J: (2002) - "Continuidad y cambio durante el siglo VI a. c: las cerámicas del corte c del cerro macareno (la rinconada, sevilla)", in SPAL 11, Homenaje al Profesor Pellicer (II), Sevilla, Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla p. 197-218.

RUIZ-GÁLVEZ, M. L. (1987) – "Bronce Atlántico y cultura del Bronce Atlántico en la Península Ibérica". In *Trabajos de Prehistoria*, 44.

RUIZ MATA, D.; CABRERA BONET, H. (1992) – "Içca cerámica Ibérica: ensayo de tipología". Estudios de Arqueología Ibérica y Romana. Homenaje a E. Pla Ballaster (Trabajos Vários S.I.P.), 89, Valencia.

RUIZ MATA, D. LUZÓN, J. M.; (1973) – *Las raíces de Cordoba. Estratigrafia de la Colina de los Quemados*. Córdoba.

RYE, O. S. (1981) – *Pottery Technology. Principles and Reconstruction*. Washington.

SANMARTÍ, J.; BELARTE, M. C.; SANTACANA, J.; ASENSIO, D.; NOGUERA, J. (2000) – *L'assentament del bronze final i primera edad del ferro del Barranc de Gàfols (Ginestar, Ribera d'Ébre)*. Barcelona, Universitat de Barcelona(*Arqueo Mediterrània*, 5/2000).

SCHMITT, A. (2000) – "Étude pétrographique dès céramiques phéniciennes d'Abul". In MAYET, F.; SILVA, C. T. - *Le site phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et sanctuaire*. Paris: Boccard.

SCHUBART, H. (1971) – "Acerca de la cerámica del Bronce Tardío en el Sur e Oeste Peninsular". In *Trabajos de Prehistoria*, 28. Madrid, p. 153-182.

(1974) – "La cultura del Bronce en el sudoeste peninsular – distribución y definición". In *Miscelánea Arqueológica*, 25. Barcelona, p. 345-370.

(1975) - *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Ed.) (2002) – *Toscanos y Alarcón: El asentamiento fenicio en la desembocadura del río de Velez. Excavaciones de 1967-1984*. Barcelona: Laboratorio de Arqueologia de la Universidad Pompeu Fabra (Cuadernos de Arqueologia Mediterránea; 8).

SEJALON, P. (2001) -"Étude préliminaire de la céramique non tournée micacée du bas Languedoc occidental typologie, chronologie et aire de diffusion" . In *Documents d'Archéologie Méridionale*, 24, p. 163.



SENNA-MARTINEZ, J.C. (1994) – “Entre o Atlântico e o Mediterrâneo: algumas reflexões sobre o Grupo de Baiões/Santa Luzia e o desenvolvimento do Bronze Final Peninsular”, In *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, Lisboa, p. 64-94.

(2000) – “O Grupo Baiões/Santa Luzia no quadro do Bronze Final do centro de Portugal”. In J.C. SENNA-MARTINEZ E I. PEDRO (eds.) - *Por Terras de Viriato: arqueologia na região de Viseu*, Museu Nacional de Arqueologia, p.119-131.

(2004) – “O problema dos primeiros ferros peninsulares em contextos do Bronze Final da Orla Atlântica: os dados do Outeiro dos Castelos de Beijos”, In *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 6, Lisboa, p.39-56.

SERRÃO, E. C. (1959) – “ Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra) ”. In *Actas do 1º Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Lisboa, p. 337-359.

(1970) – “ As cerâmicas de “reticula brunida” das estações arqueológicas espanholas e com “ornatos brunidos” da Lapa do Fumo”. *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, vol. II, Lisboa, p. 271-308.

SILVA, A. C. (1986) – *A Cultura Castreja No Noroeste de Portugal*. Museu de Arqueologia da Citânia de Briteiros, Paços Ferreira

SILVA, C.T. da, SOARES, J. (1998) – “From the collapse of the chalcolithic mode of production to the development of the Bronze Age societies in the South-West of Iberian Peninsula”. In JORGE, Susana O. (ed) - *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?...* (Trabalhos de Arqueologia, 10), p.231-245.

SILVA, A. C.; RANGEL, L. (2005 - “O castro dos Ratinhos (Moura), povoado do Bronze Final do Guadiana: primeira campanha de escavações (2004)”. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 5, n.º 2, p. 129-175.

SILVA, C.T. da, SOARES, J., BEIRÃO, C. M., DIAS, C. F., COELHO-SOARES, A. (1980-1981) – “Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal”. In *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Assembleia Distrital de Setúbal, VI-VII, p. 149-218.

SOARES, A.M. (1994) – “O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles do Concelho de Serpa”. In *Actas das 5ªs Jornadas arqueológicas*. Lisboa: AAP, p. 179 – 197.

(1996) – “Povoado da Misericórdia, Ocupações humanas e vestígios metalúrgicos”. In *Vipasca*, 5, p.103-116.

(2003) – “O Passo Alto: uma fortificação do Bronze Final do Sudoeste”, In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6, número 2, p.293-312, Lisboa.

(2005) – “Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na Margem esquerda do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos”. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 8, n.º 1, p. 111-145.



SOUSA, Elisa, (2005) – *A cerâmica de “Tipo Kuass” de Castro Marim e de Faro*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

TORRES ORTIZ, M. (1998) – “La cronología absoluta europea y el inicio de la colonización fenicia en Occidente. Implicaciones cronológicas en Chipre y el próximo Oriente”. In *Complutum*, 9, Madrid, p.49-60.

(1999) – *Sociedade y Mundo Funerario en Tartesos*. Madrid, Real Academia de la Historia.

UGOLINI, D. (1999) - “Consommer les aliments: cuire, boire et manger en languedoc occidental au cours de l'age du fer”. In R. BUXÓ e E. PONS (eds.) - *Els productes alimentaris d'origen vegetal a l'edat del ferro de l'Europa occidental: de la producció al consum.*”*Actes del XXII colloqui internacional per a l'estudi de l'edat del ferro*. Girona.

VALLEJO SANCHES, J. (2005) – “Las cerâmicas grises orientalizantes de la Península Ibérica: una nueva lectura de la tradición alfarera indígena”.In CELESTINO PEREZ; JIMENEZ ÀVILA – *El Período Orientalizante Actas del III Simposio Internacional de Arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*, (Anejos de Archivo Español de Arqueologia, XXXV), vol. II, p. 1149-1172.

VASCONCELLOS, J. L. (1917) – “ Coisas velhas”. *Archeologo Português*. Lisboa: Imprensa nacional, 22, p. 107-199.

VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*.II vols., Lisboa, IPPAR (Trabalhos de Arqueologia, 9).

VIVES-FERRÁNDIZ SÁNCHEZ, J. (2005) – *Negociando Encuentros. Situaciones coloniales e intercâmbios en la costa oriental de la Península Ibérica (ss. VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Laboratorio de Arqueologia de la Universidad Pompeu Fabra (Cuadernos de Arqueologia Mediterránea; 12).

WAGNER, C. e ALVAR, J. (1989) – “Fenicios en Occidente: La colonización agrícola”. In *Rivista di Studi Fenici*, Roma, p.61-102.

WAGNER, C. G. (1995) - “Fenicios y autóctonos en Tartessos. Consideraciones sobre las relaciones coloniales y la dinámica de cambio en el Suroeste de la Península Ibérica”. In *Trabajos de Prehistoria*, 52, 109 – 126.

WHELLER, M. (1954) – *Archaeology from the Earth*. Londres: Oxford University Press.



Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Departamento de História

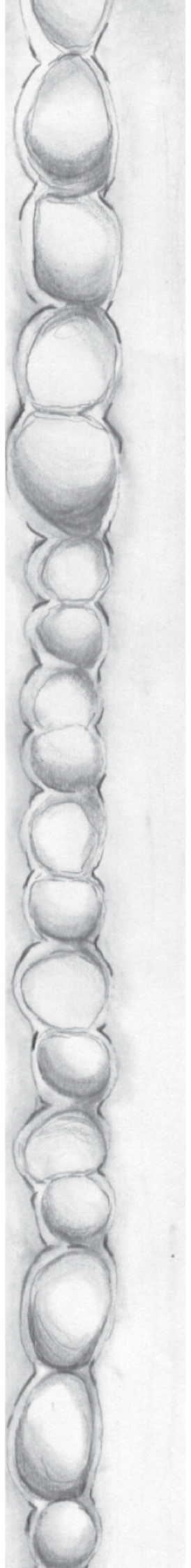
A cerâmica manual do Castelo de Castro Marim (séculos IX a III a.n.e.).

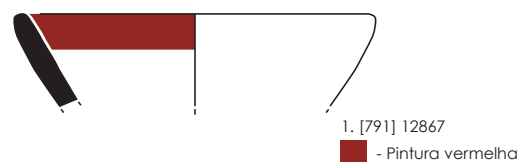
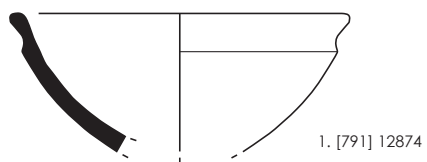
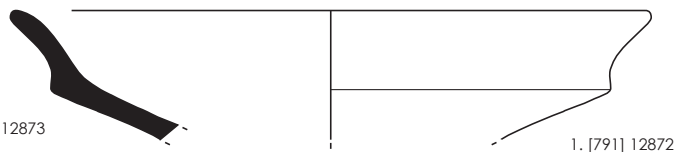
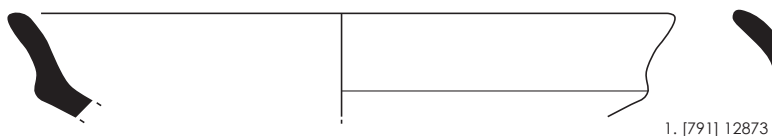
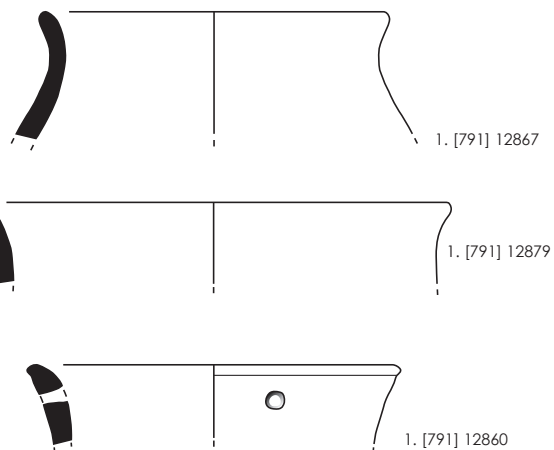
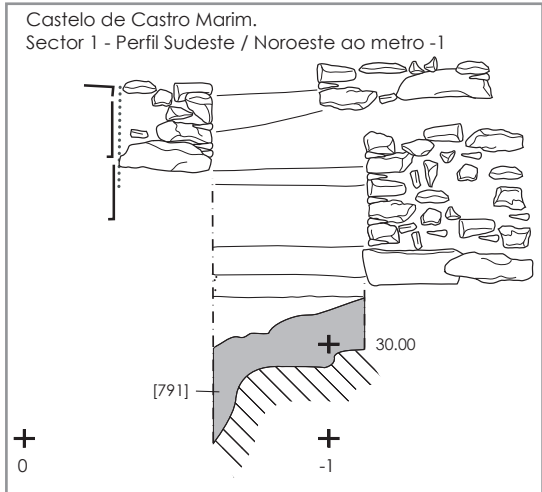
Vol. II

Carlos Filipe Pereira Pinto de Oliveira

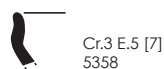
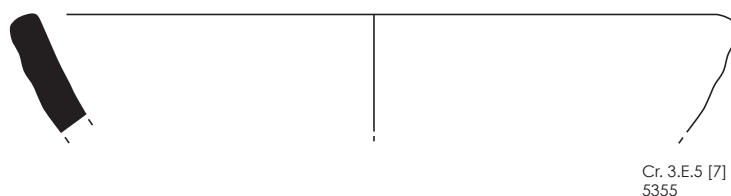
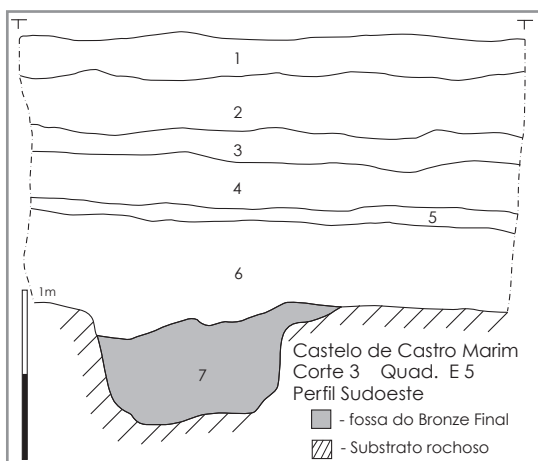
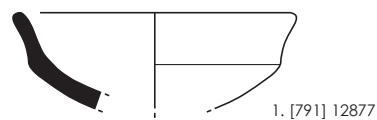
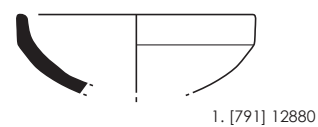
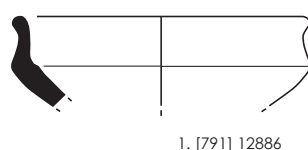
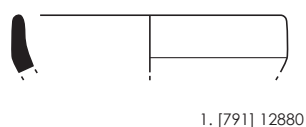
Mestrado em Pré-História e Arqueologia

Lisboa, Setembro de 2006

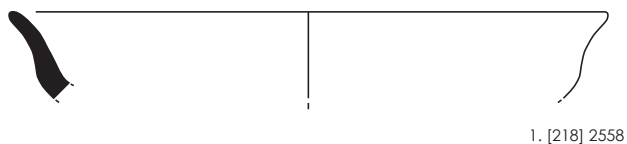




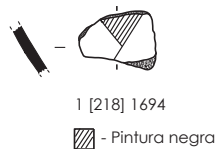
1. [791] 12867
■ - Pintura vermelha



▨ - Decoração brunida

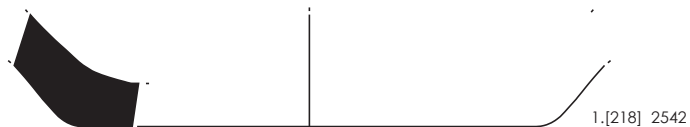


1. [218] 2558



1 [218] 1694

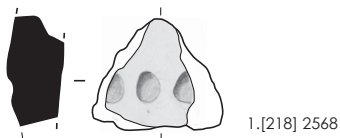
▨ - Pintura negra



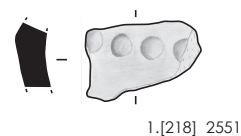
1. [218] 2542



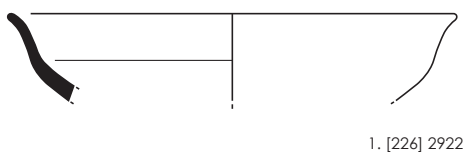
1. [218] 2581



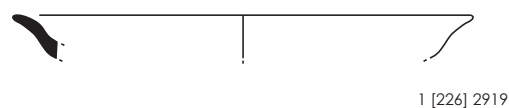
1. [218] 2568



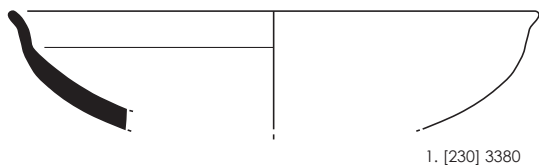
1. [218] 2551



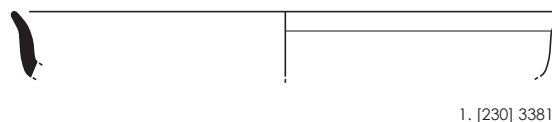
1. [226] 2922



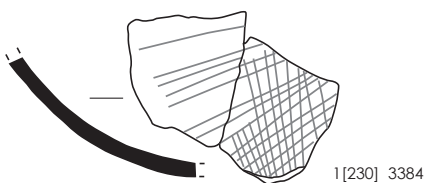
1 [226] 2919



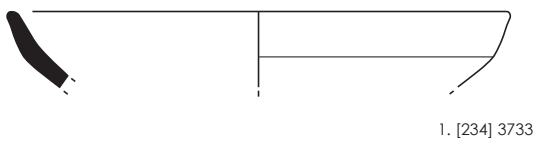
1. [230] 3380



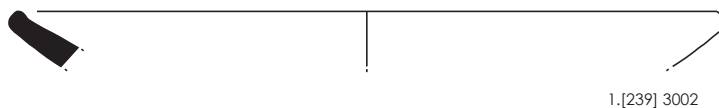
1. [230] 3381



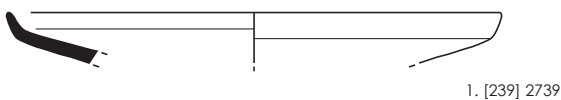
1 [230] 3384



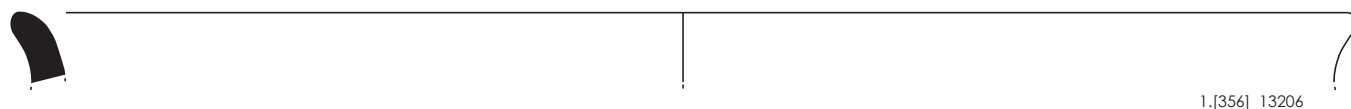
1. [234] 3733



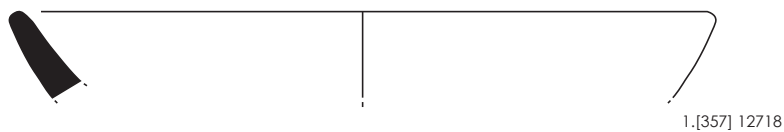
1. [239] 3002



1. [239] 2739



1. [356] 13206



1. [357] 12718



1. [935] 13624

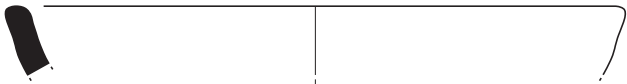


1. [935] 13623

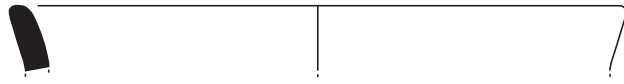
▨ - Decoração brunida



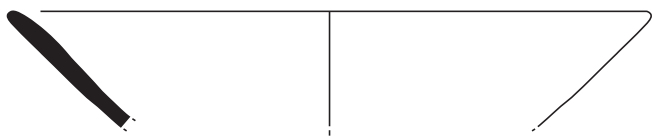
1.[896] 15131



1.[913] 10944



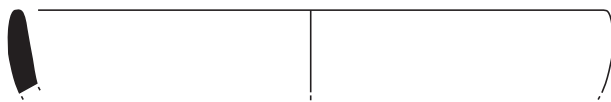
1.[913] 15065



1.[913] 15066



1.[913] 10946



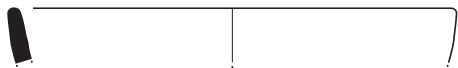
1.[934] 12613



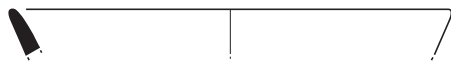
1.[946] 13595



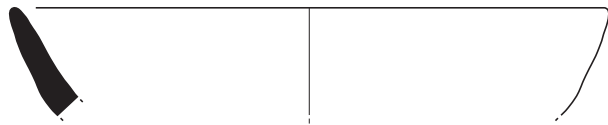
1.[946] 13596



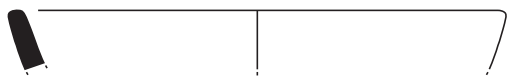
1.[946] 13598



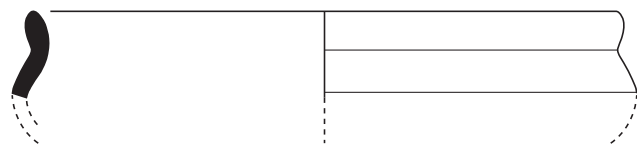
1.[946] 13597



1.[974] 13815



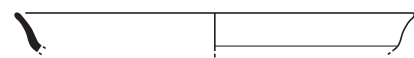
1.[1019] 15080



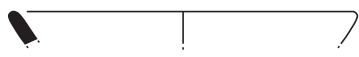
1.[1019] 15079



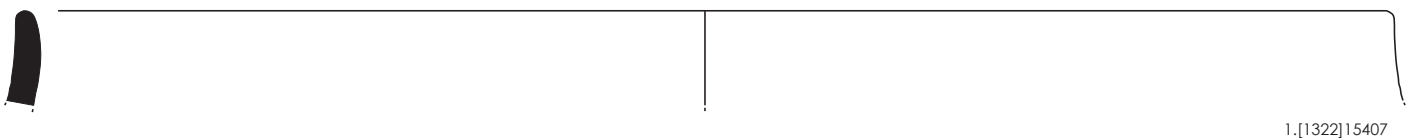
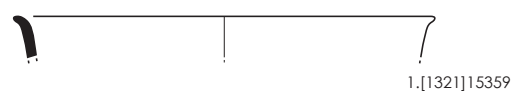
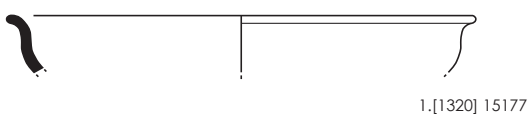
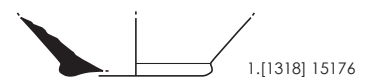
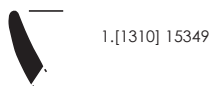
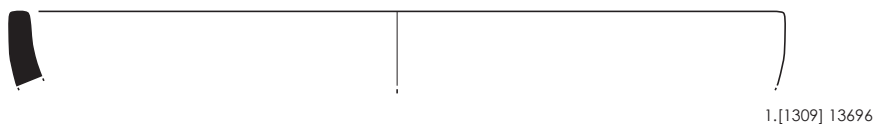
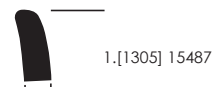
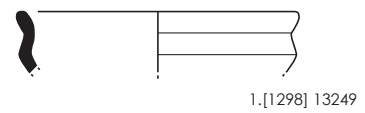
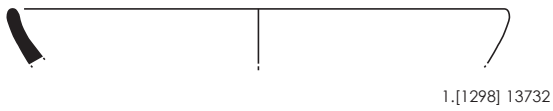
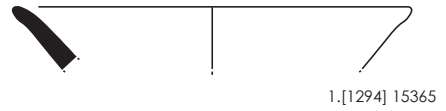
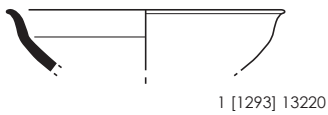
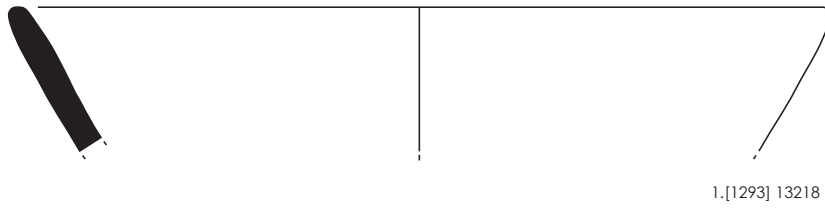
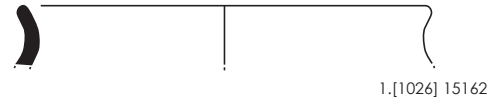
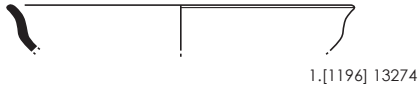
1.[1042] 15346

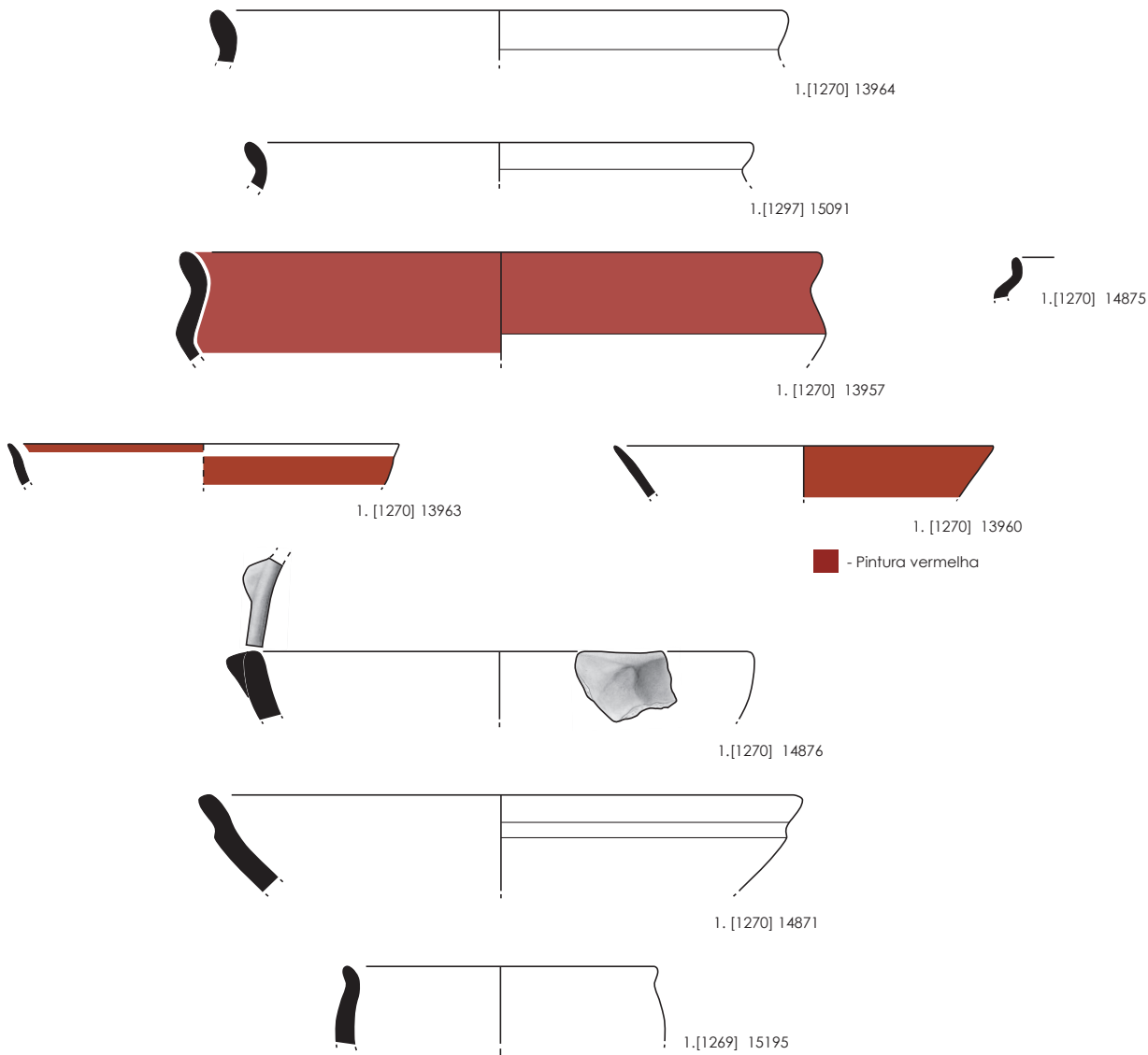
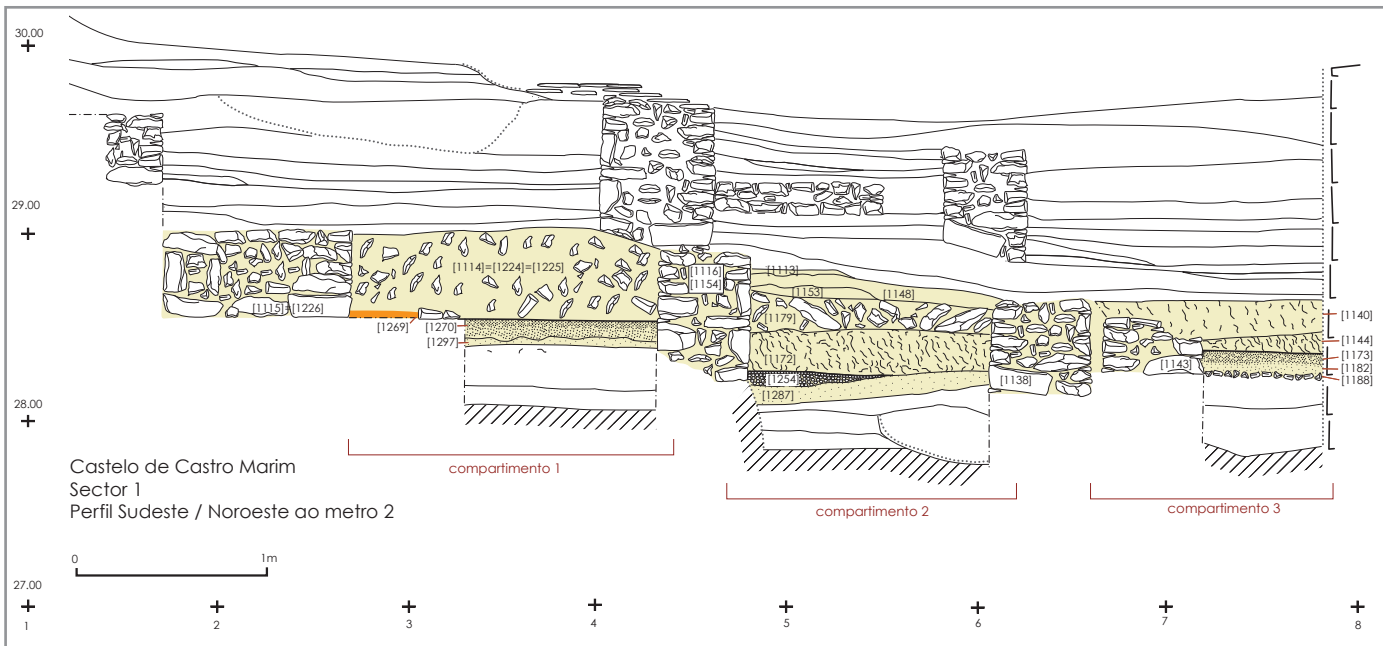


1.[1175] 13956



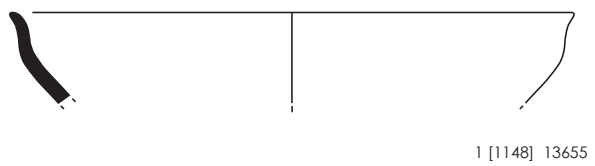
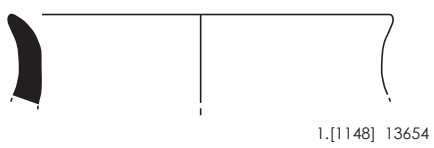
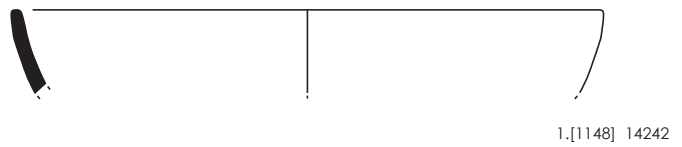
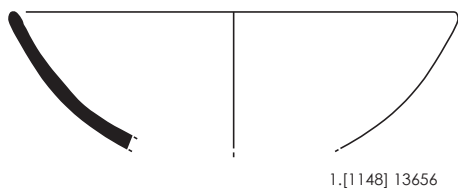
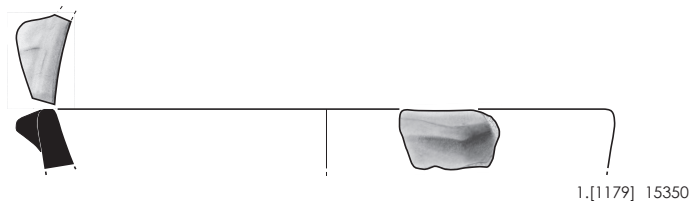
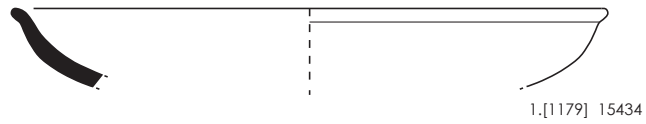
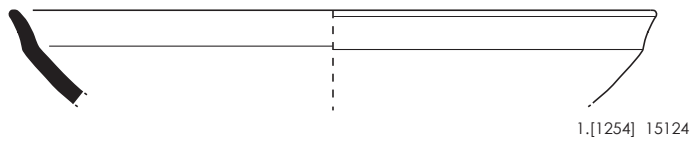
1.[1195] 12339

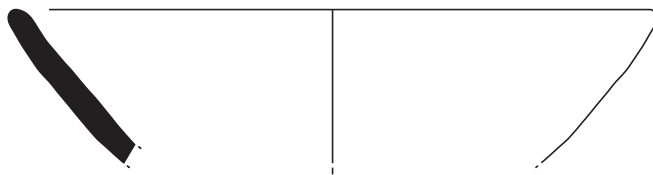




Cerâmica manual do compartimento 1 da fase III .

5 cm

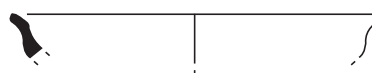




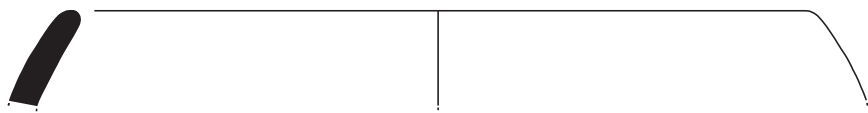
1.[1188] 15312



1. [1182] 13648



1. [1182] 13650



1.[1140] 10991



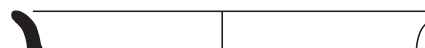
1.[1140] 10997



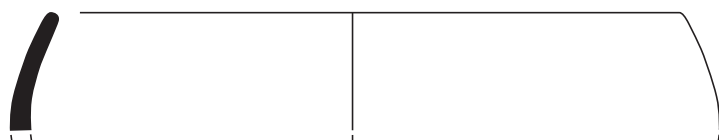
1.[1140] 11000



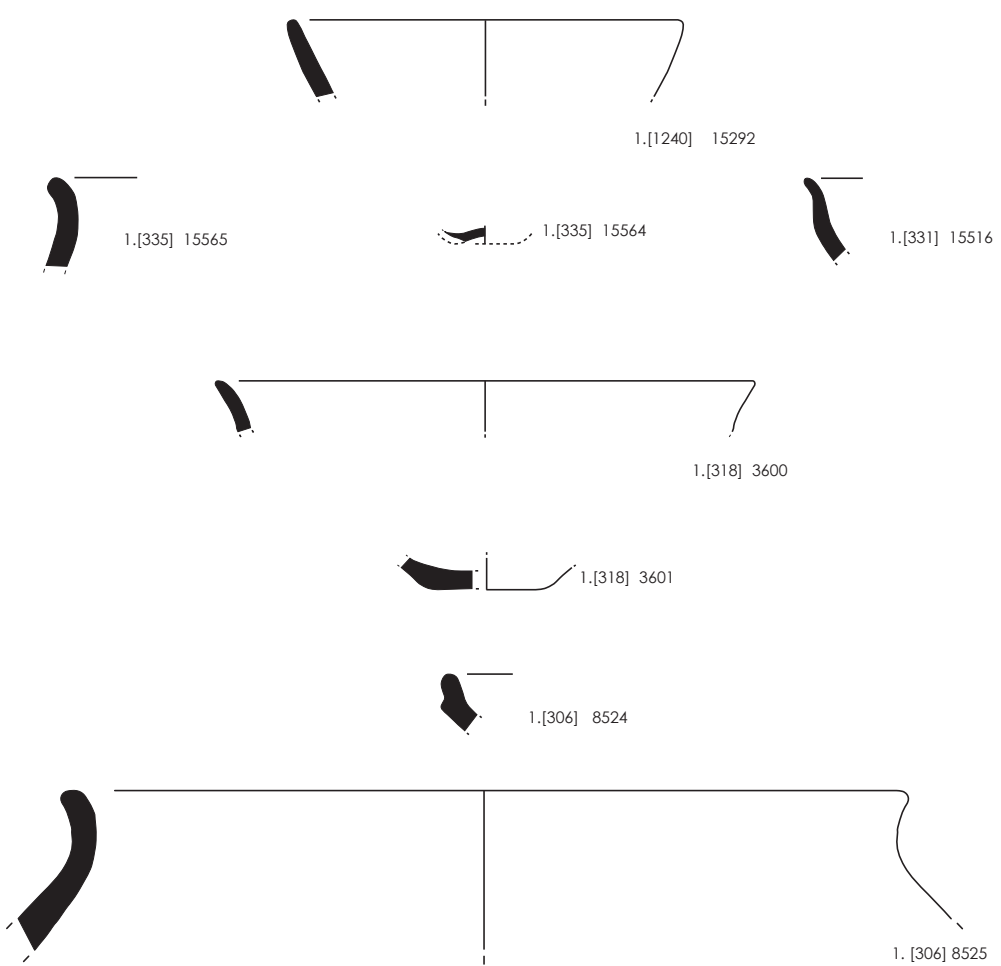
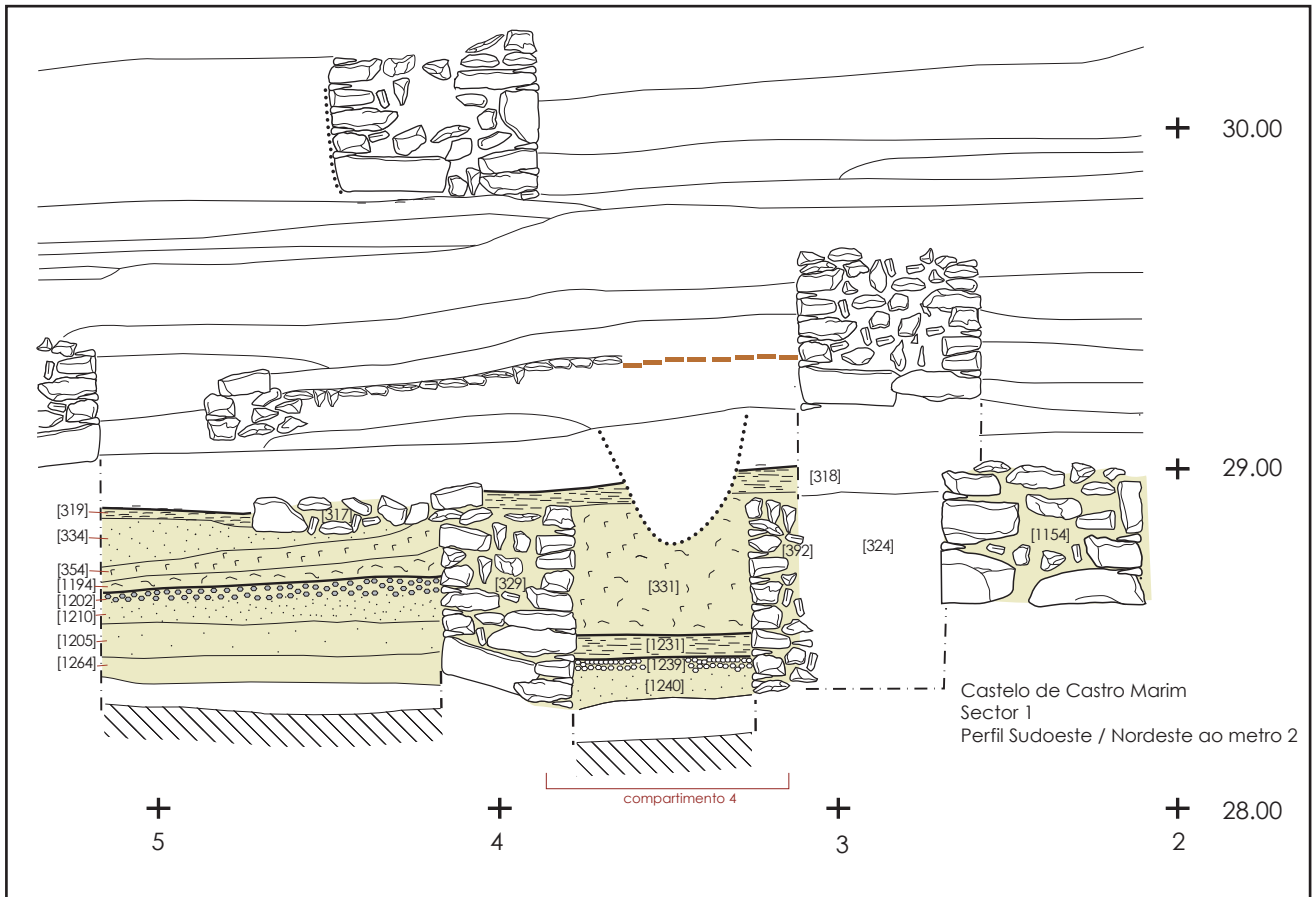
1.[1113] 15418



1.[1113] 15419

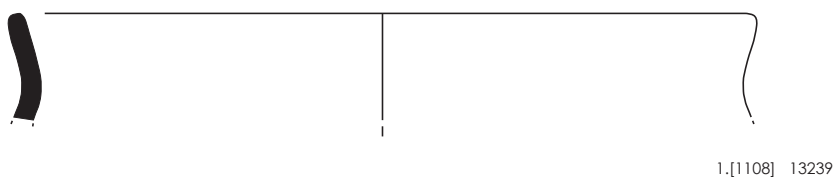
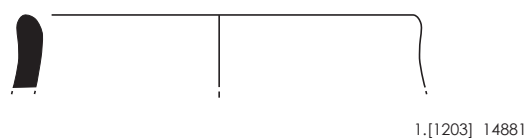
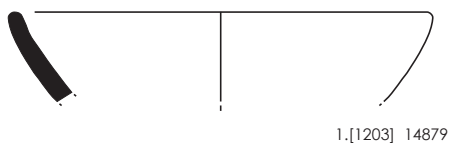
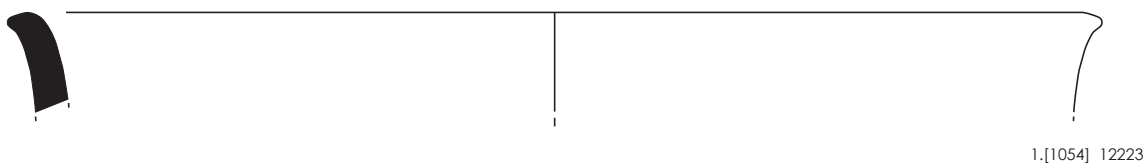
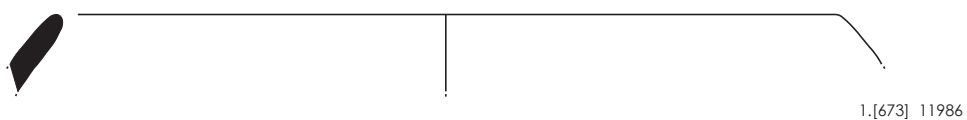
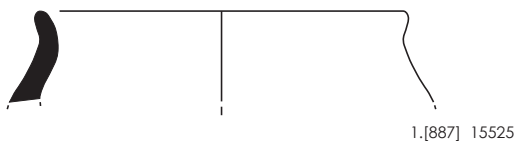
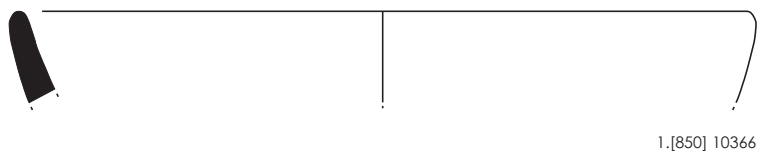
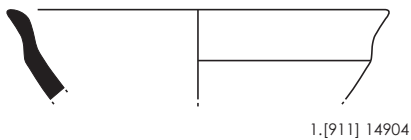


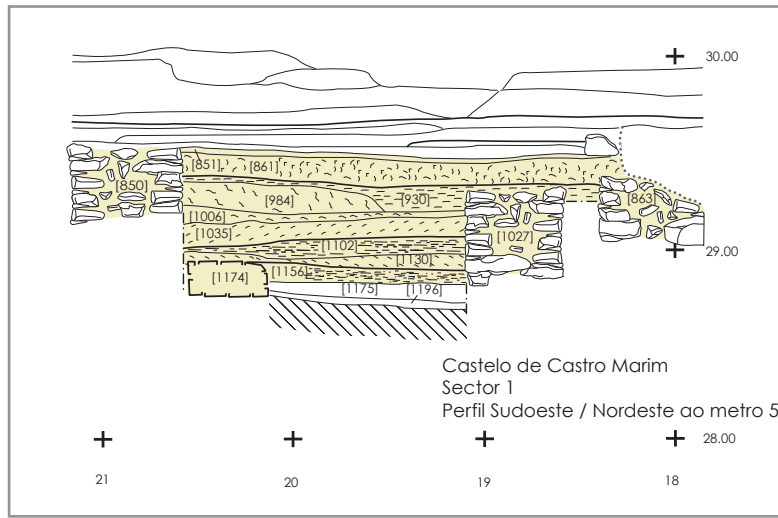
1.[347] 2161



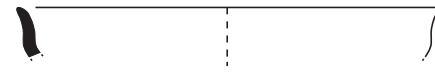
Cerâmica manual do compartimento 4 da fase III .

5 cm





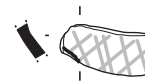
1.[1156]15082



1.[1156] 15081

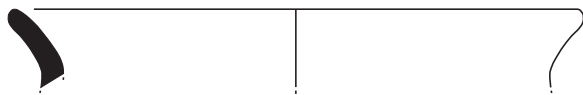


1.[1156] 15086



1.[1156] 15083

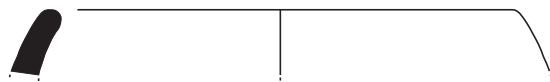
▨ - Decoração brunida



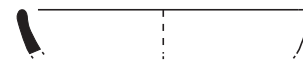
1.[1102] 14894



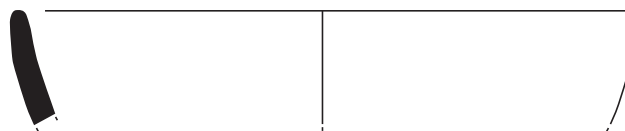
1.[1102] 14898



1.[1102] 15087



1.[1102] 14897



1.[1130] 15553



1.[1035] 15517



1.[1129] 12296



1.[1102] 14899



1.[861] 10670



1.[861] 15109



1.[861] 15108



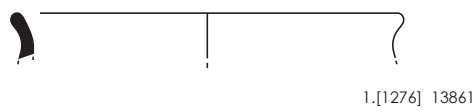
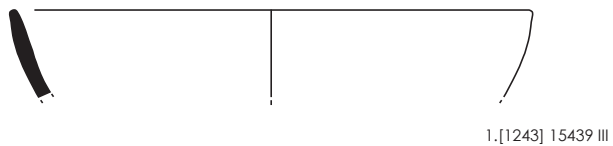
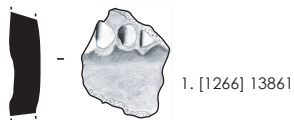
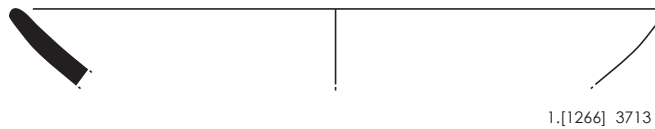
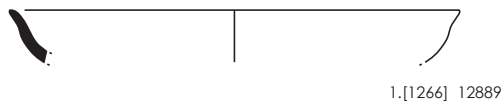
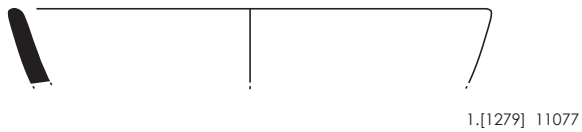
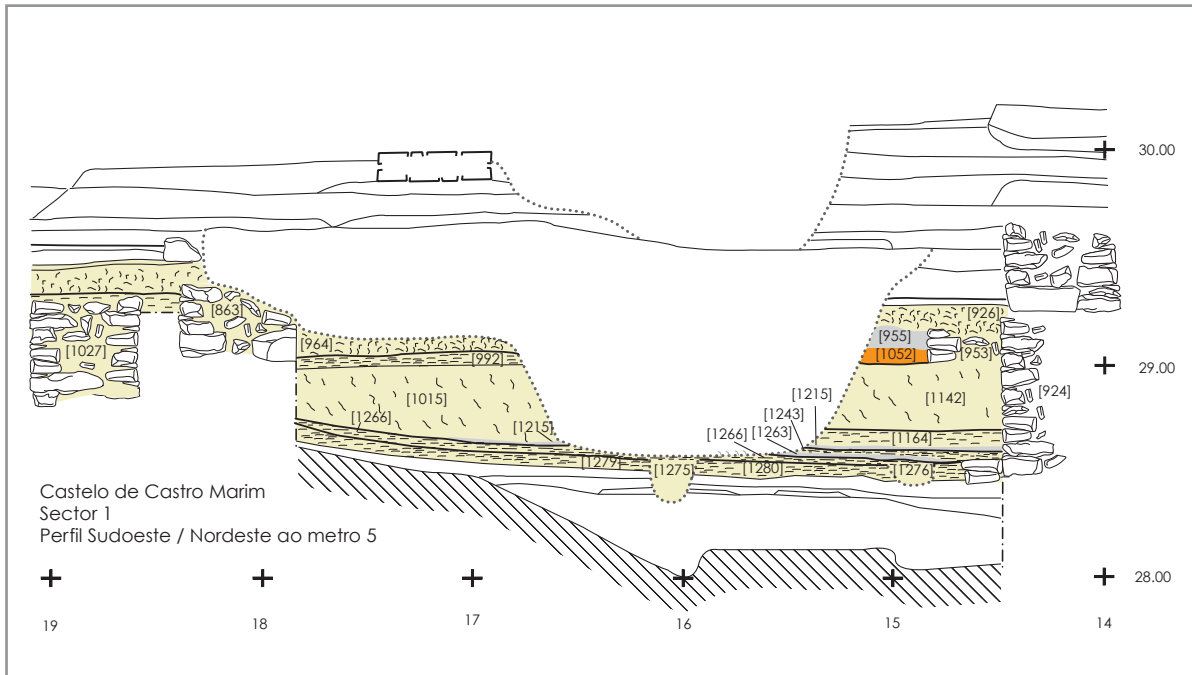
1.[861] 11596



1.[861] 10671

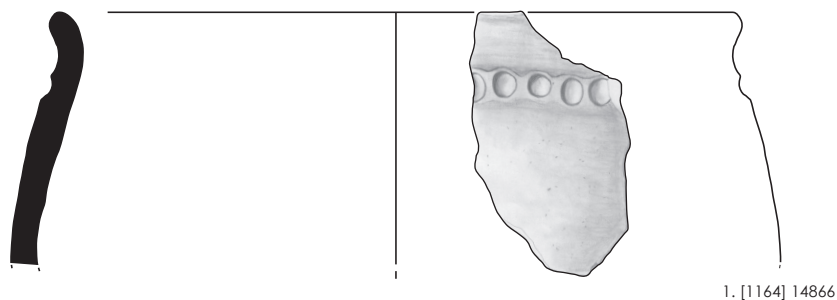
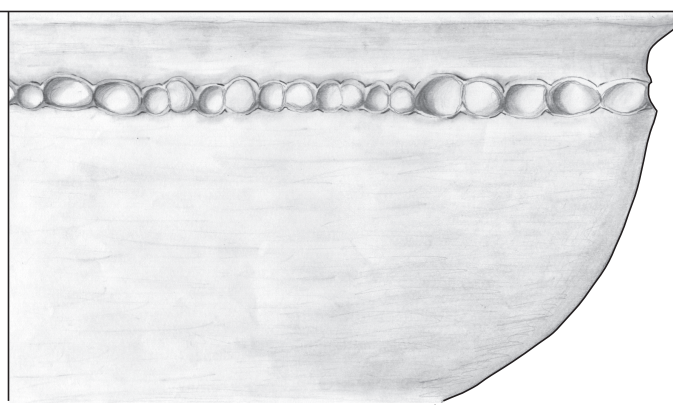
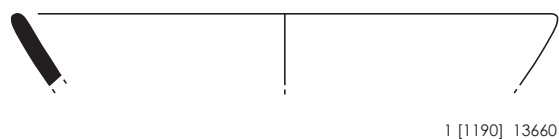
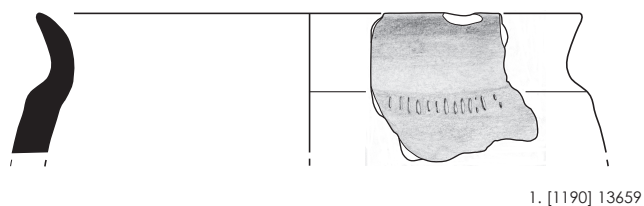
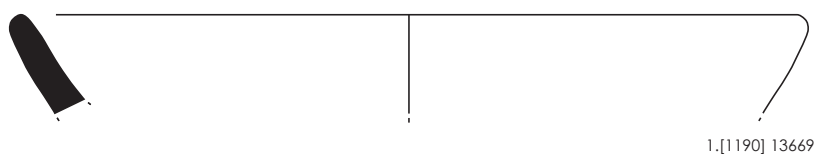
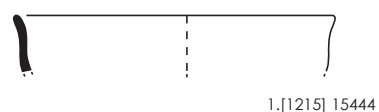
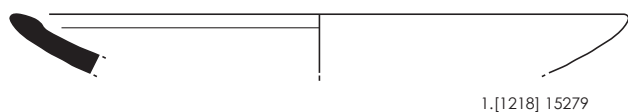
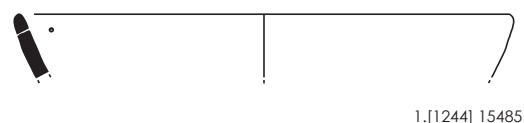
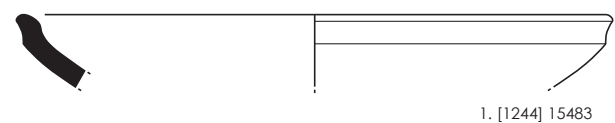
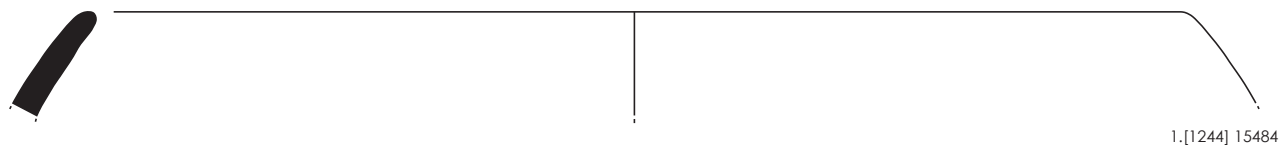
Cerâmica manual da área 9 da fase III .

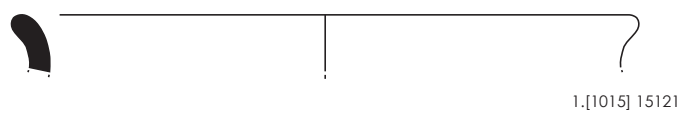
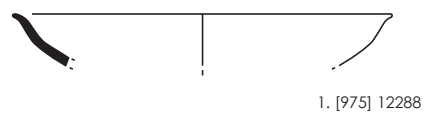
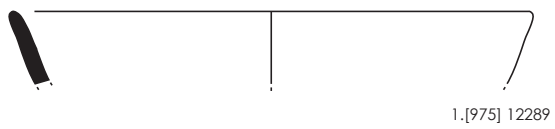
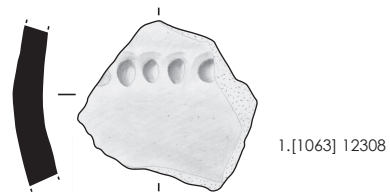
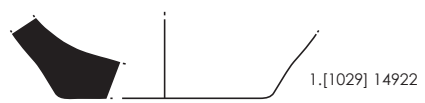
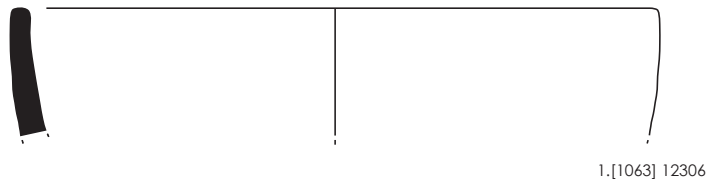
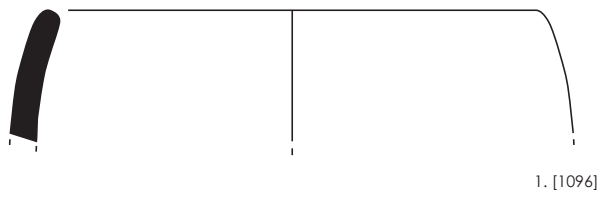
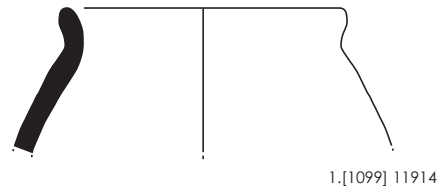
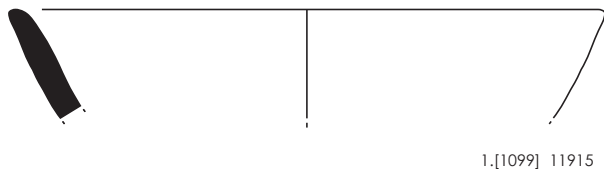
▬▬▬▬▬ 5 cm



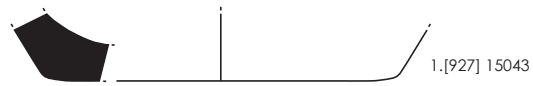
Cerâmica manual do compartimento 10 da fase III .

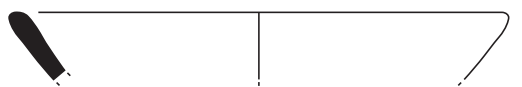
5 cm



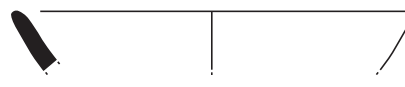


■ - Pintura vermelha





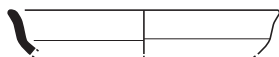
1. [1299] 14473



1. [1299] 14474



1. [1299] 14470



1. [1299] 15370



1. [1299] 15369



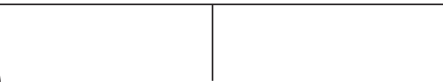
1. [998] 14975



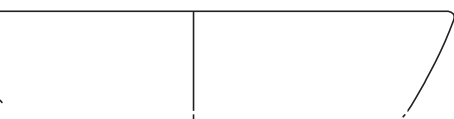
1. [998] 14717



1. [998] 14718



1. [998] 14432



1. [998] 15512



1. [998] 15511



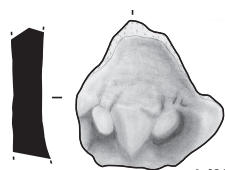
1. [998] 14431



1. [998] 14720



1. [998] 14978



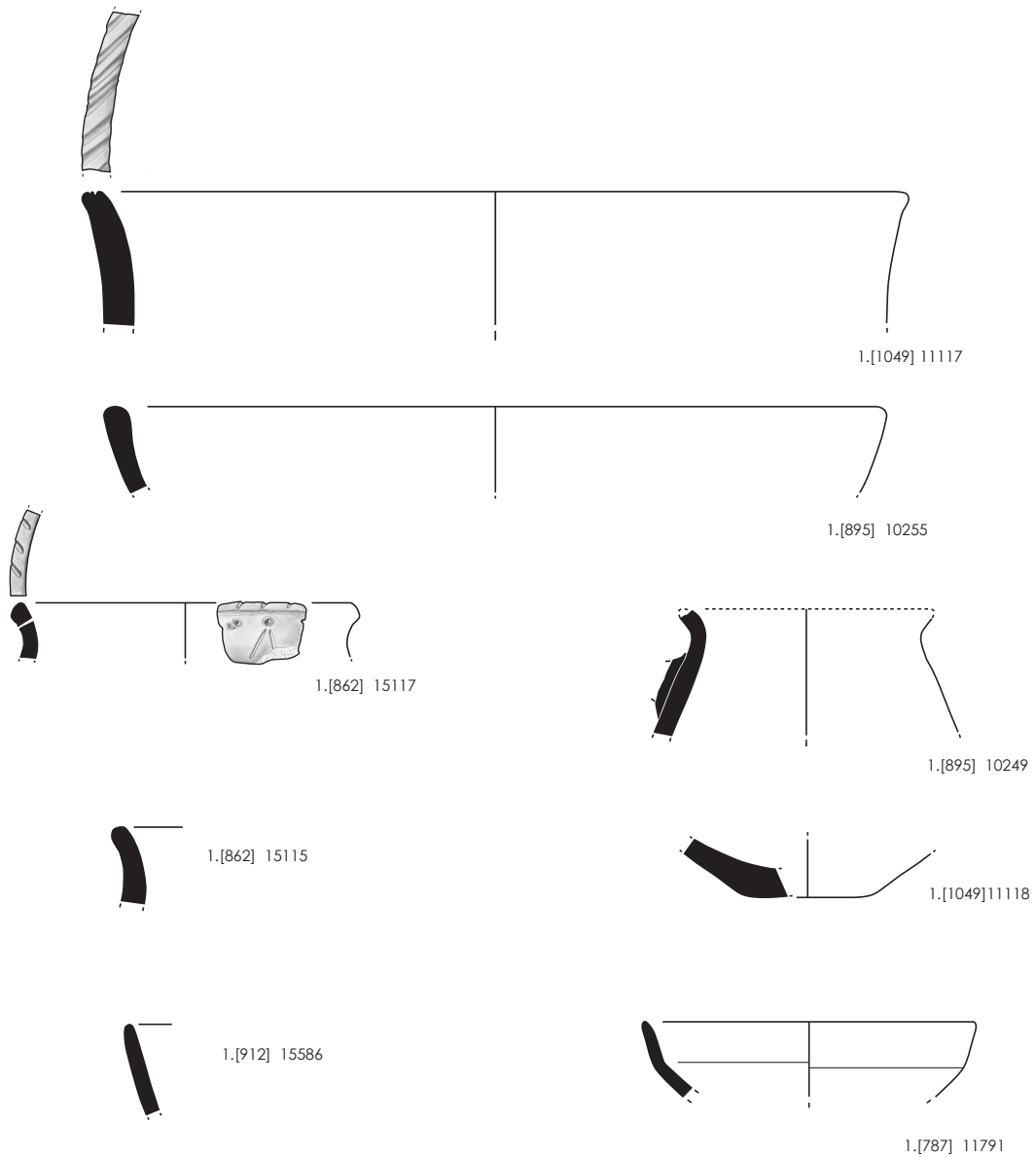
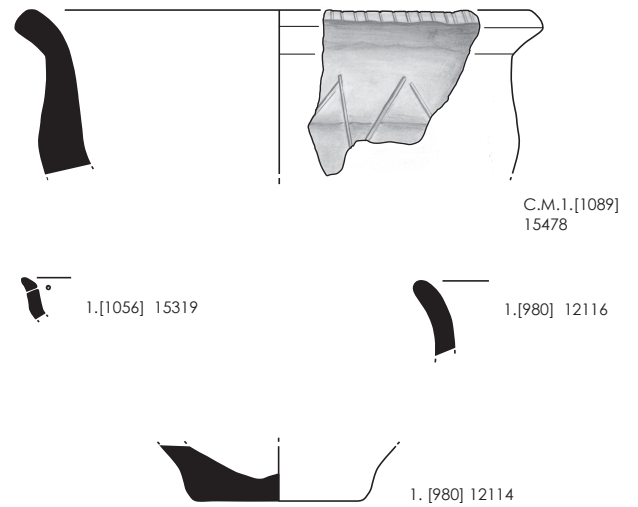
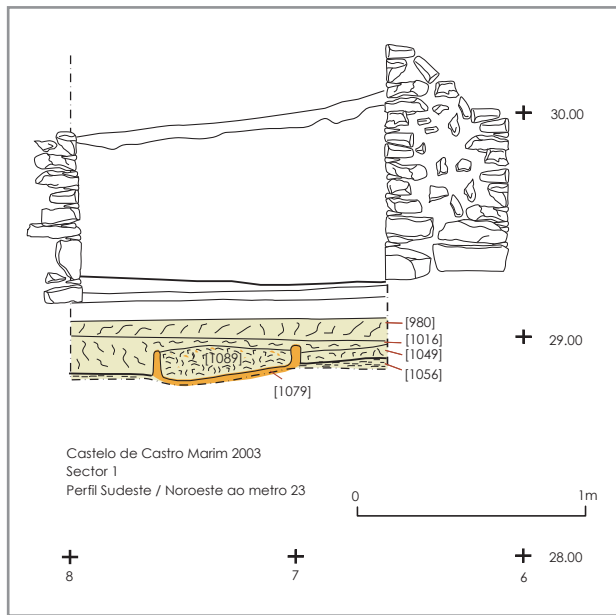
1. [998] 14435

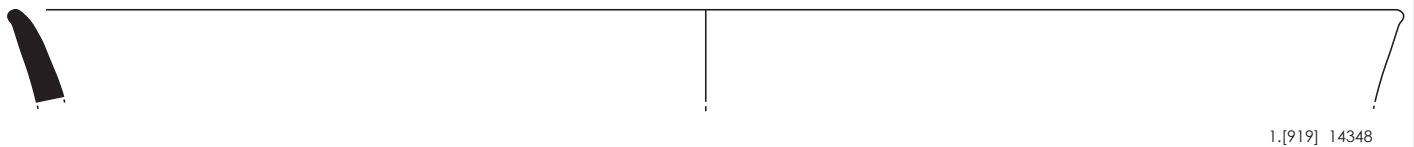
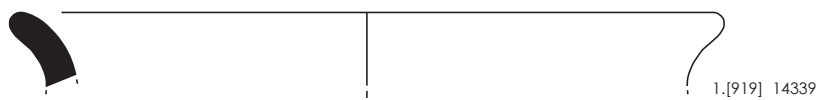
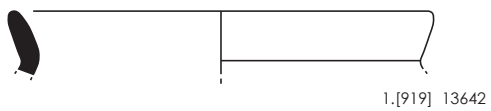
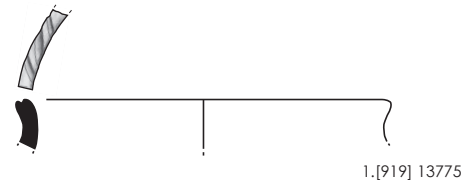
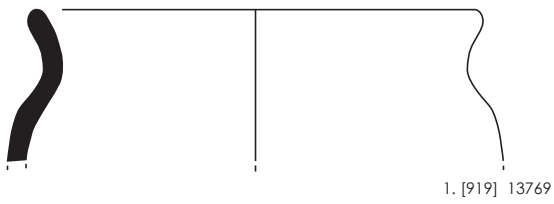
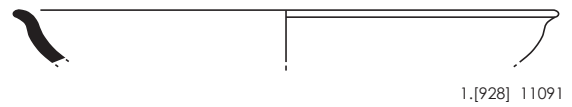
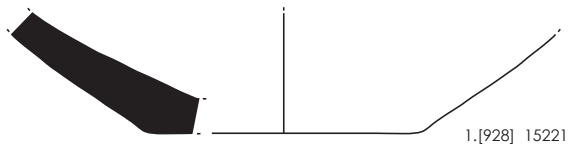
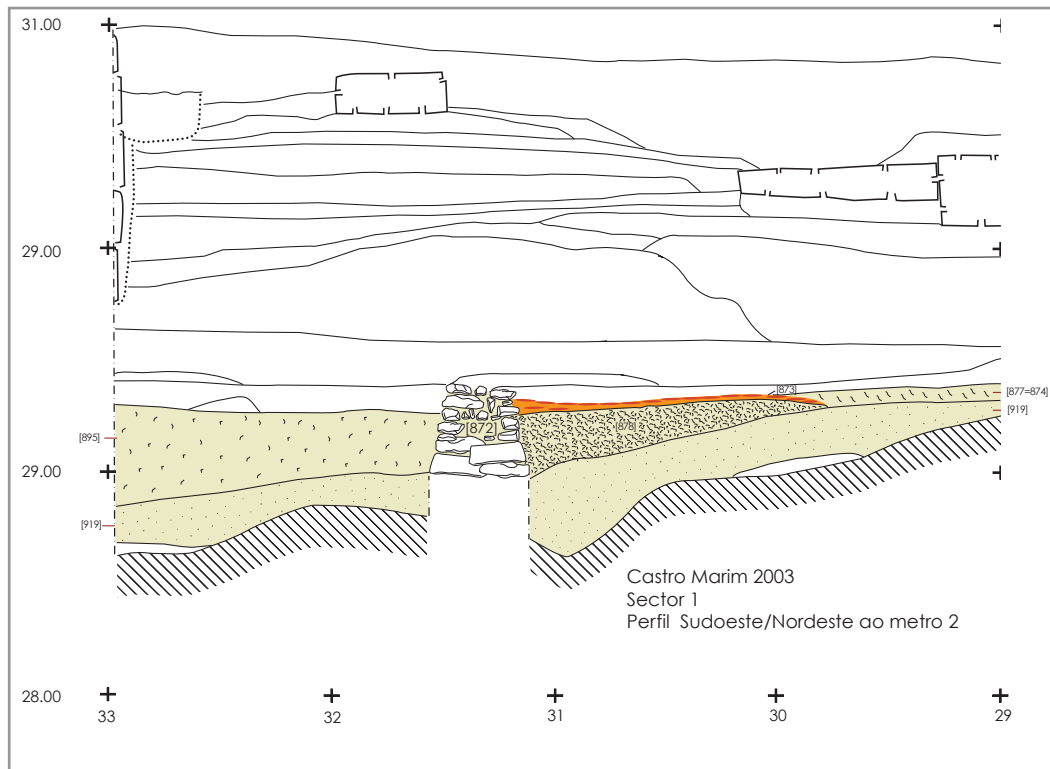


1. [998] 14433



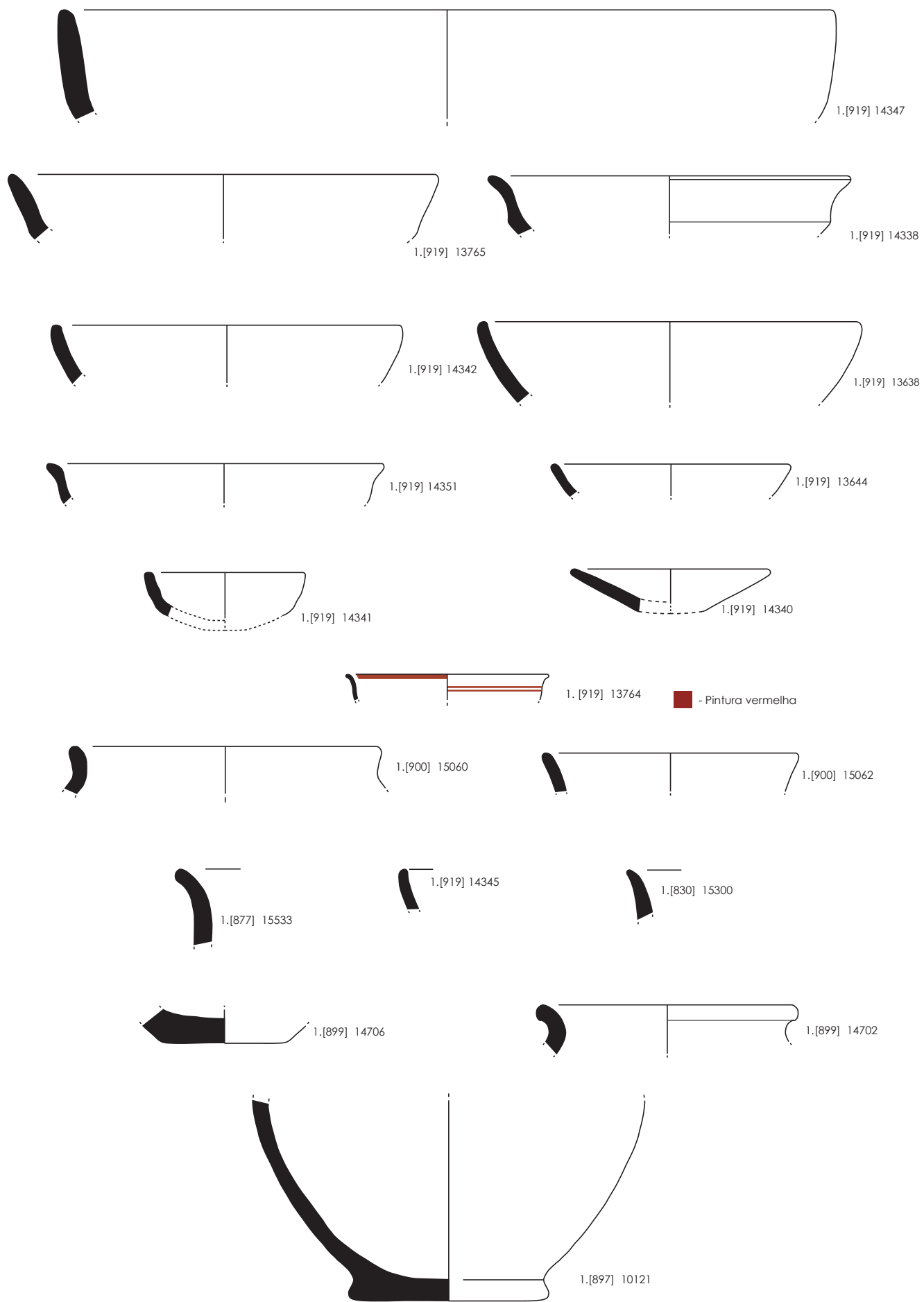
1. [998] 14436





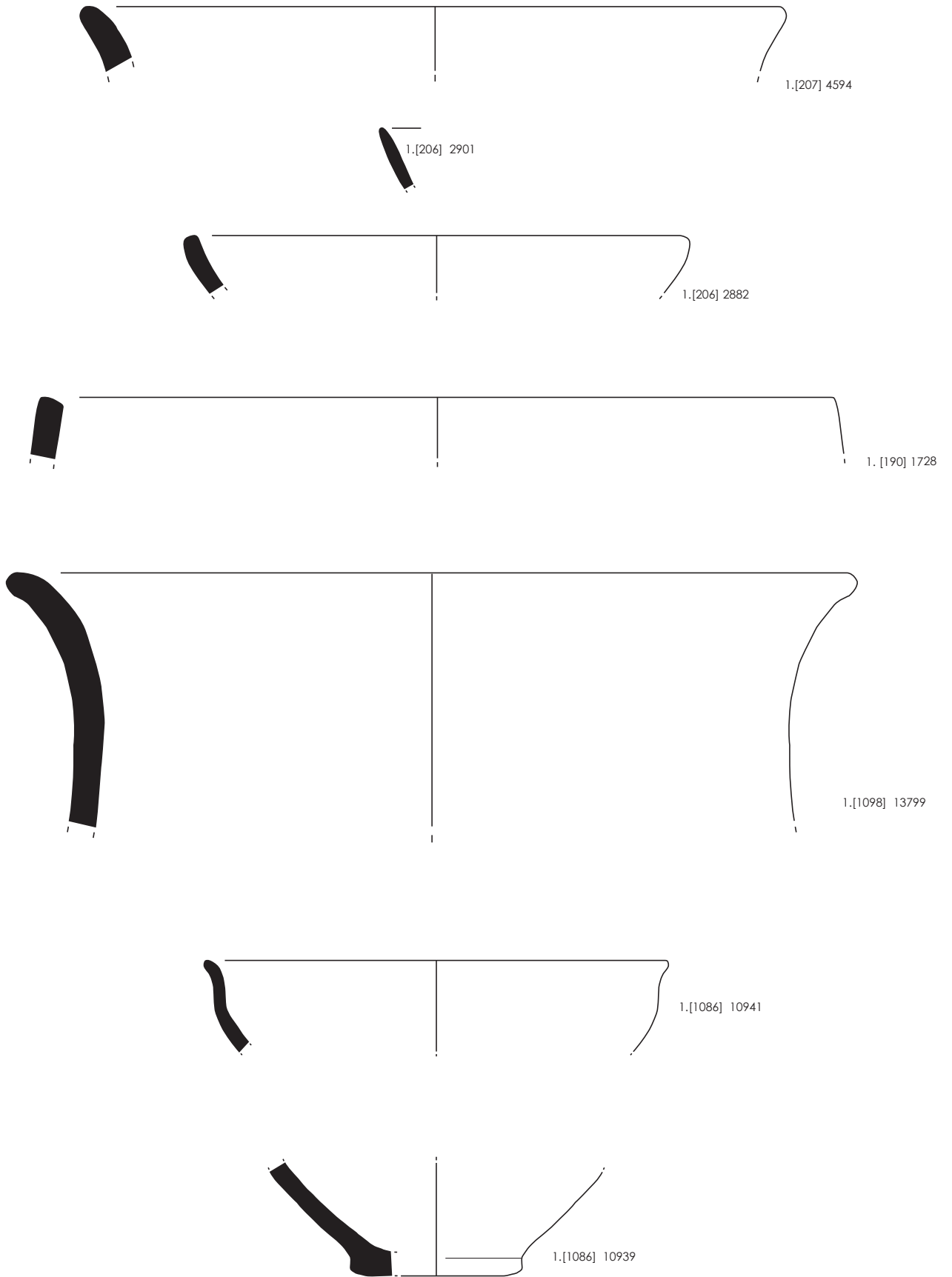
5 cm

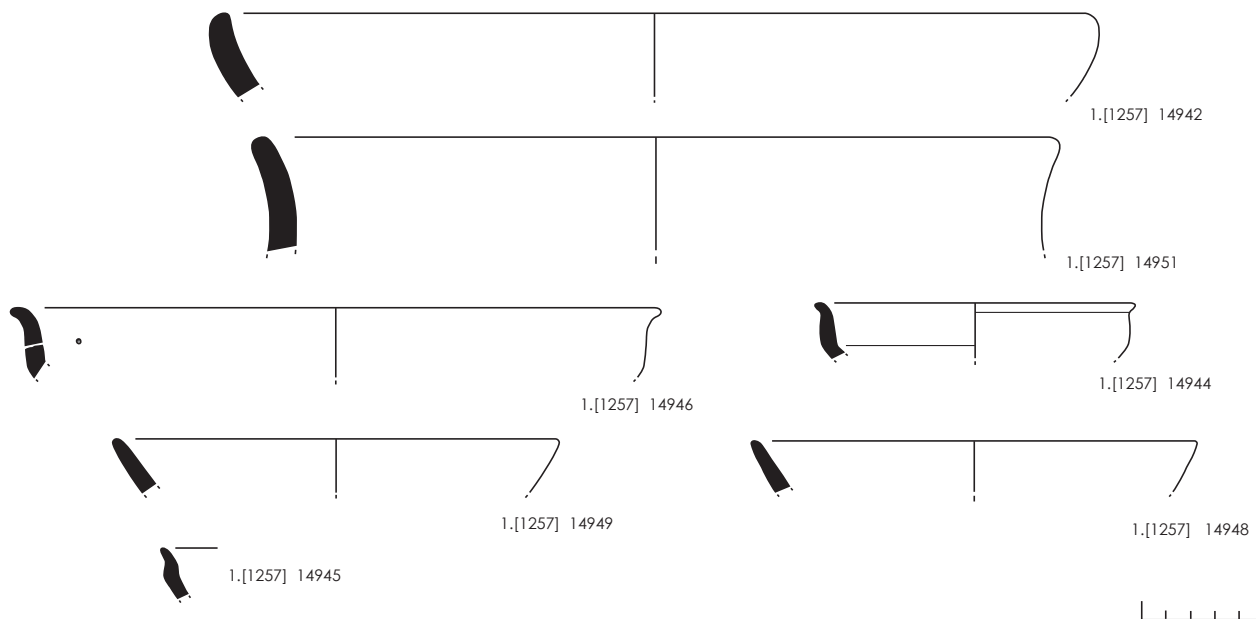
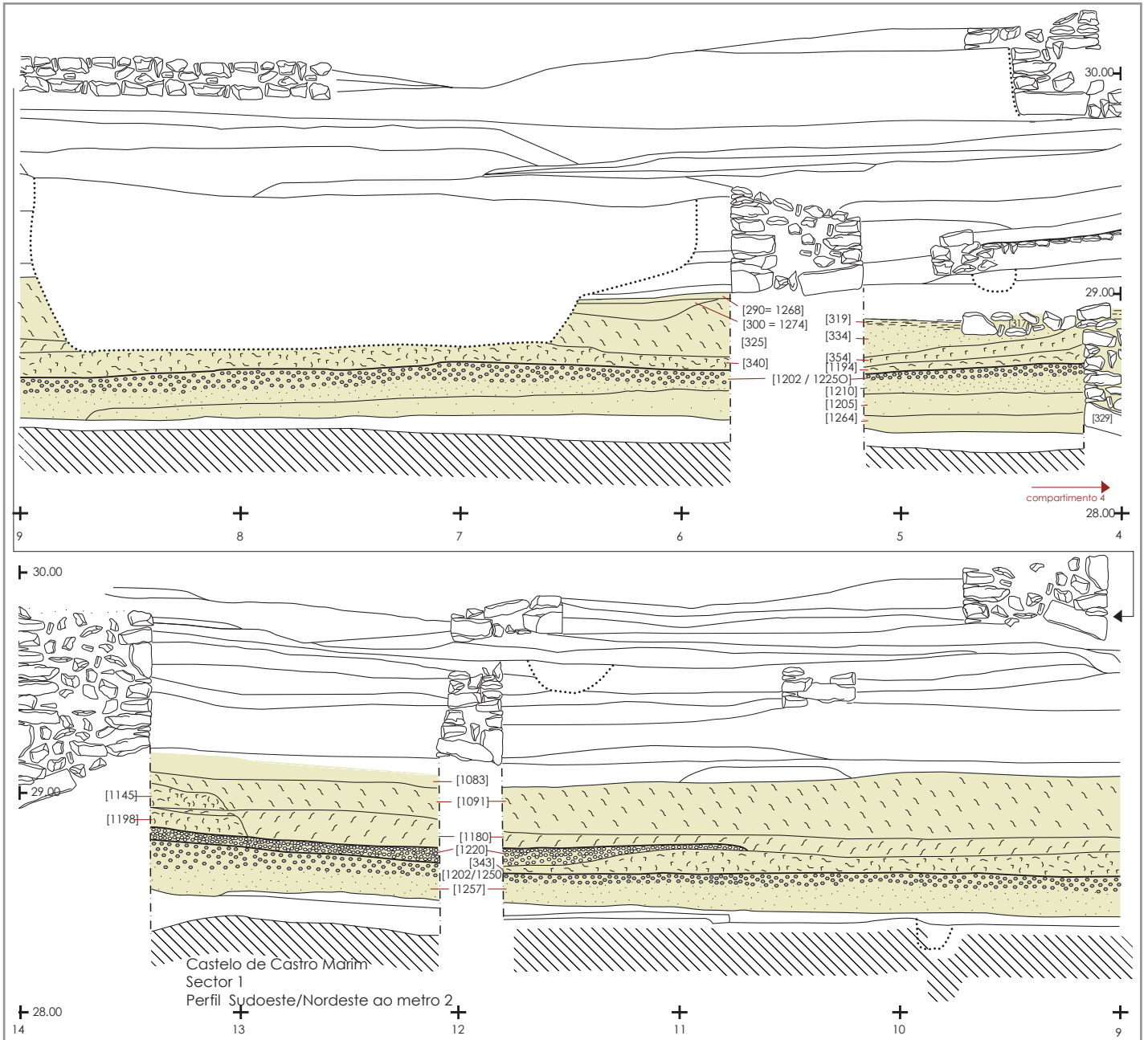
Cerâmica manual da área a Sul dos compartimentos 5, 6 e 8 da fase III.



5 cm

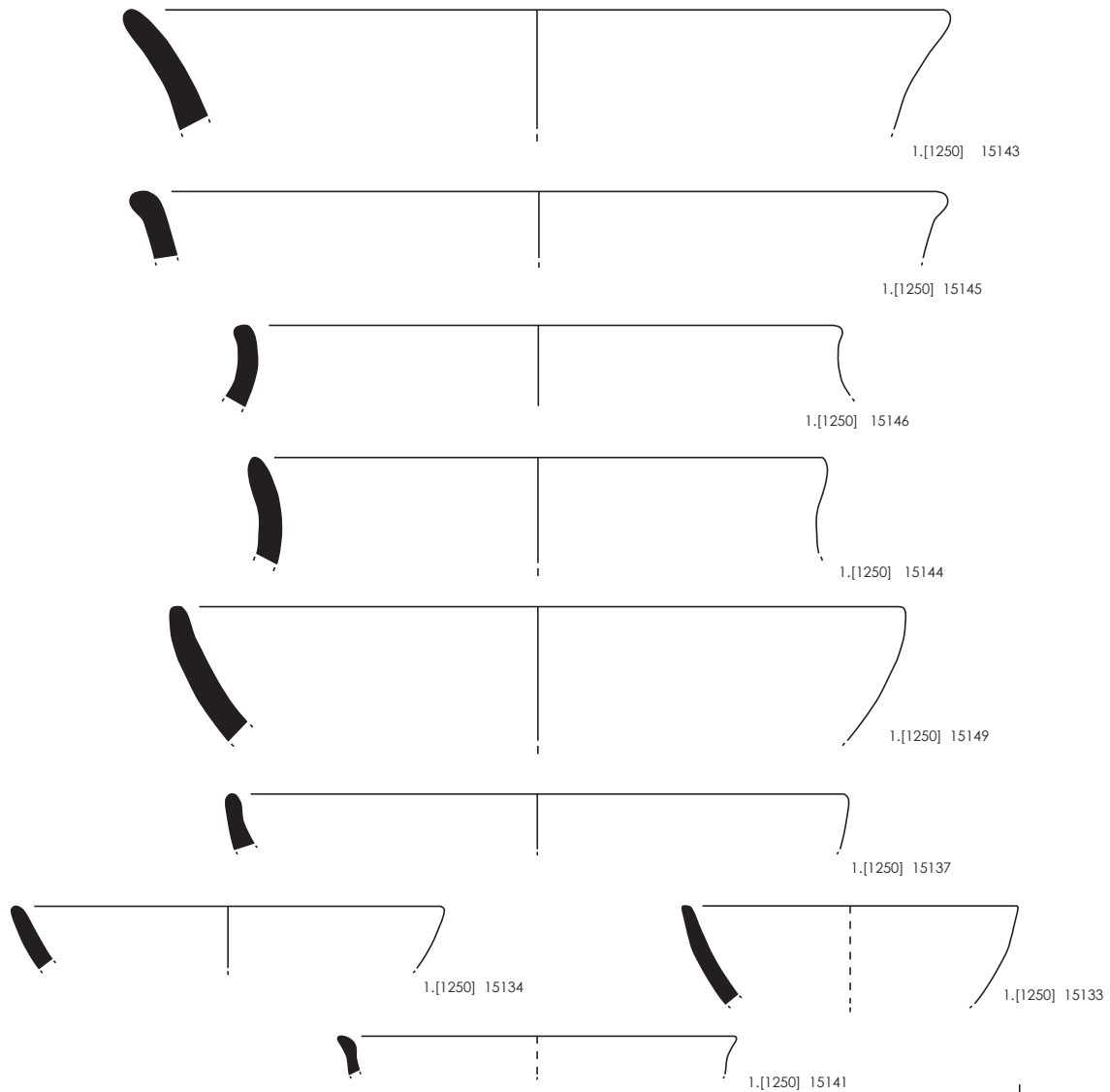
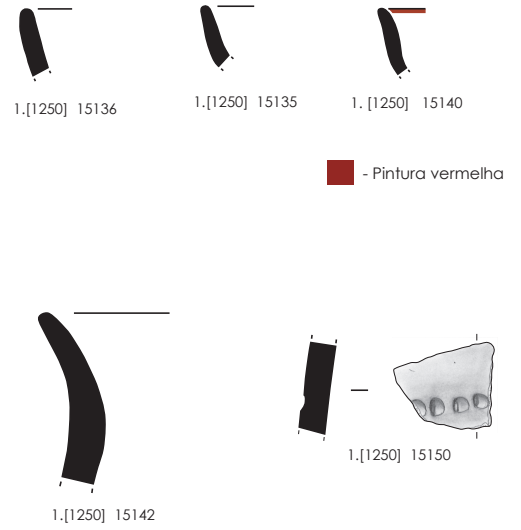
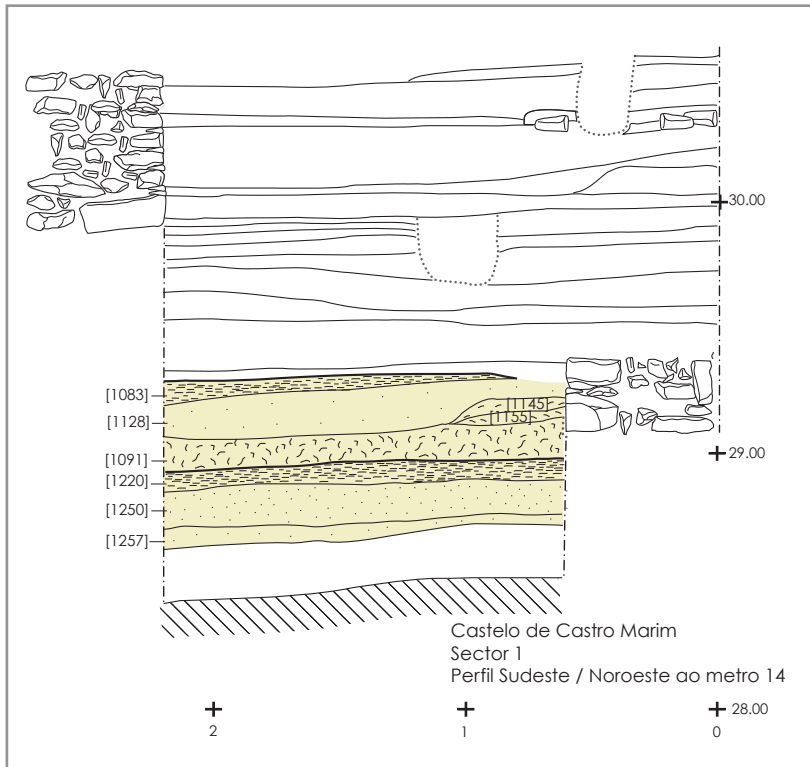
Cerâmica manual da área a Sul dos compartimentos 5, 6 e 8 da fase III.



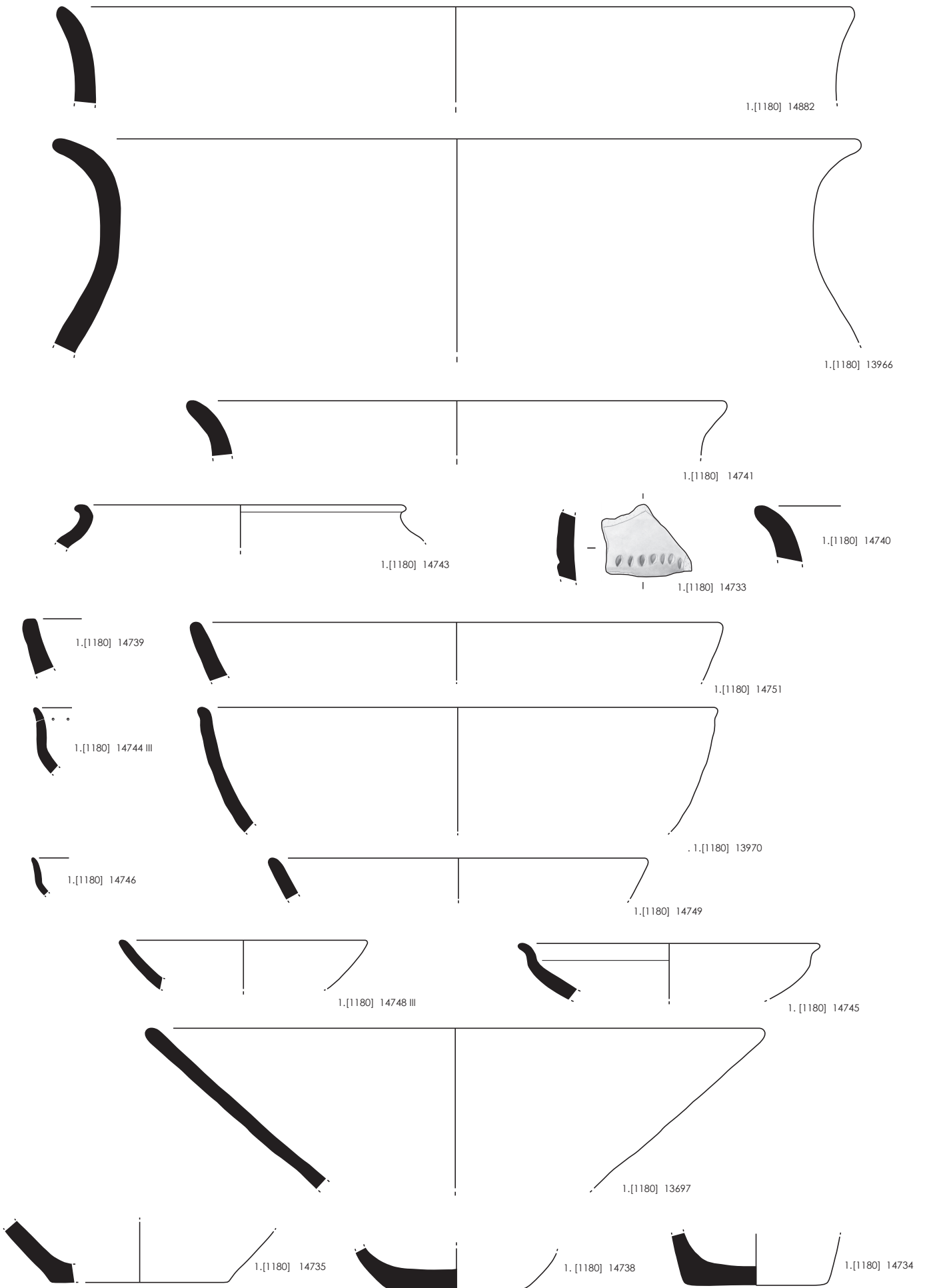


5 cm

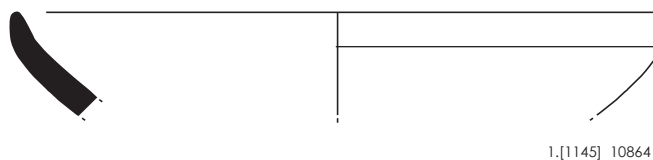
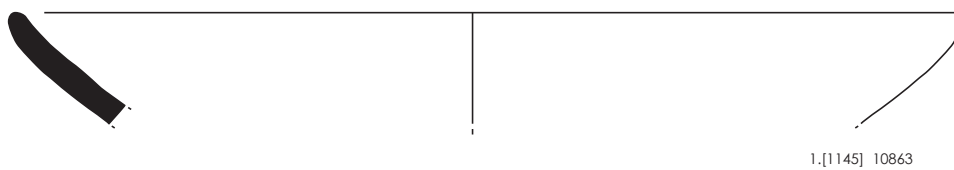
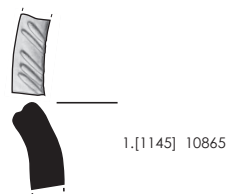
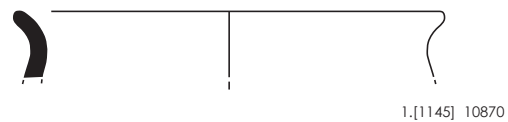
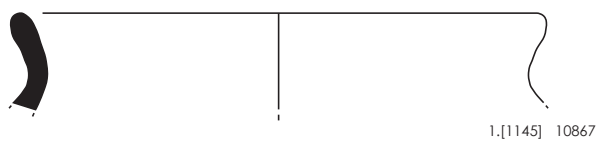
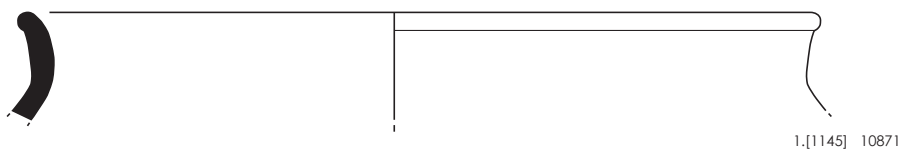
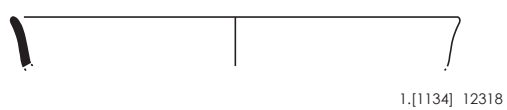
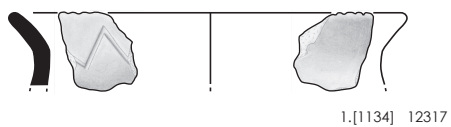
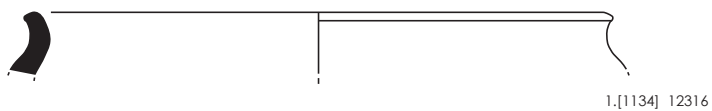
Cerâmica manual da área entre compartimentos 4 e 10 da fase III.



Cerâmica manual da área entre compartimentos 4 e 10 da fase III .

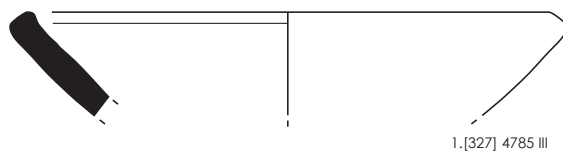


Cerâmica manual da área entre compartimentos 4 e 10 da fase III .  5 cm



5 cm

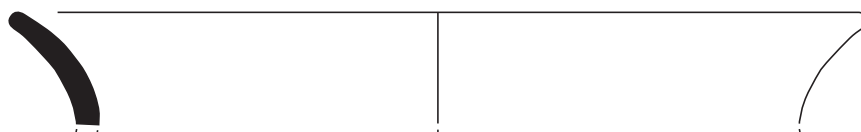
Cerâmica manual da área entre compartimentos 4 e 10 da fase III .



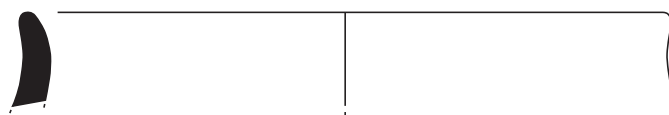
1.[327] 4785 III



1. [325] 2039



1.[300] 1858



1.[1274] 13708



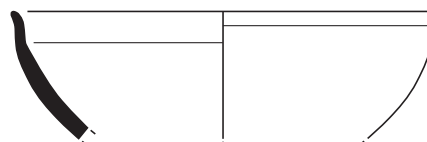
1.[300] 3351



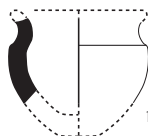
1.[300] 1851



1. [300]
1692



1. [300] 1869III



1.[300] 1862



C.M. 1.[290]
4168



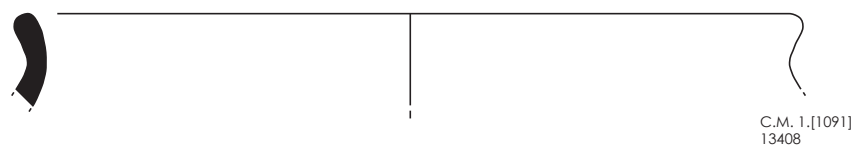
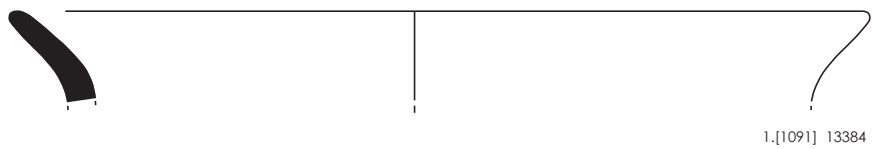
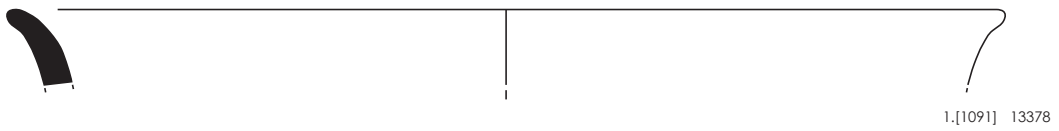
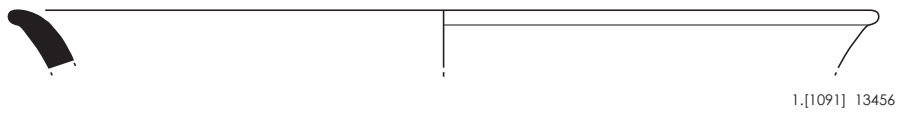
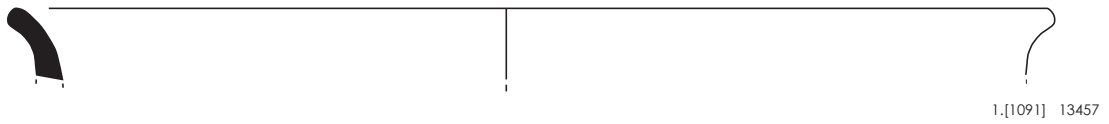
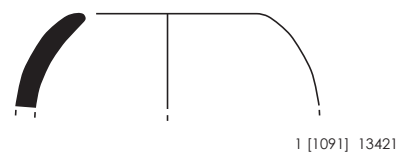
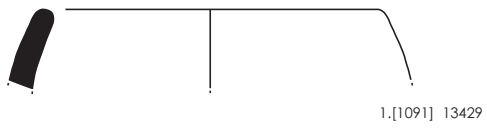
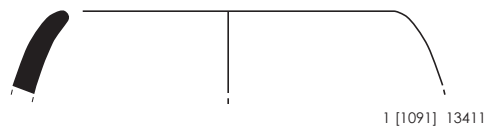
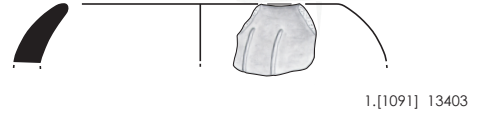
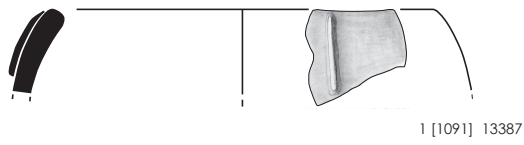
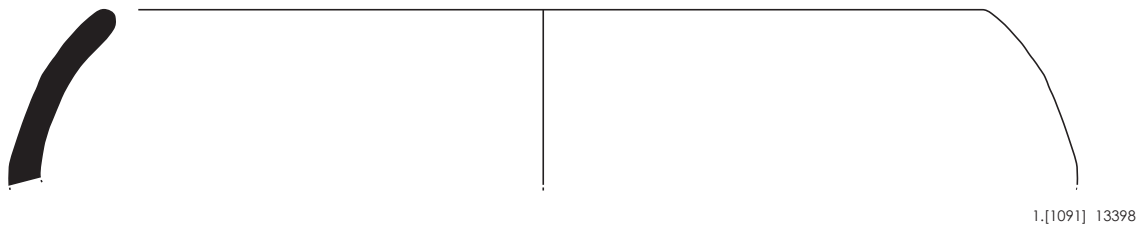
1.[300] 3355



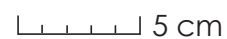
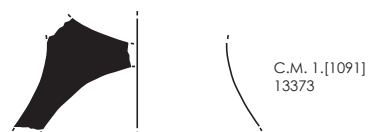
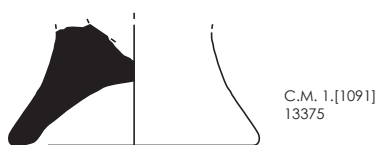
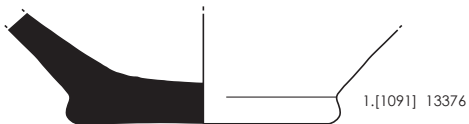
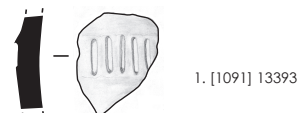
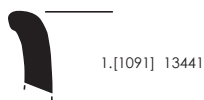
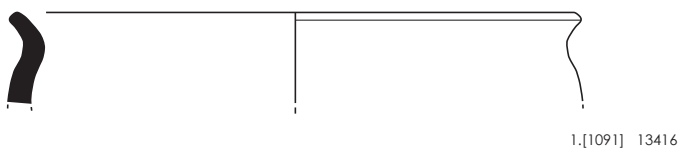
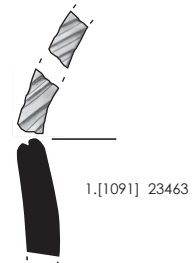
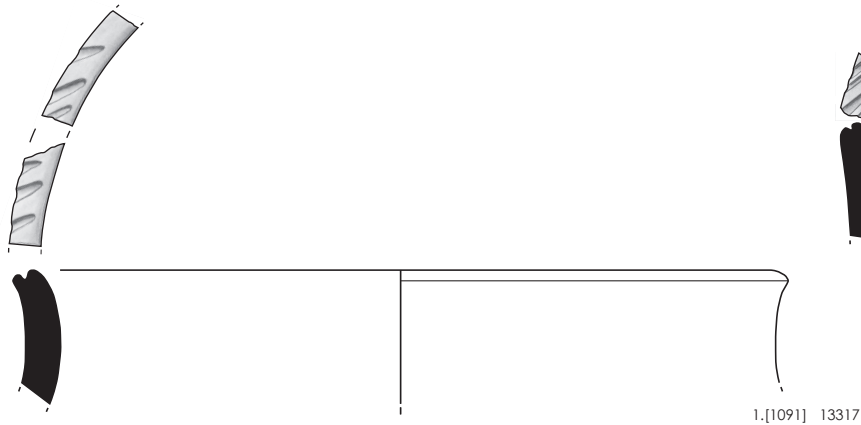
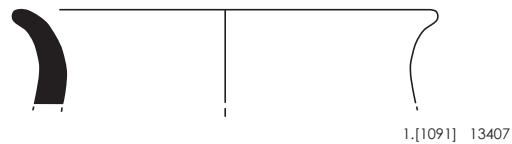
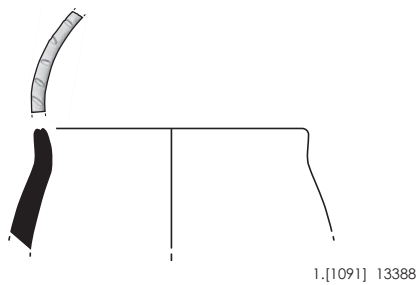
1.[300] 3356

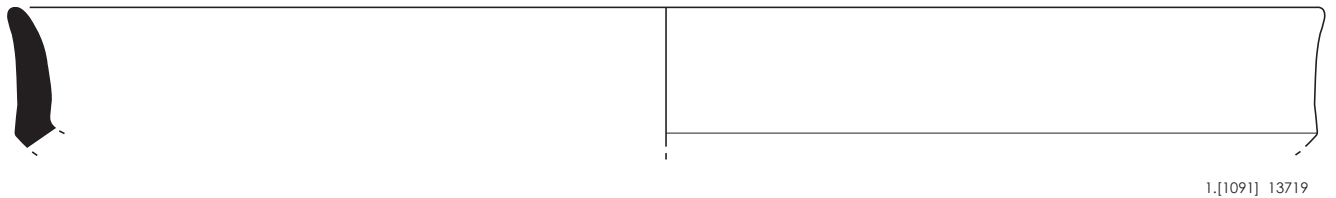
5 cm

Cerâmica manual da área entre compartimentos 4 e 10 da fase III .



5 cm

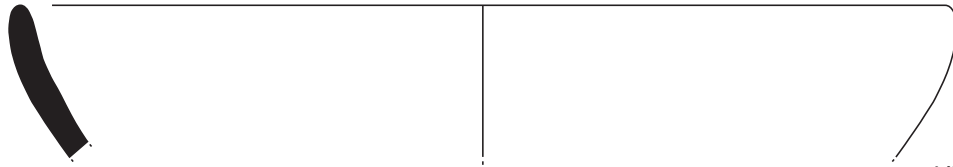




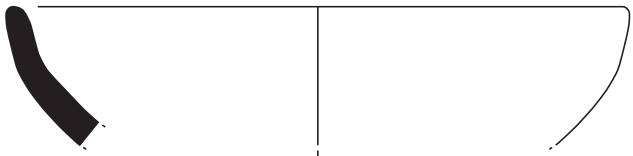
1.[1091] 13719



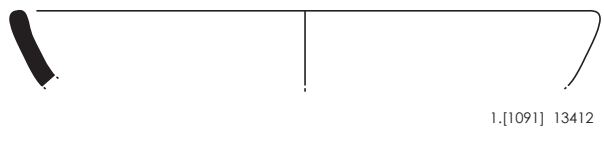
1.[1091] 13395



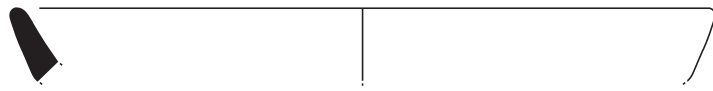
1.[1091] 13394



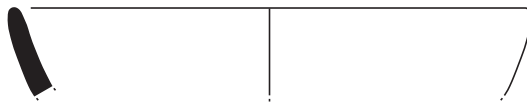
1.[1091] 13382



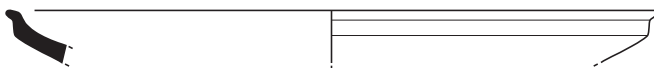
1.[1091] 13412



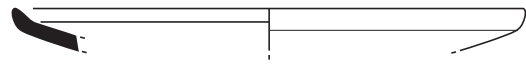
1.[1091] 13399



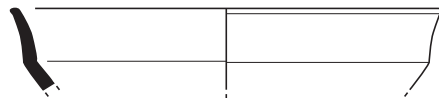
1.[1091] 13383



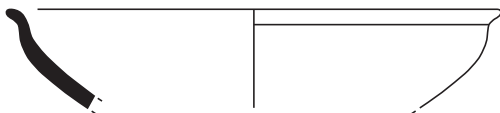
1. [1091] 13397



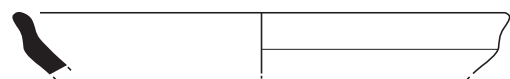
1. [1091] 13428



1.[1091] 13418



1 [1091] 13386



1. [1091] 11537

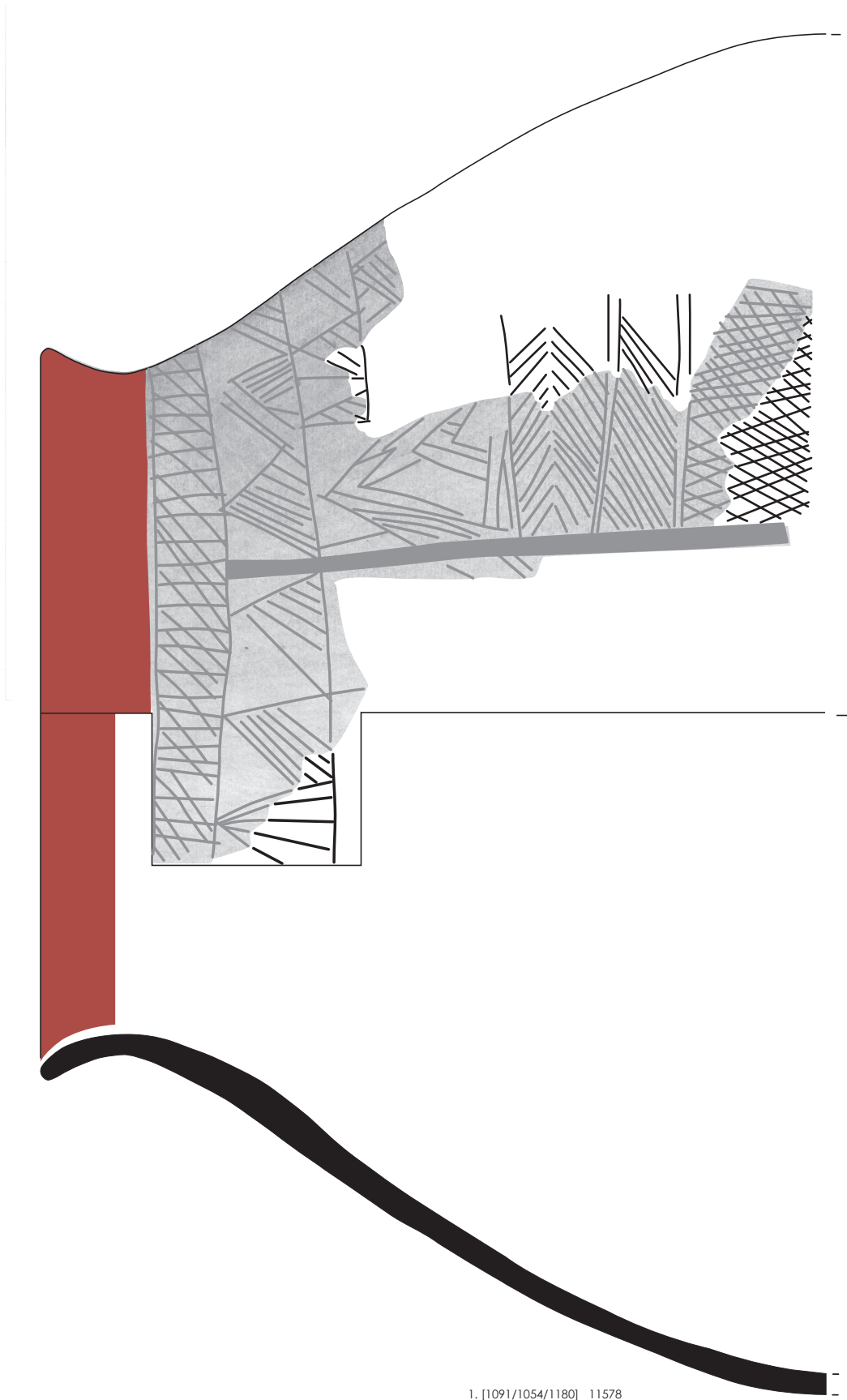


1.[1091] 13454



1 [1091] 11539

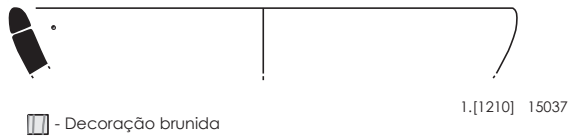
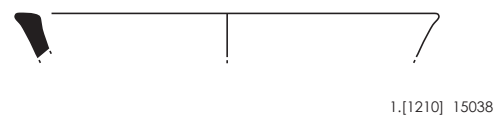
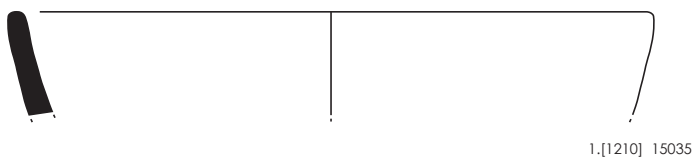
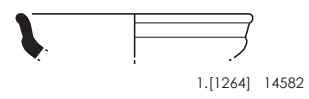
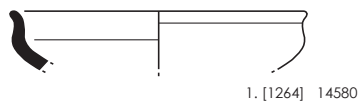
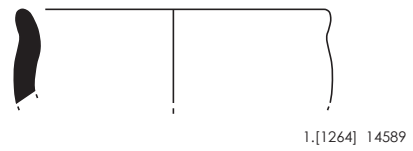
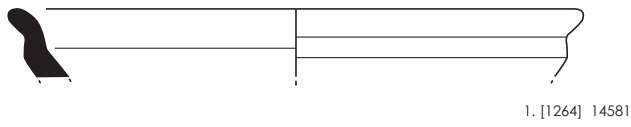
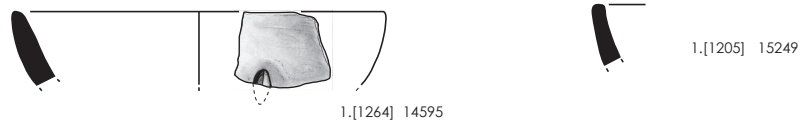
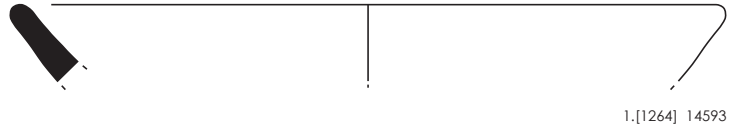
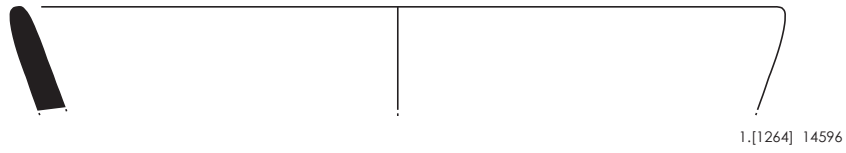




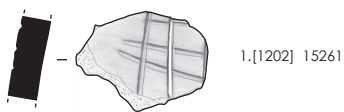
1. [1091/1054/1180] 11578

5 cm

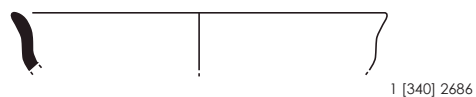
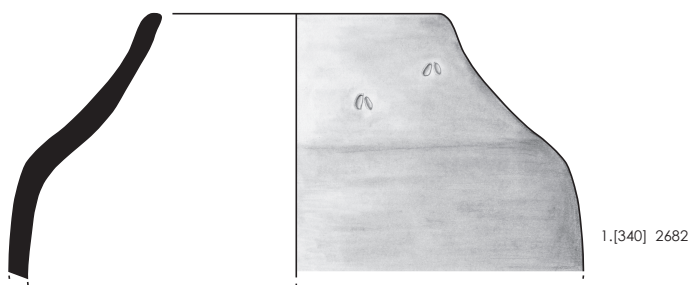
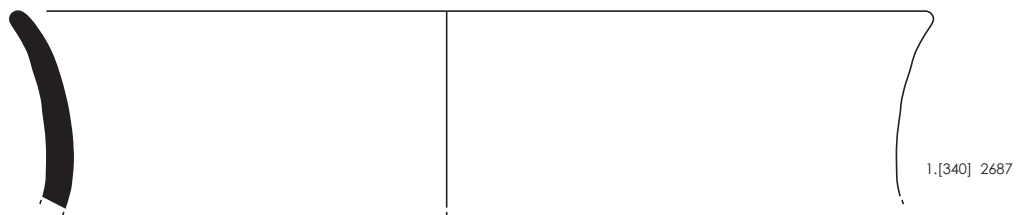
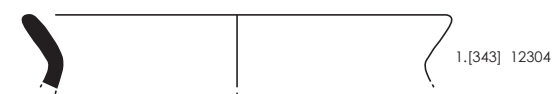
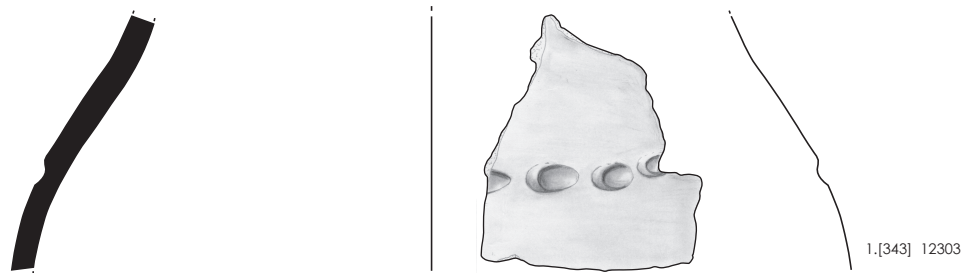
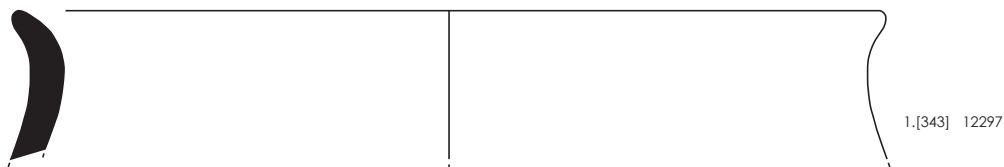
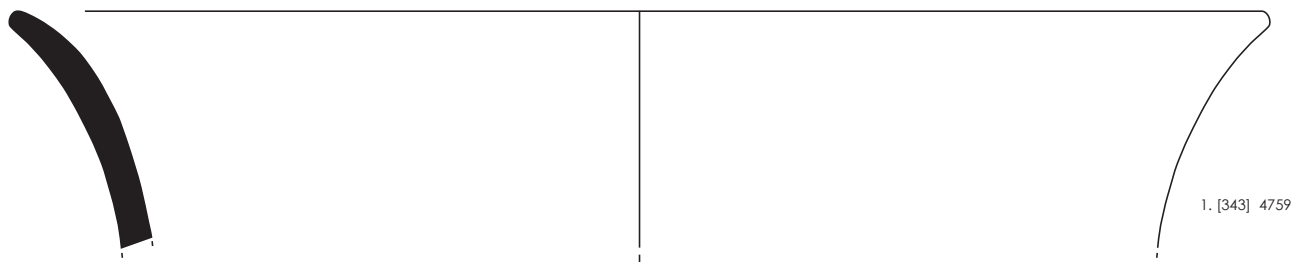
Cerâmica manual da área entre compartimentos 4 e 10 da fase III .



■ - Decoração brunida

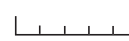


5 cm

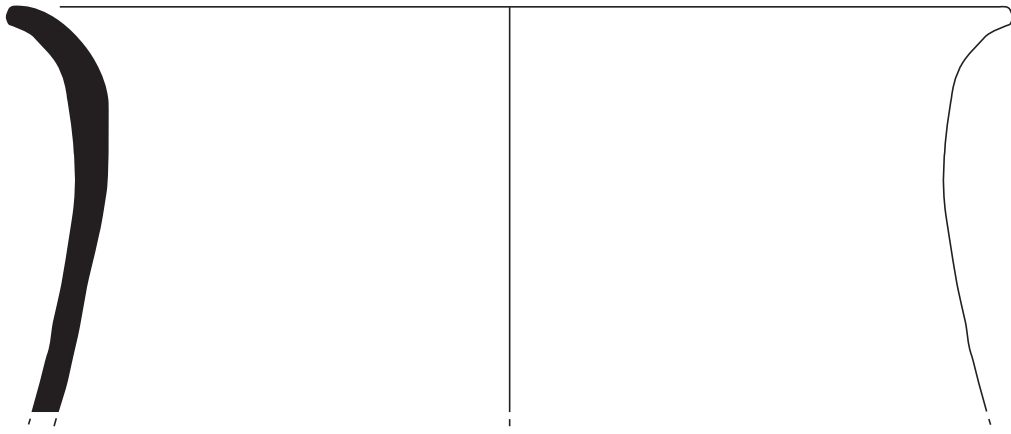


 - Pintura vermelha

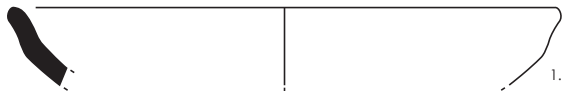


 5 cm

Cerâmica manual da área entre compartimentos 4 e 10 da fase III .



1.[354] 13487



1. [354] 13483



1.[354] 13478



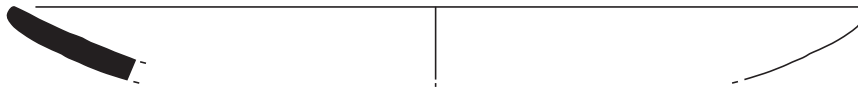
1.[354] 13485



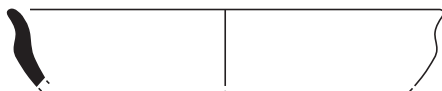
1.[354] 13486



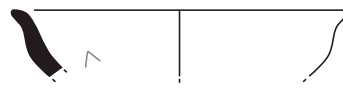
1.[353] 12721



1.[345] 2313



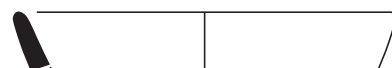
1. [345] 2317



1. [345] 2311



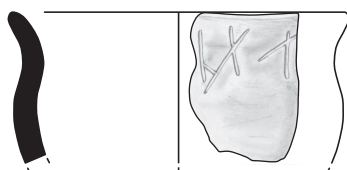
1. [345] 2310



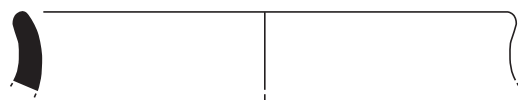
1.[345] 2312



1.[326] 2650



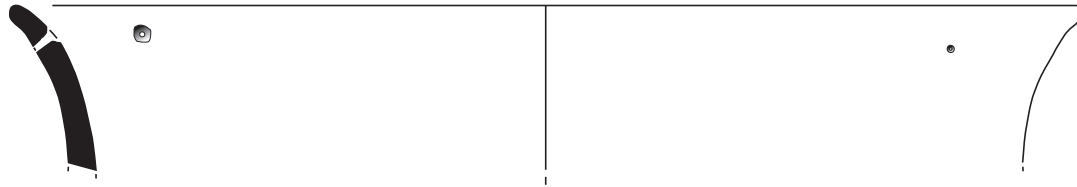
1.[334] 15101



1.[326] 2639

5 cm

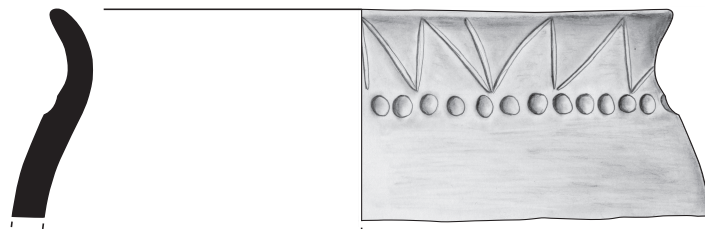
Cerâmica manual da área entre compartimentos 4 e 10 da fase III .



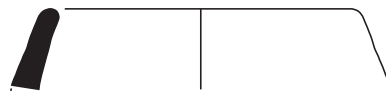
1.[337] 10641



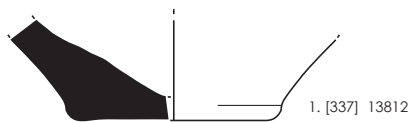
1.[337] 10646



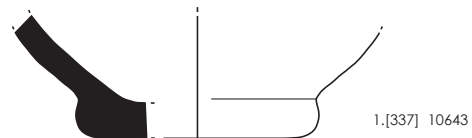
1. [337] 13810



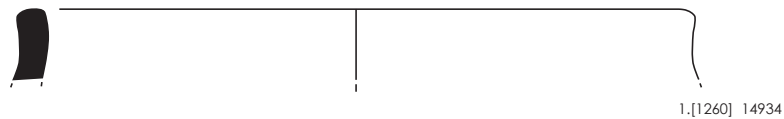
1.[337] 13811



1. [337] 13812



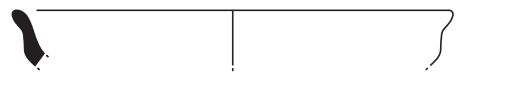
1.[337] 10643



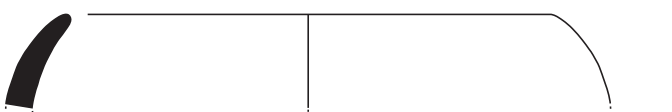
1.[1260] 14934



1.[1260] 14935



1.[1260] 14938



1.[1260] 14937



1. [1260] 14941

5 cm



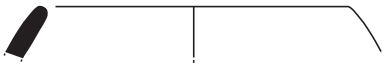
1.[1251] 14891



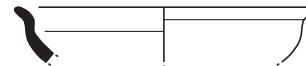
1.[1251] 14890



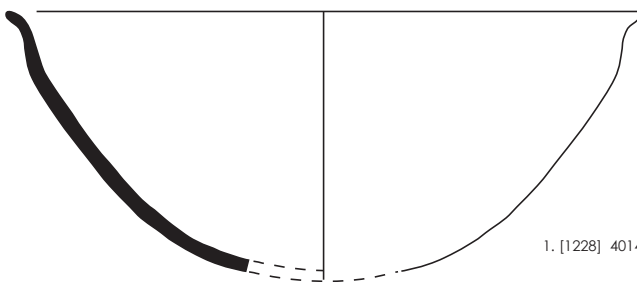
1.[1251] 14887



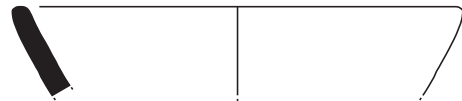
1.[1251] 14883



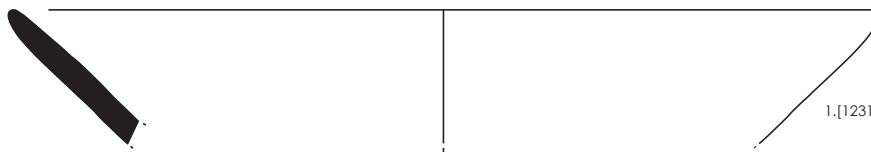
1.[1251] 14886



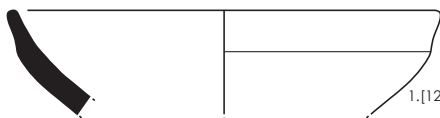
1. [1228] 4014



1.[1229] 15545



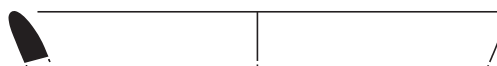
1.[1231] 15274



1.[1213] 15272



1.[1213] 15273

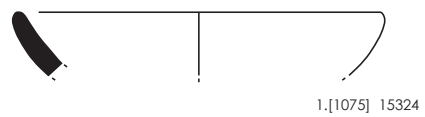
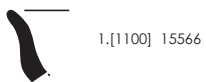
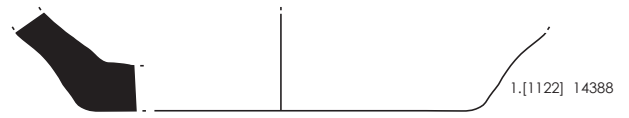
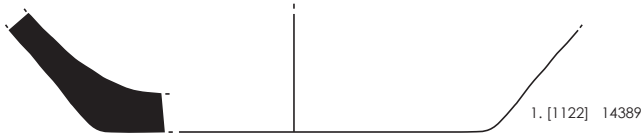
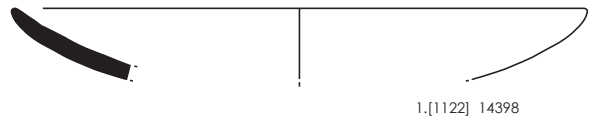
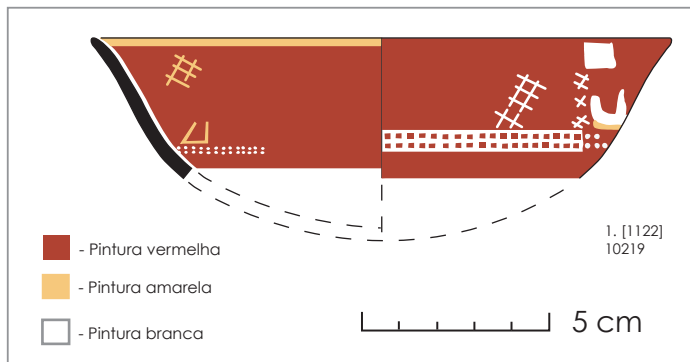
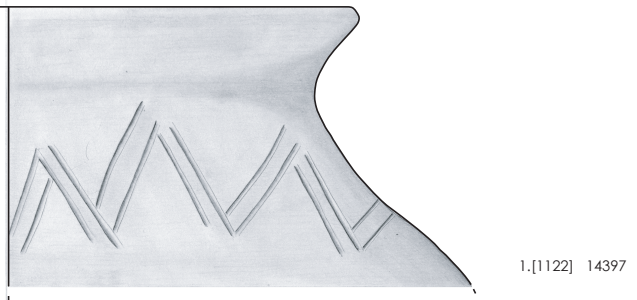
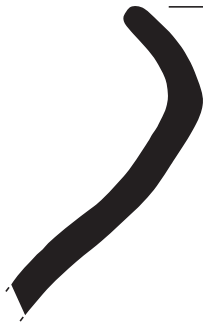
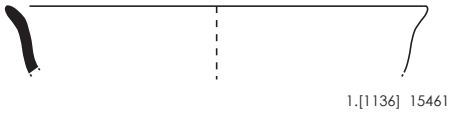
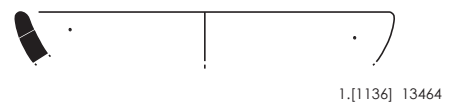
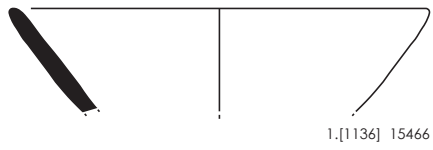
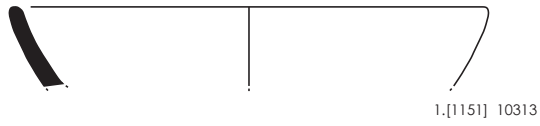


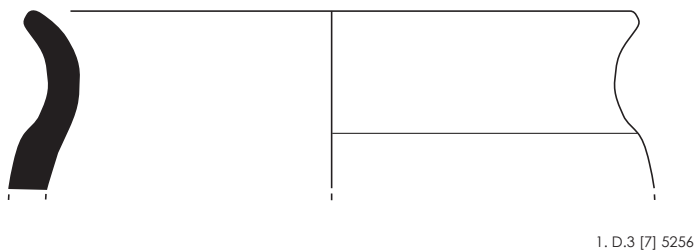
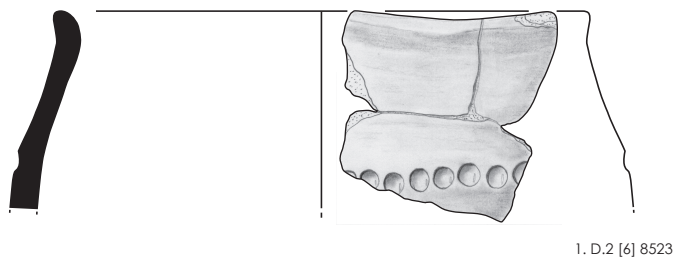
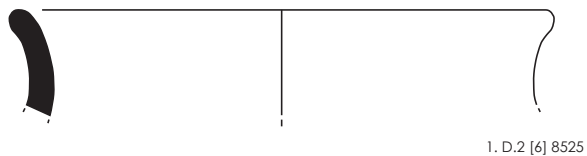
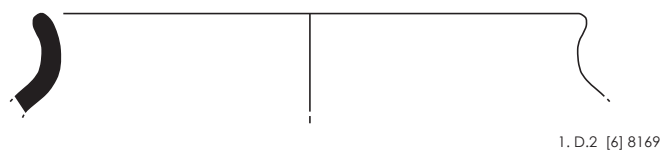
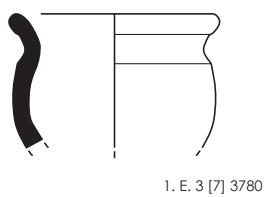
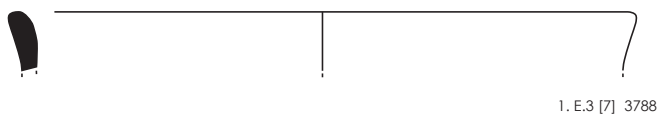
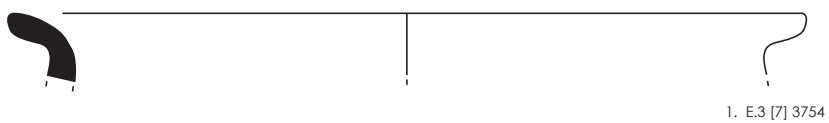
1.[1193] 15125



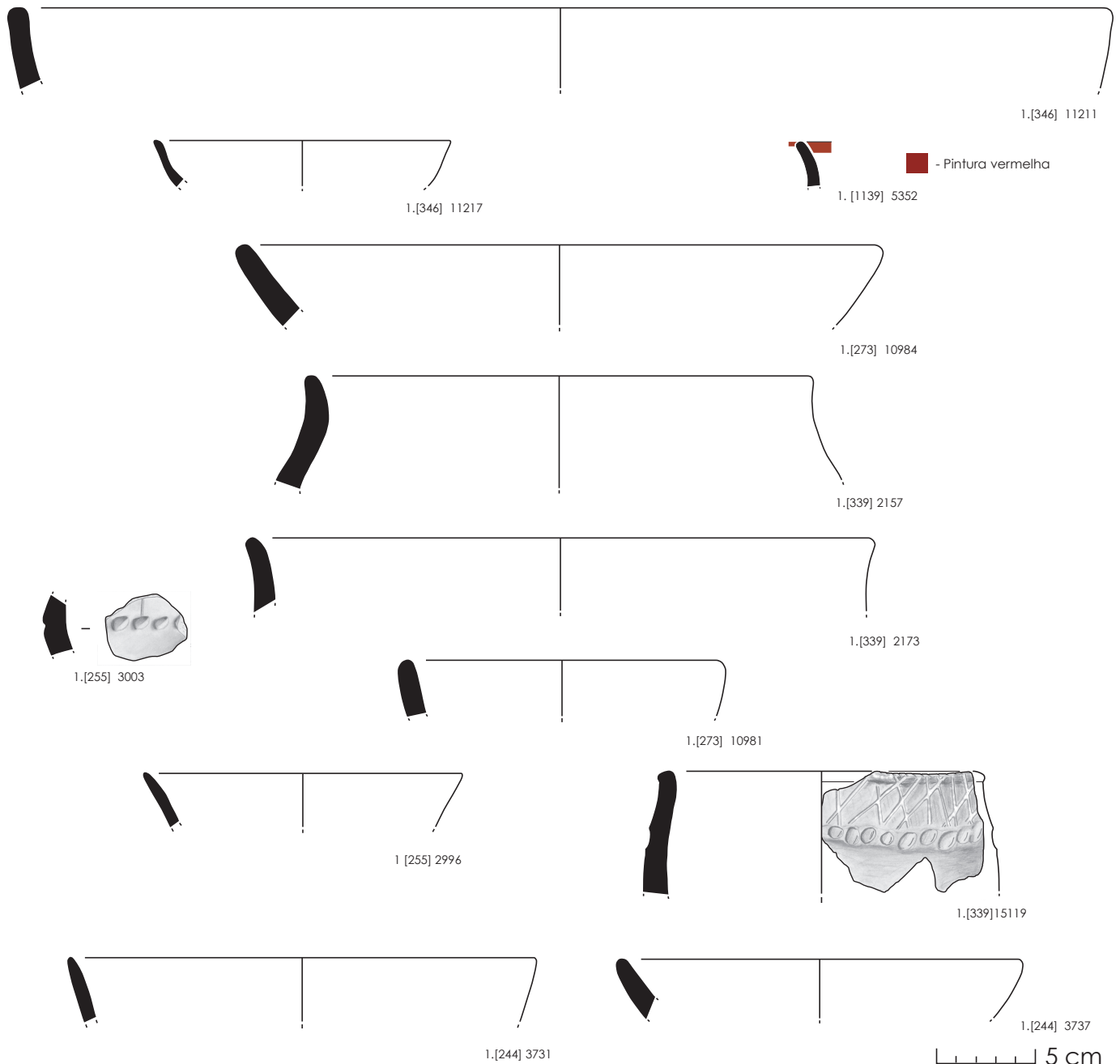
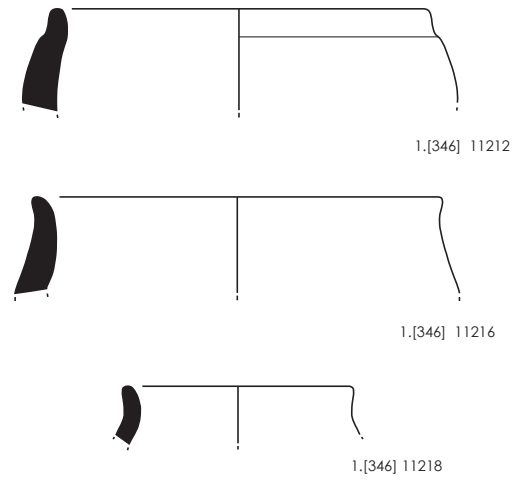
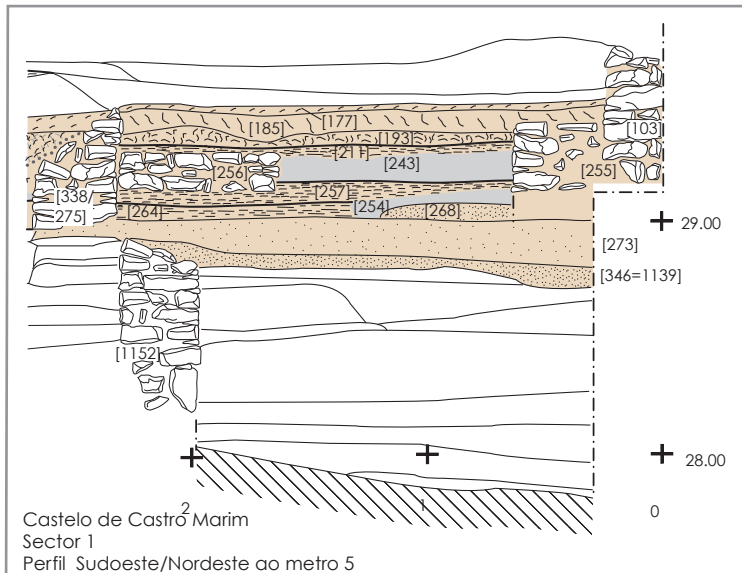
1.[1165] 15357

5 cm

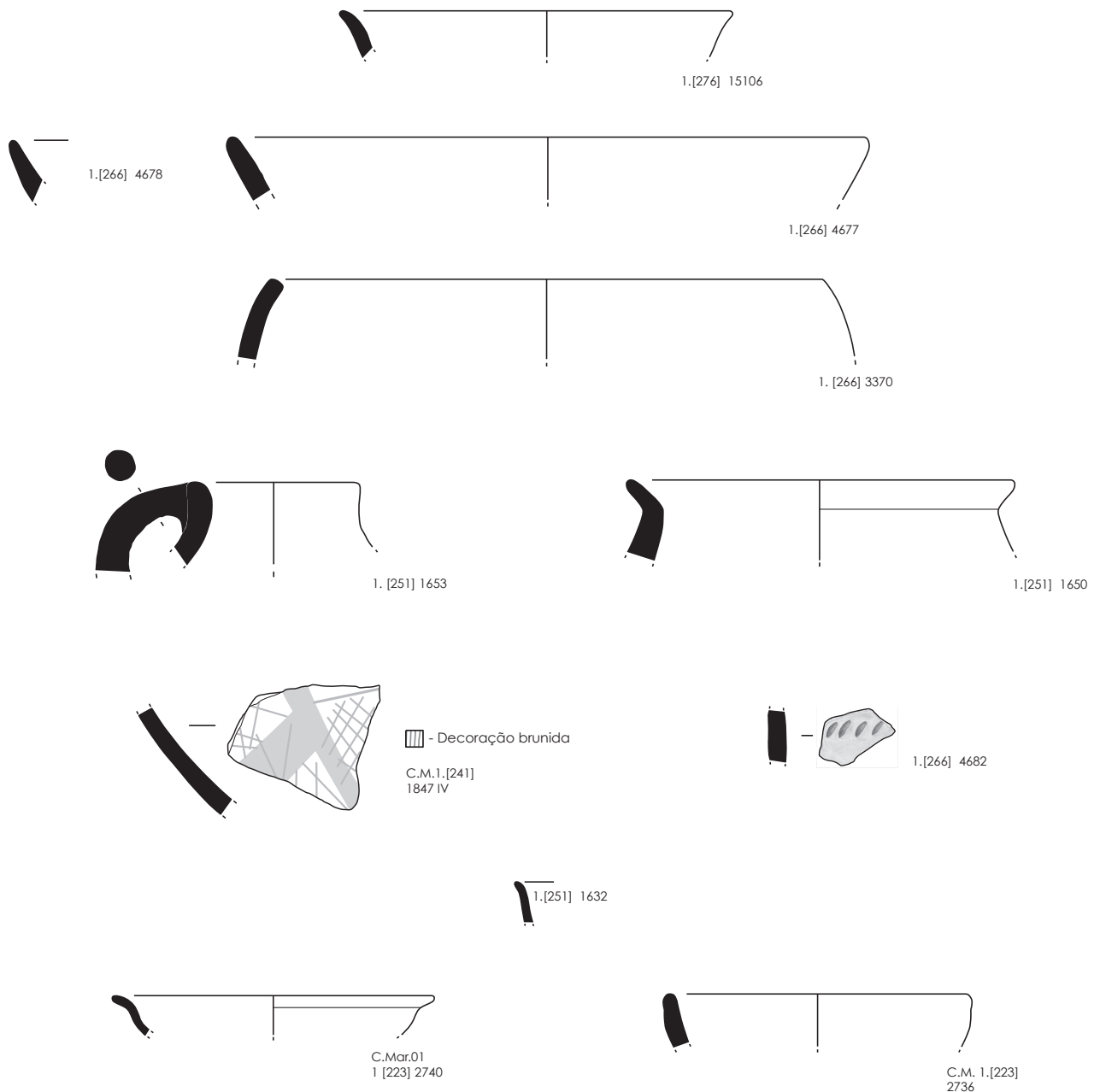
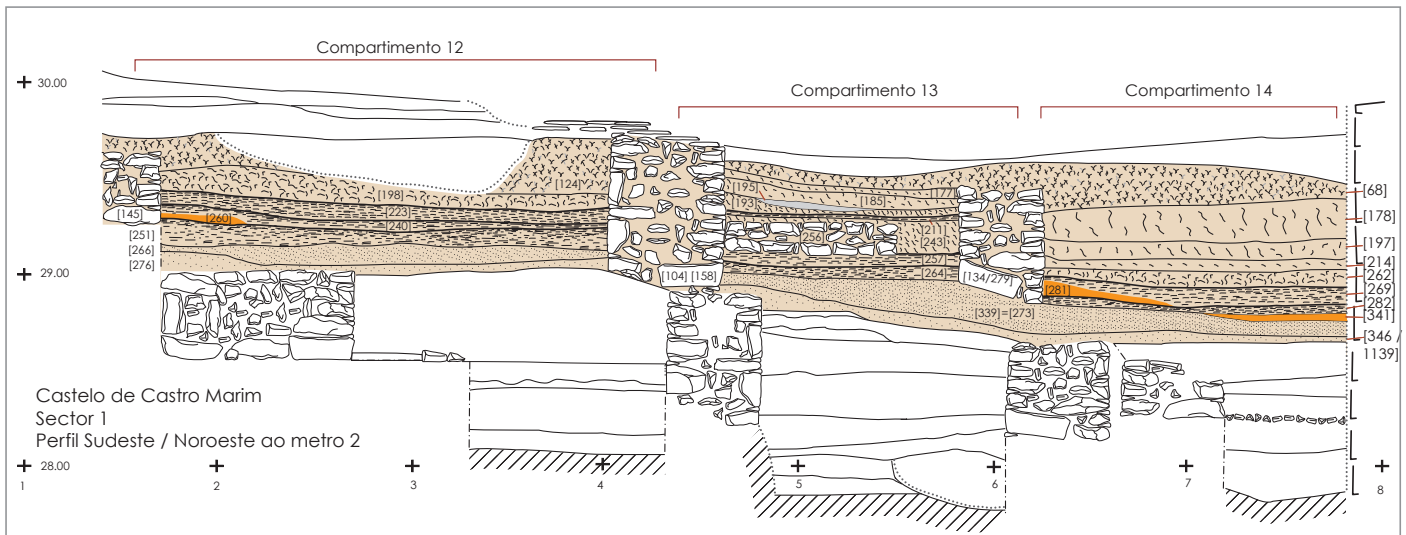




5 cm

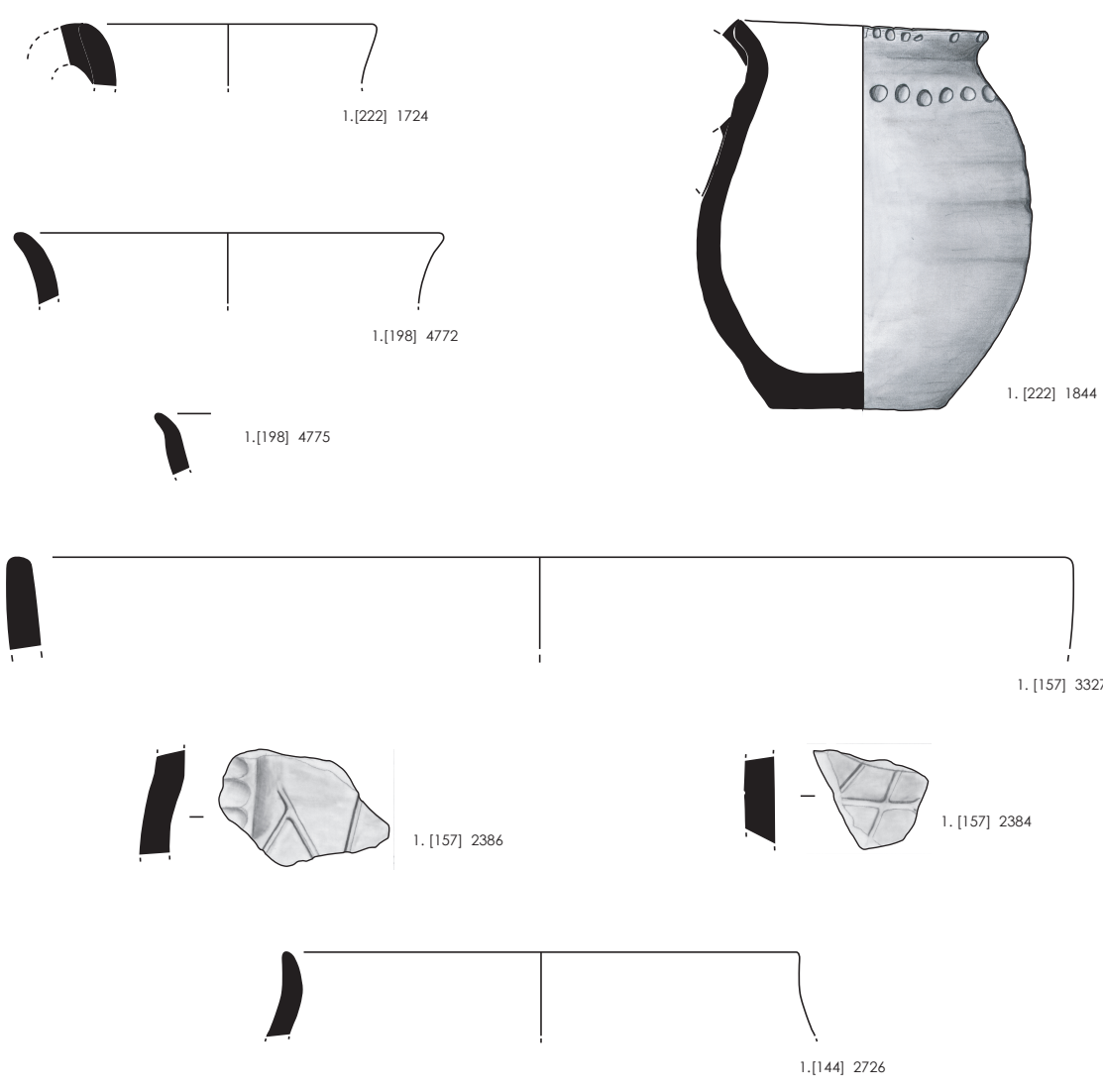
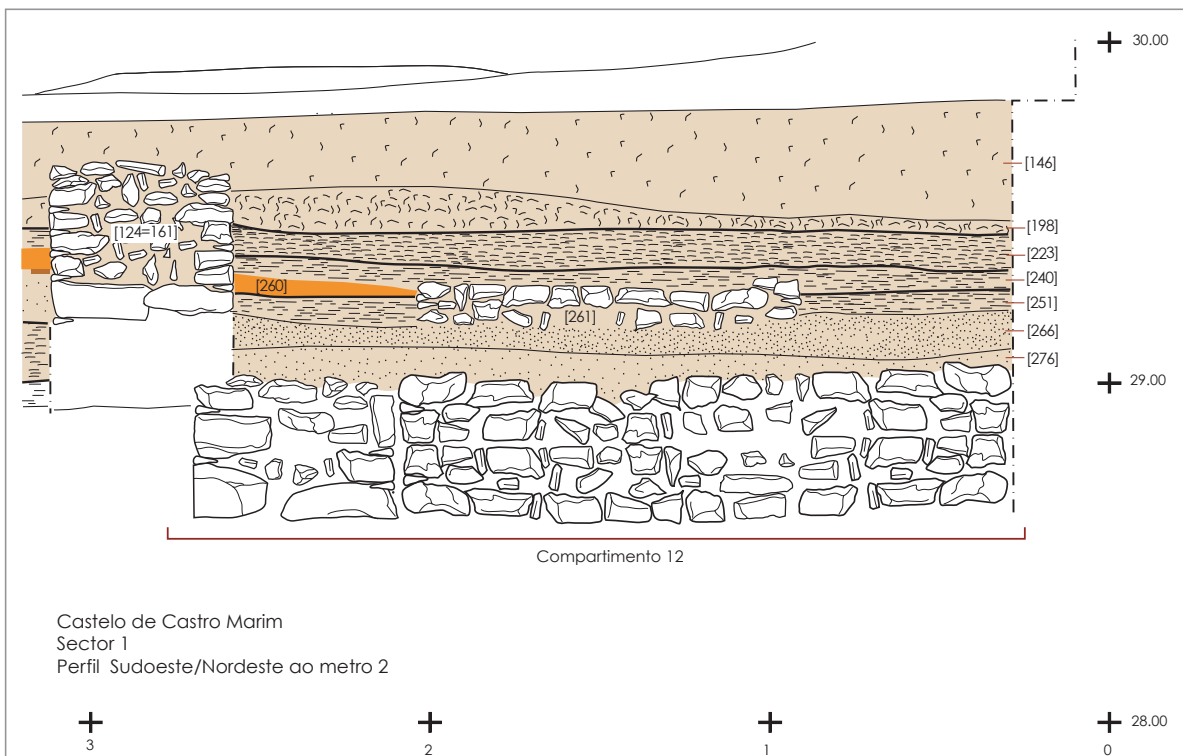


Cerâmica manual da construção dos compartimentos 13 e 14 da fase IV.



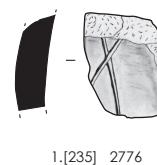
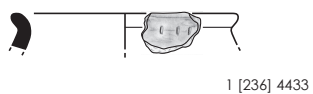
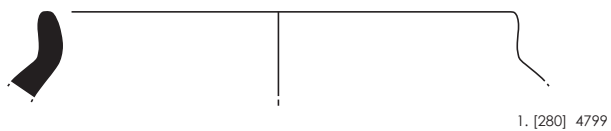
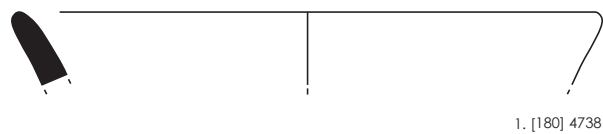
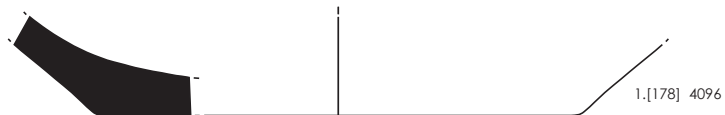
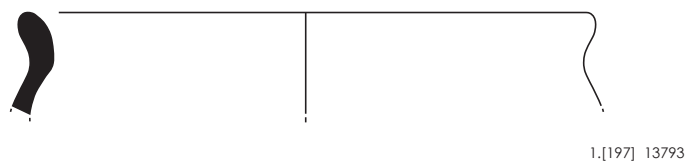
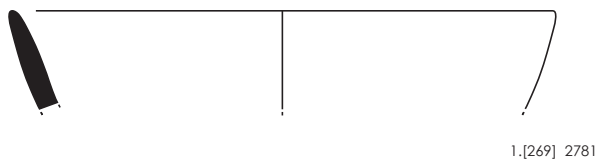
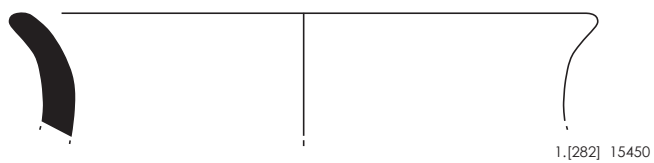
Cerâmica manual do compartimento 12 da fase IV.

5 cm

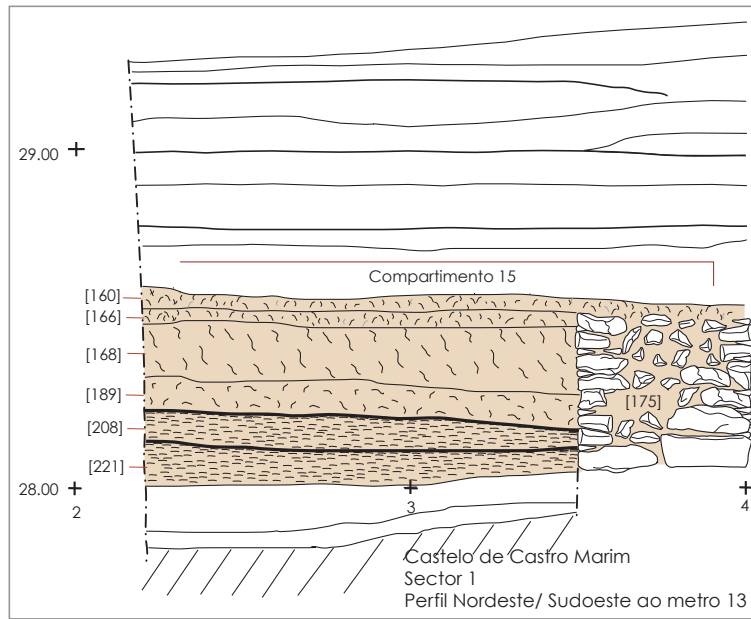


Cerâmica manual do compartimento 12 da fase IV.

5 cm



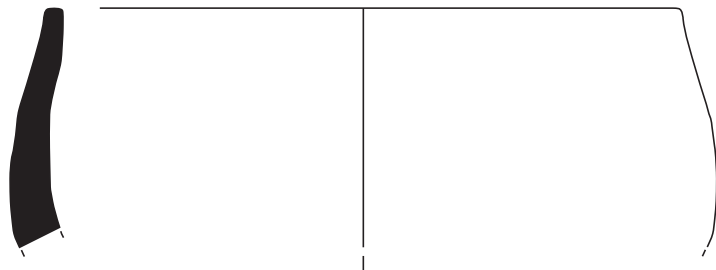
5 cm



1. [221] 4567



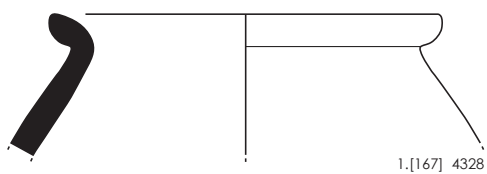
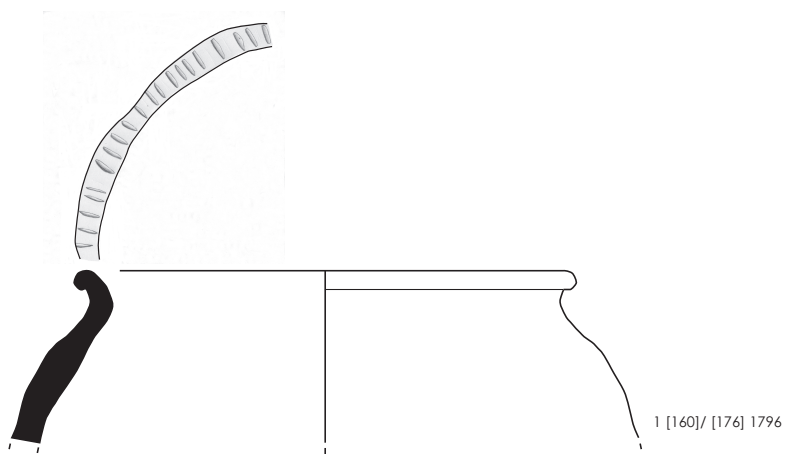
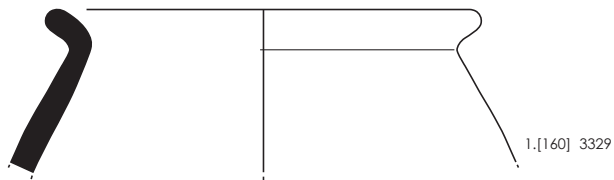
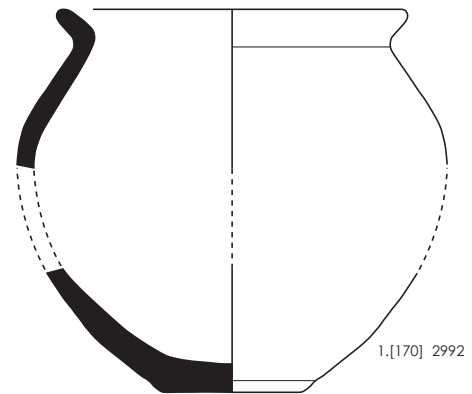
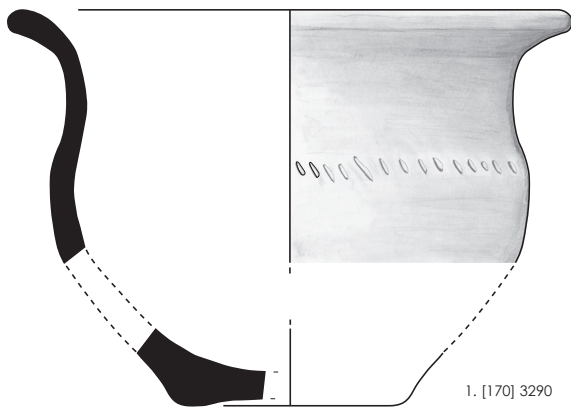
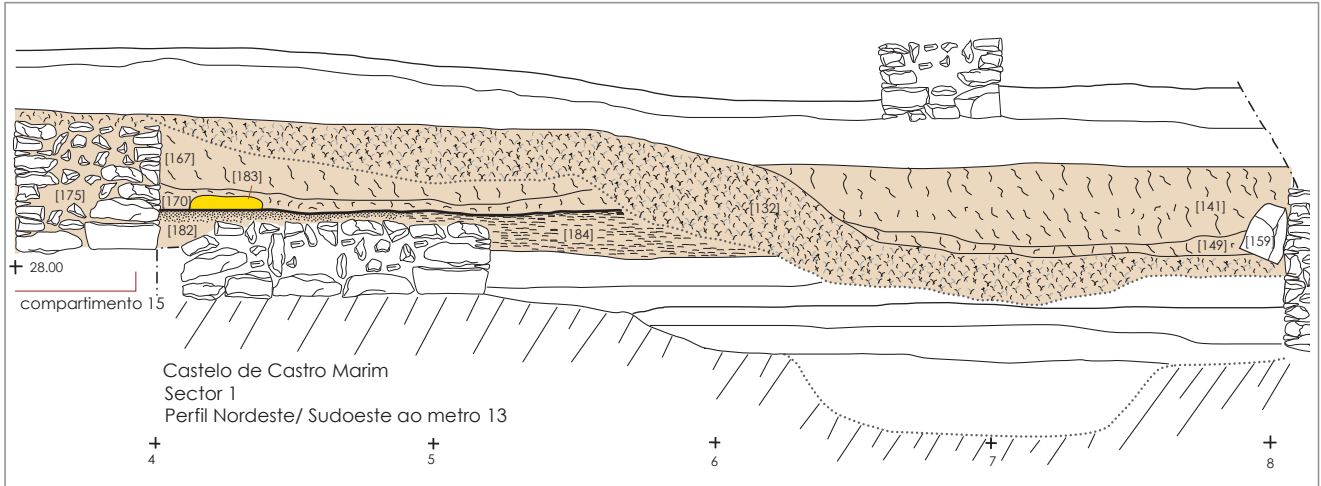
1. [221] 4564



1. [208] 4494

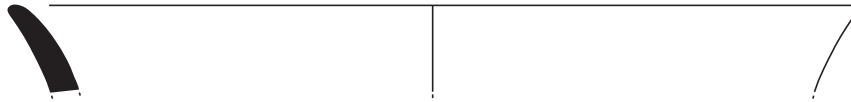
5 cm

Cerâmica manual do compartimento 15 da fase IV .

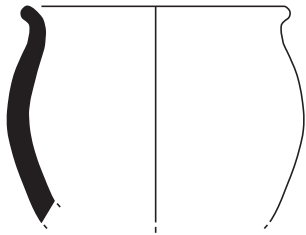


5 cm

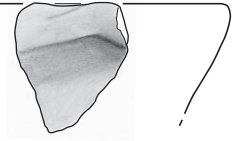
Cerâmica manual da área a Sul do compartimento 15 da fase IV .



1.[295] 13367



1.[295] 13360



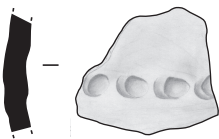
1.[293] 2406



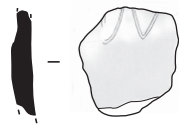
1.[288] 2958



1 [288] 2981



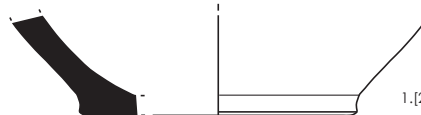
1.[288] 3438



1.[288] 2959



1.[212] 4749



1.[267/212] 15237



1. [204] 3724



1.[203/204] 2347

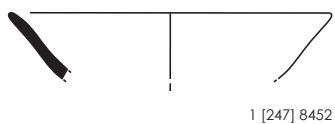
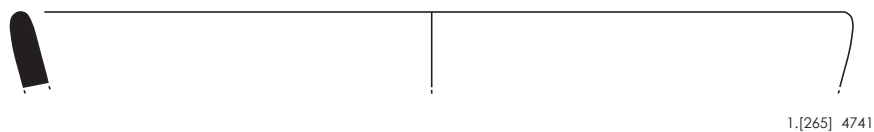
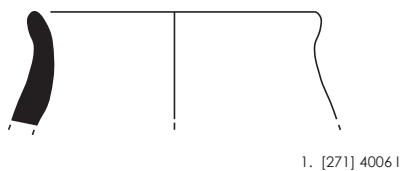
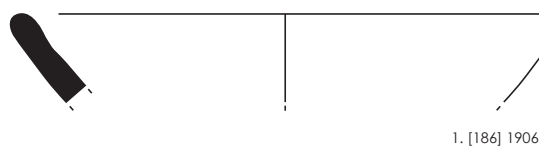
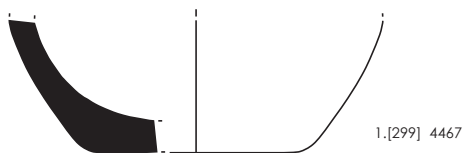
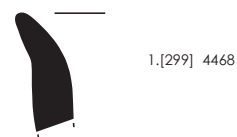
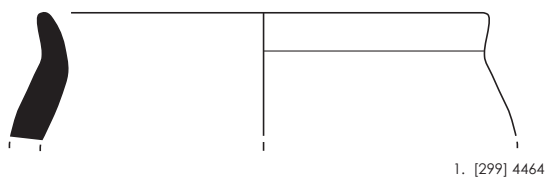


1.[203/204] 2349

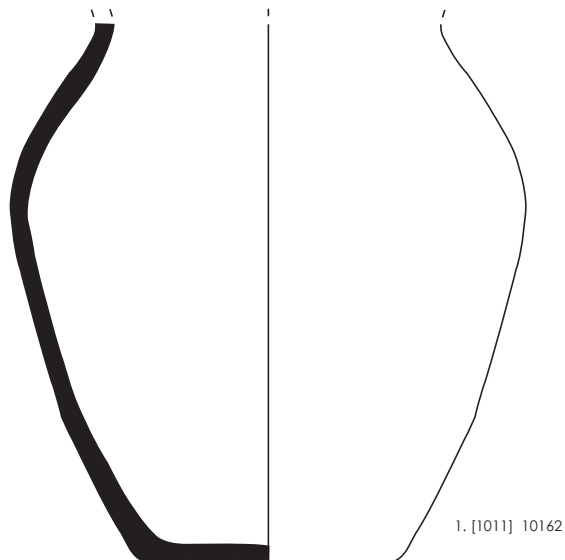
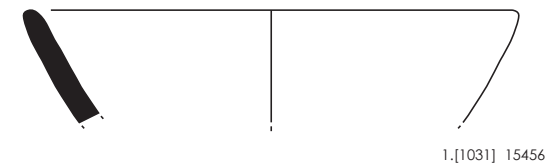
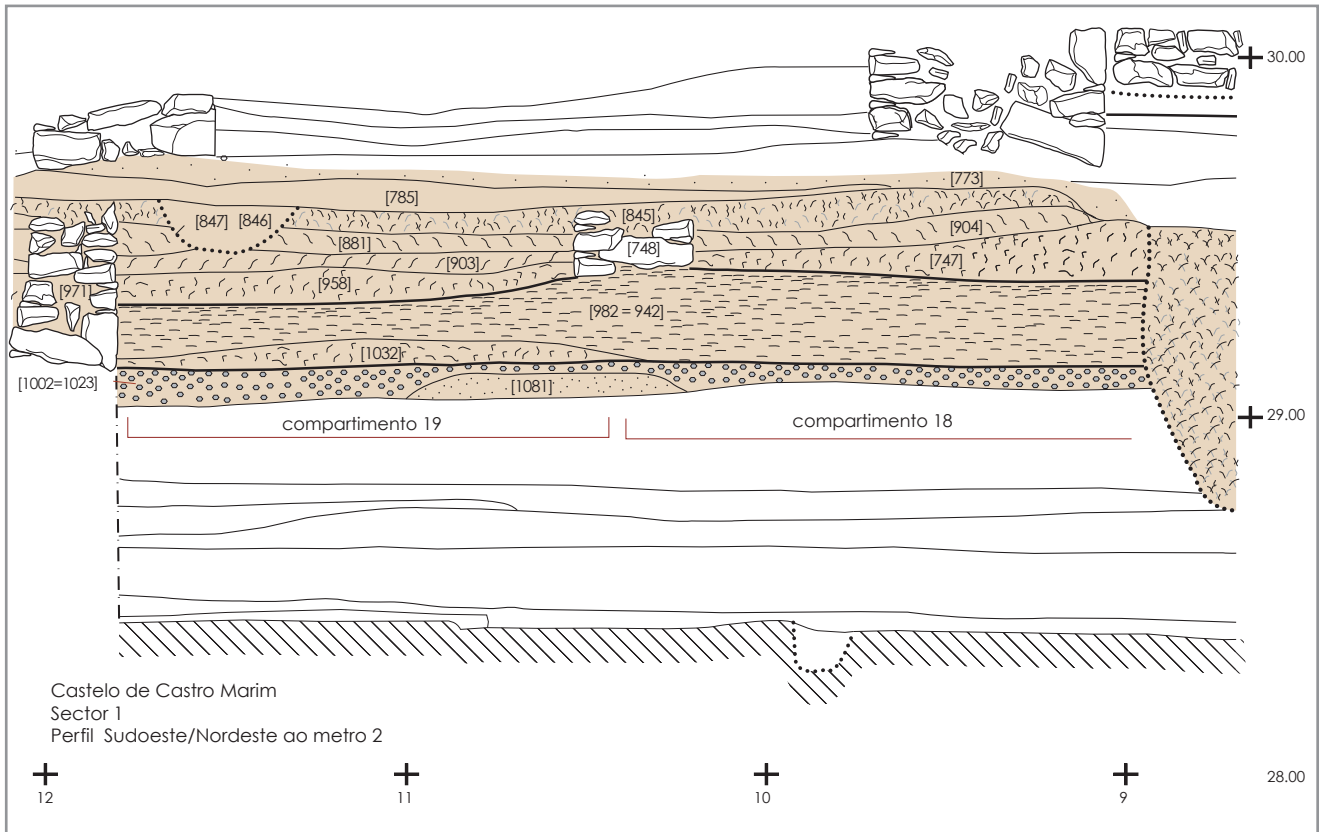


1.[204] 3735

5 cm

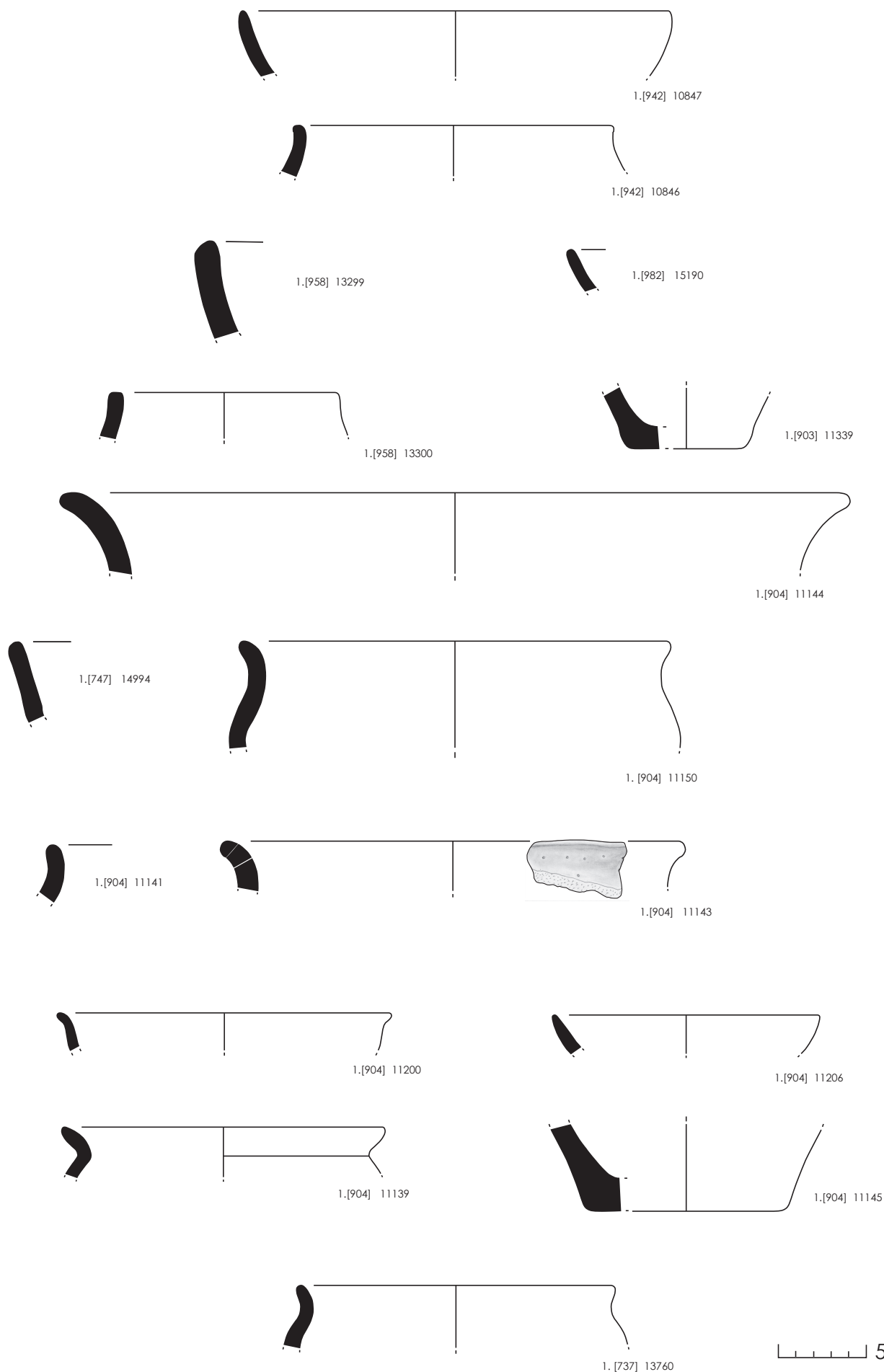


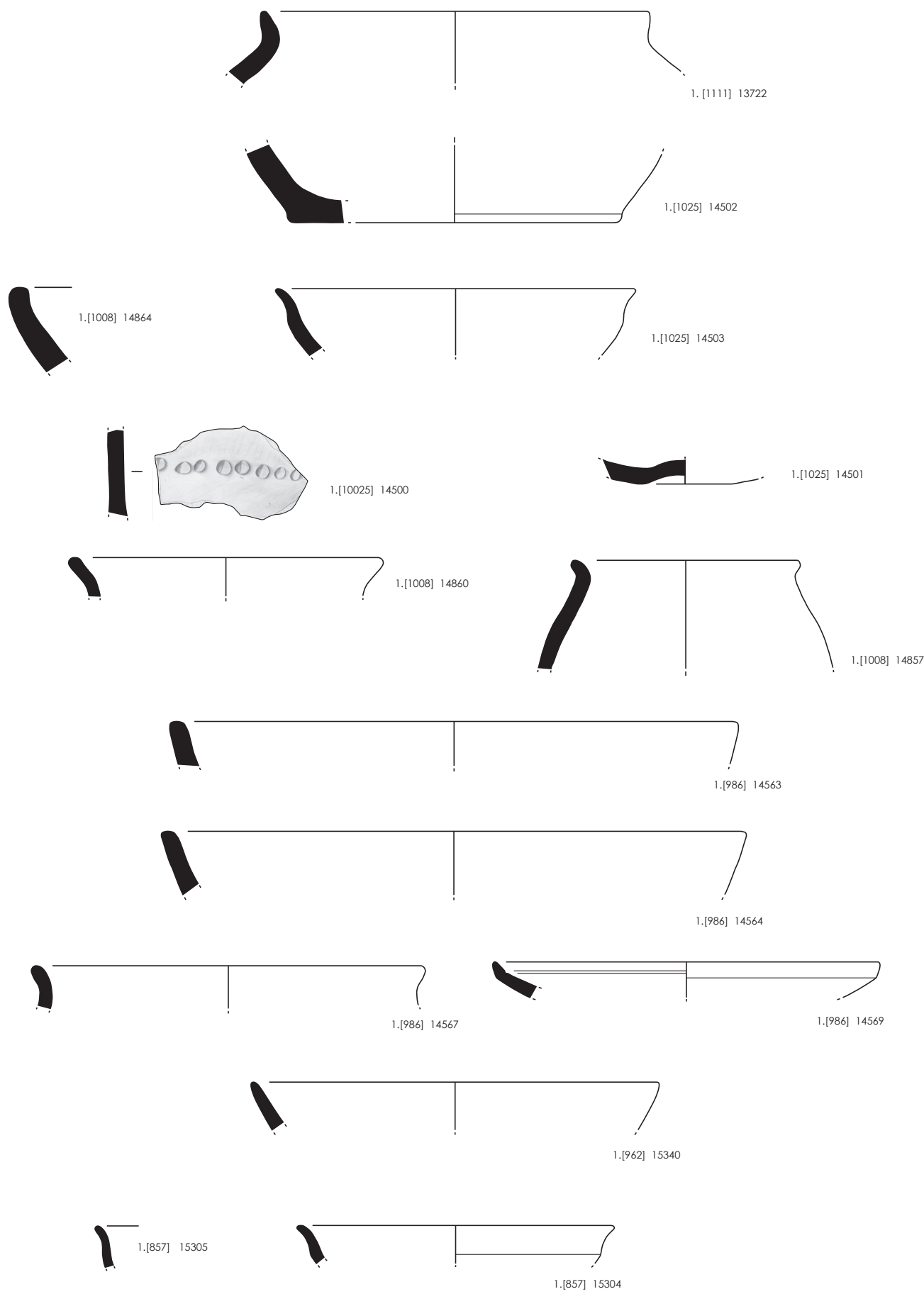
5 cm

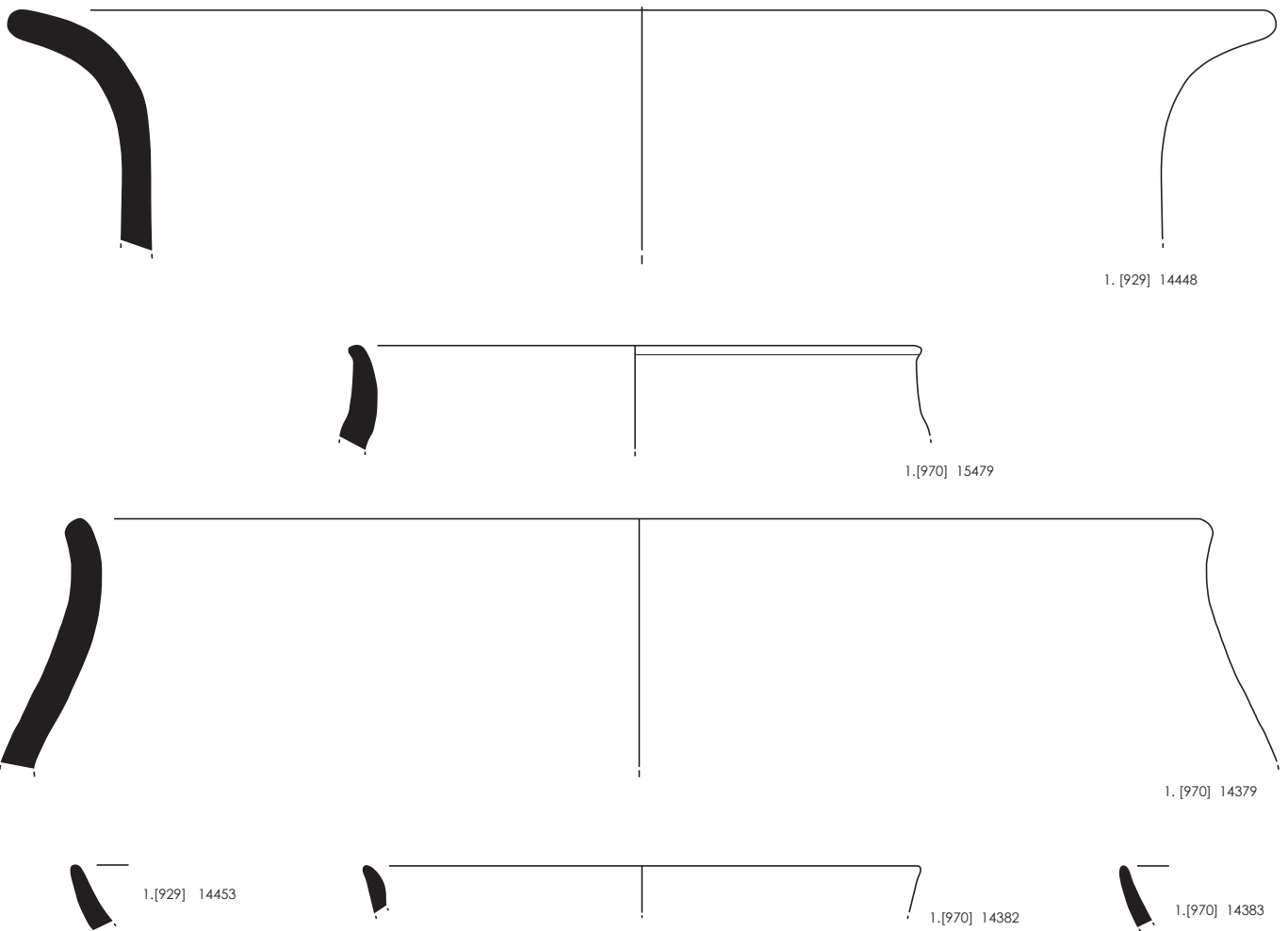
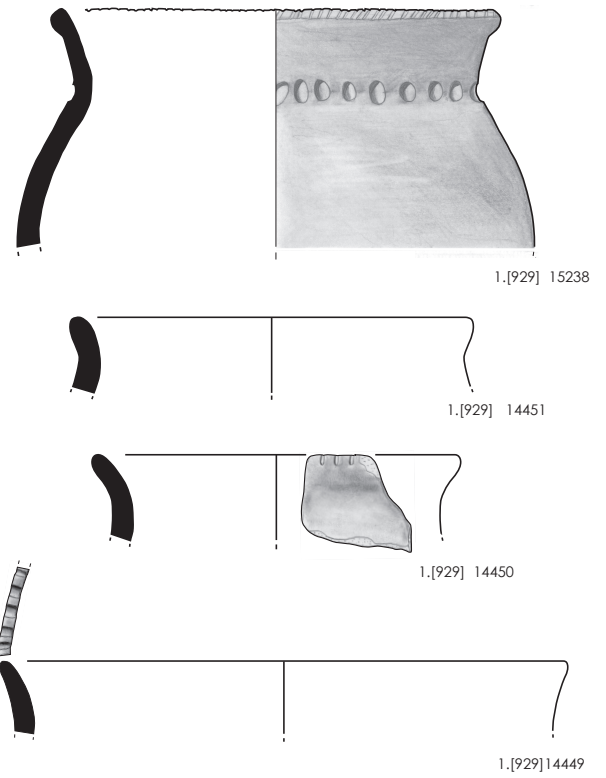
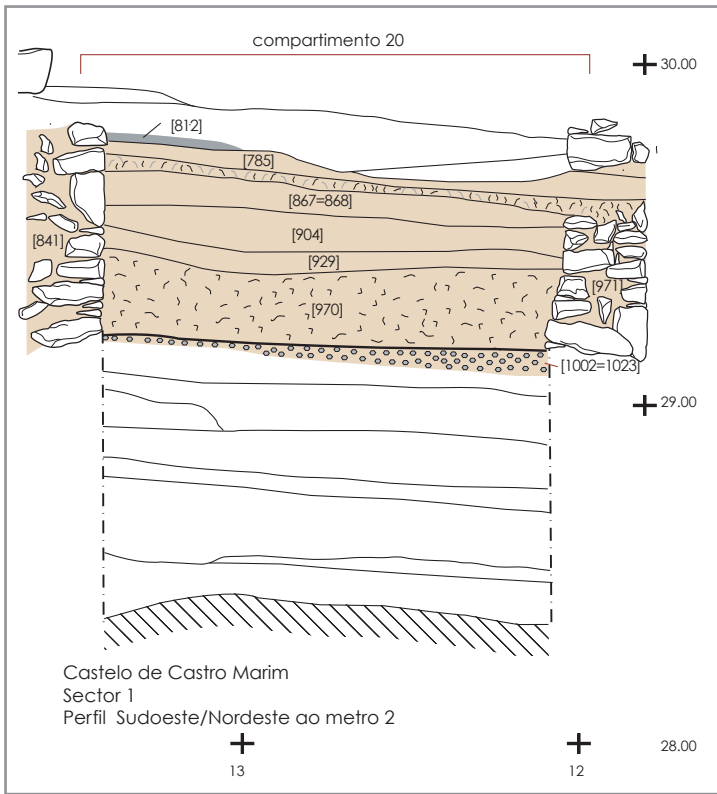


5 cm

Cerâmica manual dos compartimentos 18 e 19 da fase IV .

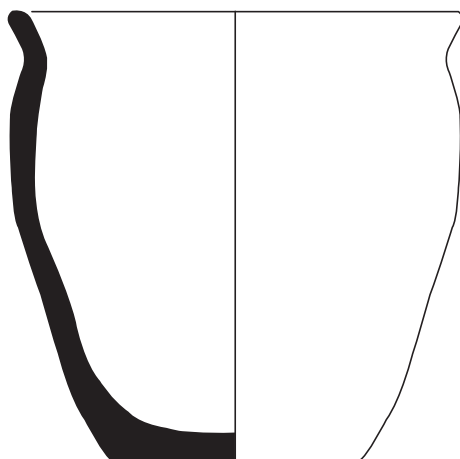
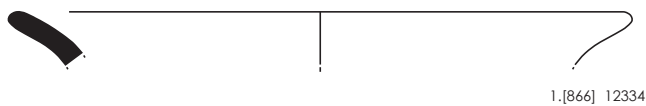
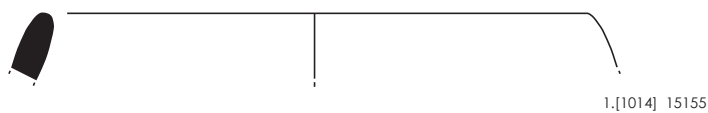
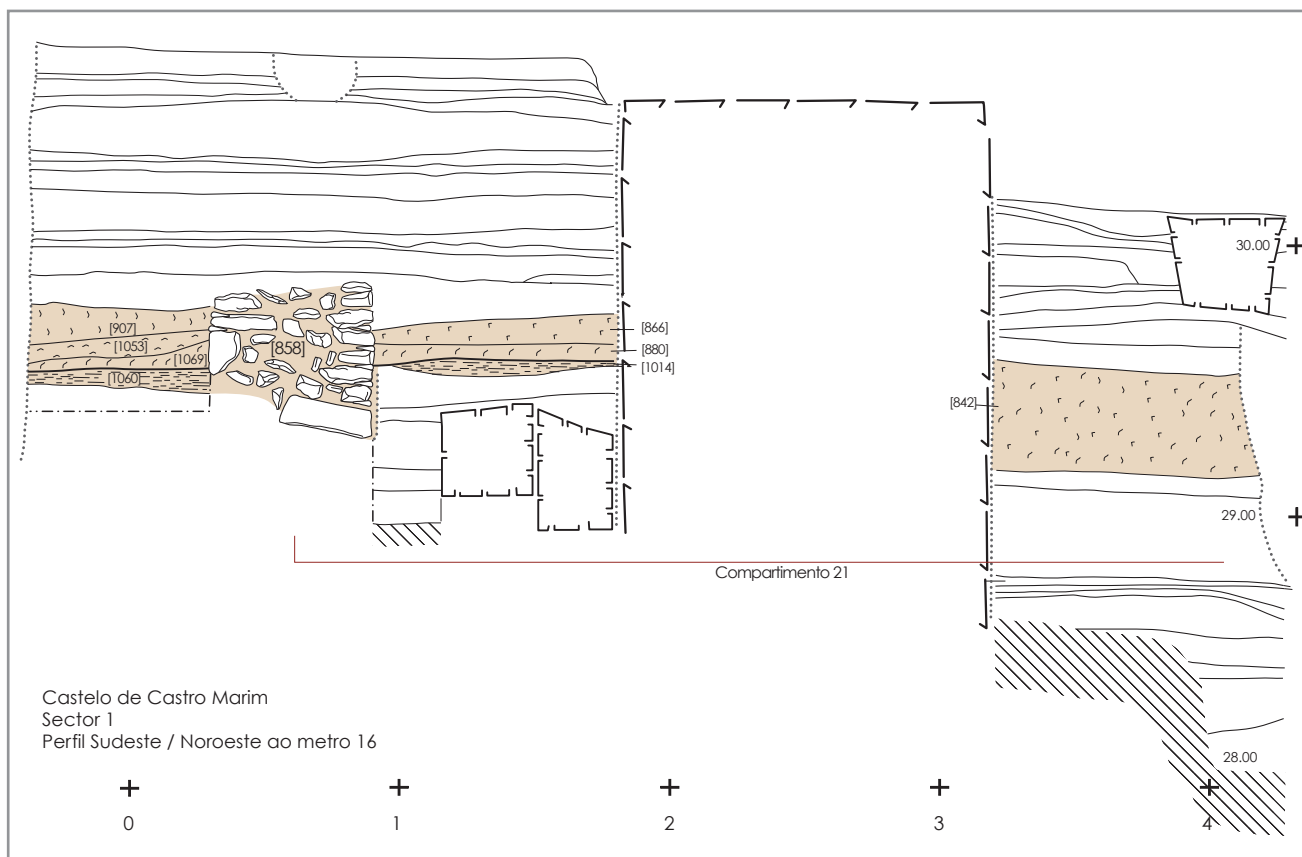






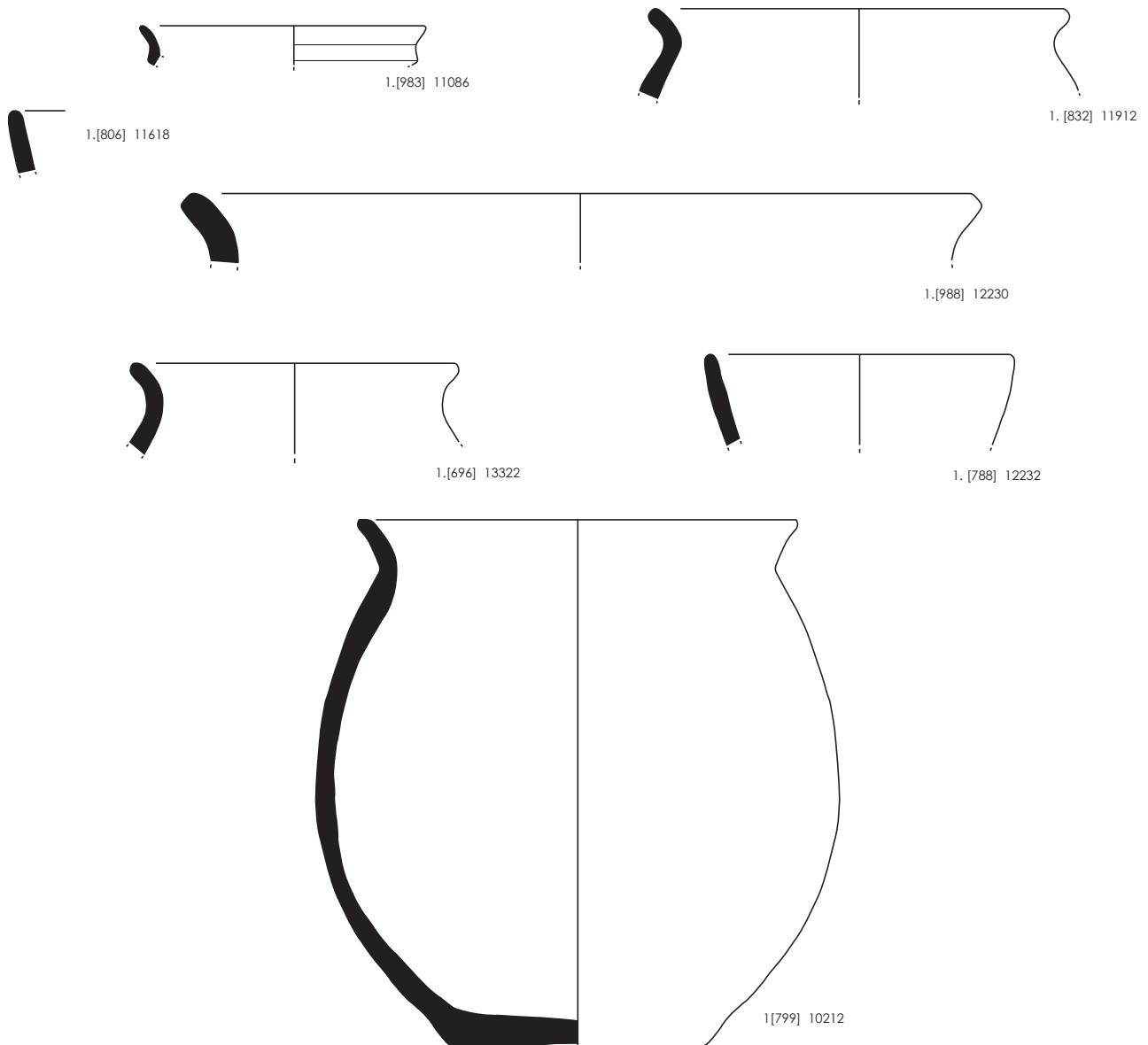
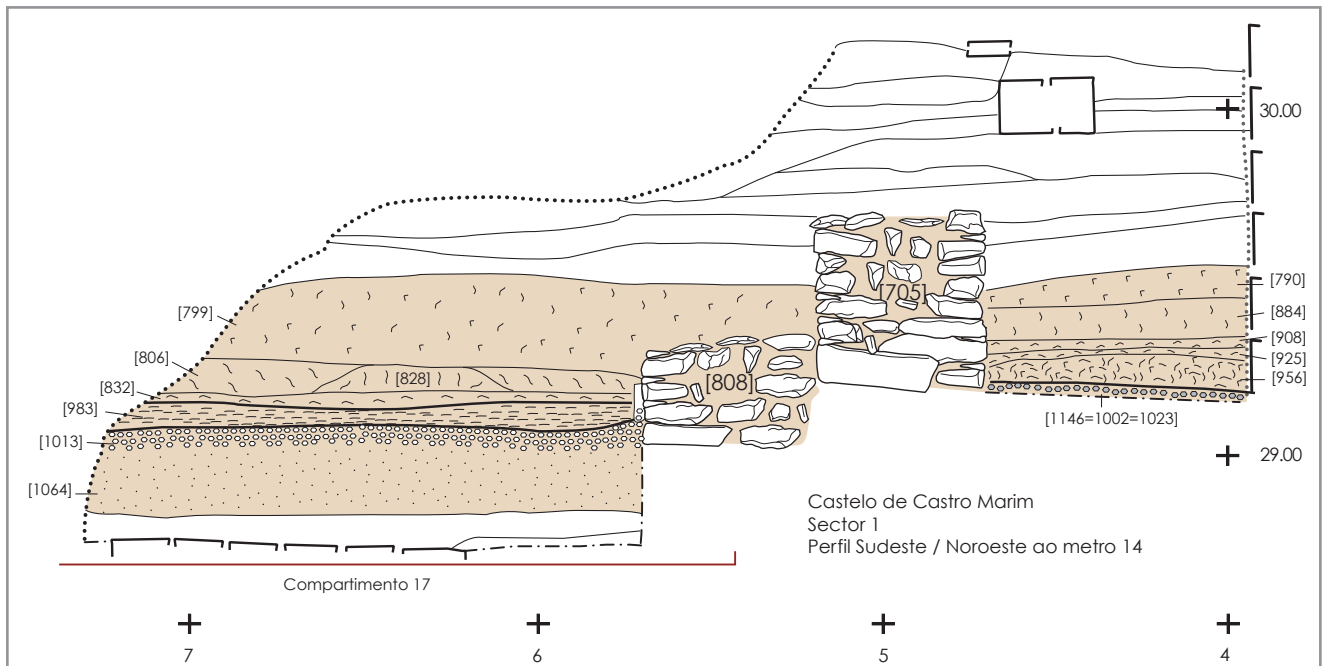
5 cm

Cerâmica manual do compartimento 20 da fase IV .



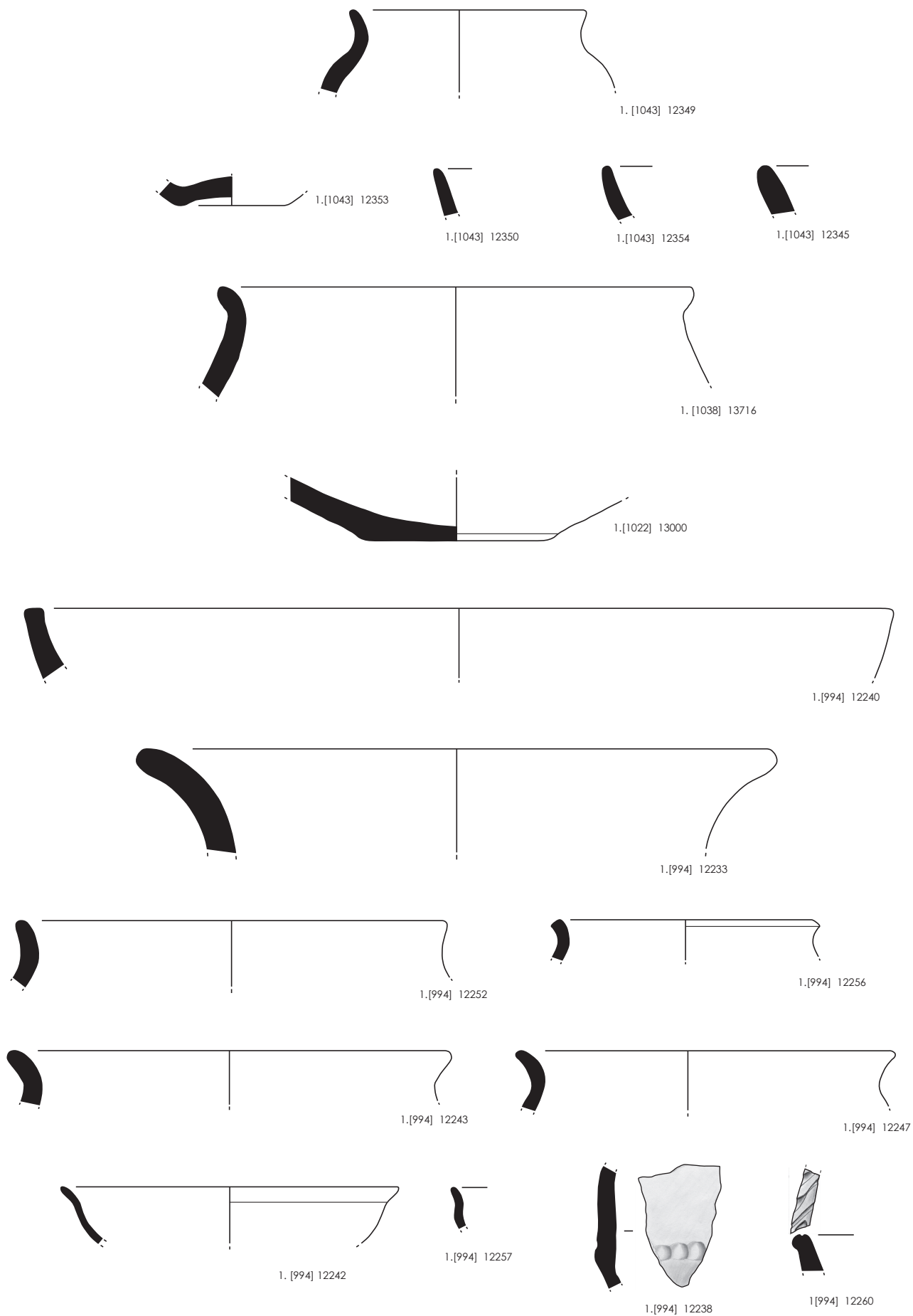
5 cm

Cerâmica manual do compartimento 21 da fase IV .

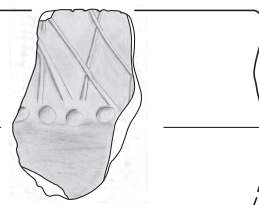
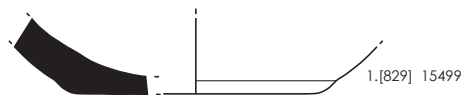


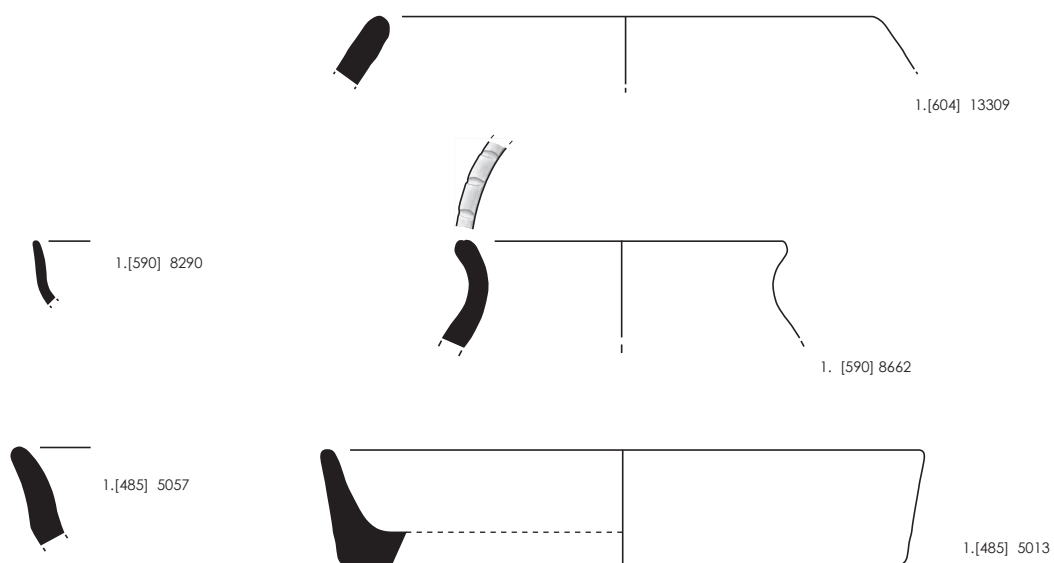
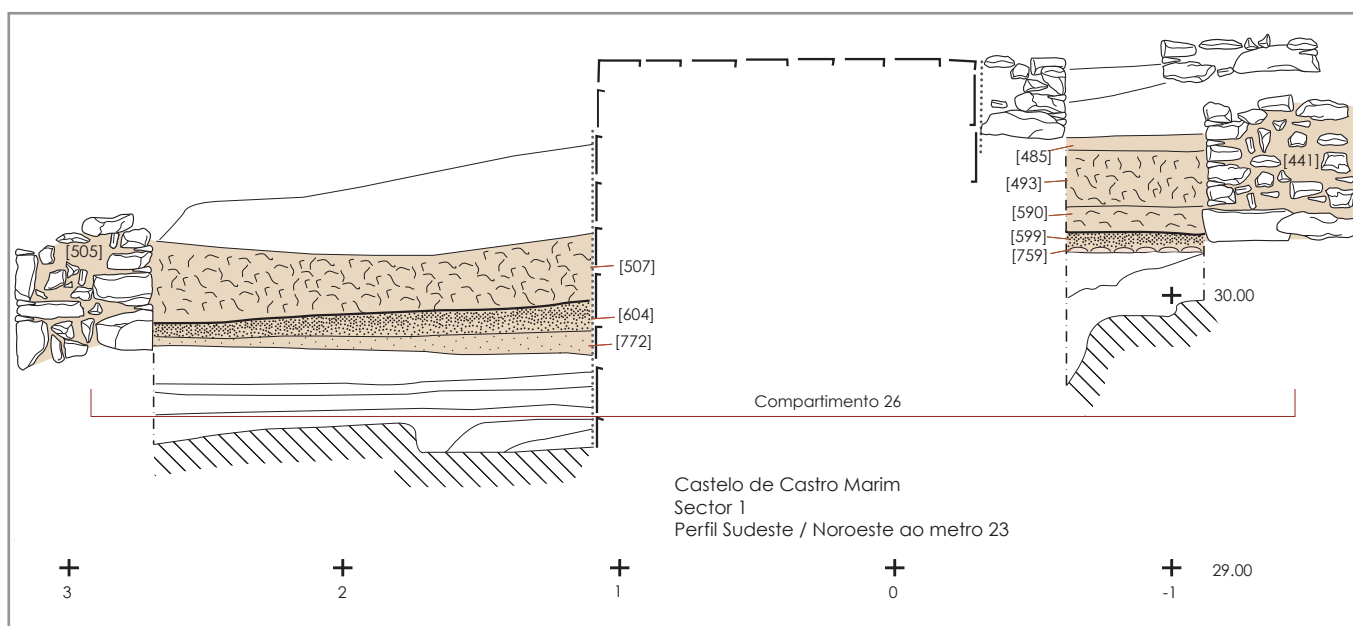
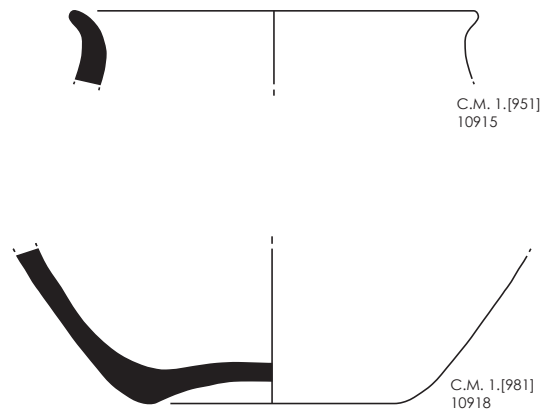
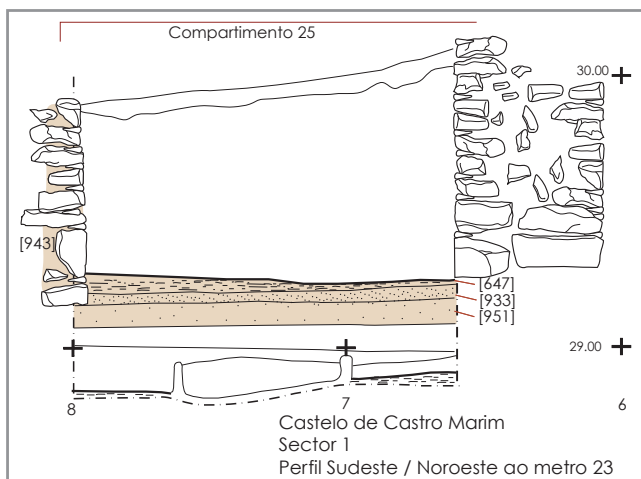
5 cm

Cerâmica manual do compartimento 22 da fase IV .

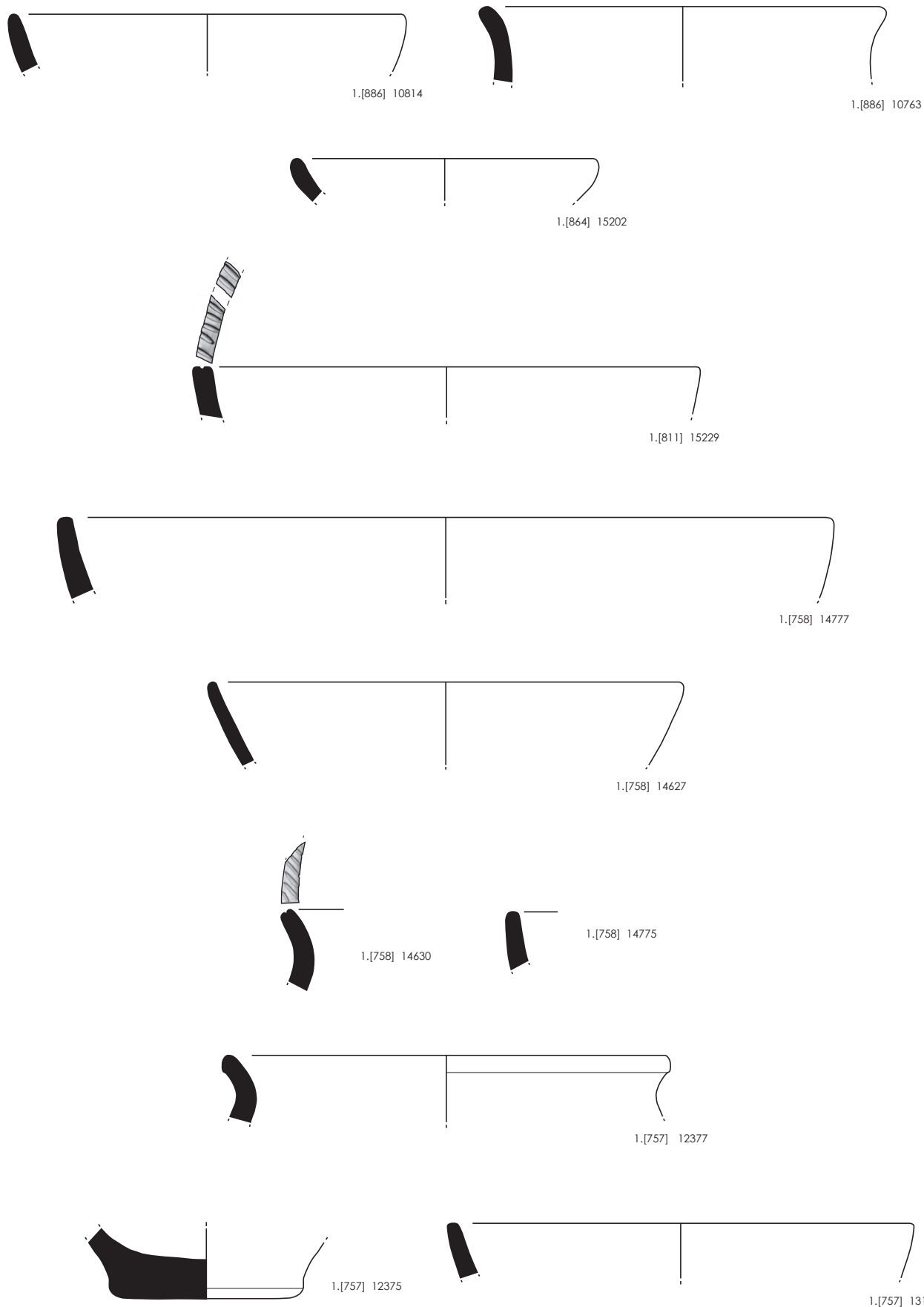


5 cm



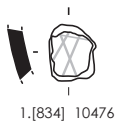
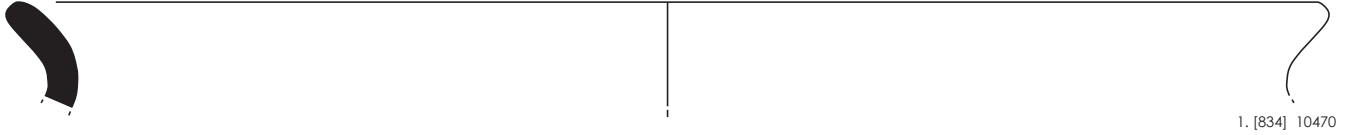
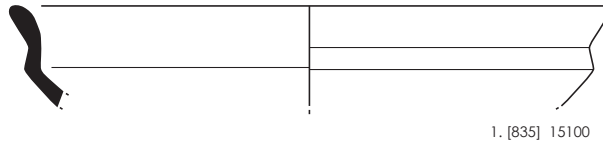


5 cm

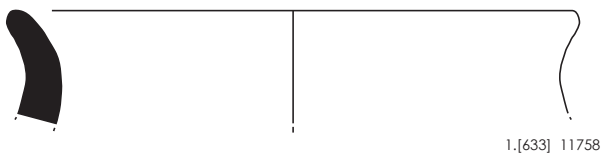
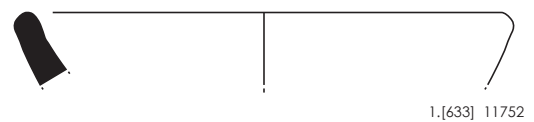
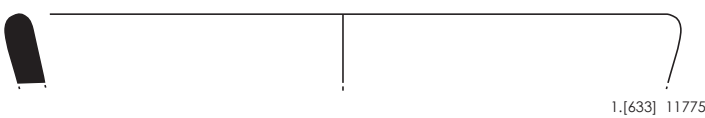
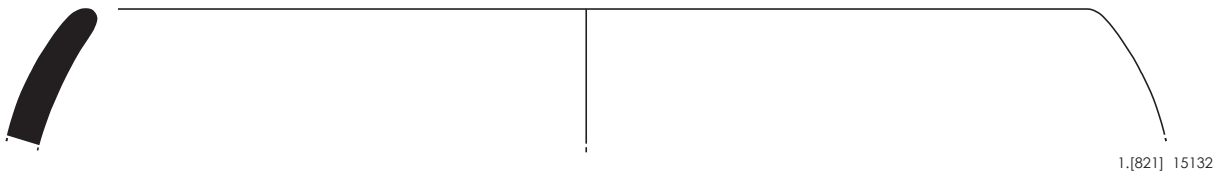
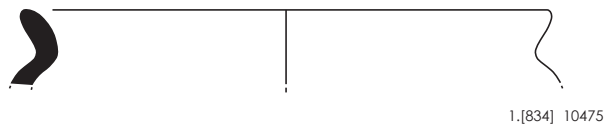
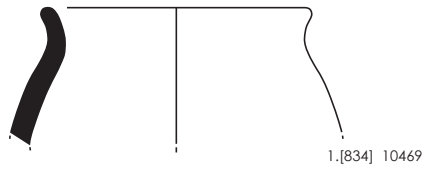


5 cm

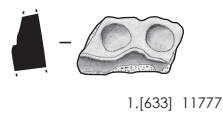
Cerâmica manual da área de acesso ao compartimento 27 da fase IV .



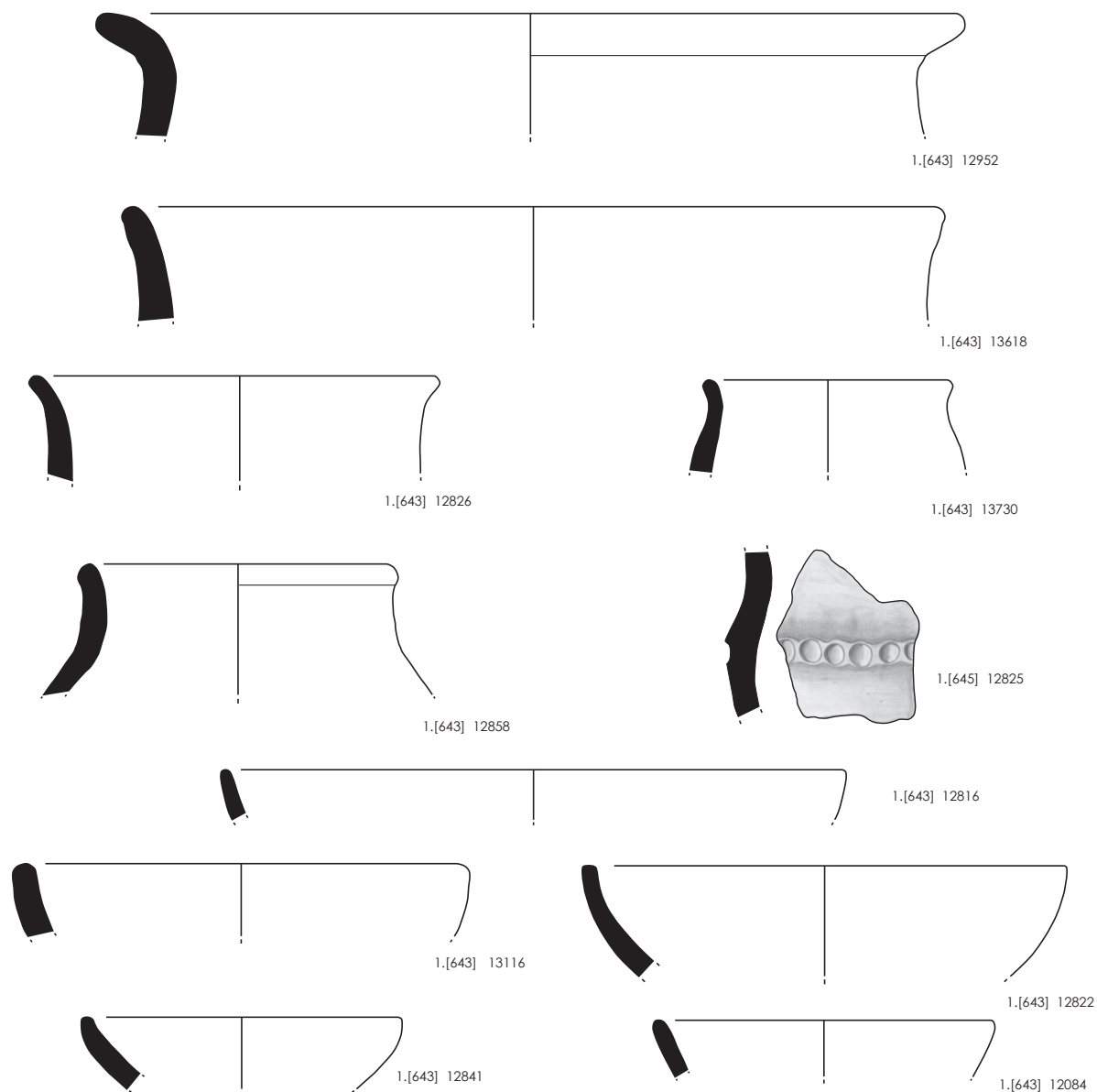
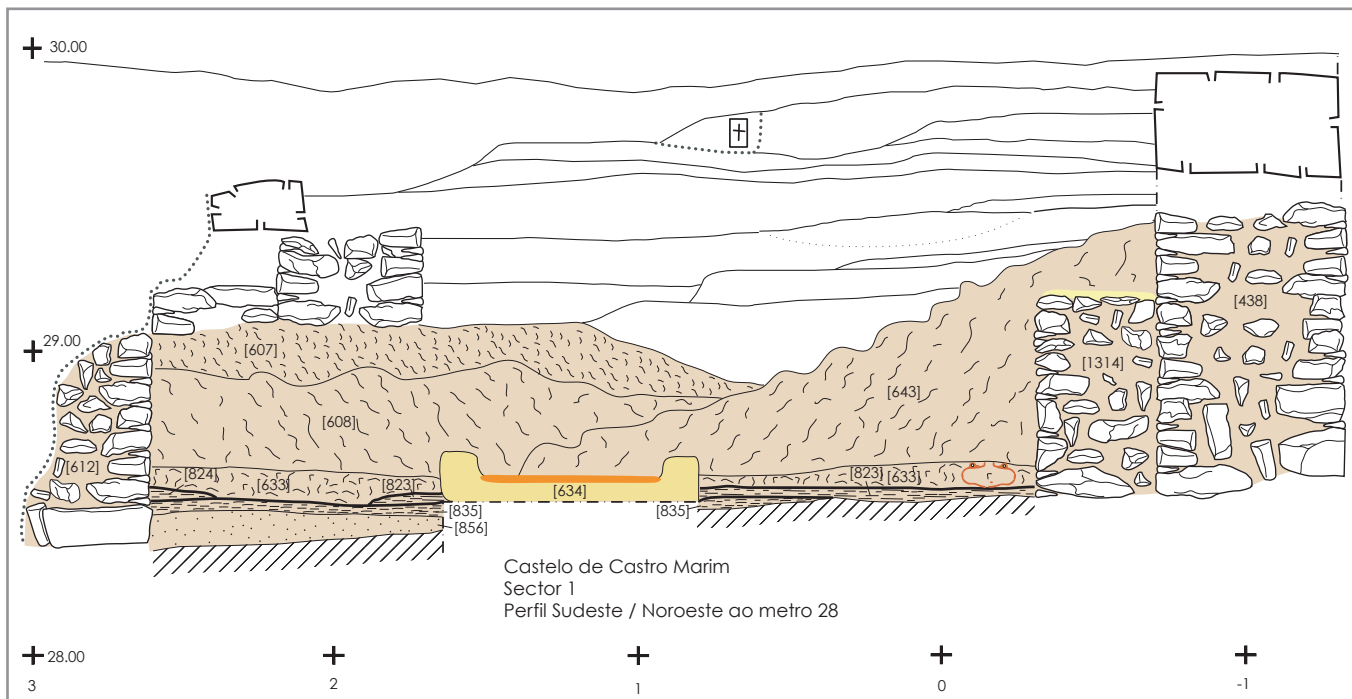
□ - Decoração brunida



■ - Pintura vermelha

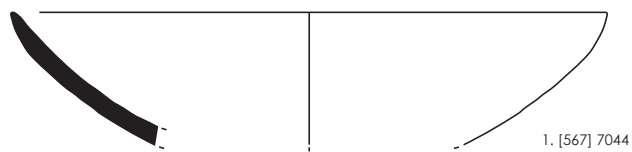
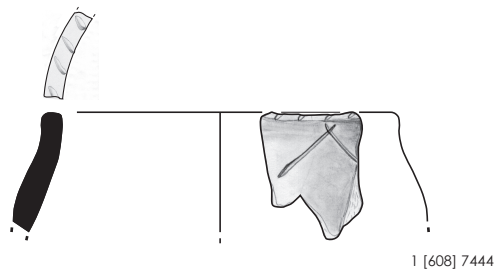
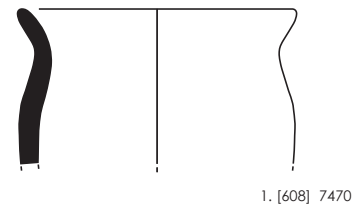
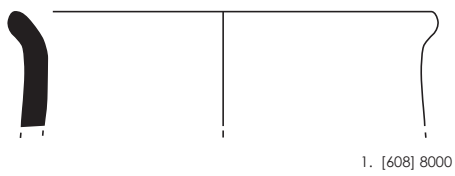
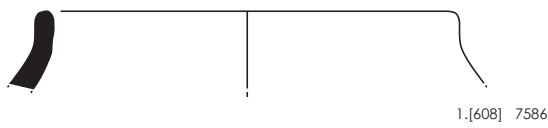
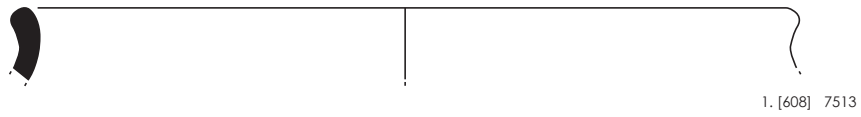
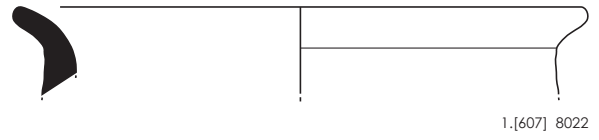
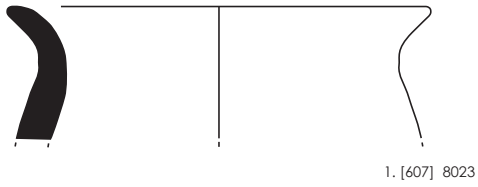
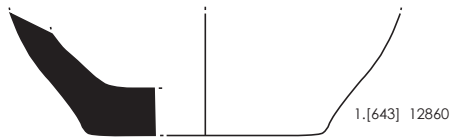


5 cm

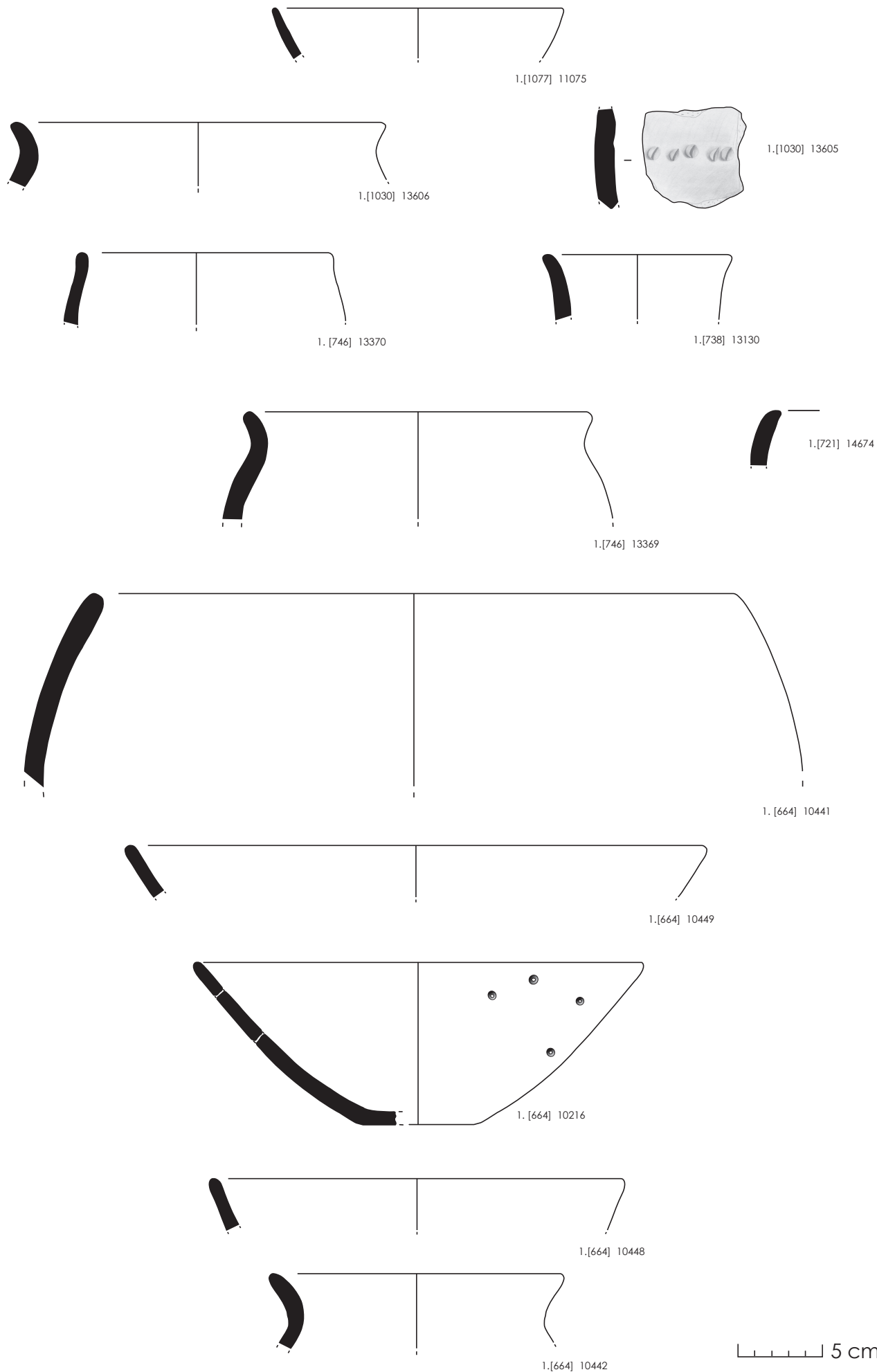


Cerâmica manual do compartimento 27 da fase IV .

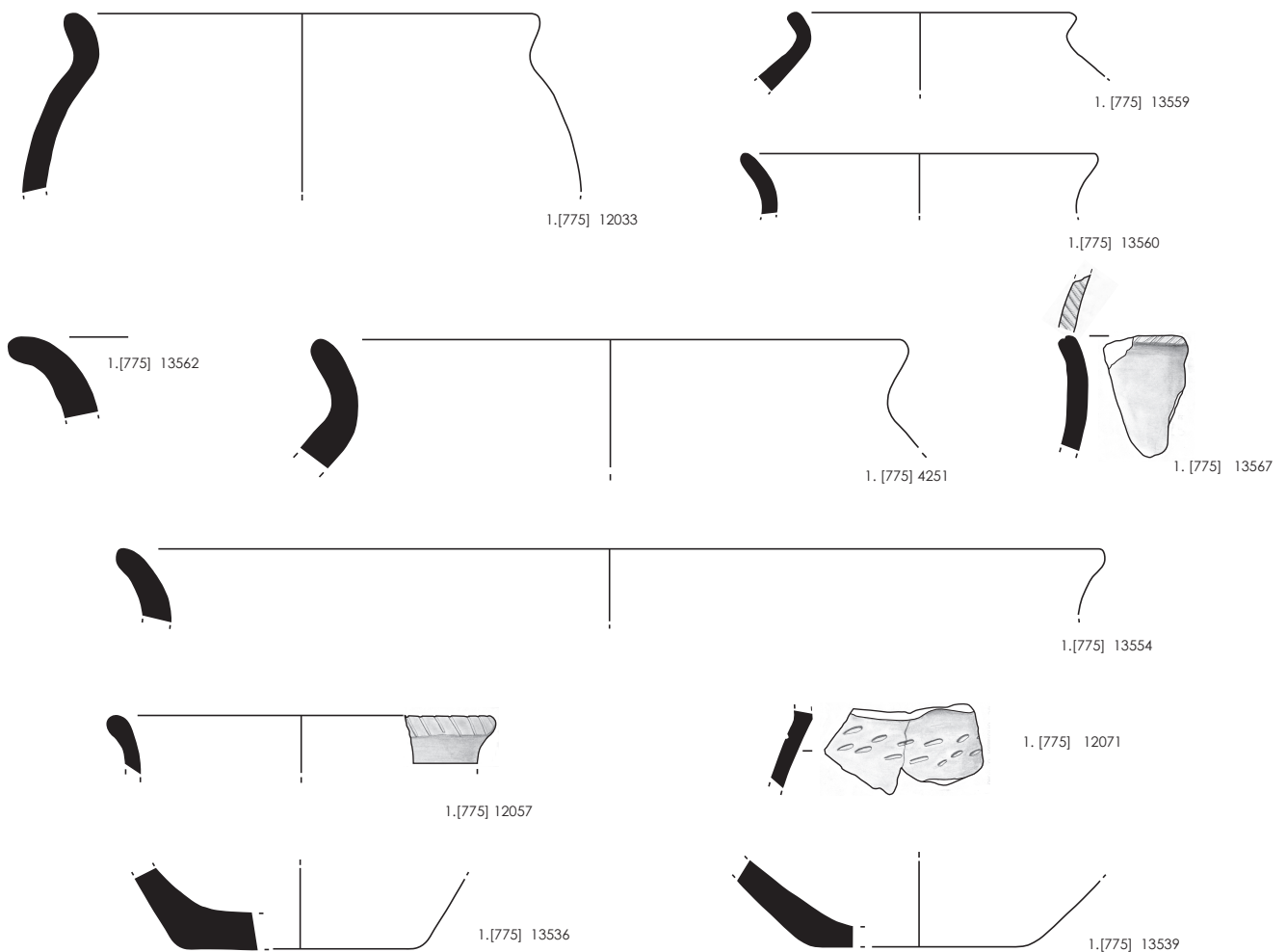
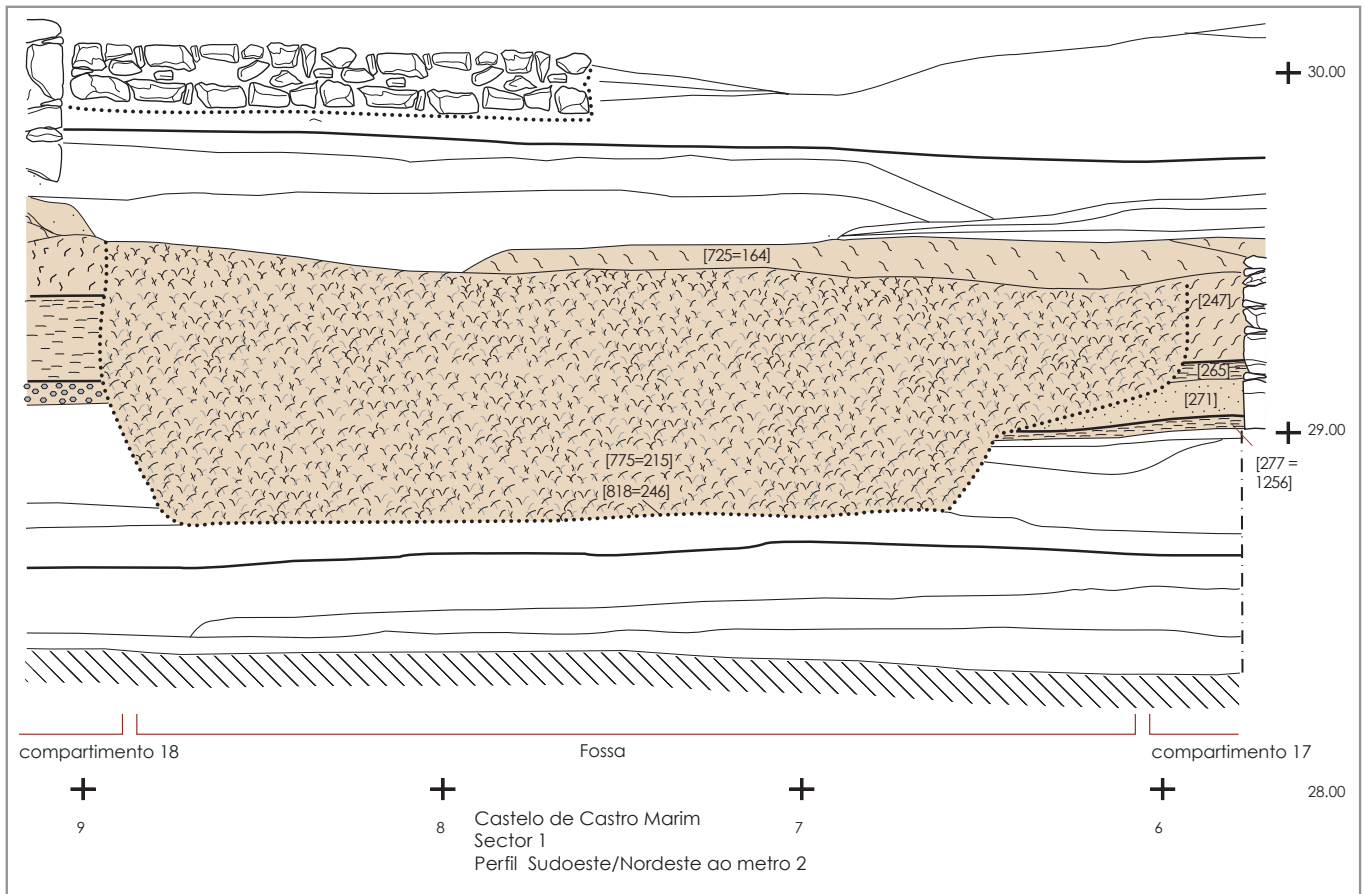
5 cm



5 cm

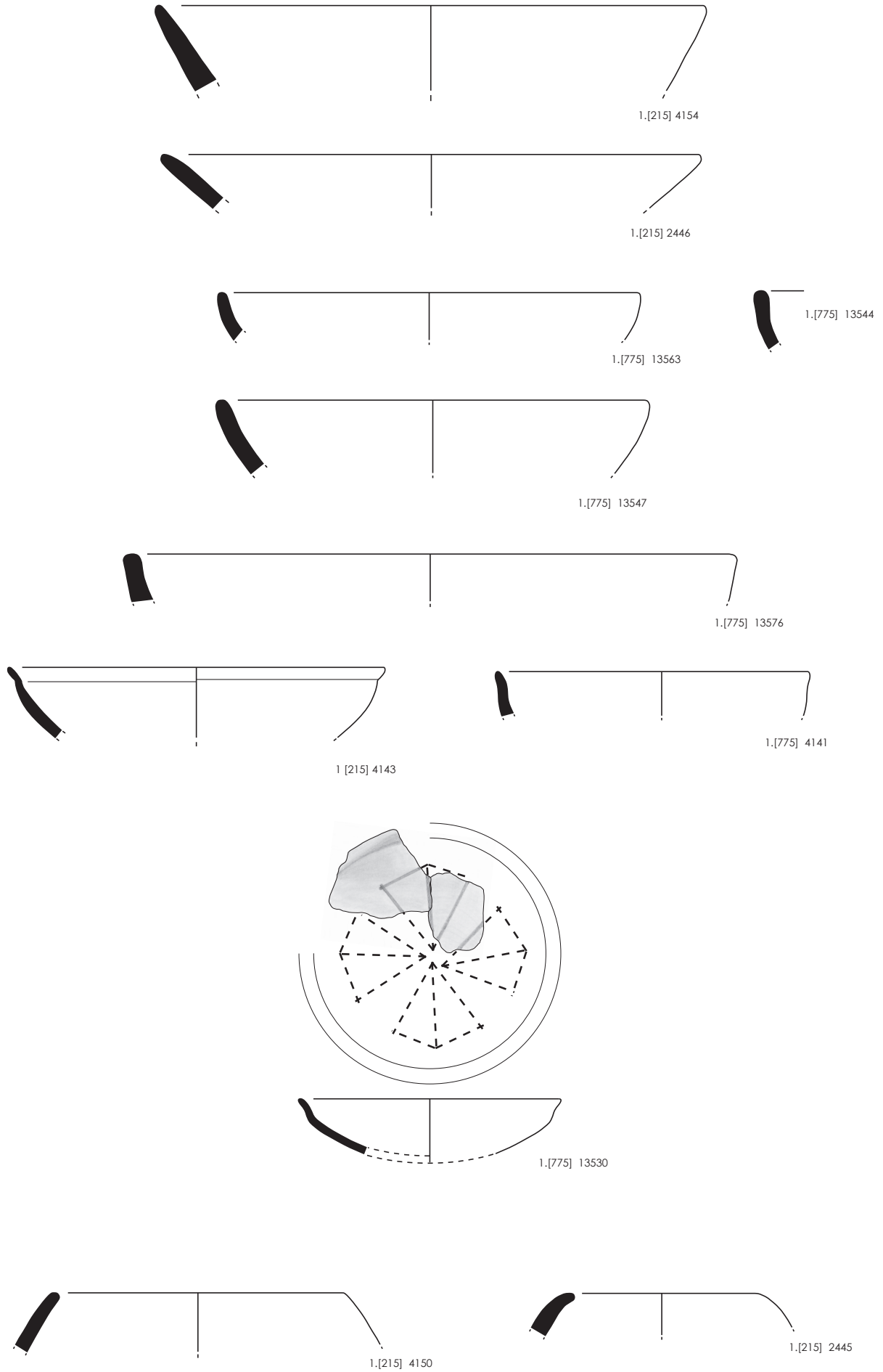


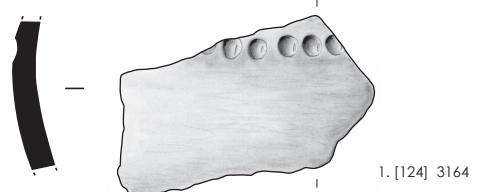
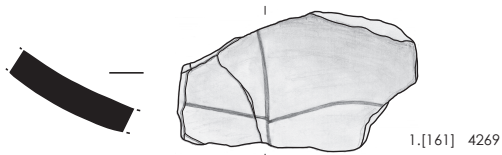
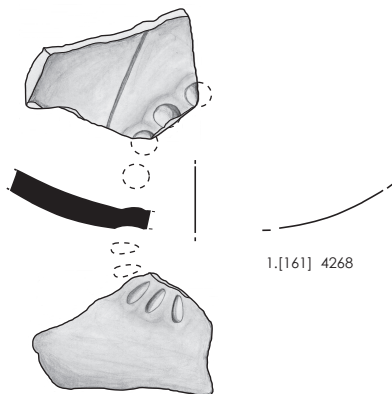
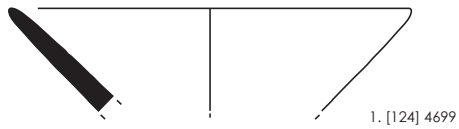
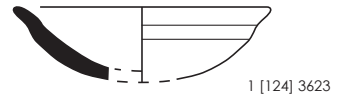
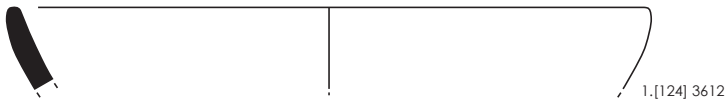
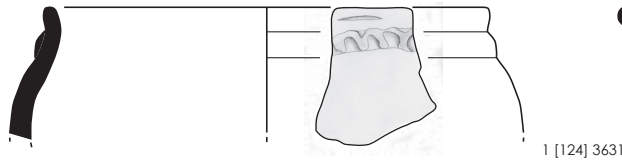
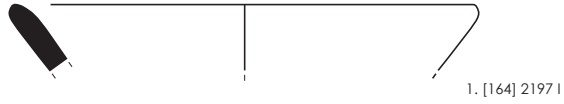
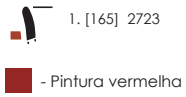
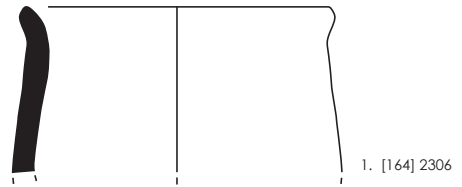
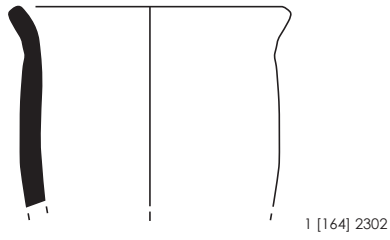
Cerâmica manual da praça entre compartimentos 21, 22, 25 e 26.

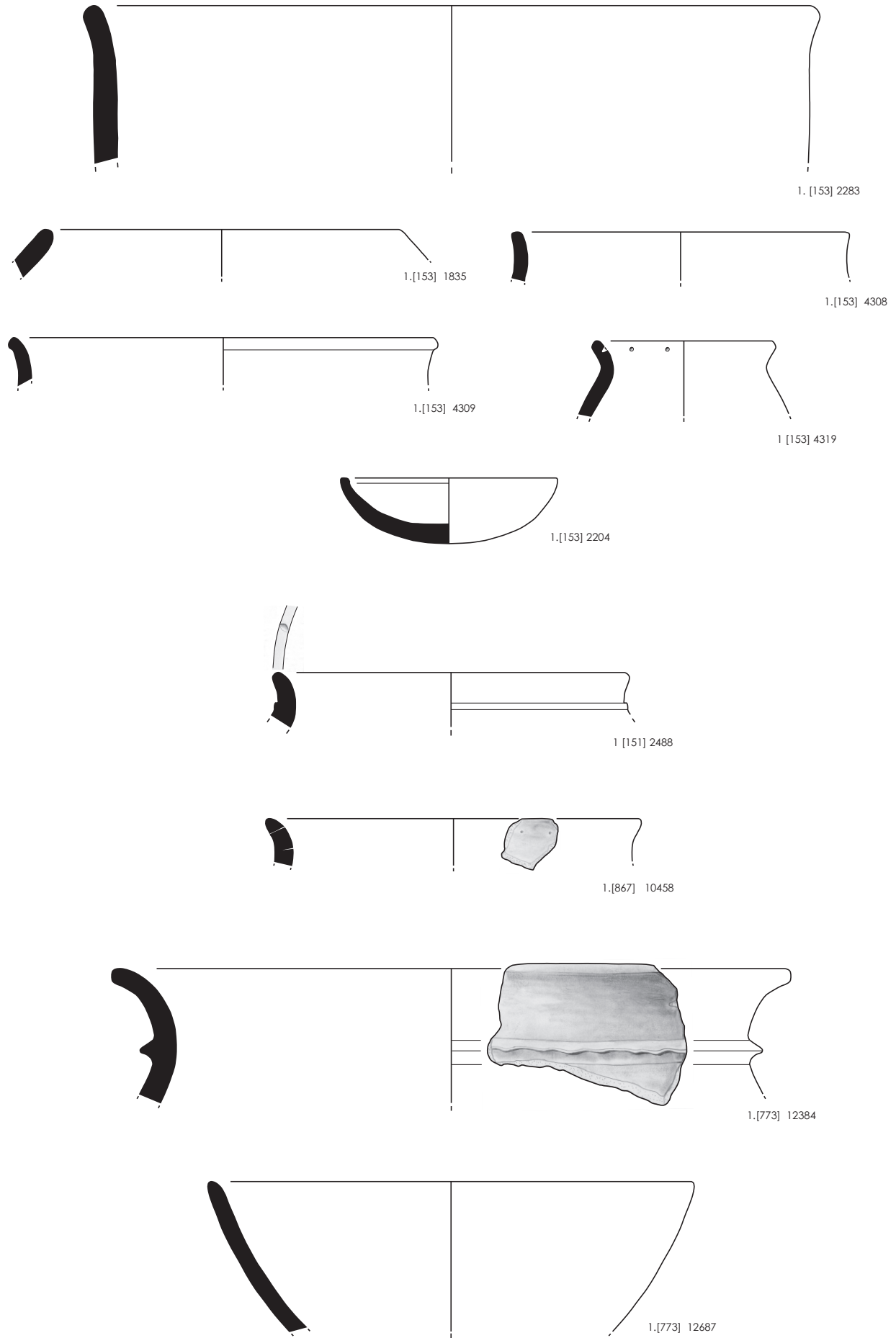


Cerâmica manual da fossa [215/775] da fase IV .

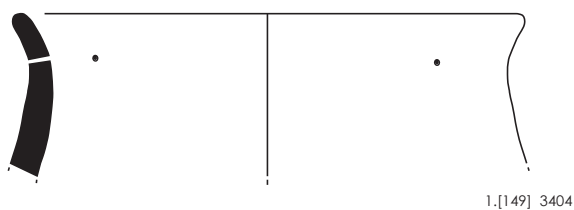
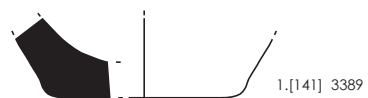
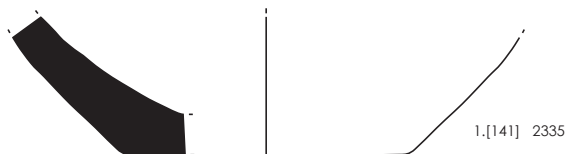
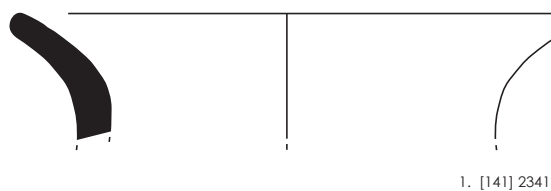
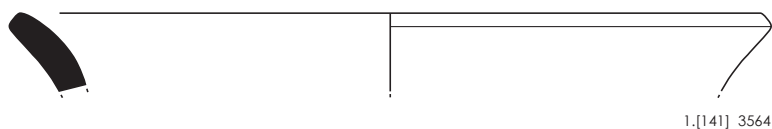
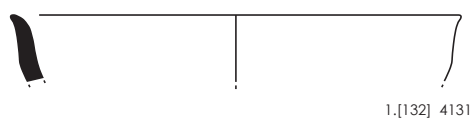
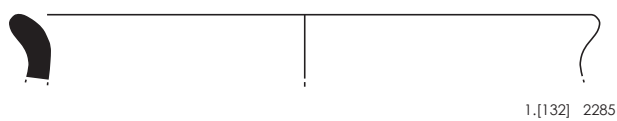
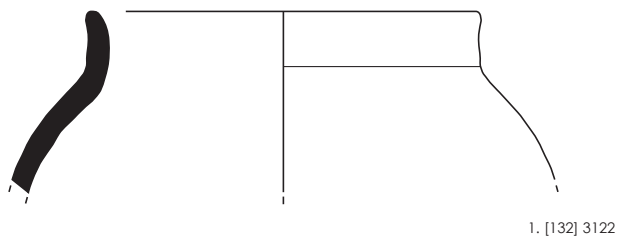
5 cm



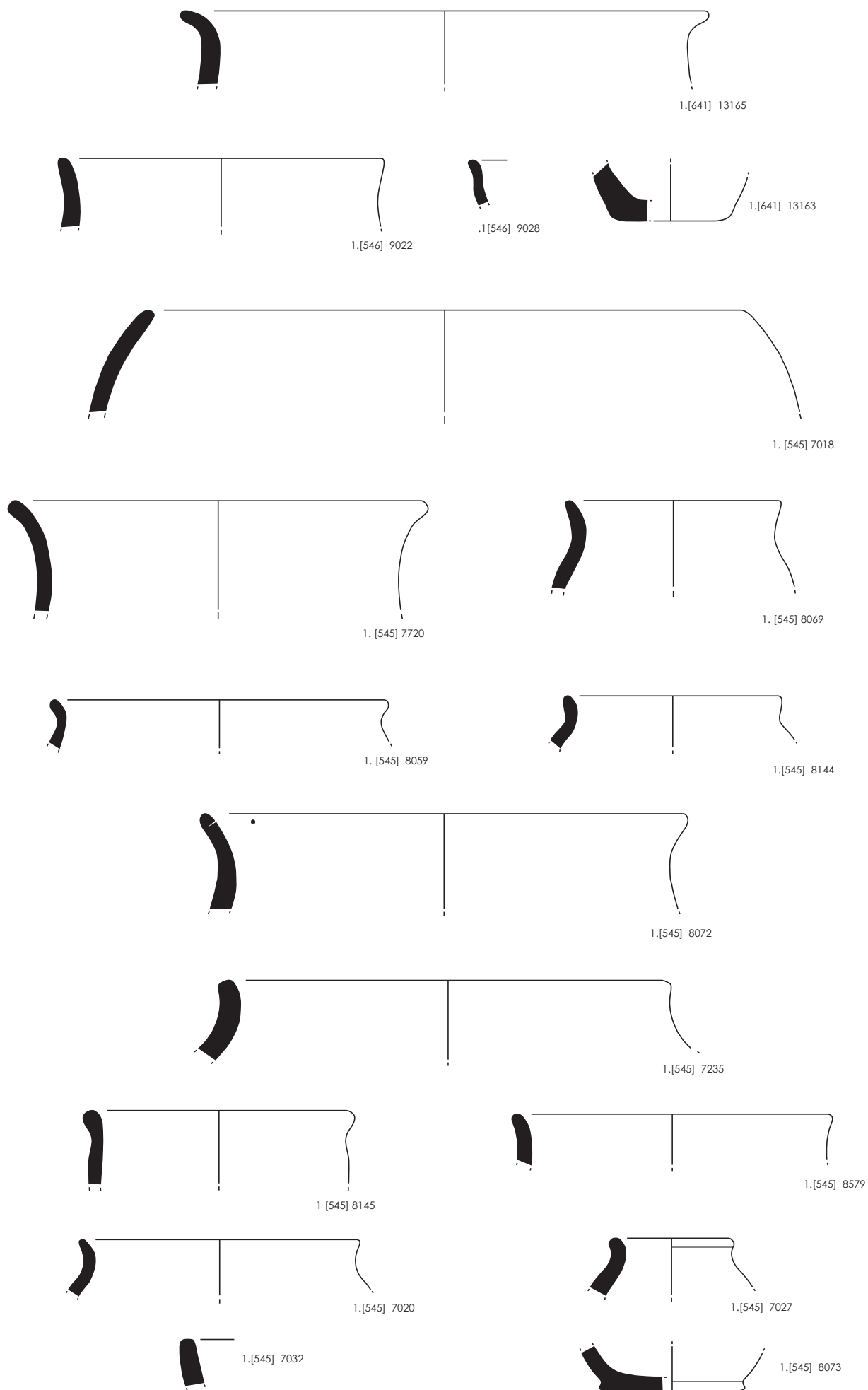




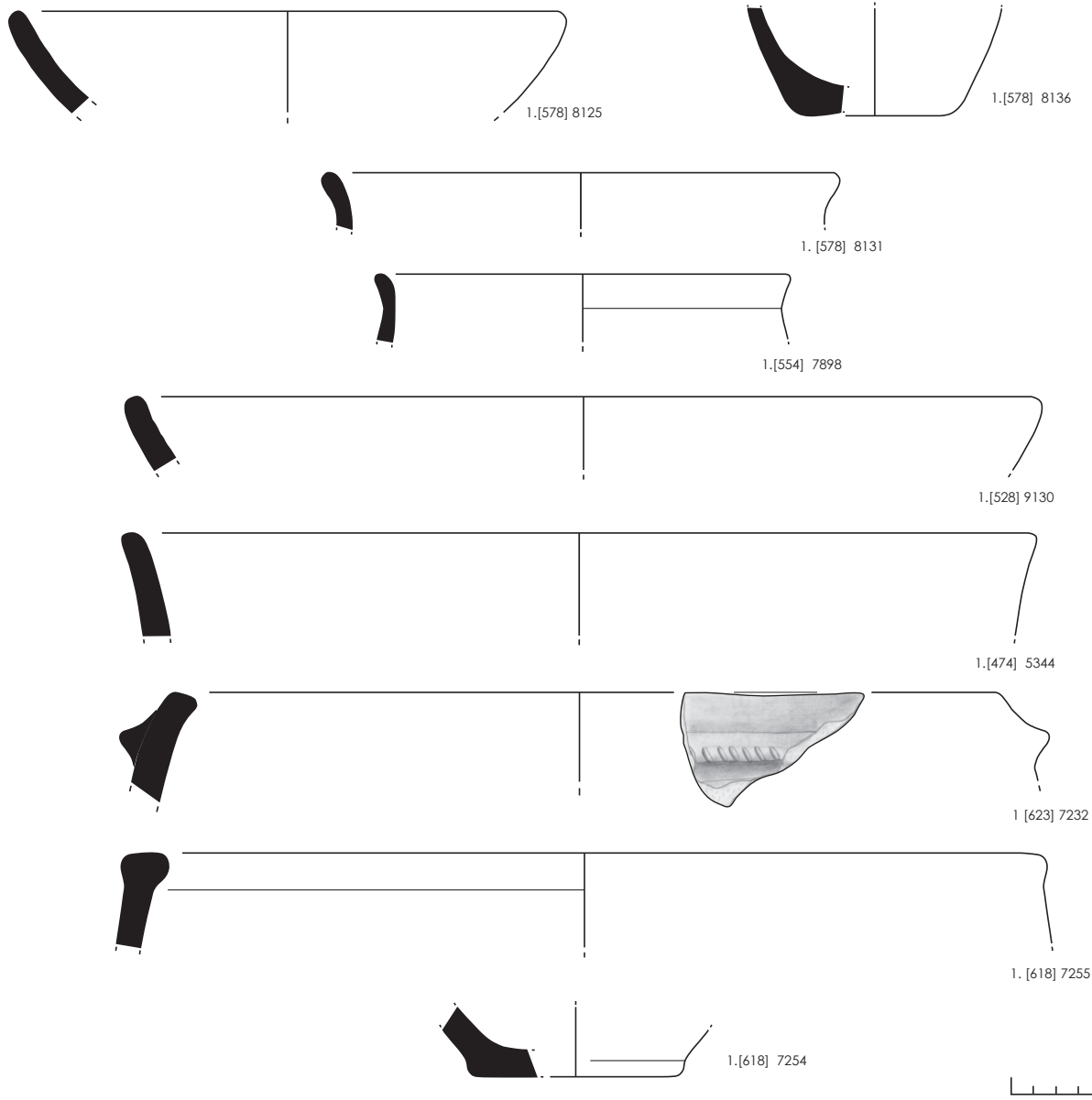
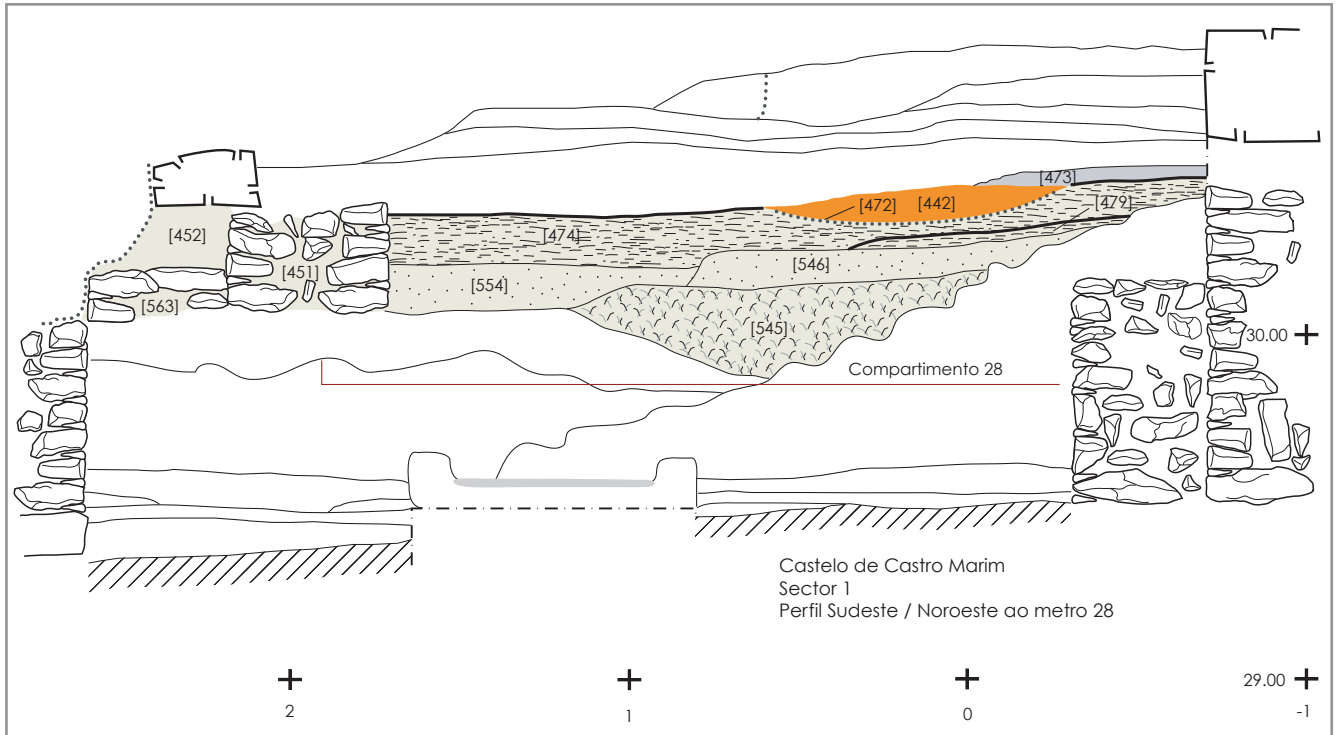
5 cm



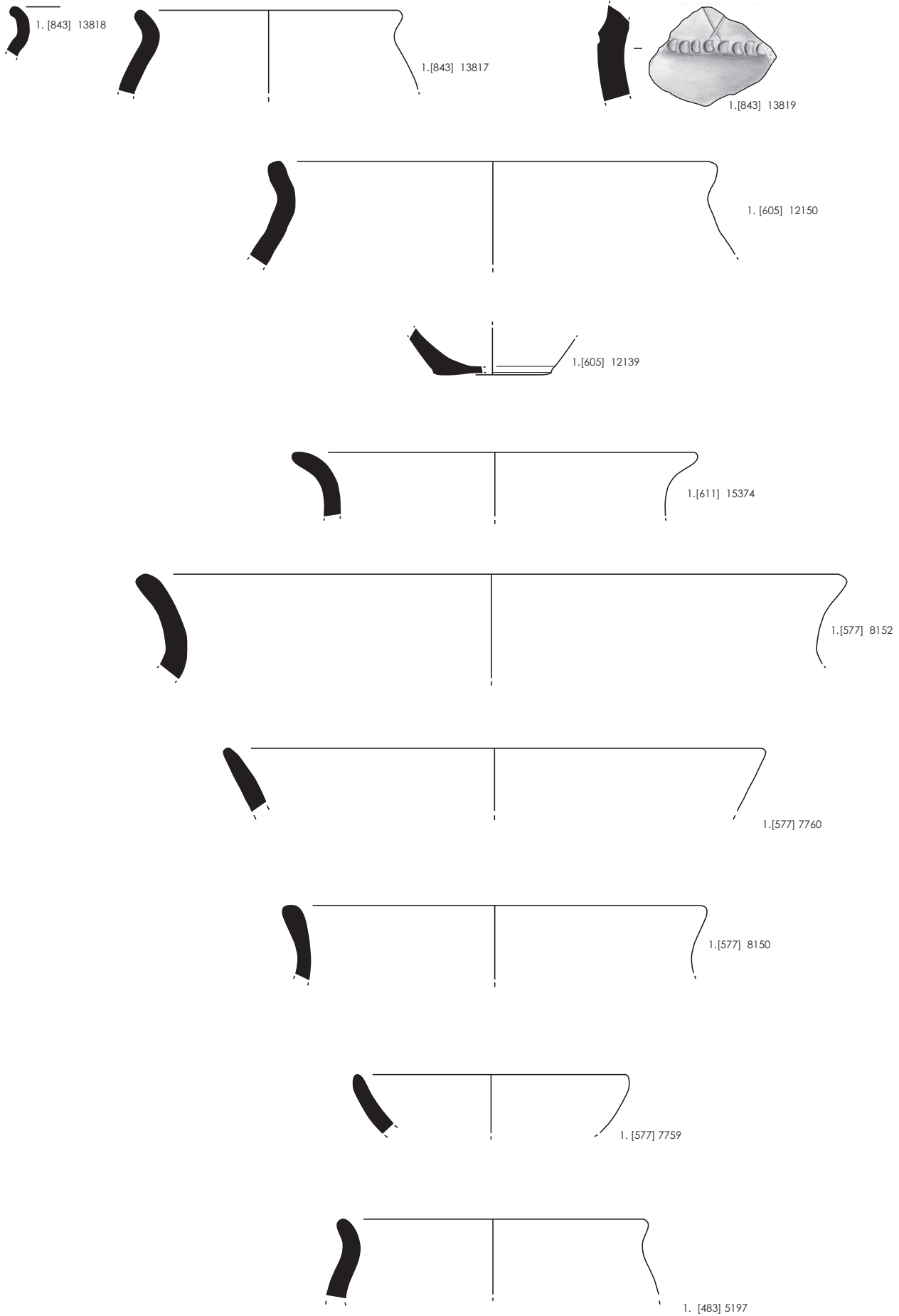
5 cm



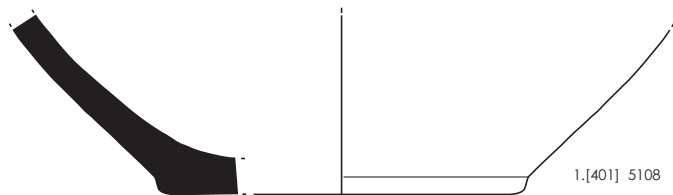
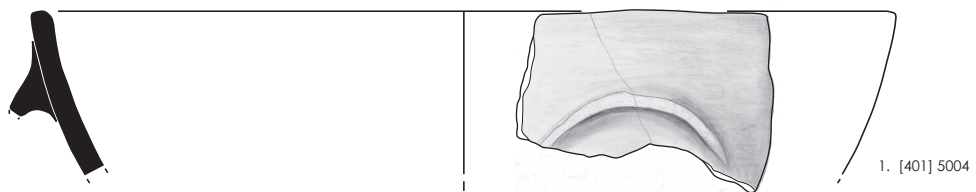
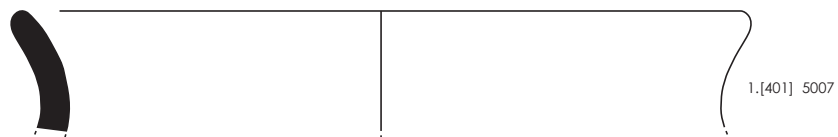
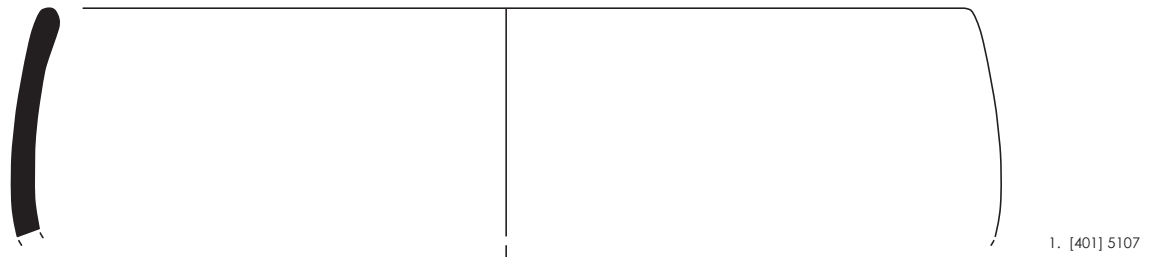
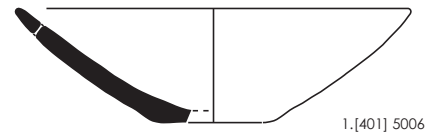
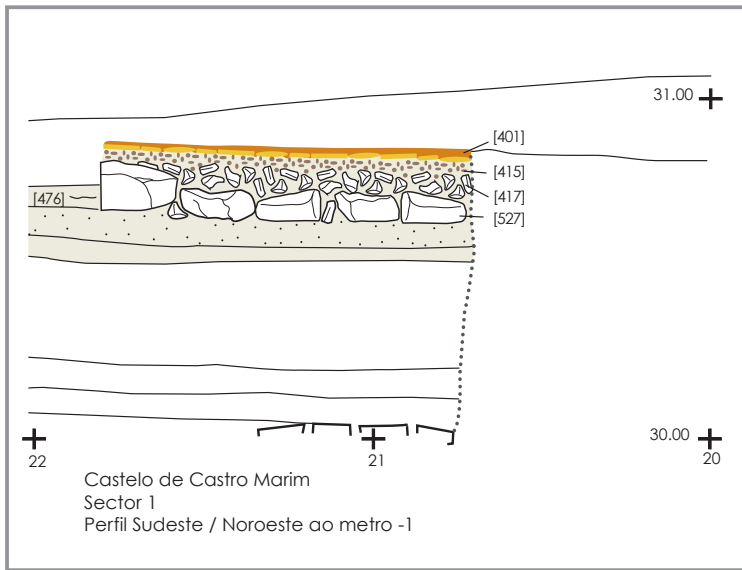
Cerâmica manual da construção do compartimento 28 da fase V.



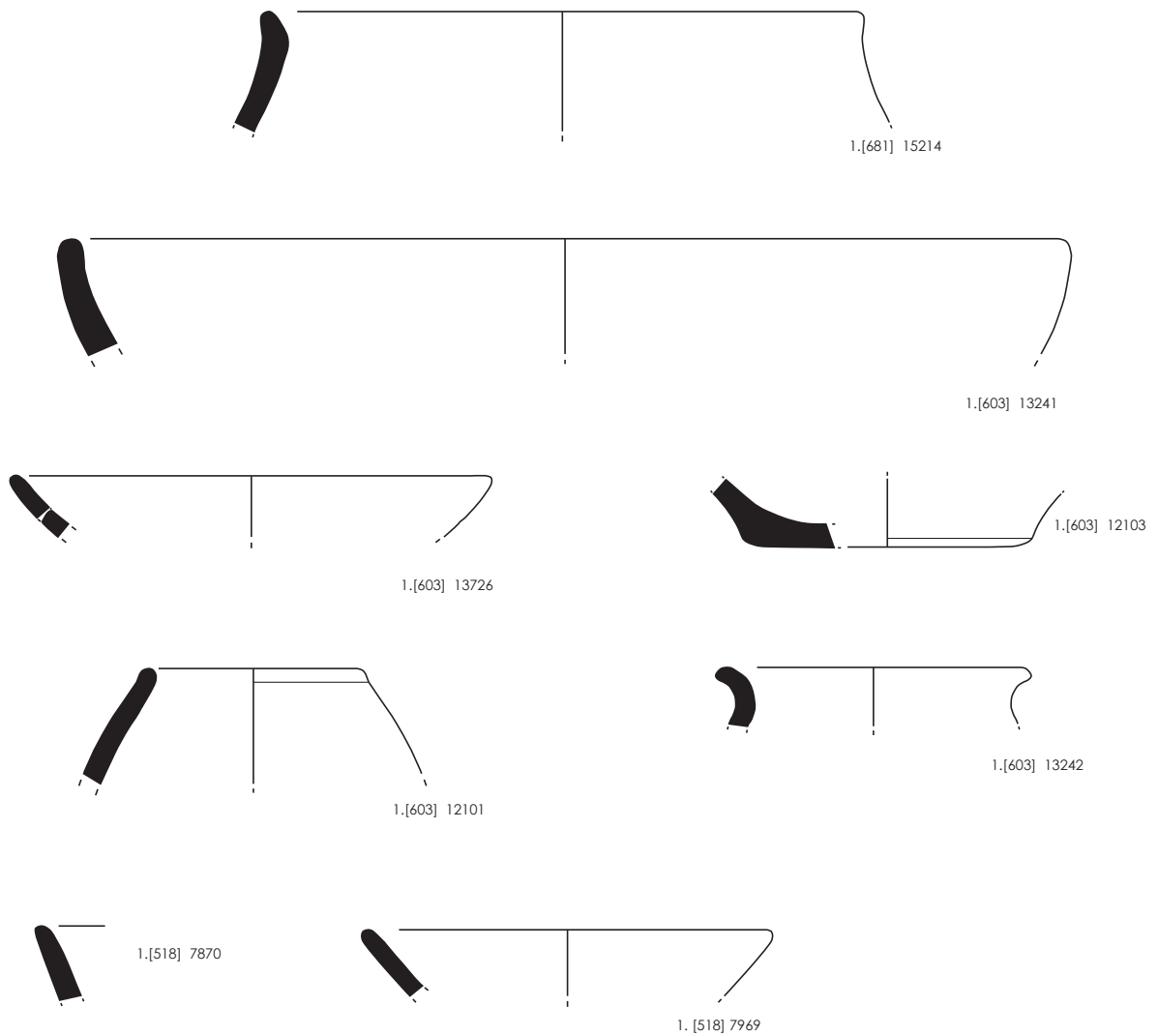
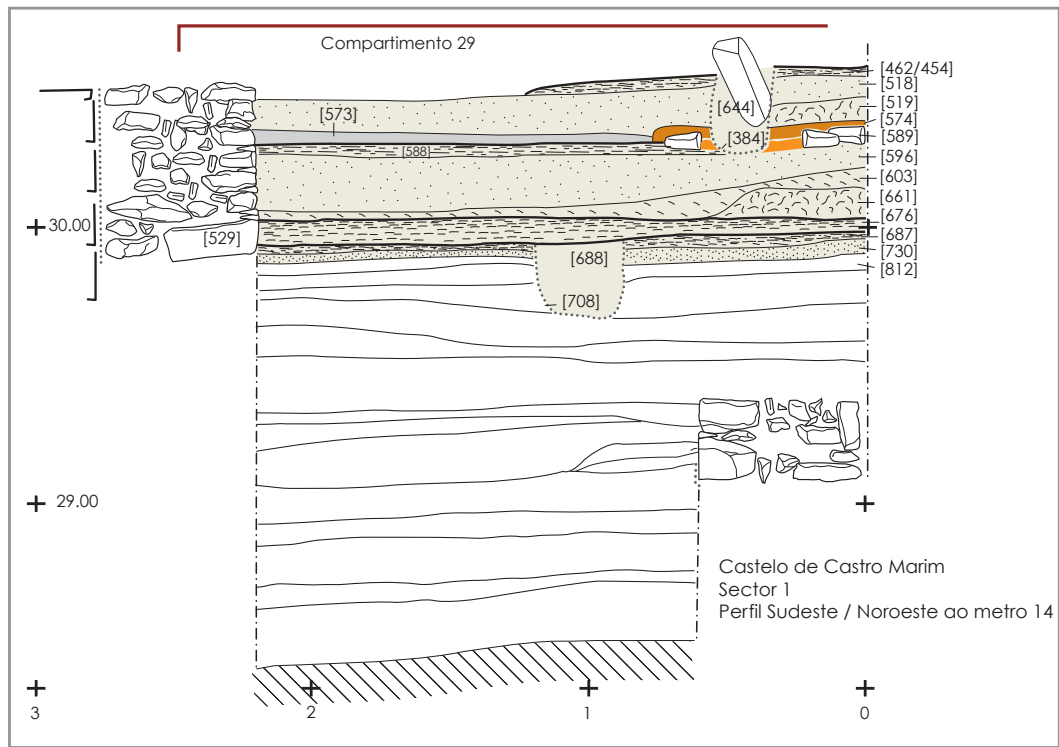
Cerâmica manual do compartimento 28 e da sua zona exterior exterior.



5 cm



5 cm



5 cm

Cerâmica manual do compartimento 29 da fase V.



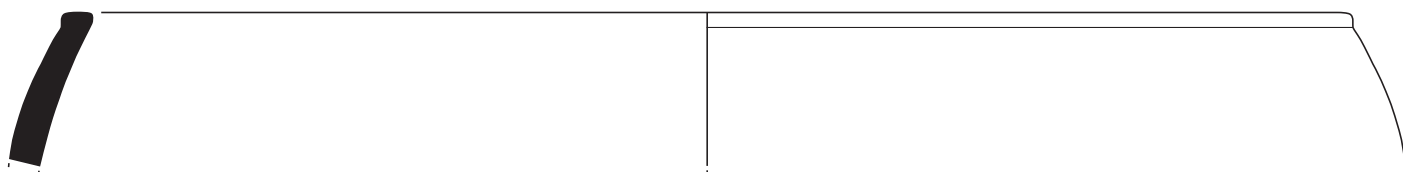
1.[750/751] 12729



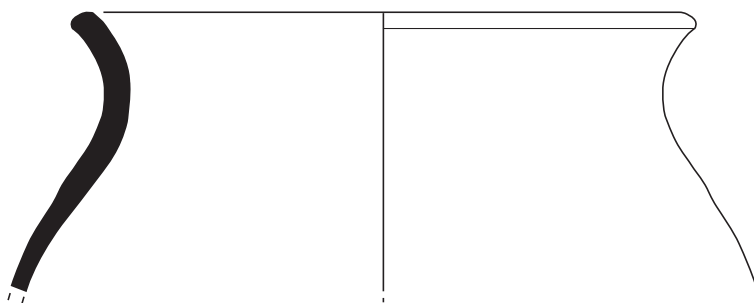
1.[750/751] 12731



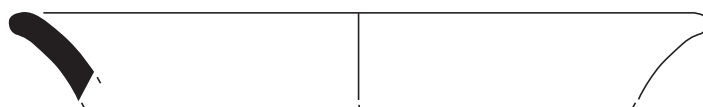
1.[750] 12730



1. [680] 12203



1.[680] 12200



1.[680] 12188



1.[670] 12078

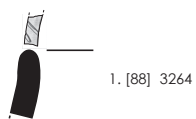
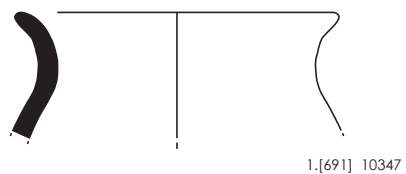
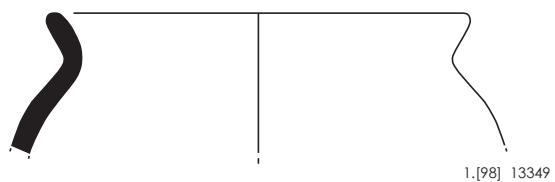
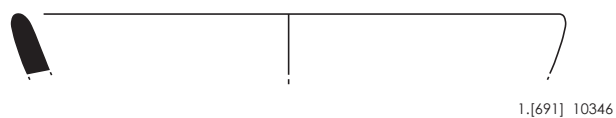
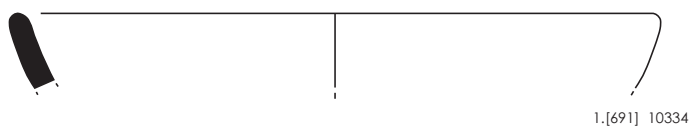
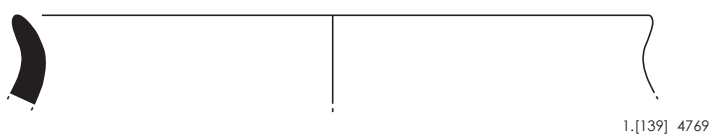
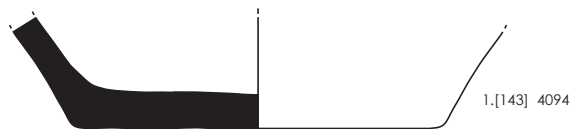
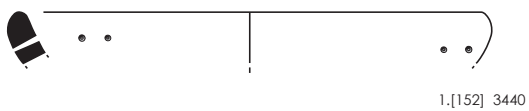


1.[670] 12079

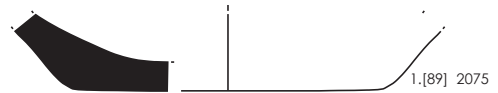
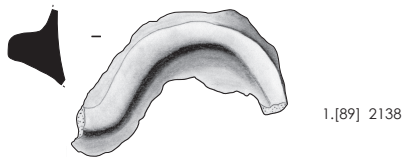
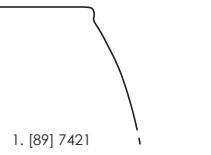
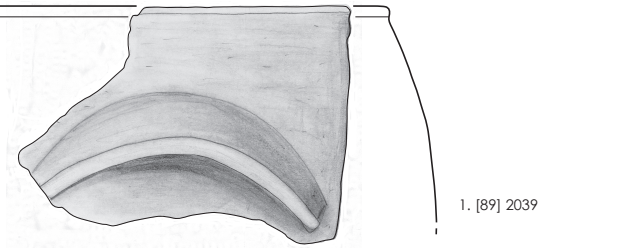
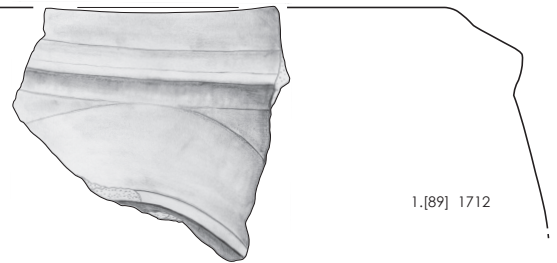
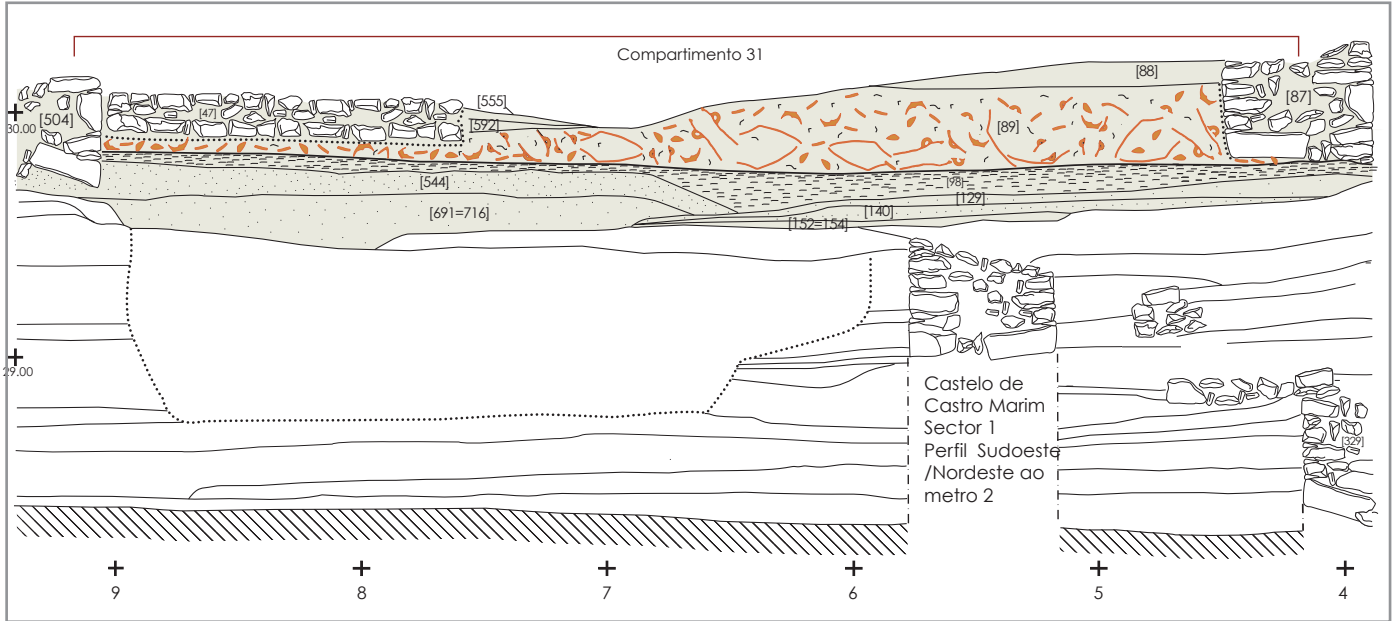


1.[670] 12072

5 cm

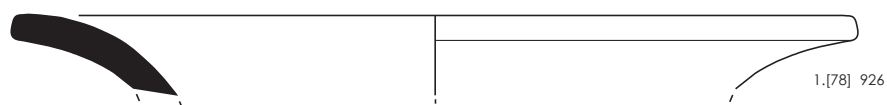
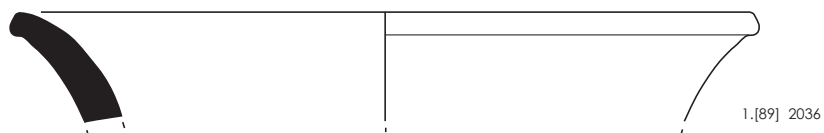
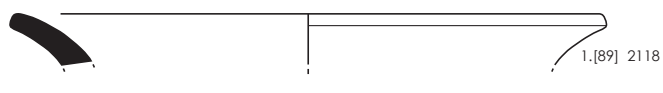
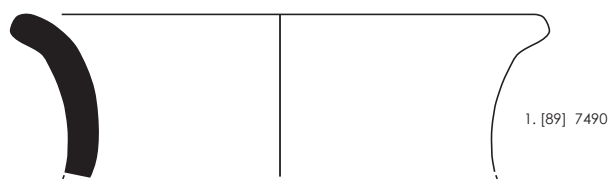
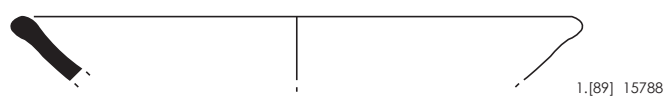
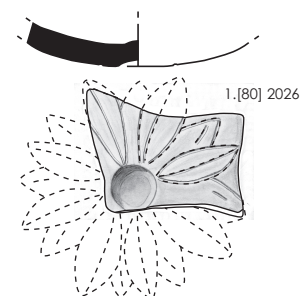
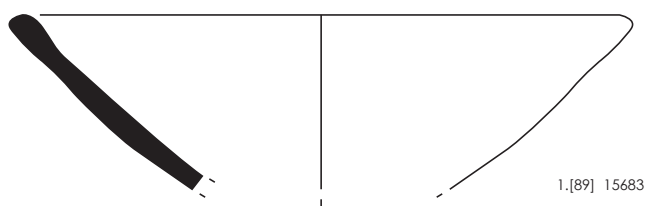
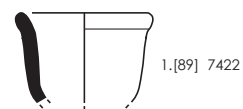
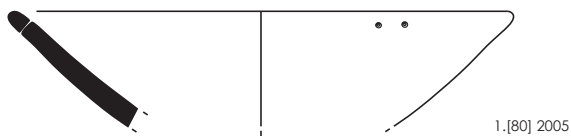
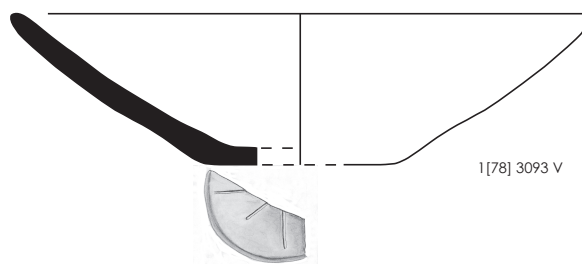
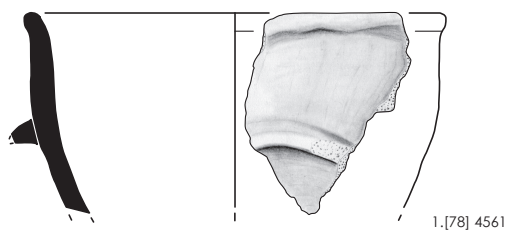


5 cm

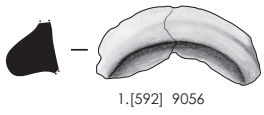


Cerâmica manual do compartimento 31 da fase V.

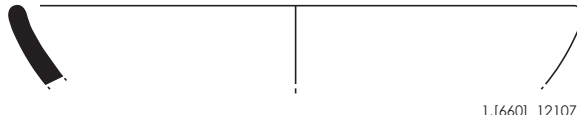
5 cm



5 cm



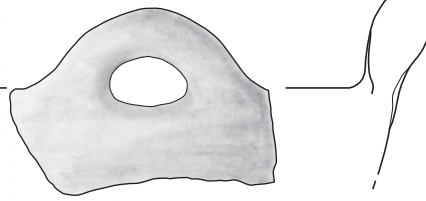
1.[592] 9056



1.[660] 12107



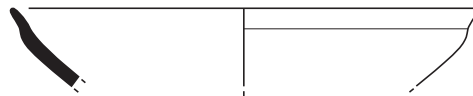
1 [592] 7723



1.[592] 7728



1.[592] 8286



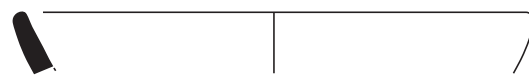
1. [555] 8029



1.[504] 14854



1.[504] 14852



1.[504] 14853



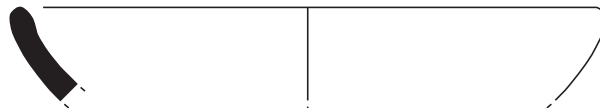
1.[70] 3370



1.[101] 2765



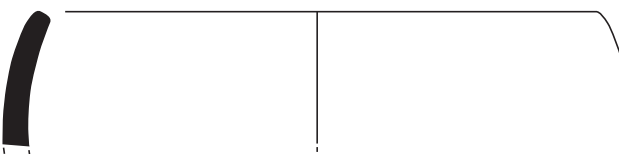
1.[68] 3024



1.[68] 2402



1.[68] 3023

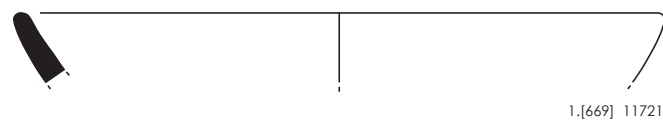
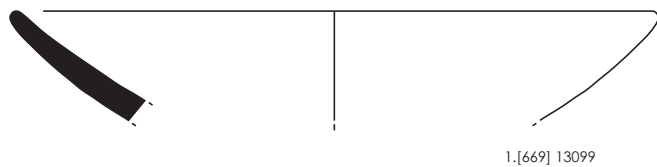
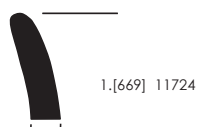
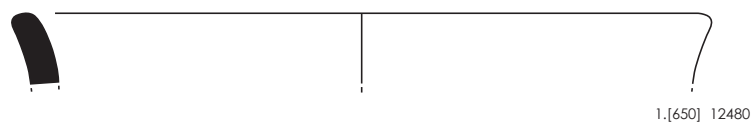
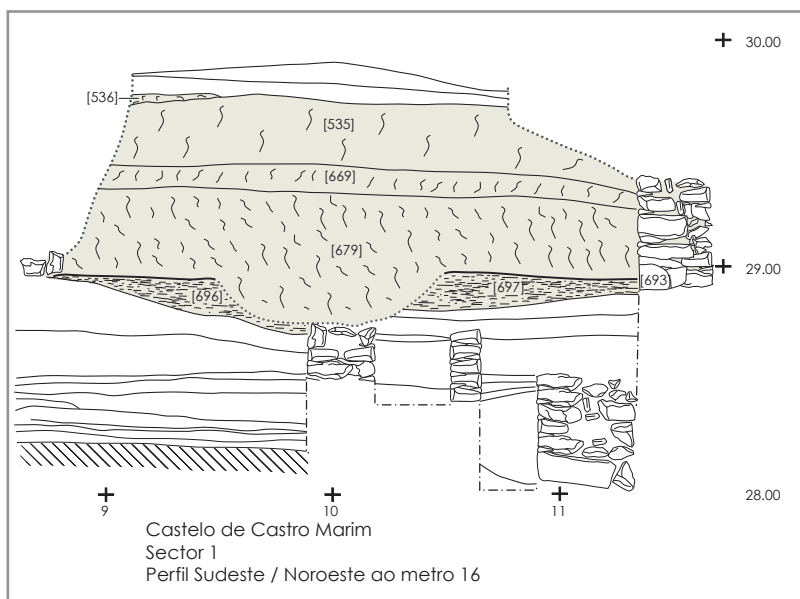


1. [68] 2412



1.[68] 3025

5 cm

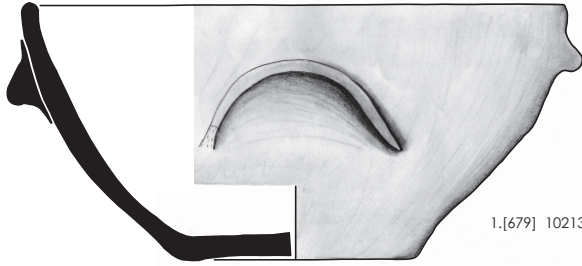


5 cm

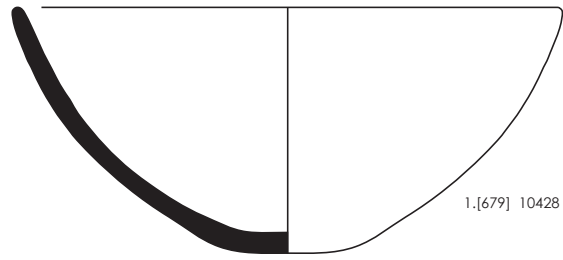
Cerâmica manual do compartimento 32 da fase V.



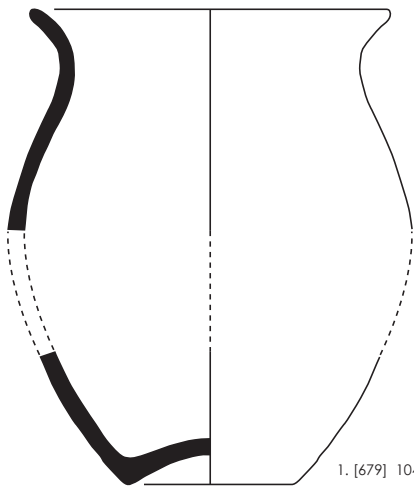
1.[679] 10434



1.[679] 10213



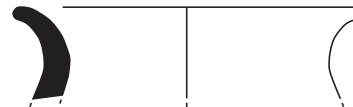
1.[679] 10428 V



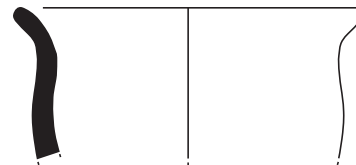
1. [679] 10426



1.[679] 10427



1.[679] 10431



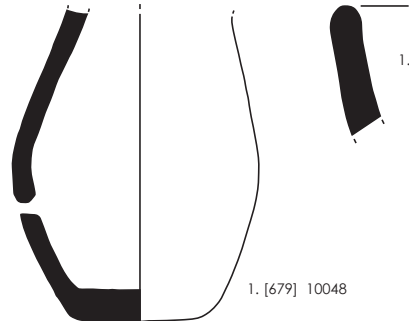
1. [679] 13627



1.[679] 13626



1.[679] 13625



1. [679] 10048

1.[679] 10429

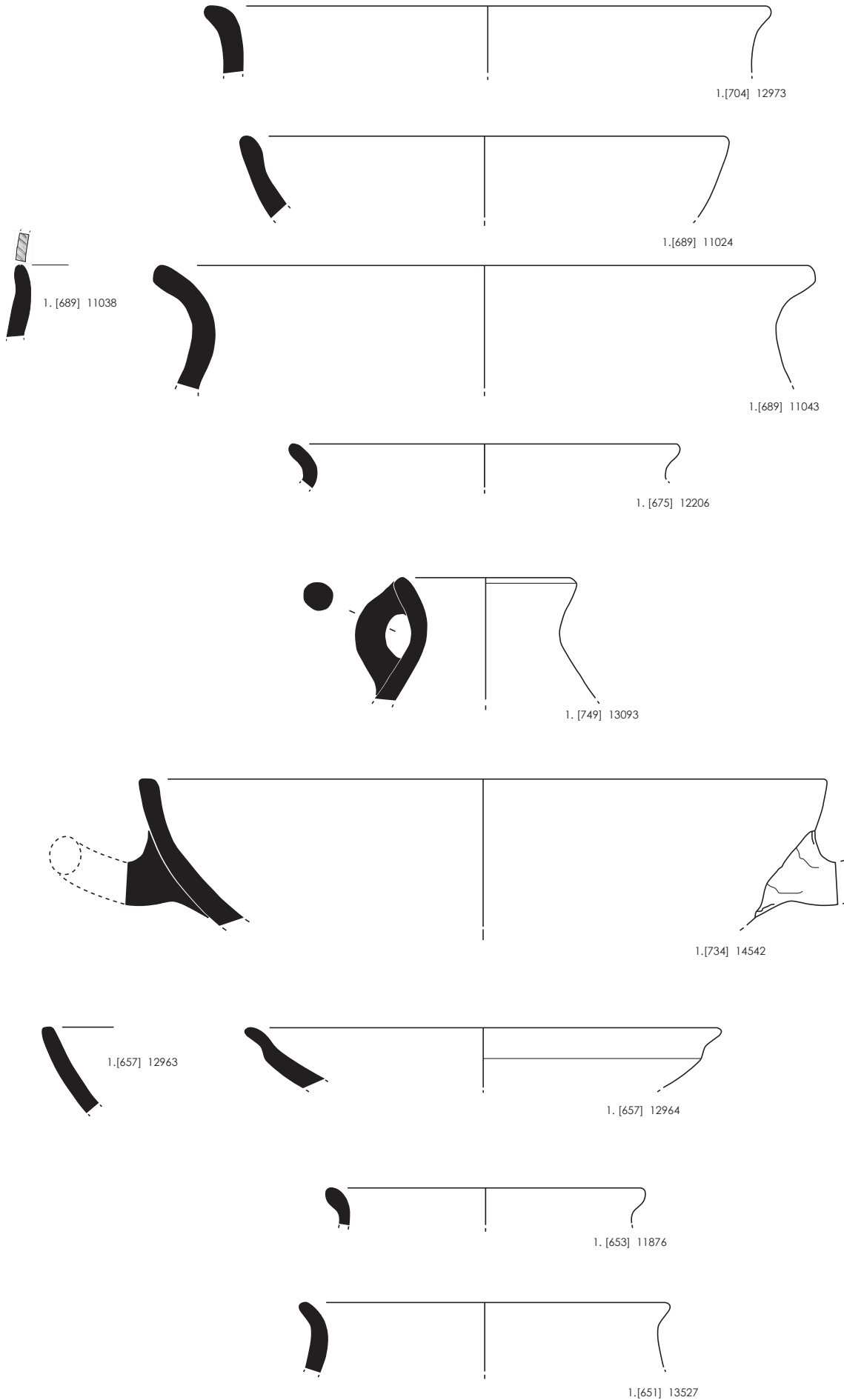


1.[679] 10433



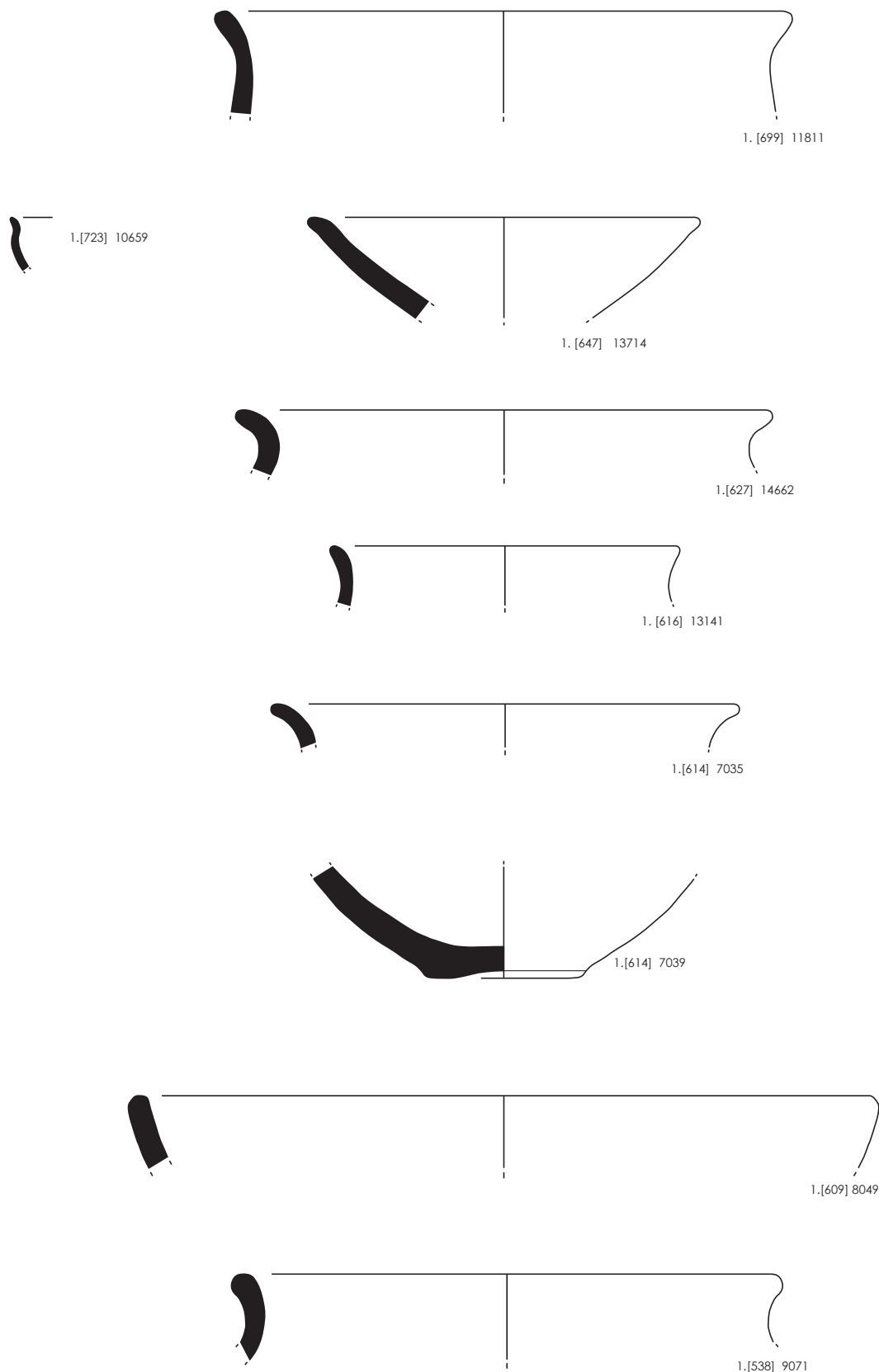
1.[679] 13630

5 cm

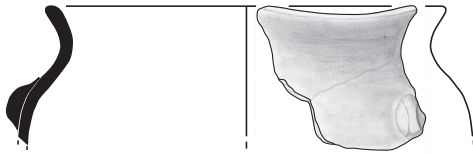
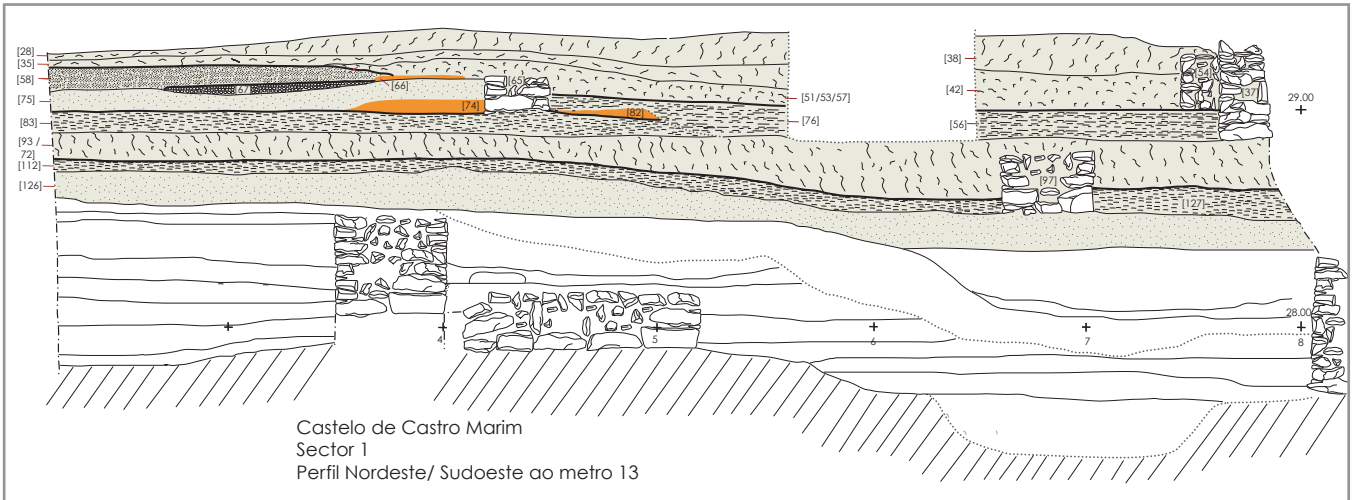


5 cm

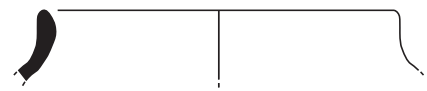
Cerâmica manual da área entre os compartimentos 28, 29 e 32 (fase V).



5 cm



1. [41] 1148

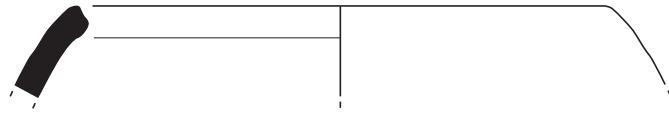


1. [41] 1140



1. [35] 942 V

■ - Pintura vermelha



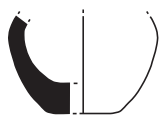
1. [35] 723



1 [28] 656



1. [28] 632



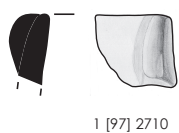
1. [28] 587



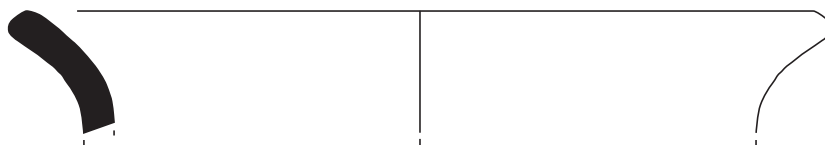
1. [28] 641

5 cm

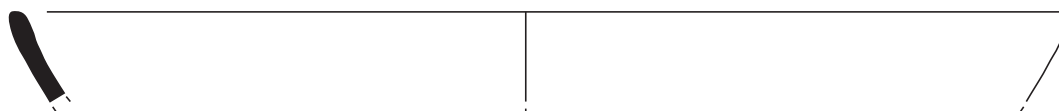
Cerâmica manual da área a Norte dos compartimentos 32 e 33 (fase V).



1 [97] 2710



1. [75] 3276



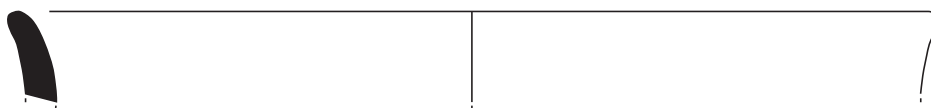
1.[83] 3719



1.[57] 2635



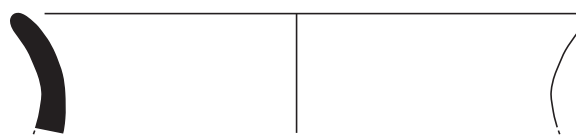
1. [51] 959



1.[72/93] 4528



1.[70/93] 2661



1.[72/93] 3178



1.[72/93] 4536

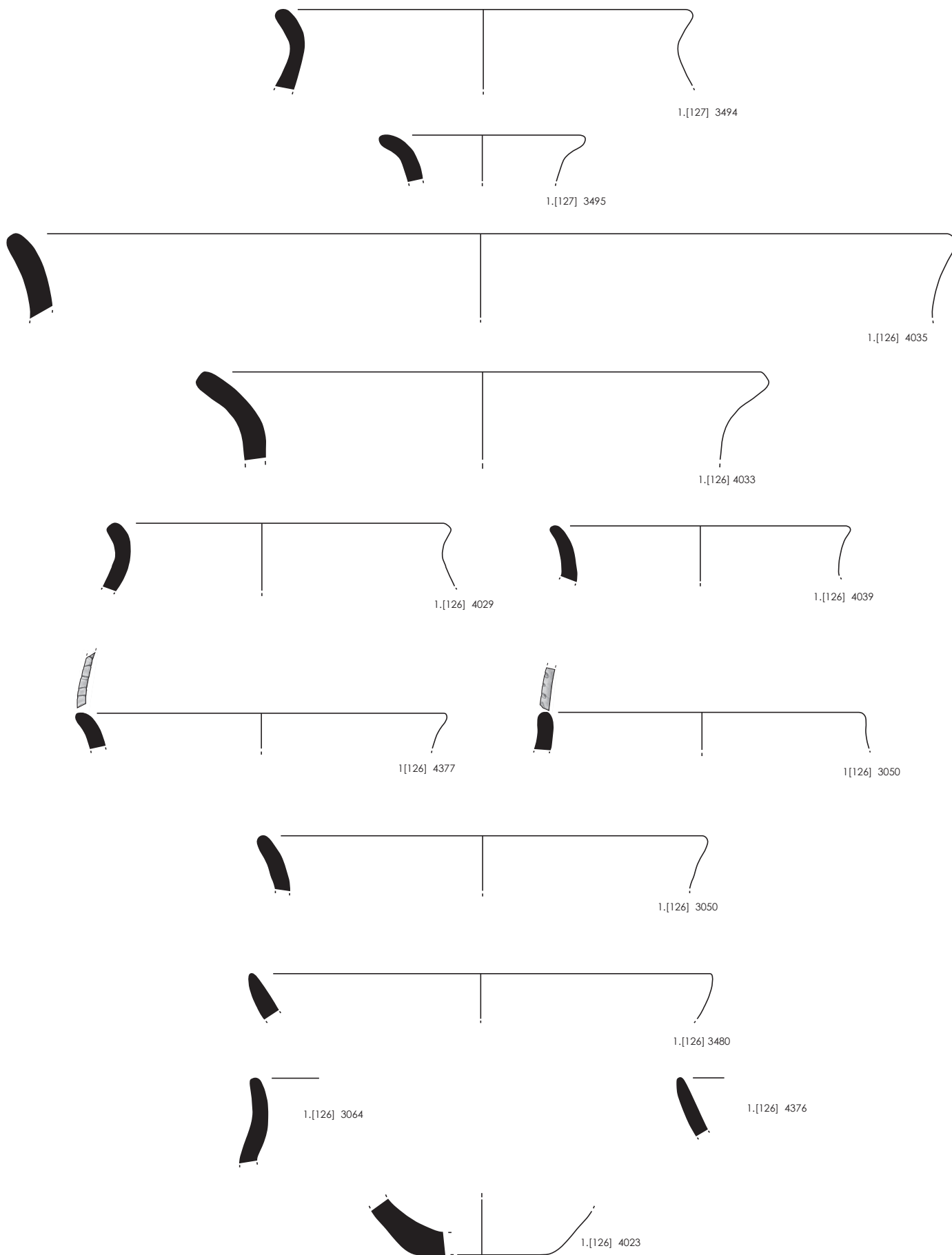


1.[72/93] 4529



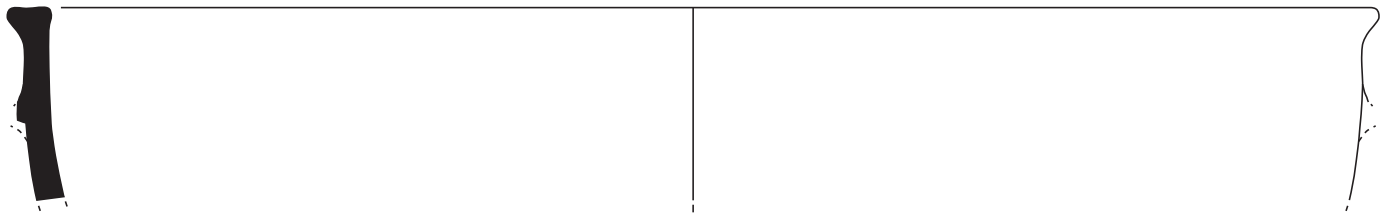
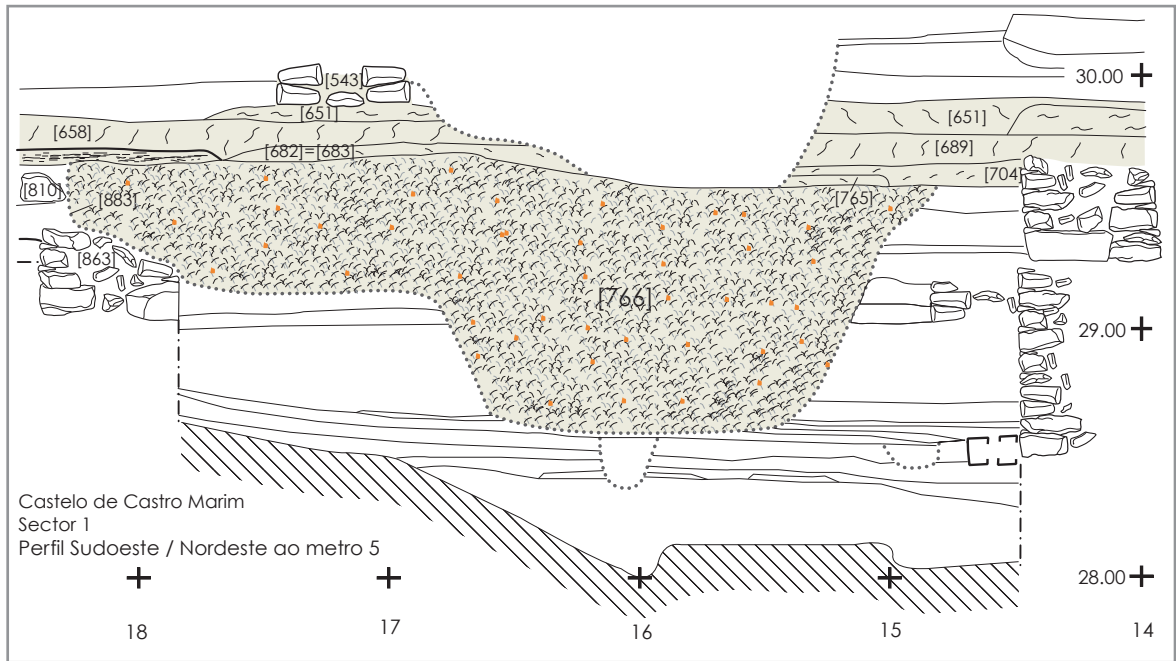
1 [112] 3531

5 cm

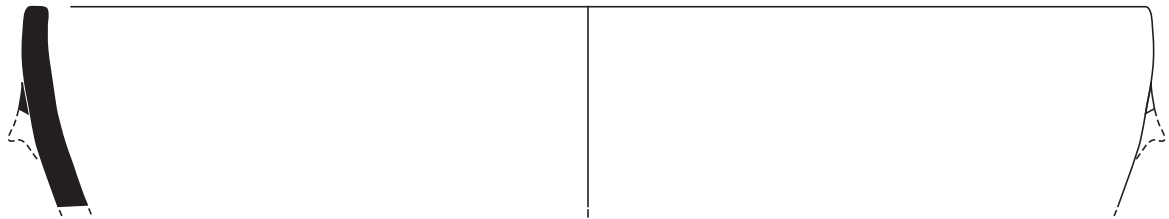


5 cm

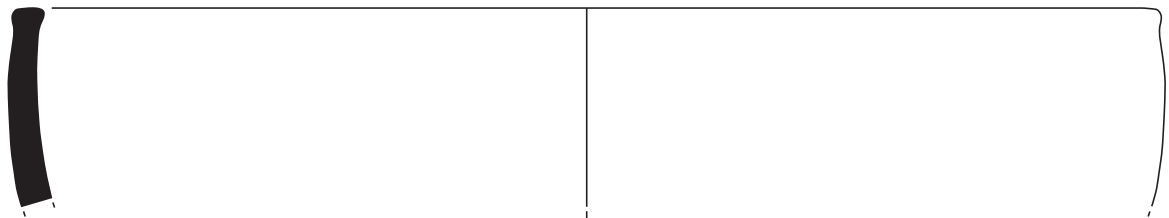
Cerâmica manual da área a Norte dos compartimentos 32 e 33 (fase V).



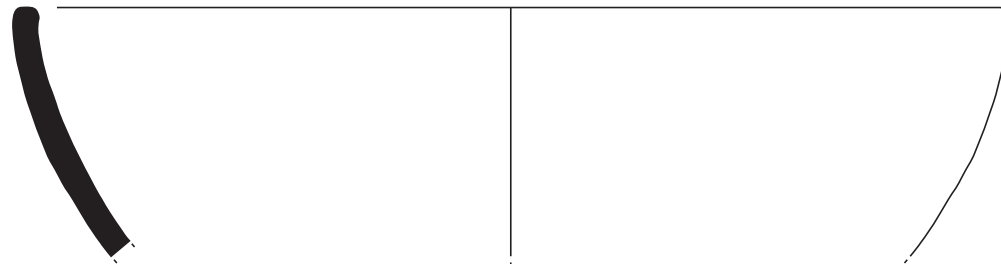
1. [766] 13851



1. [766] 13636



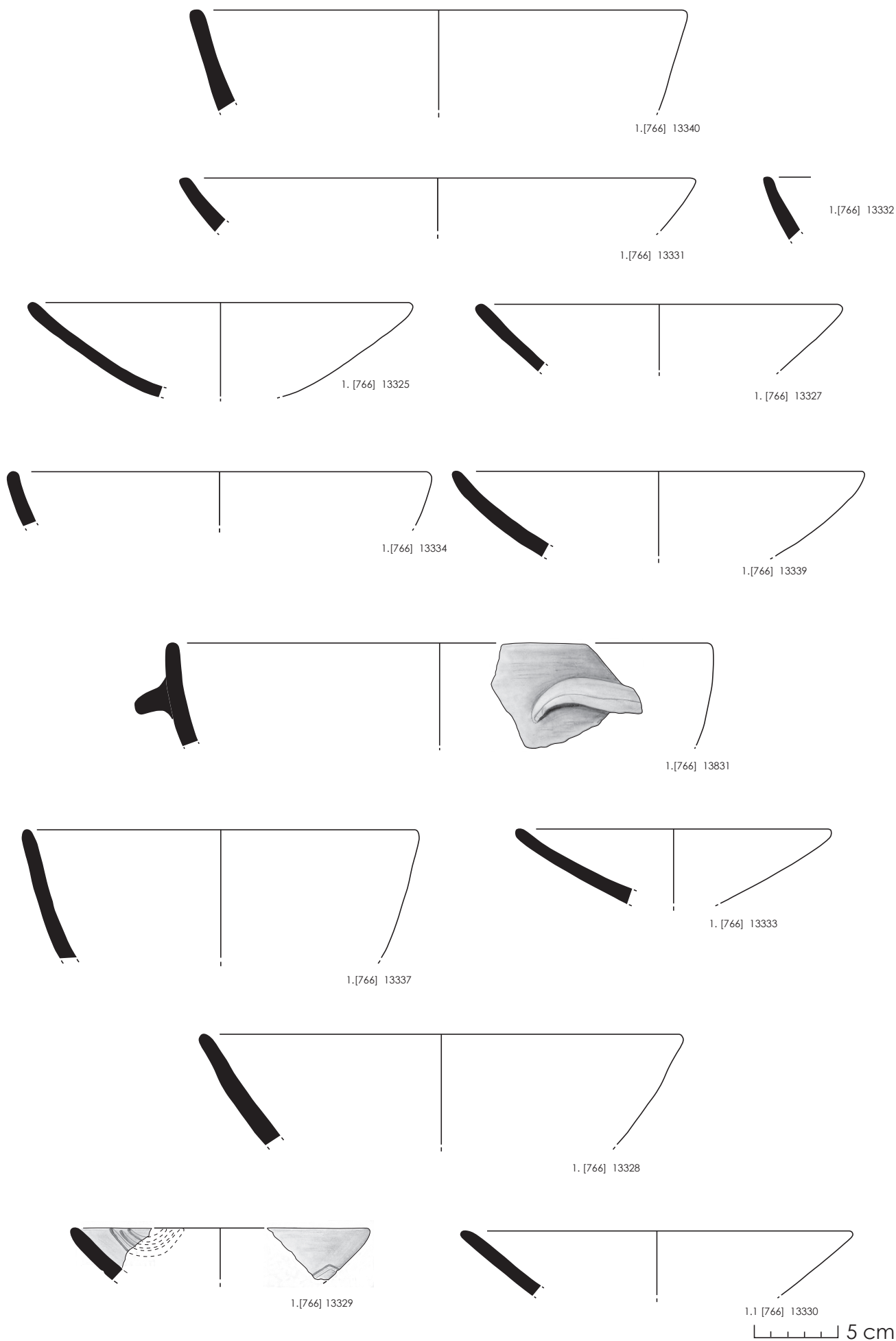
1. [766] 13823



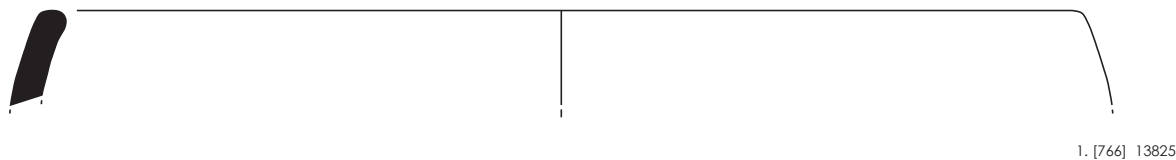
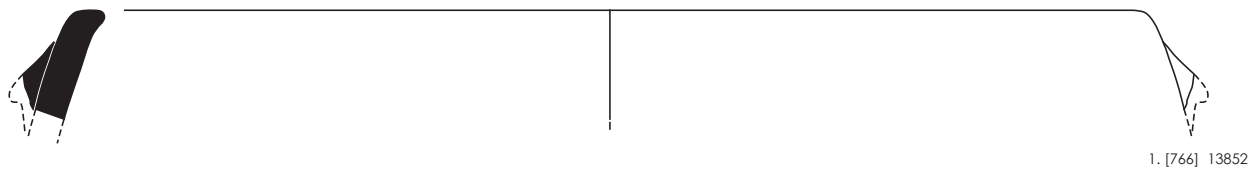
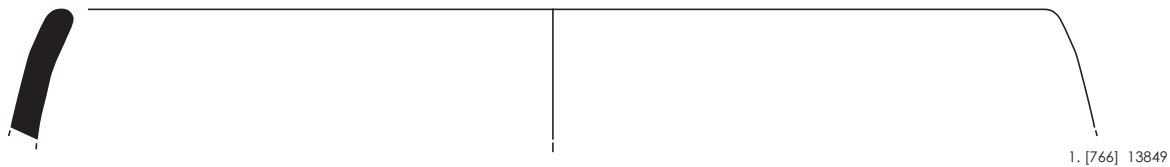
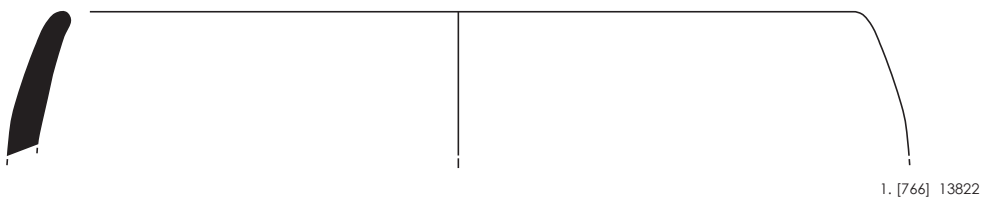
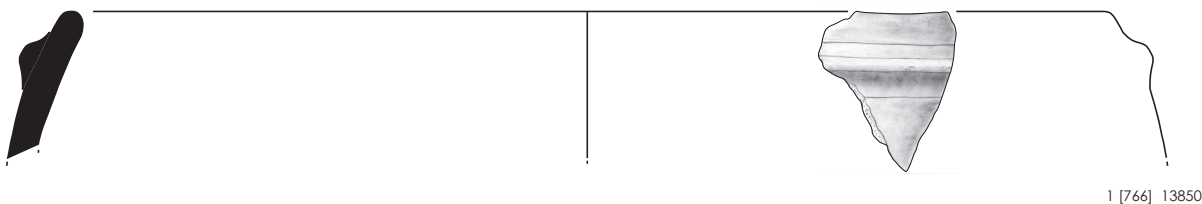
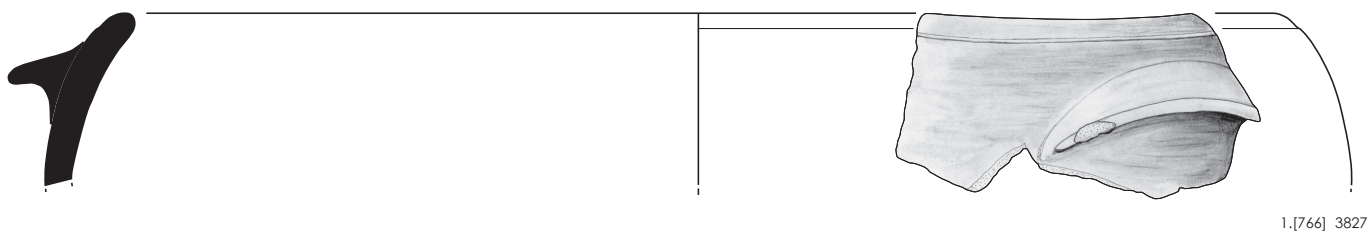
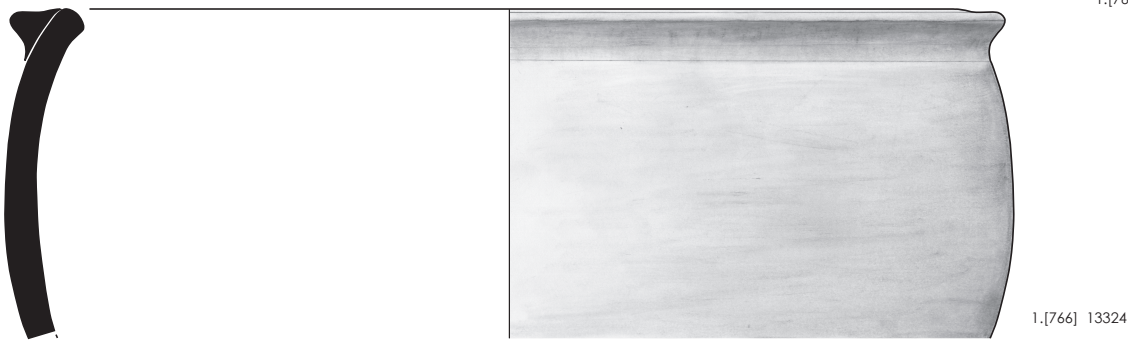
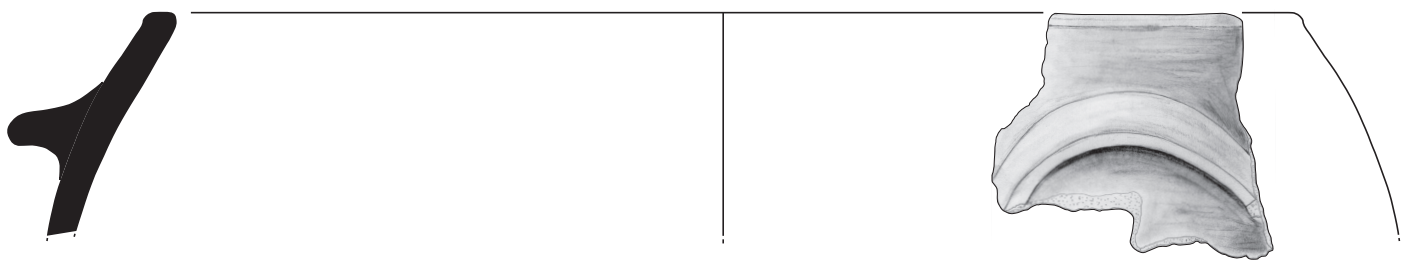
1. [766] 13820

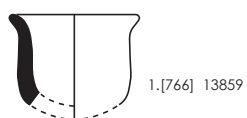
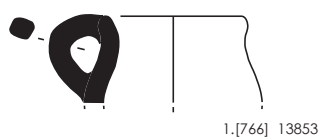
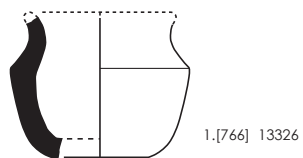
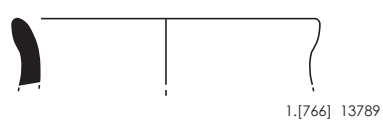
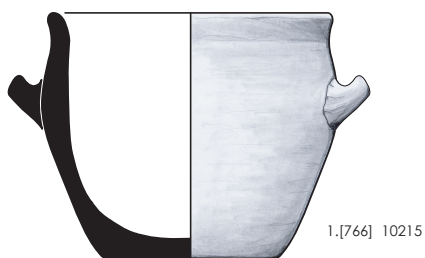
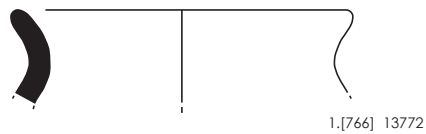
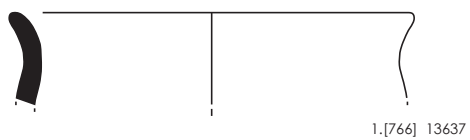
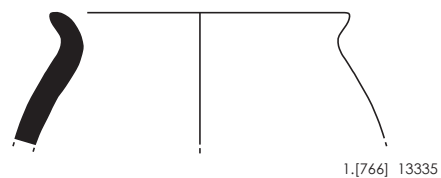
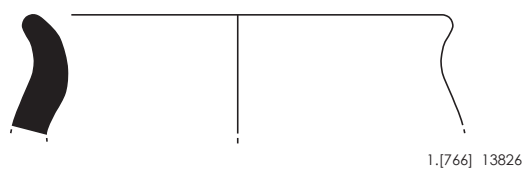
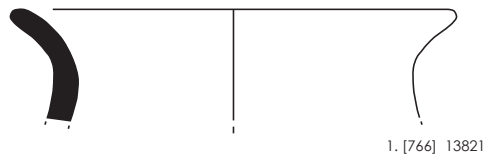
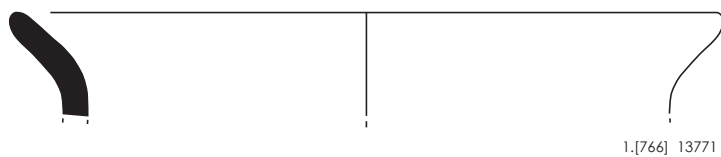
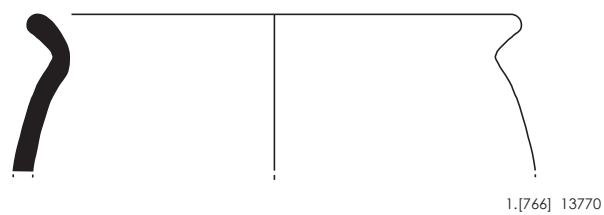
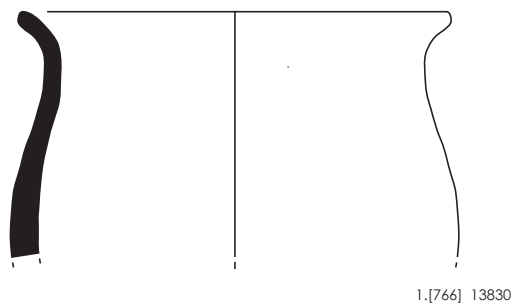


Cerâmica manual da fossa [766] da fase V.

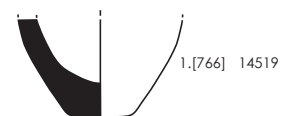
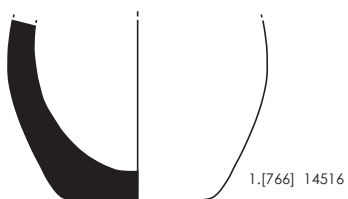
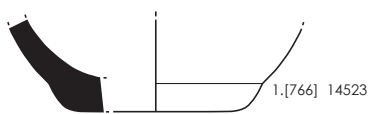
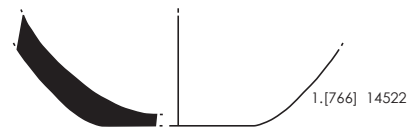
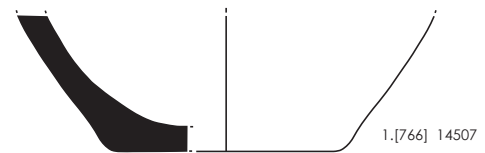
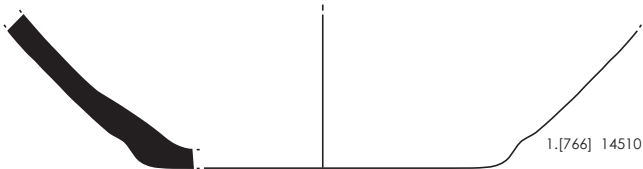
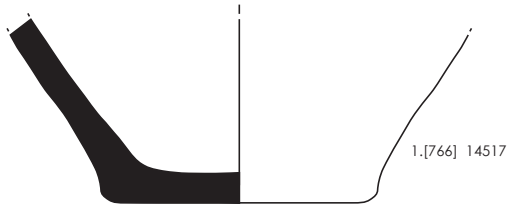
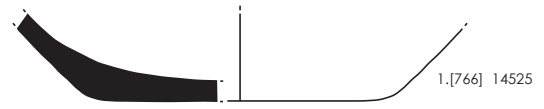
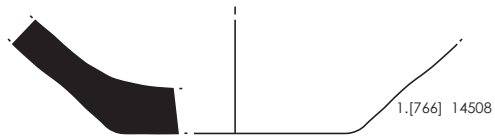


Cerâmica manual da fossa [766] da fase V.



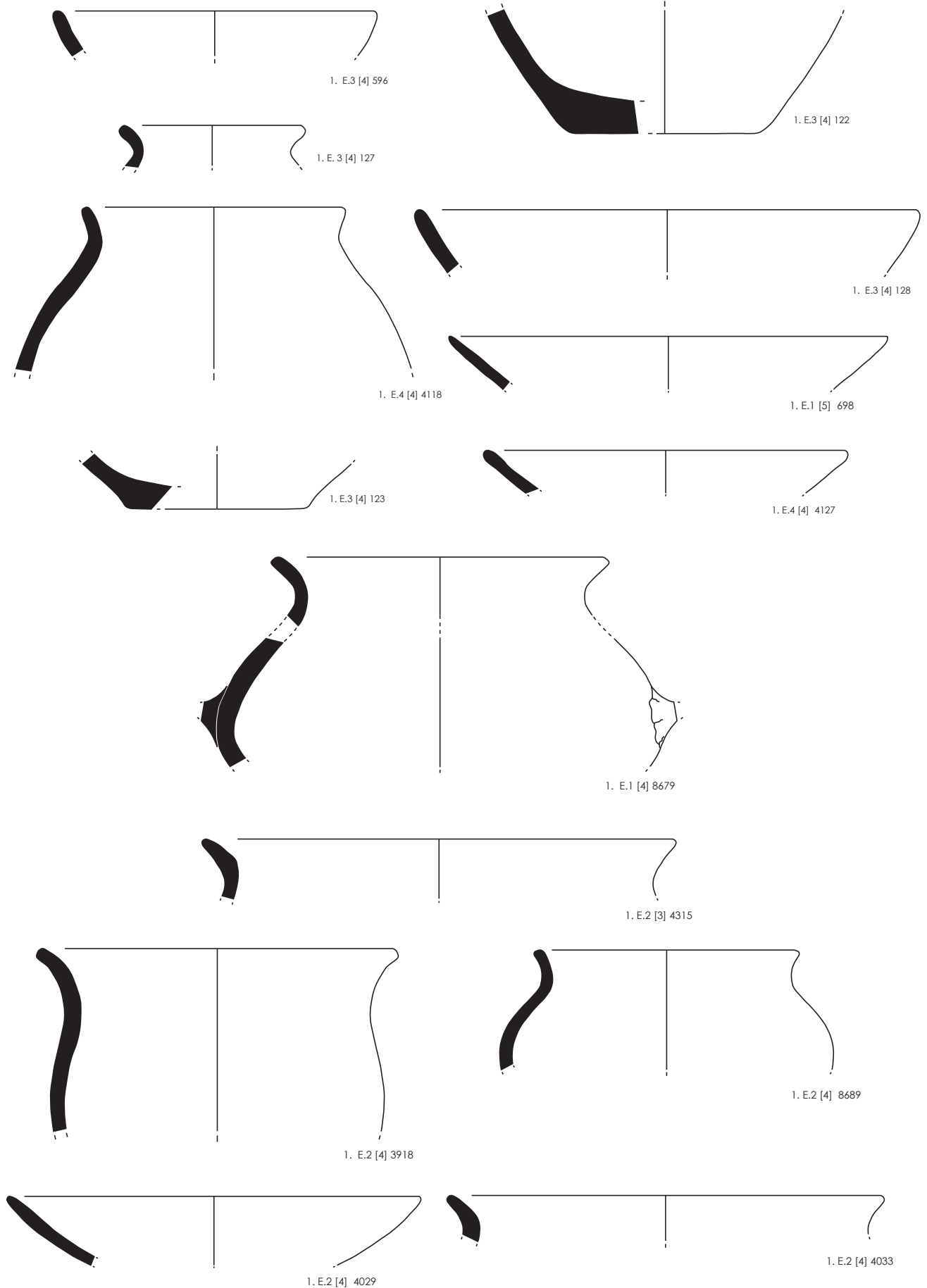


5 cm



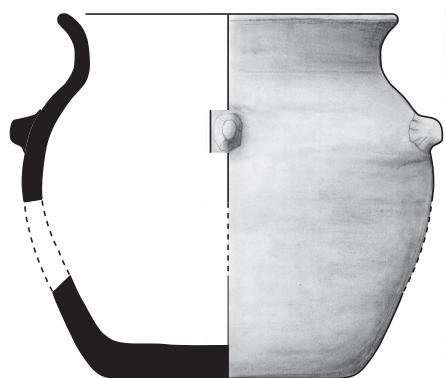
5 cm

Cerâmica manual da fossa [766] da fase V.

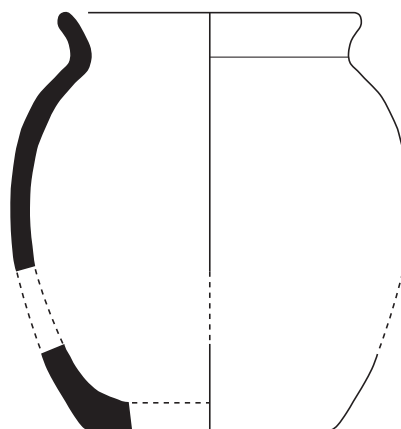


5 cm

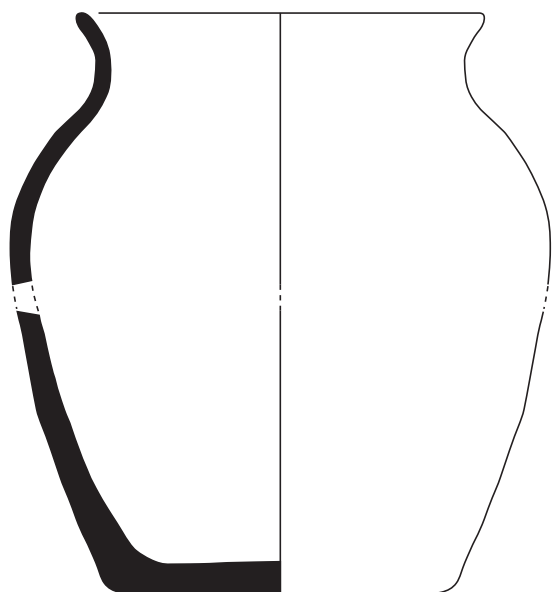
Cerâmica manual da fase V recolhida no corte 1.



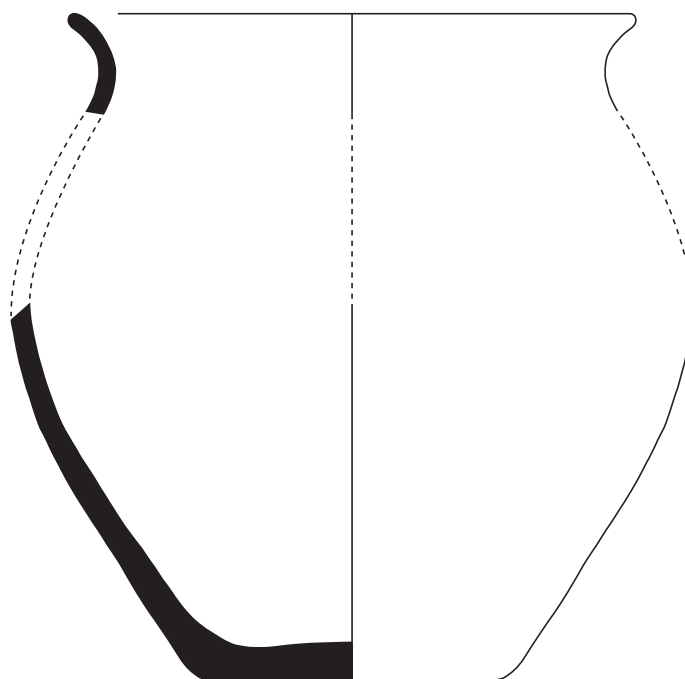
1. E.2 [5] 4011



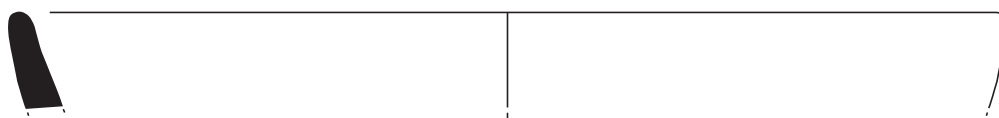
1. E.2 [5] 666



1. E.2 [5] 594

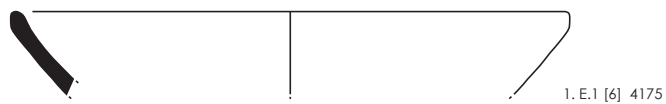
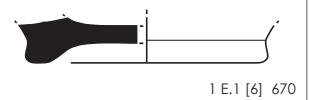
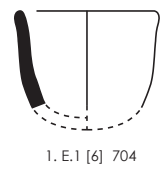
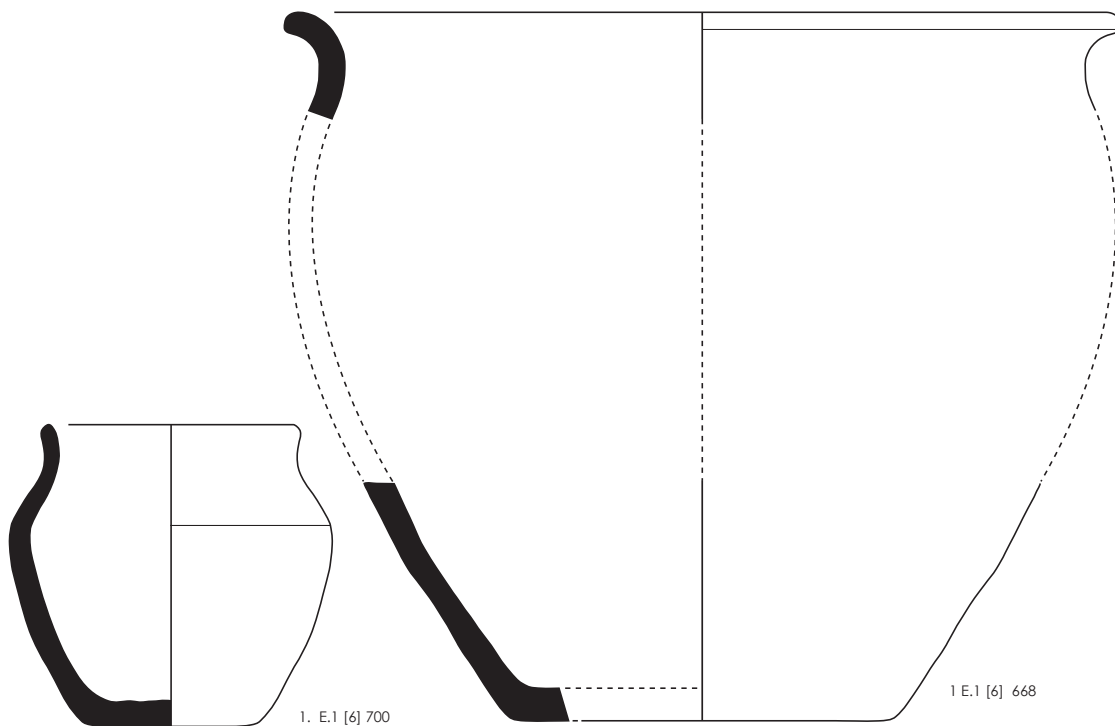
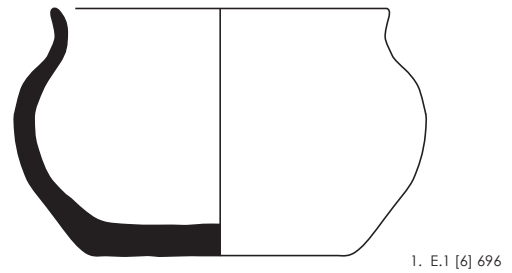
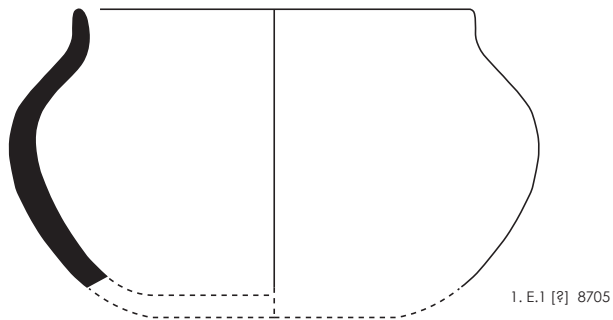
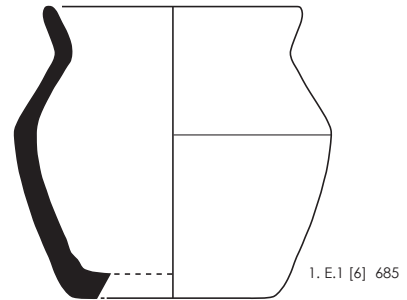
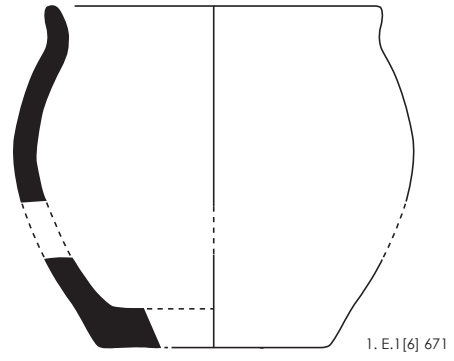
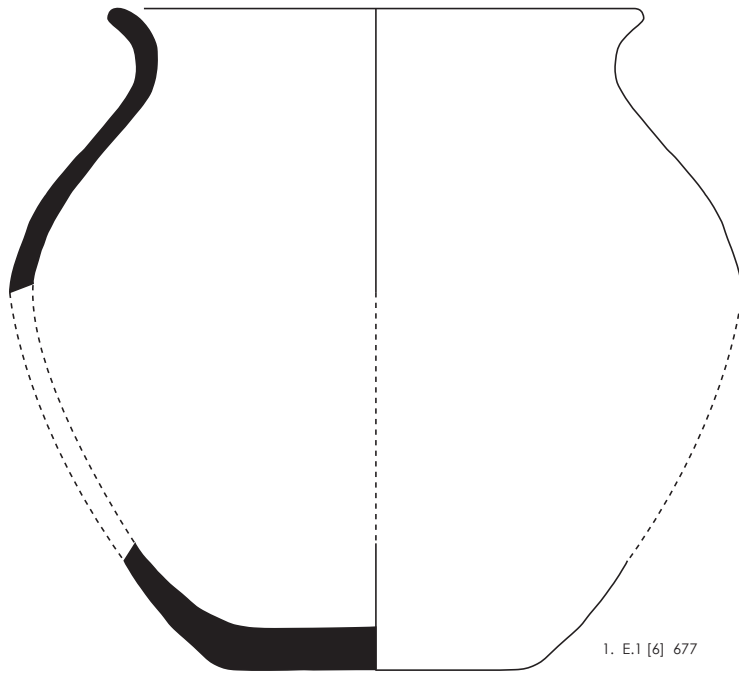


1. E.2 [5] 669

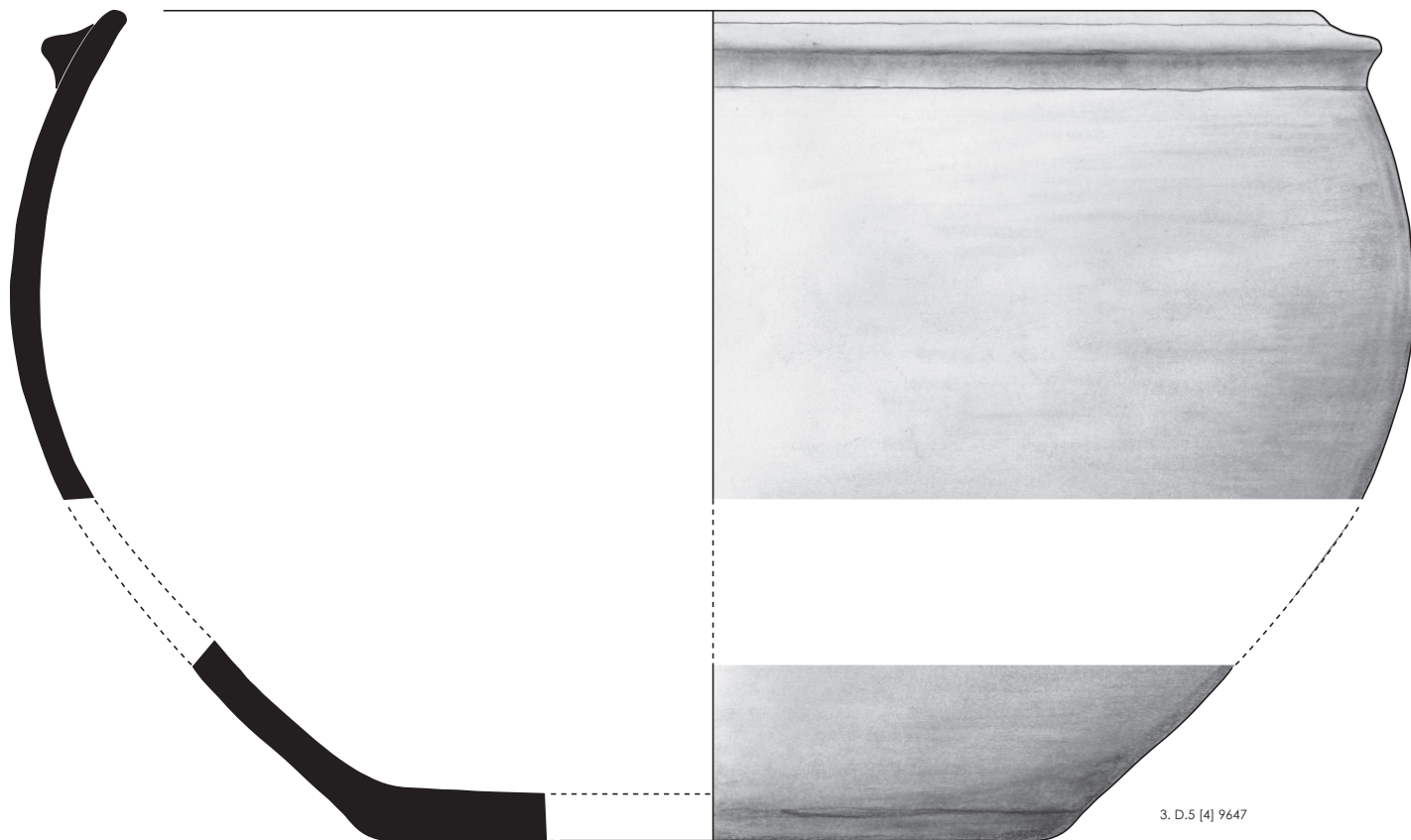


1. E.2 [5] 159

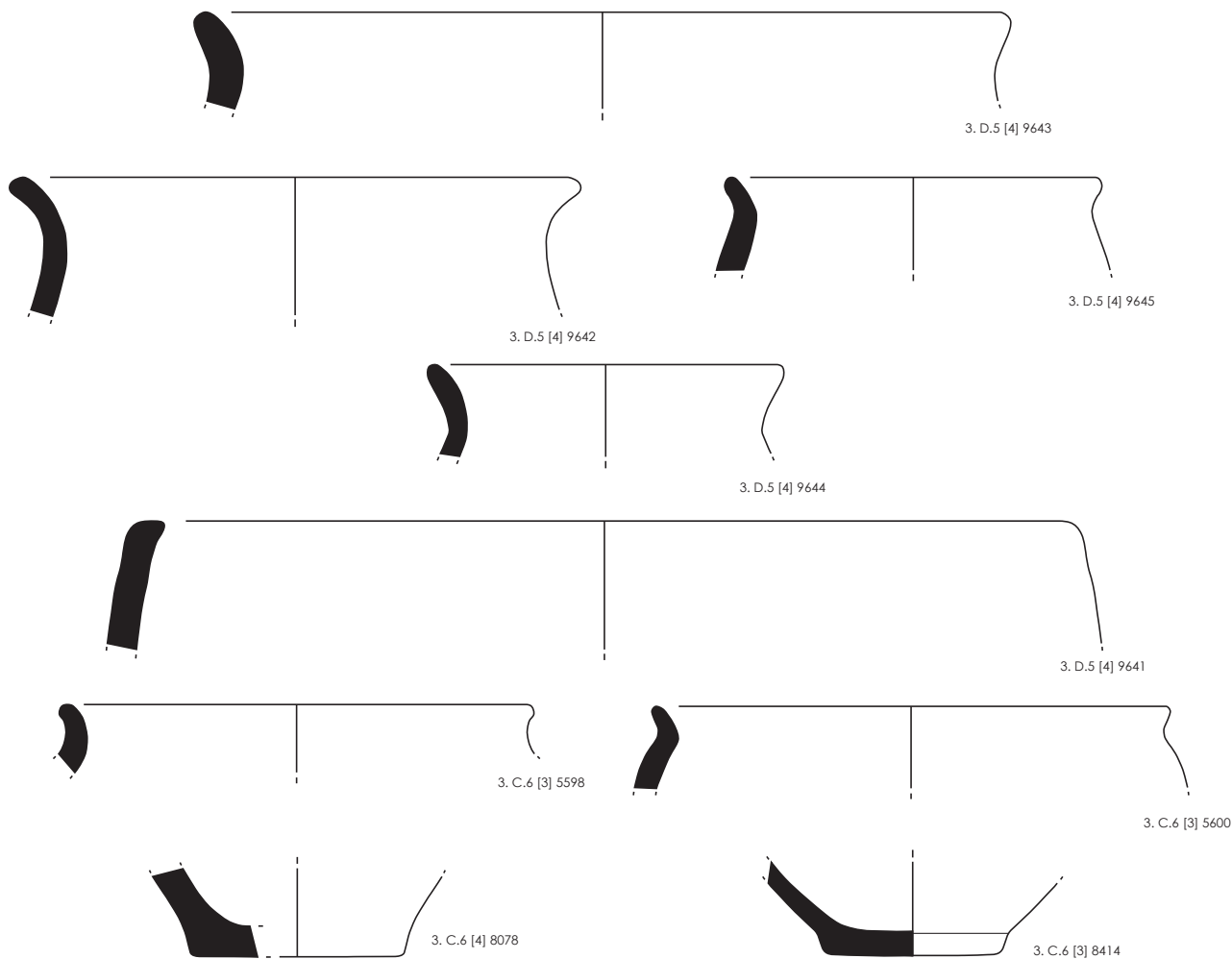
5 cm



Cerâmica manual do compartimento 33 da fase V.



3. D.5 [4] 9647



Cerâmica manual da fase V recolhida no corte 3.

5 cm